

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**GUILHERME FERREIRA SANTOS**

**“UM MUNDO, UM SONHO”. UMA UTOPIA? NARRAÇÕES MIDIÁTICAS DE  
VALORES OLÍMPICOS E ESPORTIVOS NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS  
JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008**

**VITÓRIA  
2012**

GUILHERME FERREIRA SANTOS

**“UM MUNDO, UM SONHO”. UMA UTOPIA? NARRAÇÕES MIDIÁTICAS DE  
VALORES OLÍMPICOS E ESPORTIVOS NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS  
JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos Pedagógicos e Sócio-Culturais da Educação Física.  
Orientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva

VITÓRIA

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Santos, Guilherme Ferreira, 1985-  
S237m "Um mundo, um sonho". Uma utopia? : narrações midiáticas  
de valores olímpicos e esportivos na cerimônia de abertura dos  
Jogos Olímpicos de Pequim-2008 / Guilherme Ferreira Santos. –  
2012.  
346 f. : il.

Orientador: Otávio Guimarães Tavares da Silva.  
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e  
Desportos.

1. Jogos Olímpicos. 2. Televisão. 3. Modernidade. I. Silva,  
Otávio Guimarães Tavares da. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III.  
Título.

CDU: 796

---

**GUILHERME FERREIRA SANTOS**

**“UM MUNDO, UM SONHO”. UMA UTOPIA? NARRAÇÕES MIDIÁTICAS DE  
VALORES OLÍMPICOS E ESPORTIVOS NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS  
JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos Pedagógicos e Sócio-Culturais da Educação Física.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2012

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires**  
**Universidade Federal de Santa Catarina**

---

**Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

“Ao Deus que nos guarda de tropeçar para nos apresentar puros diante da Sua glória. Ao único Deus, Salvador, por meio de Cristo, o Senhor. Majestade e glória, poder e reino, antes e agora, e para todo o sempre” Judas 24 e 25 (adaptado por Guilherme Kerr Neto, Jorge Camargo e Jorge Rehder).

A você, avó Dulce de Carvalho, que partiu no meio dos meus estudos. A você, vovó Dulce, que tinha fé capaz de mover montanhas e que sempre orou por mim. É com lágrimas nos olhos que lhe dedico meu trabalho... A você, vó.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, criador do Universo, meu criador, que me capacitou para a realização deste trabalho, pois, sem Ele, nada teria acontecido;

Aos meus pais, Wanderley Santos e Adélia Soares Ferreira Santos que, com a sabedoria dada por Deus, me guiaram para os caminhos do Pai Celeste e estiveram sempre presentes, tanto nas alegrias quanto nas tristezas;

Ao meu sogro e à minha sogra, Denilson e Janini, por me acolherem como filho;

Aos familiares, de quem sempre tive apoio, em especial aos irmãos (André, Luiza e Priscilla), que me deram motivação durante a confecção deste trabalho;

Às avós, Maria, Dulce (*in memoriam*), Neguita e Gracy que sempre oraram por mim; ao avô Lulu por me aceitar como neto;

Aos meus primos, Alexandre Ferreira, Deise e Bruninho, por me receberem em Vitória e terem me dado um teto até eu encontrar lugar para morar;

À FAPES pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa e ao CEFD-UFES pelo apoio institucional;

Aos companheiros e colegas do CESPCEO, em especial ao Igor, Fábio, Doiara (irmã acadêmica), Fabiano, Dirceu, Keni, Ana Carol, Marcel, Gábi e Ju Saneto;

Aos companheiros e colegas do PROTEORIA, em especial ao Felipe Manjuba, à Júlia, ao Felipe Carneiro e à Luana;

Aos colegas e amigos da turma 2009 do Mestrado em Educação Física da UFES, os quais incitaram muitos debates acadêmicos e não acadêmicos;

Ao Bruno e ao Thiago pela amizade instantânea logo nos meus primeiros dias em Vitória; à Rosianny, pela amizade;

À Jackeline de Sousa França, pelo apoio “psicológico”;

Ao pessoal do futebol por proporcionar ótimos momentos de lazer (que foram muito importantes);

Aos amigos da Igreja Presbiteriana em Jardim da Penha, que foram minha família

em Vitória, em especial, à UMP dessa igreja;

À toda família Lobato (Juliana, Wagner, José e Odete) por me acolherem quando eu fiquei “sem-teto” em Vitória;

Aos colegas de república, Caio, Murillo, Rone e Gabriel, pelo companheirismo e compreensão;

Aos professores do PPGEF-UFES, em especial ao Valter, à Sandra, ao Naza e ao Omar;

Aos professores que compuseram a banca examinadora de meu exame de qualificação, Felipe Quintão de Almeida e Ivan Marcelo Gomes, pelas excelentes contribuições ao trabalho;

Ao professor Giovani De Lorenzi Pires, por ter aceitado o convite para fazer parte da banca examinadora do exame de defesa e pelas contribuições à pesquisa;

Ao professor Luciano Vidon, do PPGEF-UFES, pela abertura acadêmica para que eu cursasse a disciplina “Análise do Discurso” deste programa;

Ao professor, orientador e amigo Otávio Tavares pelos ensinamentos e pelo companheirismo;

Ao grande amigo Naza (pela segunda vez na lista), pelo “apoio operacional” na minha “reentrada” em Vitória;

Aos alunos co-orientandos da Iniciação Científica, por me ensinarem;

À minha querida esposa, Cris Feliz, que sempre me apoiou durante essa longa jornada, debatendo e discutindo com muita paciência minhas ideias e pensamentos.

A todos vocês o meu muito obrigado. Foi um prazer inenarrável!

*“Com que destreza o crocodilo  
Não espadana a cauda  
E na água rápida do Nilo  
Como ele não se esbalda*

*Que graça e que leveza aquela  
Como ele é sedutor  
E engole os peixes pela goela  
Com um riso encantador!”*

Lewis Carroll



## RESUMO

No bojo do processo da gênese do olimpismo, um elemento chave que surge na dinâmica do mesmo é a televisão. Um dos momentos quando esse elemento mais se explicita nos Jogos Olímpicos é justamente quando há a maior expressão dos valores do olimpismo e a maior demonstração simbólica da celebração do potencial do esporte: as cerimônias de abertura. Considera-se tal momento como integrante de um contexto social mais amplo, aqui denominado (de acordo com Bauman) de modernidade líquida, onde a forma é difícil de ser mantida e onde predominam a estética do consumo e a instantaneidade. Esta pesquisa também se ancora teoricamente nos estudos dos Jogos Olímpicos como “performances culturais”. De acordo com essa abordagem, o traço espetacular dos Jogos dá o seu caráter atrativo. Um dos meios de essa atração se concretizar é a imagem que se faz das cerimônias de abertura através das narrações televisivas, as quais são “construções” cuidadosamente criadas de um evento ao vivo, diferindo-se em sua apresentação e impacto na medida em que viajam pelo globo. Nesse contexto, é válido o estudo de uma narração televisiva brasileira contemporânea. Para tanto, coloca-se como questão principal do trabalho a seguinte pergunta: como uma rede brasileira de televisão (a Rede Globo) constrói, apresenta e traduz sentidos sobre valores no/do esporte e sobre valores olímpicos na transmissão da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008? Desse modo, objetiva-se: identificar os valores do esporte e do olimpismo (e seus possíveis deslocamentos de sentidos) que aparecem no discurso televisivo da Rede Globo durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008; compreender como os narradores/comentaristas brasileiros dessa rede de televisão constroem as narrativas sobre os valores do/no esporte e sobre os valores olímpicos no contexto da complexa oscilação social e esportiva em que vivemos hoje ao narrarem – através de um elemento cotidiano sintomático da citada complexidade (a televisão) – uma performance cultural não cotidiana. Metodologicamente, provem-se, aqui, do chamado “método qualitativo”. Os dados foram coletados a partir de fontes primárias. Tais fontes se inserem na pesquisa documental, que também é classificadora deste estudo. Compõe os dados um texto oral – a narração televisiva da cerimônia de abertura dos Jogos de Pequim-2008, o qual chama-se aqui de *corpus* de análise, sendo este constituído da fala de narradores, repórteres e comentaristas de uma emissora de televisão brasileira.

Utilizam-se como técnicas principais de abordagem a Análise Crítica do Discurso e o paradigma indiciário. Na análise dos dados foi possível identificar que a maioria dos valores olímpicos e esportivos está de algum modo presente na narração televisiva da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008. A maneira como tais valores são referidos não abrange uma exposição textual propositiva, isto é, são poucos os momentos da narração estudada quando os narradores separam uma ocasião discursiva para falarem específica e propositalmente sobre os valores olímpicos e esportivos. Além disso, os termos identificados na narração são mais ligados ao caráter espetacular dos Jogos, especialmente quando as falas advêm dos profissionais da comunicação.

Palavras-chave: Olimpismo. Jogos Olímpicos. Cerimônia de abertura. Televisão. Valores esportivos. Modernidade líquida. Teoria do Espetáculo.

## ABSTRACT

In the midst of the genesis' process of the Olympic spirit a key element that arises in the dynamics of it is the television. One of the moments when this element is more explicit in the Olympics is just when there is the greatest expression of the Olympic values and the most symbolic demonstration of the celebration potential of the sport: the opening ceremonies. These moment is considered as part of a broader social context, here called (according to Bauman) of liquid modernity, where the shape is difficult to maintain and where predominate the aesthetics of consumption and the instantaneousness. This research also is theoretically anchored in studies that consider the Olympic Games as "cultural performances". According to this approach the spectacular feature of the Games gives his "attractive" character. One way of achieving this attraction is through the image that is made of the opening ceremonies by the television's narrations which are "constructions" carefully created for a live event, differing in their presentation and impact on the extent to which it travels the globe. In this context, the study of a narration in contemporary Brazilian television is worthy. To this end, stands as the leading question of the work the following interrogative: how a Brazilian television network (Rede Globo) builds, displays and translates meanings of sports and Olympics values in the transmission of the opening ceremony of the Beijing Olympic Games-2008? Thus, work's objective is: to identify the Olympics and the sports values (and possible shifts of meaning) that appear in the televised speech of Rede Globo during the opening ceremony of Beijing Olympics-2008; understand how the Brazilian narrators/commentators construct texts about the Olympics and sports values in the context of the complex social and sport oscillation in which we live today when they narrate – through television (that is a crucial element of the quoted oscillation) – a cultural performance not daily. Methodologically, it is used the so-called "qualitative method". Data were collected from primary sources. Such sources are included in documentary research, which also classifies this study. An oral text compose the data – the television narration of the opening ceremony of Beijing Olympics-2008, which is called analysis' *corpus*. The analysis' *corpus* is made up of narrators', reporters' and commentators' speeches of a Brazilian television station. The Critical Discourse Analysis and the evidential paradigm are used as the main approach techniques. For data analysis, we found that the majority of sports and Olympic values are somehow present in the

television narration of the opening ceremony of Beijing Olympics-2008. The way these values are listed does not include a textual display purpose, that is, there are few moments when the narration studied is shown as a separate discursive occasion to speak specifically and purposefully about the sports and the Olympic values. In addition, terms identified in the narrative are more connected to the spectacular nature of the Games, especially when the speech comes from communication professionals.

Keywords: Olympism. Olympic Games. Opening ceremony. Television. Sports values. Liquid modernity. Theory of Spectacle.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DIVISÃO ESTRUTURAL DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JO DE PEQUIM-2008 .....	102
QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE DURAÇÕES DAS PARTES DAS CERIMÔNIAS DE ABERTURA DE BARCELONA-1992 E DE PEQUIM-2008.....	104
QUADRO 3 – INTRODUÇÃO HISTÓRICA DE ELEMENTOS SIMBÓLICOS E ESTRUTURAIS NAS CERIMÔNIAS DE ABERTURA.....	105
QUADRO 4 – CATEGORIAS TEXTUAIS/VOCABULARES PARA A ANÁLISE TEXTUAL DA NARRAÇÃO .....	148
QUADRO 5 – CAMPOS SEMÂNTICOS RELACIONADOS AO GÊNERO “NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS” .....	152
QUADRO 6 – DESCRIÇÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008 .....	164
QUADRO 7 – RESUMO DAS FALAS PROPOSITIVAS SOBRE VALORES OLÍMPICOS E ESPORTIVOS.....	213
QUADRO 8 – RESUMO DA CARACTERIZAÇÃO DISCURSIVA DA NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA: DIVISÃO POR PARTES DA NARRAÇÃO .....	214
QUADRO 9 – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO .....	229

## LISTA DE SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

COI – Comitê Olímpico Internacional

COJO – Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos

EO – Estudos Olímpicos

EUA – Estados Unidos

GB – Galvão Bueno

GK – Glenda Kozlowski

JO – Jogos Olímpicos

MO – Movimento Olímpico

MU – Marcos Uchôa

OS – Oscar Schmidt

PB – Pedro Bassan

RS – Robert Scheidt

SB – Sônia Bridi

SP – Sandra Pires

VS – *Versus*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 DECISÕES METODOLÓGICAS .....	27
1.2 PERCURSOS DO TRABALHO .....	34
 <b>2 DA MODERNIDADE SÓLIDA À MODERNIDADE LÍQUIDA – CONTEXTO SOCIAL ATUAL NA LEITURA DE ZYGMUNT BAUMAN E SUAS RELAÇÕES COM OS JOGOS OLÍMPICOS/ESPORTE .....</b>	<b>36</b>
2.1 O CONTEXTO SOCIAL ATUAL NA LEITURA DE BAUMAN – HÁ DUAS “ERAS” ATRÁS... ..	37
<b>2.1.1 A Modernidade e a tarefa de derretimento e de ordem .....</b>	<b>40</b>
2.1.1.1 <i>A tarefa de derretimento na modernidade sólida .....</i>	<i>41</i>
2.1.1.2 <i>A tarefa de derretimento na modernidade líquida .....</i>	<i>45</i>
<b>2.1.2 Da ética do trabalho à estética do consumo .....</b>	<b>50</b>
<b>2.1.3 Da oportunidade de formação de uma “verdadeira” comunidade humana à tendência ao globalismo apenas como virtual .....</b>	<b>55</b>
<b>2.1.4 Críticas a Bauman e soluções propostas às suas análises .....</b>	<b>58</b>
2.2 ESPORTE, JOGOS OLÍMPICOS E A DINÂMICA SOCIAL – ENTRE A MODERNIDADE SÓLIDA E A MODERNIDADE LÍQUIDA.....	62
<b>2.2.1 Os Jogos Olímpicos e o fenômeno esportivo – aspectos processuais na Modernidade .....</b>	<b>63</b>
2.2.1.1 <i>A gênese da ideia olímpica e a modernidade sólida .....</i>	<i>69</i>
2.2.1.2 <i>Ideia olímpica – processo social no século XX.....</i>	<i>76</i>
 <b>3 A TEORIA DAS PERFORMANCES CULTURAIS, OS JOGOS OLÍMPICOS E A CERIMÔNIA DE ABERTURA – PROCESSO, FORMA E ESTRUTURA .....</b>	<b>84</b>
3.1 A TEORIA DAS PERFORMANCES CULTURAIS E OS JOGOS OLÍMPICOS ...	85
<b>3.1.1 Teoria das Performances Culturais .....</b>	<b>85</b>
<b>3.1.2 Teoria do Espetáculo – os Jogos Olímpicos e seus gêneros performativos .....</b>	<b>90</b>
3.1.2.1 <i>Os Jogos Olímpicos como espetáculo e festival .....</i>	<i>91</i>
3.1.2.2 <i>Os Jogos Olímpicos modernos como ritual .....</i>	<i>95</i>

3.1.2.3 O jogo como gênero olímpico.....	96
3.1.2.4 Os Jogos Olímpicos como performance cultural ramificada.....	98
3.2 AS CERIMÔNIAS OLÍMPICAS, A CERIMÔNIA DE ABERTURA E OS GÊNEROS OLÍMPICOS.....	99
<b>3.2.1 Cerimônias de abertura atuais: forma e estrutura.....</b>	<b>102</b>
3.2.1.1 O espetáculo da cerimônia de abertura.....	109
3.2.1.2 Cerimônia de abertura, níveis identitários e troca intercultural.....	118
 <b>4 COMUNICAÇÃO, TELEVISÃO E JOGOS OLÍMPICOS – ABORDAGEM DISCURSIVA .....</b>	<b>123</b>
4.1 COMUNICAÇÃO SOCIAL E TEORIAS DA COMUNICAÇÃO .....	124
<b>4.1.1 A televisão em foco .....</b>	<b>130</b>
4.2 TELEVISÃO, ESPORTE E JOGOS OLÍMPICOS.....	135
<b>4.2.1 Televisão, Jogos Olímpicos e a tradução local da cerimônia de abertura – pressupostos e apontamentos para a análise da narração televisiva da cerimônia dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008 .....</b>	<b>143</b>
 <b>5 ANÁLISE DOS DADOS – A NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA OLÍMPICA PELA REDE GLOBO: VALORES EM JOGO .....</b>	<b>156</b>
5.1 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DO PRÉ-SHOW E DA PRIMEIRA PARTE DA CERIMÔNIA DE ABERTURA.....	165
5.2 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DO DESFILE DOS ATLETAS .....	183
5.3 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DOS RITUAIS OLÍMPICOS E DA CULMINAÇÃO FINAL DO ESPETÁCULO.....	203
 <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES .....</b>	<b>209</b>
 <b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>219</b>
 <b>ANEXO A – CRITÉRIOS E CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DE FALA .....</b>	<b>229</b>
 <b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA TRANSMISSÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008 (REDE GLOBO) .....</b>	<b>230</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*“Vamos começar...?  
 ‘Vamos começar  
 Colocando um ponto final  
 Pelo menos já é um sinal  
 De que tudo na vida tem fim”.*

Paulinho Moska

O fenômeno esportivo e o fenômeno olímpico moderno são imbuídos de valores socioculturais de mais diversa natureza. Lovisol (2007, p. 114) nos lembra que, enquanto “[...] o esporte educacional, especialmente no caso inglês, foi inspirador das elaborações sobre o olimpismo e seu espírito, este passou a retroagir de formas variadas sobre a história de seu inspirador, o esporte”. Uma característica em comum é o fato de ambos surgirem em um contexto do desenvolvimento da sociedade dita moderna, sendo, com isso, expressões deste período da história humana.

Mas, diante disso, poderíamos nos perguntar: com tantas identidades culturais e com a tendência à individualização e à atomização dos discursos existentes em nosso atual mundo pluricultural, como a ideia olímpica consegue se difundir por tantas culturas, visto o sucesso e o gigantismo atingido pelos Jogos Olímpicos (JO)? Para responder a essa questão, é necessário ter em vista o fato de que na Carta Olímpica, o Comitê Olímpico Internacional (COI) define o olimpismo, considerado o conjunto formal-simbólico de seus valores proclamados, como uma filosofia social (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2011). Tal definição – que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, no entendimento internacional, na coexistência pacífica e na educação moral e social – permite que o Movimento Olímpico (MO) trabalhe por uma

[...] coerente representação universal de si mesmo – um conceito de olimpismo que identifica uma cadeia de valores com a qual cada nação pode, sinceramente, se comprometer, enquanto que, ao mesmo tempo, cada uma busca (para a ideia geral) uma forma de expressão que é única para si mesma, sendo tal forma gerada a partir da cultura, localidade, história, tradição e futuro projetado da própria nação (PARRY, 1998, p. 234, tradução nossa).

Dessa forma, o MO possui uma base significativa sobre a qual seus valores orientadores serão desenvolvidos. Essa base guarda consigo um traço de

generalidade formal e ambição universalista tal como outras instituições surgidas na passagem do século XIX para o século XX – como, por exemplo, o movimento escoteiro, a Cruz Vermelha Internacional e a Internacional Comunista, dentre outros (HOBERTMAN, 1995, p. 6). A capacidade de conciliar valores universais e locais talvez seja uma das características que mais se relacionam com o sucesso dos JO (LOVISOLO, 2007).

O MO moderno foi idealizado, principalmente, pelo barão francês Pierre de Frédy (mundialmente conhecido como Pierre de Coubertin), seguindo uma direção de aplicação pedagógico-reformista do *ethos* esportivo, tal como ele o entendia, à sociedade ocidental através de uma instância específica, organizada, formal e, ao mesmo tempo, simbólica.

Porém, segundo Tavares (2007, p. 184), “[...] se existe algum consenso acadêmico sobre o olimpismo, este reside no fato de que não há uma definição suficientemente boa do que ele seja”. Isso faz com que o manuseio de tal conceito em trabalhos acadêmicos seja de difícil apropriação. Seu grau de abstração permite diferentes interpretações e muitos estudos e ensaios têm sido feitos na tentativa de sistematizar a formação de tal *corpus*. Neste caso, algumas questões históricas nos ajudam a entender como Coubertin configurou, inicialmente, o olimpismo. Tem-se verificado que muitas ideias relacionadas ao ser humano, de um modo geral, estão embebidas no conceito (DaCOSTA, 1999). Assim, concordamos com Parry quando diz que “[...] a primeira coisa que o olimpismo busca ser é uma antropologia filosófica” (PARRY, 1998, p. 240, tradução nossa), isto é, “[...] uma teoria sobre a natureza do ser humano em geral” (1998, p. 241, tradução nossa). Essa busca do olimpismo será de extrema importância para a compreensão das questões simbólicas contextuais dos JO.

Outra influência histórica que atuou sobre o olimpismo, segundo DaCosta (1999), foi uma escola de pensamento presente no cenário intelectual francês na época de Coubertin: o ecletismo – diretriz teórica que se caracteriza pela justaposição de teses e argumentos de tipos diversos. O ecletismo tentava, contudo, sempre chegar a um equilíbrio entre contrários, na busca de uma síntese superior. Essa diretriz teórica acabou por gerar, através da justaposição, contradições. Tais contradições, por sua vez, geraram paradoxos. A natureza do olimpismo estaria, então,

intrinsecamente sustentada em escolhas paradoxais. Segundo DaCosta (1999), Coubertin, seguindo essa linha, propunha um *corpus* de valores que equilibrasse excesso e medida, como uma abordagem filosófica em processo.

Em contas finais, como afirma Tavares (2007, p. 185), o olimpismo pode ser entendido como uma conciliação entre valores românticos e valores iluministas. Os primeiros, advindos, principalmente, do contexto aristocrático em que Coubertin viveu, têm a ver com as ideias de honra, dever, autossuperação, *fair play*, excelência moral e senso de pertencimento (TAVARES, 2007, p. 185). Note-se, aí, também, uma forte influência do círculo de nobreza ao qual pertencia o Barão de Coubertin, que tinha títulos e, com isso, recebeu uma educação voltada para a valorização do caráter nobre.

O segundo conjunto de valores, ligado ao Iluminismo, é interpretado como um conjunto a que Coubertin recorreu com o objetivo de melhorar a juventude de seu contexto social e político. Como francês que viveu as consequências da derrota francesa na guerra franco-prussiana,<sup>1</sup> ele buscava um senso pedagógico de reforma para a juventude de sua época, vendo na organização do esporte inglês um exemplo a ser seguido. Assim, as características principais que influenciaram este conjunto foram o individualismo, o universalismo, a crença do poder transformador da educação e o valor da competição (TAVARES, 2007, p. 185).

Como vimos, os fundamentos da ideia olímpica situam-se no fim do séc. XIX e início do séc. XX. Isso posto, não podemos deixar de considerar as questões referentes às mudanças axiológicas da sociedade contemporânea e, conseqüentemente, a suas influências sobre o MO e sobre os JO. Muitos intelectuais têm se atentado para tais mudanças. Para nós, um intérprete que estuda a Modernidade de maneira interessante é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Bauman (2001), usando a noção de processo social e embasado em um trecho do Manifesto Comunista de Marx e Engels, cria uma nova metáfora para identificação das fases sociais recentes em que vive a humanidade.

Grosso modo, para esse autor, a Modernidade, em termos de sua concepção,

---

<sup>1</sup> Guerra ocorrida entre 1870 e 1871.

objetivava “derreter sólidos” – antigas ordens baseadas na tradição, no passado e no sagrado (BAUMAN, 2001, p. 9) – para construção de novos sólidos, ou seja, novas ordens, melhores e legítimas, porque embasadas, agora, na ciência e na filosofia. A esse estágio, Bauman denominou modernidade sólida (que coincide com o período em que Coubertin viveu). Porém, esse projeto de estabelecimento da ordem e do progresso, embasado cientificamente, acabou por gerar, de maneira não planejada, em vários “pontos” da modernidade sólida, a desordem e o caos, pois, segundo o autor, uma das condições essenciais para a realização do projeto moderno-sólido foi o “aumento” relativo da liberdade individual de escolher e de agir (2001, p. 11). Por causa desse aumento (e graças também à noção do indivíduo – do homem – como centro e fundamento epistemológico, ético e ontológico), a ordem como tarefa do projeto moderno-sólido não aconteceu totalmente. A partir da segunda metade do século XX, então, houve uma consequência paradoxal do projeto moderno-sólido, já que alguns traços principais da ação moderna (o destronamento do que é velho, do que é passado, do que é tradição para sua reformulação em novas formas que fossem “realmente” duradouras e estáveis) passam para um outro nível, chegando-se ao que Bauman chamou de modernidade líquida. Nesta nova fase, o que se vê no processo social não é uma ruptura completa da modernidade sólida, mas a característica de fluidez e de não capacidade para manter a forma.

Nesse contexto, a sobrevivência de uma organização internacional como o COI (com os objetivos reformistas que tem e embasado no humanismo do século XIX) é um fenômeno raro que coloca, para as Ciências Sociais e Humanas, aquilo que Lovisolo chamou de “enigma do Olimpismo” (2007, p. 116). Segundo esse autor (p. 116-117),

[...] nossa compreensão pode avançar tomando-se como objeto de reflexão o olimpismo, sobretudo quando consideramos que este atravessou tanto a rede das fortes críticas políticas e culturais recebidas (organização, consumo, espetáculo) quanto os percalços históricos (guerras, descolonização, totalitarismos e Guerra Fria) ao longo de sua atuação. Mais ainda, alguns desses percalços, como a descolonização e a Guerra Fria, tornaram-se forças a favor de seu desenvolvimento. (LOVISOLO, 2007, p. 116-117)

Autores como DaCosta (2002) e Tavares (2007) têm analisado o desenvolvimento do MO a partir da compreensão da existência de tensões que ocorrem em um *continuum* entre continuidade e mudança. Com isso, fica evidente a possibilidade de

focalizar o “enigma do olimpismo” como um processo específico no interior de um processo mais amplo de continuidade (modernidade sólida) e mudança (modernidade líquida) à luz da abordagem de Bauman sobre a dinâmica da Modernidade.

No bojo do processo da gênese do olimpismo, um dos elementos-chaves que surge na dinâmica do mesmo é a televisão (TV), pois as tensões, a complexidade e as possíveis contradições desse processo “[...] não podem ser consideradas independentemente de sua relação próxima com os meios de comunicação em massa” (SPÀ, 1990, p. 455, tradução nossa). Para Spà, o momento em que essa relação mais se explicita é justamente quando há a maior expressão dos valores do olimpismo e a maior demonstração simbólica da celebração do potencial do esporte: as cerimônias de abertura dos JO.

Desse modo, vemos que as tensões desse processo podem se revelar a partir da interpretação televisiva do momento simbólico mais pertinente para o MO (a cerimônia de abertura). Logo, o recorte escolhido para este trabalho é o da transmissão televisiva da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008 (China), entendida como um ritual complexo e engendrado de tensões (MacALOON, 1984b).

Para melhor compreensão do fenômeno olímpico, nos ancoramos nas interpretações e estudos dos Jogos como “performances culturais” (MacALOON, 1984b). Segundo MacAlloon, mais do que formulações teórico-metodológicas e didáticas, as “performances culturais” seriam

[...] ocasiões nas quais, como uma cultura ou sociedade, nós refletimos sobre ou definimos a nós mesmos, dramatizamos nossos mitos coletivos e nossa história, nos apresentamos com alternativas e, eventualmente, mudamos de alguma forma, ao mesmo tempo em que, em outros aspectos, permanecemos os mesmos. (MacALOON, 1984a, p. 1, tradução nossa)

Enquanto ocasiões não cotidianas que envolvem elementos performativos, isto é, teatrais (no sentido figurado), as performances culturais têm essa capacidade de permitir que uma cultura ou sociedade pense sobre sua vida cotidiana e seus problemas/conflitos. Os JO, como performance cultural, seriam, então, constituídos por gêneros performativos específicos: o espetáculo, o ritual, o festival e o jogo (MacALOON, 1984b). No que se refere às cerimônias propriamente ditas,

[...] incluindo o acendimento do fogo sagrado [...] na antiga Olímpia e o seu revezamento até à 'nova Olímpia', [elas] são ritos de separação da vida ordinária, iniciando um período de liminaridade pública. (MacALOON, 1985, p. 147, tradução nossa)

Assim, as cerimônias são momentos de celebrações e de demonstrações públicas relacionadas com os valores esportivos e com os valores olímpicos (CARRARD, 1996).

Para Llinés (1996), os polos do *continuum*, no caso das cerimônias olímpicas, seriam o espetáculo (representativo da vida cotidiana, influenciando os JO) e o ritual (representativo dos valores olímpicos e de suas tradições), estando na zona intermediária o festival.<sup>2</sup> Nesse sentido, vários autores que estudam os JO<sup>3</sup> vêm colocando suas atenções sobre a tendência crescente do deslocamento da citada cerimônia para o sentido do polo estético do espetáculo.

Temos como pressuposto que esse deslocamento está, de alguma forma, relacionado com as mudanças no contexto social mais amplo (modernidade sólida  $\leftrightarrow$  modernidade líquida). Mesmo assim, Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 104-111), analisando narrativas de diversos países durante a cerimônia de abertura de Barcelona-1992, mostram que muitos narradores/comentaristas construíram seus discursos com uma ênfase no ritual e no festival.

Diante dessa problemática, compreendemos melhor como a relação dos JO com a TV ocorre em contextos de tensões. Estabelecida a primeira conexão entre esses dois elementos, em Berlim-1936 (BILLINGS, 2008, p. 1), os Jogos, ainda que gradualmente, foram sofrendo alterações e se moldando, em muitos sentidos, para adaptarem-se ao formato televisivo, enquanto em outros sentidos, se mantiveram os mesmos.

Chama-nos a atenção, aqui, o crescimento da importância dos JO, do MO e dos valores olímpicos no contexto da sociedade brasileira, uma sociedade tipicamente mobilizada pelo futebol (DaMATTA, 2006). Já discutimos, em outra ocasião (SANTOS; SANTOS, 2009), como a candidatura (na época, ainda em processo) do

<sup>2</sup> Um estudo mais aprofundado sobre os gêneros citados e sobre sua ocorrência nas cerimônias de abertura está posto no Capítulo 3 deste trabalho.

<sup>3</sup> Esses autores são referidos, atualmente, como pertencentes a uma recém-formada área de estudo transdisciplinar, denominada "Estudos Olímpicos" (EO).

Rio de Janeiro ao recebimento dos JO de 2016 teve um papel de destaque, recrutando emoções em uma transmissão televisiva de uma cerimônia de abertura em um evento olímpico.

Atualmente, o que nos desperta o interesse é o desenvolvimento de leituras e de construções de narrativas por profissionais da área de comunicação (bem como por pessoas ligadas ao esporte) sobre o que acontece na cerimônia de abertura. Tais narrativas são elaboradas tendo como bases tanto as imagens e os acontecimentos do local do evento quanto o processo de produção que é realizado.

Para ilustrarmos essa ideia, mencionaremos, a seguir, alguns exemplos de narrativas em transmissões televisivas de cerimônias de abertura dos JO. Em 25 de julho de 1992, durante a cerimônia de abertura dos JO de Barcelona, quando a chama olímpica passou de tocha em tocha até chegar à ponta de uma flecha que foi disparada por um arqueiro paraolímpico, certa narradora de uma rede televisiva espanhola não falou apenas sobre isso ter sido um ato inovador e nem somente sobre a boa mira do arqueiro que acertou “em cheio”<sup>4</sup> a pira olímpica do outro lado do estádio; ela também fez o seguinte comentário: “¡la flecha más pacífica de la historia!”, referindo-se a um instrumento tradicionalmente usado em guerras sendo, agora, usado pelo esporte para fins pacíficos, de união internacional, de entendimento e de compreensão, causando, além disso, um efeito estético altamente qualificado e relacionado ao belo (como o esporte) em termos da teatralização da cerimônia.

Em 12 de fevereiro de 2010, também em uma transmissão de cerimônia de abertura, o narrador de uma emissora brasileira, juntamente com seu comentarista, falavam da entrada do Brasil no desfile dos atletas nos JO de Inverno de Vancouver. Baseados no fato de no Brasil não ter neve e nem tradição nessa versão dos JO, eles diziam que os brasileiros eram heróis apenas por estarem ali, fazendo parte desses JO, e citaram, segundo eles, o idealizador dos JO, Pierre de Coubertin, dizendo que “[...] o importante não era ganhar, mas sim tomar parte; o mais

---

<sup>4</sup> Na verdade, nesse ato performativo da flecha em Barcelona-1992, houve um “efeito” visual para que, a partir de uma câmera específica de TV, isto é, a partir de um ângulo pré-determinado, se tivesse a impressão de acerto exato no alvo. Porém, como ficou claro posteriormente com diferentes videotomadas, a flecha passou por cima da pira e atingiu o lado de fora do estádio.

importante na vida não é triunfar, mas lutar; o essencial não é vencer, mas lutar bem!”. Relacionando tal citação à participação brasileira, ainda discreta em termos de resultados, nos JO de Inverno, porém, com um orgulho nacionalista, os locutores destacam, implicitamente, o valor da superação, e superação até de “obstáculos” naturais, como, por exemplo, o fato de no Brasil não ter neve.

Os discursos comentados aqui são pequenos retalhos de milhares de horas de transmissões dos JO que são realizadas periodicamente por emissoras de todo o globo. Resgatamos esses exemplos apenas para, de forma breve, mostrarmos algumas diferenças importantes. Sabemos que os milhares de espectadores presentes nos estádios olímpicos em Barcelona e em Vancouver (nas ocasiões dos discursos citados) tiveram outros pontos de vista da festa e do espetáculo e talvez também tenham recebido outras ideias e interpretado os símbolos e os sentidos ali passados, *in loco*, a seu próprio modo. Porém, para o restante dos espectadores, ou para os telespectadores – os quais assistiam aos JO “de longe”, computando uma parte significativa dos habitantes do planeta – além das imagens da TV, havia também isto: uma construção de sentidos, significados, discursos e sentimentos que advinha das narrações/comentários dos comunicadores olímpicos; uma apresentação da cultura local e dos valores atribuídos à prática esportiva por parte dos organizadores formais do evento; e uma tradução e consequente reapresentação dos sentidos e das temáticas pelos locutores ao público de todo o mundo.

Segundo Llines (1997, p. 74, tradução nossa), o formato da comunicação olímpica se configurou, primeiramente, em uma forma binominal, qual seja, “atletas-espectadores”. Apenas com o passar do tempo, essa formatação foi se desenvolvendo e se modificando para “[...] uma descrição mais complexa e quadrilátera, constituída pelos atletas, pelos espectadores [*in loco*], pela mídia (comentaristas, câmeras, microfones, etc.) e pelos telespectadores” (LLINES, 1997, p. 74-75, tradução nossa). Neste caso, a autora denomina tal mudança “midiatização” dos JO (LLINES, 1997, p. 74, tradução nossa), atentando para o fato de que o advento dos meios de comunicação de massa, especialmente da TV, influenciou na forma como se realiza uma edição de JO.

Pensando sobre os polos do *continuum* citado e sobre sua tendência a pender para



o lado do espetáculo, muitos autores vêm afirmando que as influências que a TV e o comercialismo exercem sobre os JO e sobre o esporte, de maneira mais geral, têm efeitos corrosivos no que se refere aos seus valores orientadores. Para Rubio (2002), por exemplo, o amadorismo e o *fair-play*, dois valores que considera centrais para o olimpismo, foram desvirtuados com o passar do último século. A conclusão explícita é a de que o olimpismo já não existe mais, pois houve ruptura com o mesmo, e, agora, há o que ela designa pós-olimpismo, sendo este o

[...] simulacro de um ideal onde elementos fundamentais à sua organização e prática são desprezados em detrimento da satisfação de interesses econômicos e políticos, que nem sempre estão diretamente relacionados com o fenômeno esportivo (RUBIO, 2002, p. 140).

Consideramos essa abordagem muito rígida, pois ela acaba limitando a visão da complexa relação que se tem hoje “[...] entre os meios de comunicação de massa, a tecnologia e a economia no âmbito de um fenômeno cultural” (LLINES, 1997, p. 70, tradução nossa).

Não é sem razão que Barney, Wenn e Martyn (2002, p. 278-279, tradução nossa) afirmam que,

Apesar das críticas [que recebem], os Jogos Olímpicos permanecem extremamente populares. Um público recorde de 3,7 bilhões de pessoas assistiram à cobertura televisiva dos Jogos de Sydney. Quase 20 mil credenciados da mídia veicularam notícias olímpicas para a população mundial através da televisão, rádio, jornal e Internet. Ninguém tem ameaçado (seriamente) pular do barco olímpico; na realidade, o COI rechaça propostas para a admissão de muitos novos esportes [...] Simplesmente, não há melhor maneira de promover um esporte específico do que através da participação no programa olímpico. Novos países membros da comunidade global criam rapidamente Comitês Olímpicos Nacionais e buscam participação no Movimento Olímpico. O custo para se fazer isso é barato; os benefícios, em termos relativos, são enormes.

Com isso, percebemos que a ideia olímpica, mesmo sendo influenciada pelo arranjo da TV, ainda possui uma eficácia simbólica *per se*.

Contudo, não se pode deixar de notar, como coloca Llines (1997), que a TV é, por um lado, co-autora dos JO, e, por outro, produz conceitos sobre os mesmos. Nessa mesma linha de pensamento, Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. xvi, tradução nossa), dizem que um pressuposto essencial em estudos sobre TV e JO é

[...] a ideia de que os Jogos Olímpicos são um fenômeno que é inicialmente produzido em uma cidade, mas que depois é “reproduzido” em múltiplos

lugares por todo o mundo. Estas reproduções dos Jogos são, na verdade, “construções” cuidadosamente criadas de um evento ao vivo e diferem em sua apresentação e impacto na medida em que viajam pelo globo.

Segundo esses autores, os JO são “produzidos”. Isto é, o evento é um produto de ações de uma série de atores que têm como base uma tradição centenária e que sustenta seu processo de produção em certos princípios. Em termos formais/institucionais, tais atores se constituem por membros do COI e dos Comitês Organizadores de cada edição específica dos JO (COJO's). São, portanto, grupos de sujeitos autorizados no processo de produção que realizam suas ações formais com o objetivo de promover um evento baseado em certos valores. A segunda ideia que gostaríamos de destacar da citação acima é a questão da “reprodução”, a qual os autores utilizam para se referirem ao “fator discursivo” da transmissão televisiva. Esse fator tem a ver com processos linguístico-sociais complexos que ocorrem durante a ação maior da comunicação. Os sujeitos do processo da comunicação olímpica que estão presentes no local do evento narram os JO não sem embates, forças, lutas e ambiguidades relacionadas ao seu contexto sócio-histórico. Pelo contrário; não há apenas a passagem/transmissão de informações que seriam livres de subjetividades e/ou tensões, mas sim uma via complexa, muitas vezes reestruturada e reelaborada pelo narrador. Desse modo, não se entende o processo comunicativo em geral, e a transmissão dos JO em particular, em termos de um circuito linear, mas sim como uma “[...] estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução” (HALL, 2003, p. 365).

No caso das cerimônias de abertura, o COI e o COJO são responsáveis por “fabricarem” os sentidos que são ali apresentados. Por um lado, a Carta Olímpica estabelece os elementos do protocolo e como a simbologia será executada, principalmente no que diz respeito à parte mais formal e cerimonial do evento. O COJO, por outro lado, dá a sua contribuição, produzindo espetáculos também ricos em símbolos e valores relacionados com a cultura local e com o esporte.

O COI e o COJO estabelecem algumas diretrizes para o sinal geral da TV (sinal internacional). Porém, não têm o controle sobre o que os narradores irão dizer. As entidades olímpicas, em especial o COJO, tentam lidar com possíveis problemas através do oferecimento de um *script* explicativo para os narradores e comentaristas

das diversas redes de TV do mundo que estão no estádio no dia da cerimônia. Todavia, resultados de pesquisa realizada por Spà, Rivenburgh e Larson (1995) demonstram que poucos canais de TV ao redor do globo se utilizam desse *script*, ou, se o fazem, é apenas em certos momentos da narração e de maneira secundária.

O COI contrata, então, a TV para a ampla divulgação do evento, estando embutida, nesse aspecto, uma gama de questões econômico-financeiras em que se instaura uma relação de interdependência entre as duas entidades. Por causa dessa forte relação financeira entre a TV e os JO,<sup>5</sup> os canais de TV, que pagam enormes quantias de receita para financiar os JO, esperam (e dependem de) um alto índice de audiência, principalmente nos Estados Unidos, onde há a maior negociação (no caso, com a rede NBC)<sup>6</sup> de direitos de transmissão. Dessa forma, as cerimônias de abertura dos JO são, em certa medida, um evento feito para a TV. Mas, ao mesmo tempo, são *locus* privilegiado de declaração e celebração dos valores olímpicos.

Pretendemos, assim sendo, estudar uma narração televisiva brasileira contemporânea. Para tanto, e baseados na argumentação exposta, colocamos como questão principal do trabalho a seguinte pergunta: como uma rede brasileira de TV (a Rede Globo) constrói, apresenta e traduz sentidos sobre valores no/do esporte e sobre valores olímpicos na transmissão da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008? Desse modo, algumas questões derivadas são: que valores (ligados ao esporte, ao olimpismo e à espetacularização destes) a mídia televisiva brasileira constrói ao narrar a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008? E ainda: no interior do processo das construções das narrativas, como se configura o embate entre continuidade e mudança que perpassa pela história dos JO, do COI e da própria cerimônia de abertura? Com essa última questão, pretendemos discutir como as mudanças sociais mais amplas (contextualizadas, contemporaneamente, na modernidade líquida) são refletidas nas narrativas de um meio de comunicação (TV) que é elemento **cotidiano** importante para tais mudanças (tendência à espetacularização e mercantilização) sendo que essas narrativas contam histórias relacionadas a uma ideologia (olímpica) de valores baseados em certas tradições (não sem tensões) e expressas em um evento **não cotidiano** (o ritual da cerimônia

<sup>5</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre esta relação, ver Gratton e Solberg (2007) e Senn (1999).

<sup>6</sup> National Broadcasting Company (Companhia Nacional de Teledifusão).

de abertura) de performance cultural.

Destarte, temos como objetivos do trabalho: identificar os valores do esporte e do olimpismo (e seus possíveis deslocamentos de sentidos) que aparecem no discurso televisivo da Rede Globo durante a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008; compreender como os narradores/comentaristas brasileiros dessa rede de TV constroem as narrativas sobre os valores do/no esporte e sobre os valores olímpicos no contexto da complexa oscilação social e esportiva em que vivemos hoje ao narrarem – através de um elemento cotidiano sintomático da citada complexidade (a TV) – uma performance cultural não cotidiana.

Acreditamos que esta investigação tem importância fundamental para a ampliação da compreensão destes singulares fenômenos modernos que são os JO e o MO, assim como para a compreensão da própria vida social, visto que os rituais e cerimônias de uma sociedade são “bons para pensar” a própria sociedade (PEIRANO, 2002, p. 20). A importância e a relevância deste estudo ficam ainda mais fortemente marcadas quando percebemos a crescente importância da temática sobre os dois elementos centrais de nossa pesquisa: o esporte olímpico/olimpismo/JO e os meios de comunicação de massa (aqui, a TV). No caso do primeiro elemento, a tendência é que, especialmente no Brasil, sua presença se torne ainda mais forte na vida das pessoas por causa da futura realização dos JO no Rio de Janeiro em 2016. Acreditamos também na contribuição que a pesquisa pode dar, visto o crescente papel da mídia, sobretudo da TV, em épocas como essa, já que ela estabelece agendas na sociedade e cria representações sobre os valores olímpicos e sobre os valores esportivos. Essas agendas estão se desenvolvendo, no Brasil, desde a organização e realização dos Jogos Pan-Americanos do Rio-2007. Por isso, afirmamos que este tipo de estudo, em conjunto com outras pesquisas que também discutam o papel das diferentes mídias como construtoras de conceitos sobre valores do esporte e sobre valores olímpicos, pode dar base para refletirmos acerca da sociedade em que vivemos e para agirmos criticamente em nosso campo de atuação.

## 1.1 DECISÕES METODOLÓGICAS

Metodologicamente, nos provemos aqui, a fim de alcançarmos os objetivos propostos, do chamado “método qualitativo”. Segundo Richardson e colaboradores (1999, p. 70), uma primeira metodologia da ciência se baseia mais fortemente em um método quantitativo que se caracteriza “[...] pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”, sendo tais técnicas variavelmente empregadas, desde as mais básicas até as mais complexas. Esse método está mais relacionado, segundo Goldenberg (2005, p. 17), a uma tradição da *sociologia positivista*, a qual defendia a “[...] unidade de todas as ciências e da aplicação da abordagem científica na realidade social humana”. Já o método qualitativo, além de não necessariamente empregar instrumentos estatísticos, “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”, fornecendo “[...] análises mais detalhadas sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2004, p. 269). Já essa abordagem, de acordo com Goldenberg (2005, p. 17), é ligada mais diretamente a uma tradição da *sociologia compreensiva*. Reconhece-se que alguns pesquisadores têm destacado a impossibilidade de distinção entre os dois métodos. Porém, para fins analíticos, concordamos, aqui, com Richardson et al. (1999, p. 79) que há sim o destaque desses elementos. Sendo assim, abordamos os dados a partir do método qualitativo, visto que os objetivos propostos vão em direção a uma compreensão mais densa de objetos que, por natureza, são complexos e precisam de um detalhamento em nível descritivo/valorativo profundo.

Os dados desta pesquisa foram retirados a partir do que Marconi e Lakatos (2007, p. 62) denominam fontes primárias, isto é, que não receberam ainda um tratamento científico ou teórico. Tais fontes se inserem na pesquisa documental, que também é classificadora deste estudo.

Foi coletado um texto que sabemos ser extenso e composto por várias vozes (sujeitos). Esse texto oral chamamos aqui de *corpus* de análise. As falas que compõem o *corpus* de análise advêm de narradores, repórteres e comentaristas (profissionais de comunicação e ex-atletas convidados para comentarem) de uma

emissora de TV brasileira. Tanto a narração televisiva do evento quanto o evento social em si (a cerimônia de abertura), compõem e (re)constroem os valores do olimpismo em alguma medida.

A escolha dos JO de Pequim-2008 (os Jogos da XXIX Olimpíada, realizados em Pequim, China, entre 08 e 24 de agosto de 2008) seguiu apenas um critério de contemporaneidade, isto é, queríamos analisar uma edição recente dos Jogos, em que as características da sociedade atual estivessem eminentes. Quando da escrita do projeto que pleiteou esta pesquisa, a edição mais recente era a desses Jogos. Decidimos continuar com esse *corpus*, mesmo tendo em vista a realização de mais duas edições de JO em outras versões (os JO de Inverno de Vancouver-2010 – no Canadá – e os JO da Juventude de Singapura-2010).

Já a escolha da emissora televisiva sobre a qual vamos trabalhar nesta pesquisa se deu pela pertinência da mesma no cenário televisivo brasileiro. Além de ser a maior rede televisiva do país, é uma das que mais investem em transmissões de grandes eventos esportivos, tais como a Copa do Mundo de futebol e as corridas de Fórmula-1. Também tem tradição em transmissão dos JO, apresentando uma equipe nuclear estável para tais eventos desde a década de 1980. É a rede de TV no Brasil que comprou os direitos de transmissão da edição de JO analisada. Nos Jogos de Pequim-2008, a Rede Globo não apenas cobriu o evento na data do mesmo, mas enviou, anos antes, jornalistas e repórteres para a China a fim de que tais profissionais já se familiarizassem com a cultura e os costumes chineses, fazendo tomadas e reportagens especiais desde então, com chamadas referentes aos JO que ali seriam realizados.

A transmissão da cerimônia de abertura pela Rede Globo foi gravada em *Digital Video Disc* (DVD) com duração de aproximadamente quatro horas. Posteriormente, as narrativas/comentários/entrevistas foram totalmente transcritas para a sistematização do nosso *corpus*. Os critérios e as convenções de transcrição das falas compõem o “ANEXO A”<sup>7</sup> deste trabalho. A transcrição em si está incorporada como “ANEXO B”.

---

<sup>7</sup> Critérios embasados em Dionísio (2006).

Utilizamos como técnica principal de análise dos dados a Análise do Discurso. Advinda de uma tradição essencialmente linguística, a Análise do Discurso, enquanto disciplina, tenta romper com algumas categorias teóricas limitadas neste campo do conhecimento, como, por exemplo, o estudo da linguagem sem a consideração do contexto sócio-histórico em que é produzida. Essa ruptura se torna uma tendência no âmbito dos estudos do discurso.

Com tal mudança tendencial, a língua passa a não ser mais considerada apenas um sistema objetivo de signos, mas a ser vista como constituída a partir de uma certa posição social do ser. Tal posição determinaria a consciência/pensamento e, conseqüentemente, a linguagem. Desse cruzamento entre linguagem e sociedade, surge a noção de “discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 10-11). No início da citada disciplina (década de 1960), a determinação da posição social do ser baseada no contexto histórico era marcante (graças à influência do marxismo). Só através de um processo em médio prazo (e a partir de críticas à esse determinismo) que se foi constituindo um equilíbrio entre os aspectos linguísticos do texto e sua exterioridade social (BRANDÃO, 2004).

Os traços operacionais da disciplina Análise do Discurso viram-se, daí em diante, como um útil aparato metodológico para outras áreas do conhecimento que também começaram a se interessar por ela, como, por exemplo, a sociologia, a história, a psicologia e a antropologia (MAINGUENEAU, 1997, p. 11-12). Segundo Maingueneau (2008, p. 145), olhando retrospectivamente, tal disciplina acaba por se configurar como uma área pluridisciplinar ao ponto de servir de técnica a outros campos do saber. Especificamente, em nossa pesquisa, abordaremos uma corrente da Análise do Discurso: a Análise Crítica do Discurso (ACD) – embora com algumas ressalvas.

A ACD surge no final dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX. Para Pedrosa (2005) ela é construída devido à identificação crítica de limites em outras teorias em Análise do Discurso. Um desses limites é exatamente a abordagem imanente do texto citada acima. Fairclough (um dos fundadores da ACD) aponta, em sua perspectiva, o desafio de desenvolver um dispositivo de análise que desse conta tanto da orientação linguística quanto da orientação social do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89). Nesse enquadre, ele define discurso como um

momento de práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 35). O discurso, assim, constitui, simultaneamente, três dimensões que se inter-relacionam: texto, interação (exemplo de prática discursiva) e contexto (exemplo de prática social) (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Denomina-se esse conjunto quadro tridimensional de Fairclough. Dessa forma, o discurso, como materialidade linguística, situa-se num espaço tridimensional e toma forma nas práticas sociais e discursivas. O dispositivo de análise é construído e operacionalizado em função destas três dimensões:

A análise textual: essa primeira dimensão é baseada na “[...] tradição de análise textual e linguística. [...] A análise textual deve ser feita conjuntamente com as outras dimensões” (PEDROSA, 2005). Neste trabalho, essa fase terá lugar no momento da análise dos dados. Nosso *corpus* de análise é extenso. Por isso, os elementos textuais considerados mais relevantes para a pesquisa serão mapeados em recortes efetuados na narrativa. As questões de vocabulário, de escolha de termos e de uso da linguagem enquanto articulação desses termos em unidades maiores serão abordadas a partir de categorias chaves previamente escolhidos após a discussão teórica e a revisão de literatura (pois tais categorias se relacionam com os valores do olimpismo e do esporte).

A análise da prática discursiva: esta etapa está baseada na

[...] tradição interpretativa ou microsociológica de levar em conta a prática social como algo que as pessoas, ativamente, produzem e apreendem com embasamento em procedimentos compartilhados consensualmente. Trata-se, portanto, de uma análise chamada de “interpretativa”, pois é uma dimensão que trabalha com a natureza da produção e interpretação textual. (PEDROSA, 2005)

Em nossa pesquisa, **a articulação** entre o contexto mais imediato da narração (que chamamos, aqui, de “evento social”, isto é, a cerimônia de abertura), o contexto social mais amplo e os textos dos narradores da Rede Globo representa a abordagem dessa etapa. Em capítulos posteriores do trabalho, veremos como a cerimônia de abertura se configura e como ela vem se dinamizando no processo social. Todos os pontos estudados nesta parte serão implicados na estrutura da própria narrativa e de como ela também se dinamiza a partir de “vozes” e de discursos anteriores que a imergem em tensões. Porém, não podemos compreender esse processo e suas tensões sem ligá-lo a um contexto social mais amplo. Aqui,



chegamos à terceira fase.

A análise da prática social: para Fairclough (2001, p. 289), o objetivo central dessa fase é especificar “[...] a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social”. A análise da prática social aborda tanto o contexto social mais amplo, quanto os costumes e práticas mais específicas (FAIRCLOUGH, 2001). O contexto social mais amplo será discutido com a leitura de Bauman (colocada no Capítulo 2) sobre a época contemporânea, e esperamos que tal leitura nos ajude a pensar as naturezas de costumes mais específicos. Esses costumes mais estritos se referem ao evento social em questão (a cerimônia de abertura, estudada no Capítulo 3) e às práticas de comunicação que enquadram os textos transmitidos – os meios de comunicação de massa, particularmente a TV (estudada no Capítulo 4). Também nos atentaremos aos modos como o contexto social mais amplo se relaciona dialeticamente com a prática discursiva e com o texto, isto é, como as narrativas da cerimônia de abertura pela TV são parte de um contexto mais amplo e como elas, ao mesmo tempo, atuam na formação de tal contexto. É pertinente destacar que essas etapas não possuem uma ordem cronológica de apresentação. As questões textuais serão focalizadas no momento de análise dos dados. As outras fases, porém, estão dispersas nas discussões teóricas e históricas e também na abordagem dos dados.

Fairclough constrói, desse modo, um dispositivo técnico de análise que se divide nessas três fases. Focando o discurso como um momento de práticas sociais, ele irá propor o estudo desses momentos em um contexto de lutas de classes sociais e de conflitos de poder (daí o caráter crítico da abordagem), onde se deve analisar as ideologias dos grupos hegemônicos. Apesar de acreditarmos ser uma ferramenta importante para tal propósito, fazemos uma ressalva quanto a essas questões. Em nosso trabalho, embora enxerguemos o discurso como momento de práticas sociais, historicamente situadas, não objetivamos tratar do contexto de luta de classes no âmbito de nosso *corpus* de análise. Já em relação aos conflitos de poder, percebemos a importância que esses assumem nos momentos de transição pelos quais o COI e o MO passaram. Tais conflitos são vistos aqui como formas de atuação (conscientes ou não) nos embates ou oscilações (já citados acima) entre a

modernidade sólida e a modernidade líquida – no âmbito da sociedade em termos mais gerais – e entre a continuidade e a mudança – no âmbito dos valores esportivos e dos valores olímpicos.

Além da ACD, apoiamo-nos, também, nas ideias do italiano Carlo Ginzburg. Para esse autor, da instauração do período moderno até o início do século XX a ciência se caracterizou pelo primado da racionalidade técnica e instrumental, expressa através de grandes sínteses explicativas as quais se legitimaram como modelos científicos dominantes (GINZBURG, 1989).

No interior dessas grandes sínteses, as diferenças, as especificidades e os detalhes dos fenômenos em estudo não tinham importância: o que valia eram exatamente as regularidades e as uniformidades observadas. Ginzburg (1989) salienta que a linguagem matemática e os métodos experimentais viraram modelos da ciência clássica por atender às exigências de rigor e controle dos resultados, com base nas ideias de quantificação e repetibilidade dos fenômenos estudados. Foi exatamente por não se caracterizar assim que, para o autor, a história nunca conseguiu se tornar uma ciência galileana.

Com isso, esse autor vai se empenhar na construção de um projeto intelectual que se relaciona com essas questões e suas implicações para as ciências humanas. Segundo Coelho, o esforço teórico-metodológico de Ginzburg

[...] consiste na pesquisa de um método que considera milenar, que remonta as origens da própria humanidade. Este método está fundamentado na investigação de “pistas”, “sinais” ou “indícios” reveladores acerca dos fenômenos da realidade: trata-se do *Método Indiciário*. (COELHO, 2006, p. 1, grifo do autor)

Desse modo, Ginzburg realiza uma pesquisa sobre a gênese desse método. Resumidamente, o autor diz que a investigação baseada em indícios fazia parte do cotidiano dos primeiros grupos humanos, principalmente nas técnicas utilizadas pelos caçadores/coletores do Neolítico (GINZBURG, 1989, p. 151-152). Sua análise não se limita, porém, apenas à gênese do citado método, mas também ao estudo de seu desenvolvimento, especialmente na fase que coincide com o domínio do conceito clássico de ciência (a ciência de Galileu).

Para isso, o autor menciona algumas práticas do século XIX ligadas a atividades

profissionais as quais, a partir de sinais, sintomas ou indícios (isto é, a partir do que é variável, do que está em segundo plano), “decifravam” a realidade imediata e construía hipóteses seguras em relação a essa realidade. Ginzburg cita, então, três exemplos dessas atividades (GINZBURG, 1989, p. 143-148): 1 – os trabalhos do italiano Morelli, que atestava a autoria legítima de famosos quadros da pintura italiana (e de outros locais da Europa), baseados nas observações dos detalhes negligenciados pelos demais (exemplos: a pincelada dos lóbulos auriculares, o formato das unhas etc.); 2 – as atividades de um popular personagem da literatura britânica, o investigador Sherlock Holmes, que chegava às resoluções de seus mistérios através da lógica ao reunir detalhes, pormenores e outros sinais que, aparentemente, não tinham relação direta com os problemas e; 3 – o trabalho pioneiro de Freud. Este último chegou a ler sobre o método do primeiro (Morelli) fazendo, assim, uma analogia com a psicanálise que pretende “[...] penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou desapercibidos” (FREUD, 1976, p. 36-7 apud GINZBURG, 1989, p. 147).

Isso posto, Ginzburg (1989, p. 148-149) vê uma relação prática entre esses sujeitos: os três eram médicos – no caso do personagem Holmes, seu autor (Arthur Conan Doyle) era médico. Mas não só isso. Ginzburg também atestou que as atividades dos três não eram, estritamente (e nem podiam ser consideradas, na época), científicas. Apesar da racionalidade lógica, elas não se enquadravam nos critérios de observação do sistêmico, do repetível, do regular e do uniforme que regiam a ação científica dominante.

Tal caminho conduziu Ginzburg a um *insight*: “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Além disso, “[...] o que caracteriza esse saber é a capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, de remontar a realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

O autor atribui, então, às ciências humanas essa atividade epistemológica e diz que é possível, a partir de tal atividade, conhecer a realidade humana. Vimo-nos diante da opção do uso dessa teoria quando, em uma primeira aproximação com os dados da pesquisa, identificamos uma limitação não prevista: os narradores falam relativamente pouco (em termos diretos ou explícitos) sobre valores olímpicos e

esportivos. Por isso, acreditamos ser pertinente buscar o entendimento das construções dessas narrativas nos indícios, nos pormenores – que não necessariamente são as partes mais vistosas do discurso da Rede Globo.

Outras limitações do estudo foram: a falta da possibilidade de entrevistarmos os produtores da Rede Globo, responsáveis pela transmissão da cerimônia de abertura (o que nos indicaria como a estruturação da produção se relaciona com a narração de valores olímpicos e esportivos); a falta de acesso ao *script* que os narradores recebem com explicações acerca das apresentações artísticas e seus significados, sendo que, caso tivéssemos tal acesso, poderíamos melhor apreender o que o narrador produz por si e o que ele reproduz de tal roteiro (apesar de que, como já dissemos, outras pesquisas demonstram que nem todos os narradores se utilizam desse roteiro)<sup>8</sup> e; a não operação com a recepção da mensagem. Vimos que tal operação faz parte integrante do processo comunicativo. Contudo, tal lacuna se deu em função das condições de exequibilidade do trabalho.

## 1.2 PERCURSOS DO TRABALHO

No curso de nossa pesquisa, examinaremos, primeiramente, as questões sobre o contexto social mais amplo da narrativa televisiva. Isto inclui o estudo da sociedade contemporânea e seus traços. Abordaremos, aí, a forma como o sociólogo Zygmunt Bauman descreve tal sociedade a partir da passagem de uma modernidade sólida para a atual modernidade líquida. Discutiremos também como o esporte, o MO, os JO e seus valores declarados se vinculam à modernidade sólida e como eles se configuram diante das tensões que emergem da transição supracitada.

Em segundo lugar, faremos uma breve revisão da Teoria das Performances Culturais (MacALOON, 1984a) e da Teoria do Espetáculo (MacALOON, 1984b), pois

---

<sup>8</sup> Em relação a essas duas limitações, houve tentativas (por parte dos pesquisadores envolvidos) para a realização de entrevistas e para o acesso a uma cópia do *script*. Porém, não houve respostas dos produtores.

essas são importantes contribuições que embasam a compreensão densa dos JO nas sociedades contemporâneas, bem como de suas cerimônias. Construída tal base, versaremos sobre os aspectos complexos que perpassam a cerimônia de abertura dos JO, analisando como essas se configuram em relação aos gêneros performativos da Teoria do Espetáculo, dando um enfoque à espetacularização e a suas relações com elementos da modernidade líquida descritos por Bauman.

Em um terceiro momento, discutiremos o processo de surgimento dos meios de comunicação de massa, em especial a TV e suas imbricações com os JO. Faremos também aqui uma revisão acerca dos resultados de outros estudos sobre as narrativas televisivas em JO e como tais narrativas ajudam (ou não) a construir um senso de “comunidade olímpica” – mesmo estando imersas em um contexto de fluidez social, onde, de acordo com Bauman (2008) um dos valores cotidianos mais propagados é o da individualidade – por causa de seu alcance mundial e das traduções que são feitas pelos narradores/comentaristas que “contam” a história olímpica para cada diferente região/cultura.

Em quarto lugar, abordaremos diretamente os dados, analisando e comentando os discursos que são construídos e relacionados aos valores esportivos e aos valores olímpicos, focando as estratégias dos narradores e como o uso da linguagem se relaciona com as tensões sociais atuais.

Por fim, após discussão e análise das narrações, avaliaremos o trabalho em sentido de proposições conclusivas ou considerações que nos ajudem a pensar outros tópicos de estudos para futuras pesquisas.

## 2 DA MODERNIDADE SÓLIDA À MODERNIDADE LÍQUIDA – CONTEXTO SOCIAL ATUAL NA LEITURA DE ZYGMUNT BAUMAN E SUAS RELAÇÕES COM OS JOGOS OLÍMPICOS/ESPORTE

*“The world is changed. I feel it in the water. I feel it in the earth. I smell it in the air. Much that once was is lost, for none now live who remember it”.<sup>9</sup>*

Do Filme “O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel”

*“[...] nascidos de uma tempestade de desordem  
Nômades do tempo sem marés  
Num vazio sem fronteira  
Cavalgando a tempestade [...]”*

Poema de Norbert Elias

Como foi dito na introdução deste trabalho, um de nossos objetivos é compreender a forma como os narradores/comentaristas brasileiros da Rede Globo constroem narrativas sobre valores olímpicos e sobre valores esportivos. Já vimos que esses textos não podem ser analisados em profundidade pelo método qualitativo sem se considerar as marcas do “não sistêmico” e do “não uniforme” (paradigma indiciário) que estão neles presentes e que só podem ser relacionadas quando se focaliza o seu contexto social mais amplo (ACD). Para tanto, fica a tarefa de mapear e interpretar tal contexto à luz da teoria sociológica. Percebe-se também a necessidade de compreensão da relação entre os valores associados ao olimpismo/esporte e os câmbios sociais contemporâneos.

Pretendemos, com este capítulo, discutir as mudanças axiológicas da sociedade ocidental moderna a partir da leitura de Zygmunt Bauman, que, em termos gerais, afirma a passagem processual dessa sociedade de um estado sólido a um estado fluido ou líquido (BAUMAN, 2001). Posteriormente, relacionamos um pressuposto importante dos estudos sobre olimpismo/esporte com a interpretação de Bauman. Os JO e seu conjunto de valores, bem como o esporte, são fenômenos que surgiram com o advento da Modernidade. Sendo assim, a sua forma e propósito estão embutidos em um projeto maior e em um tempo determinado que coincide com a

<sup>9</sup> “O mundo está mudado. Eu sinto isso na água. Eu sinto isso na terra. Eu farejo isso no ar. Muito do que já existiu se perdeu, pois não há mais ninguém vivo que se lembre”.

descrição que Bauman faz do desenvolvimento inicial da Modernidade. Ao falar desse tempo com criatividade, o autor define modernidade sólida, uma época em que havia, em termos sociais, a tarefa da ordem. Porém, a análise desse autor – em Bauman (2001) – foca, principalmente, não essa modernidade, mas a que vivemos hoje, denominada modernidade líquida. Considerando os termos de sua argumentação, seria prudente refletir sobre o esporte e o olimpismo nesta nova forma da Modernidade, isto é, sobre como algumas características dessa forma podem ser vistas no âmbito olímpico/esportivo.

Vários autores que estudam o fenômeno esportivo já debruçaram suas pesquisas sobre os câmbios que as formas primevas do esporte e do olimpismo modernos sofreram com o próprio desenvolvimento social em direção ao que se chamou “Pós-Modernidade”. Todavia, a partir de um pequeno levantamento, percebemos que existem poucos estudos que relacionem estas mudanças às argumentações sobre a modernidade líquida de Bauman.<sup>10</sup> Propomos uma apresentação inicial da argumentação deste autor com uma posterior articulação entre essa argumentação e os traços dos fenômenos olímpico e esportivo como elementos modernos a fim de tentar focalizar as ideias de tal argumentação no desenvolvimento desses fenômenos atualmente.

## 2.1 O CONTEXTO SOCIAL ATUAL NA LEITURA DE BAUMAN – HÁ DUAS “ERAS” ATRÁS...

Bauman é um sociólogo polonês nascido em 1925. De origem judaica, enfrentou perseguição antissemita no início da Segunda Guerra Mundial e se refugiou em outros países. Estabelecido em Leeds, na Inglaterra, focou suas pesquisas, inicialmente, nas diferenças entre o capitalismo e o socialismo, tema correspondente

---

<sup>10</sup> Três trabalhos encontrados que relacionam o modo de fazer sociologia de Bauman com a sociologia do esporte são: Blackshaw (2002), Blackshaw e Crabbe (2004) e Borges (2009). Nessa revisão não localizamos textos específicos que ligassem as ideias de Bauman à seguinte problemática: a cerda do Olimpismo.

à sua produção, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970 (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009). Para Almeida, Gomes e Bracht (2009, p. 10), embasados em comentadores de Bauman, na década de 1980, há um ponto de ruptura em sua obra. Bauman substitui o foco do socialismo/capitalismo por uma análise crítica da Modernidade e de suas utopias/antiutopias.<sup>11</sup> Desse modo, segundo os autores, isso levou Bauman, por um lado, a uma “[...] aproximação com perspectivas que são interpretadas como pós-modernas e, por outro lado, desencadeou nele um interesse cada vez maior pela discussão sobre o tema da moral” (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 10-11). É nesta “fase” que Bauman vai lançar bases concretas para futuras propostas de interpretações sociológicas, como, por exemplo, a da modernidade líquida. Já no final do século XX e início do século XXI, o sociólogo polonês escreve uma trilogia de livros nos quais faz uma análise sofisticada da globalização (BAUMAN, 1999a), da política (BAUMAN, 2000a) e da condição social contemporânea (BAUMAN, 2001). É com base nessa análise, em especial na última citada, que descrevemos aqui sua abordagem.

Como bem nos lembram Bracht e Almeida (2006, p. 65), na medida em que Bauman se aproxima das temáticas sobre a Pós-Modernidade, ele acaba por fazer sucessivas tentativas de evitar “confusões terminológicas”. Por fim, ele abandona o termo “pós-moderno” ou “Pós-Modernidade”. Tal abandono se deveu a duas razões principais. A primeira delas, como explica o próprio autor, é a conclusão de que o debate sobre o termo se tornou inconcludente:

Uma das razões pelas quais passei a falar em “modernidade líquida” e não em “pós-modernidade” [...] é que fiquei cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade, “pós-modernismo” de “pós-modernidade”. No meu vocabulário, “pós-modernidade” significa uma sociedade (ou, se se prefere, um tipo de condição humana), enquanto “pós-modernismo” refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da

<sup>11</sup> É interessante destacar que Bauman, em seu posicionamento crítico, por vezes dialoga com a Literatura. Nesses diálogos há uma retomada aos “medos” e “temores” transmitidos por essa arte. Em sua argumentação quanto à condição social que emergiu com a Modernidade, o autor sublinha dois romances clássicos considerados antiutópicos [segundo o dicionário Houaiss, antiutopia significa “qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual, ou parodiar utopias, alertando para os seus perigos” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2007)]. Essas duas obras são “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley (1894-1963), e “1984”, de George Orwell (1903-1950), ambas destacando, a partir de concepções opostas, a chegada a um/a mundo/sociedade sem liberdade, altamente controlado/a e vigiado/a por agências totalitárias e ditatoriais.



condição pós-moderna. Procurei sempre enfatizar que, do mesmo modo que ser um ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. (BAUMAN, 2004, p. 321)

O autor coloca algumas consequências, em diversos casos, dessa inconclusão:

“Pós-modernidade” e “pós-modernismo” foram irremediavelmente confundidos, usados em muitos casos como sinônimos. O próprio debate sobre pós-modernidade foi tomado como sinal de adesão ao campo “pós-modernista”. Eu me vi na companhia de colegas de quarto com quem jamais compartilharia um aposento, ao mesmo tempo que, com muita frequência, se liam ideias em meus textos que não eram minhas, mas de pessoas com que eu era associado com base na confusão semântica. (BAUMAN, 2011, p. 111)

A segunda razão é a observação de que o termo “Pós-Modernidade” *per se* possui um problema de sentido:

Houve outra razão mais substantiva para essa retirada [do termo “Pós-Modernidade” de sua obra]. Pode-se ir ao extremo para negar, fazer uma pilha de ressalvas, mas de nada adianta: a palavra “pós-modernidade” implica o fim da modernidade, deixá-la para trás, estar na margem oposta. Mas isso é gritantemente falso. Somos tão modernos como nunca, “modernizando” de modo obsessivo tudo aquilo que tocamos. Um dilema, portanto: o mesmo, embora diferente, a descontinuidade na continuidade. (BAUMAN, 2011, p. 112)

Ao colocar tal dilema, o autor aponta para outras tentativas que ocorreram antes dele a fim de acabar com a confusão semântica. Porém, em certo sentido, o mesmo as critica:

Anthony Giddens encontrou uma saída para a situação ao brandir a expressão “modernidade tardia”. Achei difícil adotá-la. Nunca entendi como podemos saber que esta modernidade aqui e agora é “tardia”. E o que fazer para prová-la ou refutá-la. Além disso, a ideia de “modernidade tardia” implica o mesmo que o conceito de pós-modernidade: não se pode falar da fase “tardia” de um processo a menos que se presume que esse processo chegou ao fim - e, portanto, que se possa observá-lo em sua “totalidade”. O termo “segunda modernidade”, de Ulrich Beck, é melhor, mas em si mesmo um contêiner vazio que abriga toda espécie de conteúdo. Nada diz sobre a diferença entre a “segunda” modernidade e a “primeira”. Achei mais palatável a palavra *surmodernité*, de George Balandier; é uma pena que em inglês ela não soe tão bem como no francês. Daí minha proposta: *modernidade líquida*, que aponta ao mesmo tempo para o que é contínuo (a fusão, o desencaixe) e para o que é descontínuo (a impossibilidade de solidificação do fundido, de reencaixe). (BAUMAN, 2011, p. 112)

O abandono do termo e sua busca por uma melhor caracterização para nossa época ecoa uma posição bastante clara para o autor. O mesmo define Modernidade como

[...] um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII

com uma série de transformações sócio-estruturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista). (BAUMAN, 1999b, p. 299-300)

Após esses esclarecimentos, explicitamos que pretendemos descrever a visão de Bauman sobre a modernidade sólida e sobre a modernidade líquida a partir de três elementos<sup>12</sup> inter-relacionados que julgamos serem essenciais para a compreensão da argumentação do autor além de terem uma forte relação com o fenômeno olímpico/esportivo. Esses elementos são, a nosso ver, importantes exemplos da continuidade e da descontinuidade da Modernidade. Um deles é traço ou condição geral da Modernidade que, como veremos, na visão de Bauman, ainda está presente nos dias atuais (continuidade): o processo de derretimento como tarefa moderna. Os outros dois são “consequências cambiantes” diretas (descontinuidade) desse traço/condição, isto é, são passagens de uma característica à outra no interior dos vários processos imbricados na própria sociedade pelo impulso modernizante. Tais elementos são: a passagem da ética do trabalho para a estética do consumo e o surgimento de uma condição de impossibilidade de formação de comunidades reais. Destacamos, aqui, que a divisão desses elementos é apenas para a melhor visualização do processo social descrito, não podendo um elemento ser totalmente isolado dos demais.

### **2.1.1 A Modernidade e a tarefa de derretimento e de ordem**

Para falarmos do primeiro elemento (a tarefa de derretimento), retomamos os argumentos do autor sobre os novos termos figurativos para a descrição da Modernidade em sua versão contemporânea. Bauman utiliza-se propositalmente de conceitos formais (enciclopédicos), dizendo que, atualmente, há de se considerar os

<sup>12</sup> No trabalho de Bauman há muitos elementos e temáticas no debate sobre a modernidade líquida (principalmente categorias relacionadas com as estruturas da vida cotidiana). Em nosso trabalho, porém, não objetivamos esgotar essas discussões. A seleção dos elementos é feita tendo em vista a exequibilidade da pesquisa.

termos “fluidez”, “liquidez” e “leveza” (para a descrição da sociedade atual) em contrapartida aos caracteres de “fixidez”, “solidez” e “peso” (BAUMAN, 2001, p. 8). Segundo ele, os últimos termos são designáveis ao início da Era Moderna, a qual denominou “modernidade sólida” (BAUMAN, 2001), e os primeiros são referentes à presente fase da Modernidade, a qual chamou “modernidade líquida”.

Isso nos leva a sistematizar o primeiro elemento em análise (a tarefa de derretimento) em duas partes distintas, embora sejam intimamente correlacionadas. Vejamos como o autor as trata.

#### *2.1.1.1 A tarefa de derretimento na modernidade sólida*

A primeira tarefa está relacionada ao derretimento das tradições medievais no início da Modernidade (modernidade sólida). Bauman diz que a Modernidade foi um processo de liquefação desde seu começo. Só que, em seu período inicial, a tarefa moderna era a de derreter os antigos sólidos (que já se encontravam enferrujados e que já não serviam) a fim de limpar o terreno para a construção de novos e aperfeiçoados sólidos; esses sim, com durabilidade garantida, pois seriam feitos sob os auspícios da razão. Assim, o derretimento de sólidos, no princípio da Modernidade, significava, antes de tudo, a profanação do sagrado e o repúdio e o destronamento do passado e da tradição (BAUMAN, 2001, p. 9), além do derretimento radical das algemas e dos grilhões limitadores da liberdade (BAUMAN, 2001, p. 11).

Os sólidos antigos, os quais Bauman denomina sólidos pré-modernos, impediam os movimentos e as iniciativas individuais. Tal aspecto é interessante para a visão do autor, que já havia estudado a temática da liberdade e sua relação com a estrutura econômica capitalista.<sup>13</sup> Segundo ele, a esfera econômica tem um papel simbólico e, ao mesmo tempo, prático na transição da fase pré-moderna para a modernidade

<sup>13</sup> Estudo com uma abordagem sociogenética e psicogenética da liberdade. Cf. Bauman (1989).

sólida:

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais "sólida" que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. (BAUMAN, 2001, p. 10)

Nesse sentido, Bauman asserta que a lógica da estrutura social seria, na ocasião, uma transição do “direito de governar” da Igreja para o Estado e uma transição dos estamentos hereditários (sistema de alocação social utilizado na Europa por meio do qual o indivíduo não tinha possibilidade de mobilidade social) para a classe social, dando a impressão de livre locomoção (BAUMAN, 2001).

Essa “livre locomoção” é vista por Bauman apenas como uma “impressão” exatamente porque durante a fase da modernidade sólida, por mais que se pregasse uma liberdade individual, o que se teve, na prática de vida, foi uma nova e rígida ordem (autoproclamada como melhor, mais duradoura e mais satisfatória). O derretimento dos velhos sólidos “medievais” – ancorados nas tradições e impedimentos da Igreja – era visto, em termos gerais (e não sem resistências), como algo atraente. Por outro lado, o projeto idealizado através de tal derretimento não possibilitou o surgimento de outras opções, isto é, de outras formas e tipos diferentes de sociedade – que não fosse a das classes sociais (BAUMAN, 2001, p. 11) e a do sistema econômico liberal. Utilizando-se de ideias de Claus Offe, Bauman explica dizendo que

Por mais livres e voláteis que sejam os “subsistemas” dessa ordem, isoladamente ou em conjunto, o modo como são entretecidos é “rígido, fatal e desprovido de qualquer liberdade de escolha”. A ordem das coisas como um todo não está aberta a opções; está longe de ser claro quais poderiam ser essas opções, e ainda menos claro como uma opção ostensivamente viável poderia ser real no caso pouco provável de a vida social ser capaz de concebê-la e gestá-la. Entre a ordem como um todo e cada uma das agências, veículos e estratégias da ação proposital há uma clivagem – uma brecha que se amplia perpetuamente, sem ponte à vista. (BAUMAN, 2001, p. 11)

Assim, nessa “primeira” fase de derretimento (passagem da época pré-moderna para a modernidade sólida), o projeto iluminista e o fim da legitimidade governamental da Igreja deram, respectivamente, a obcessão pela ordem e a responsabilidade legisladora para o Estado – outro sólido que, sendo formado, seria,

em certo sentido, o substituto legal da Igreja. A busca incessante pela ordem se deu, principalmente, pelo contexto de “novas descobertas” amparadas pela Razão que, agora, era proclamada como verdade e como modelo/padrão de vida não vinculado às imposições da Igreja. Isso fez com que a ciência moderna objetivasse a descoberta de “leis da natureza”, leis essas que fornecessem (como a Razão exigia ser) a condição do “[...] regular, estável, monótono e previsível; um mundo em que a probabilidade dos acontecimentos não esteja submetida ao acaso” (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 16). “Esclarecimento!”, era o que pregavam os iluministas. O direito do povo a ele, porém, não era o objetivo (BAUMAN, 2010b, p. 115). Na verdade, na prática, o Iluminismo proporcionou a extensão dos poderes e das ambições do Estado, além de outorgar a transferência da responsabilidade da função pastoral (anteriormente exercida pela Igreja) para ele (BAUMAN, 2010b, p. 116). Isso fez com que houvesse uma “[...] reorganização do Estado em torno da função de planejar, projetar e administrar a reprodução da ordem social” (BAUMAN, 2010b, p. 116).

Houve, então, o que Bauman (1999b) definiu como sentimento de horror à desordem e ao caos. Paradoxalmente, contudo, o que a Modernidade produziu foi o caos e a desordem – designados por Bauman (1999b) como “ambivalência”. O grande problema desse horror, segundo Bauman (1999b), é que ele foi direcionado às desordens e aos caos da sociedade humana (produzidos, muitas vezes, pela própria Modernidade). Percebe-se, aí, que o controle, isto é, a imposição e a coação contra a liberdade individual, foi retirado “das mãos” da Igreja (lembramos que, quando essa retirada ocorreu, o discurso era exatamente o da libertação das algemas e amarras que impediam o movimento) apenas para ser realocada “nas mãos” do Estado (BAUMAN, 2010b).

A própria tentativa de ordenar a vida humana talvez fosse, em si, um projeto incoerente (pois a vida humana e a sociedade humana são complexas e não ordenáveis – pelo menos não no sentido que o Estado desejava). Os “projetistas” da modernidade sólida, porém, não tinham essa consciência. Com o correr da história, esse projeto chegou ao extremo com ações estatais trágicas por conta do horror ao diferente, ao não previsível, ao não regular. Metaforicamente, Bauman nomeia tais ações de “práticas do Estado jardineiro” (BAUMAN, 2010b), em que há o cultivo de

plantas “regulares” e a eliminação das “ervas daninhas” e das “não-plantas” do jardim (BAUMAN, 2010b). Como exemplos têm-se o holocausto, Auschwitz, Gulag, Hiroshima etc. (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 27).

No contexto intelectual dessas atuações do Estado jardineiro, o autor também analisa o discurso da individualização como sendo um importante ponto na compreensão da modernidade sólida. Citando a abordagem do sociólogo alemão Norbert Elias sobre os problemas (que são estudados pela Sociologia desde seu início) da relação da pluralidade de pessoas com a pessoa singular (a qual chama-se “indivíduo”),<sup>14</sup> Bauman faz uma avaliação do discurso da individualidade. Há, nessa avaliação, algumas considerações sobre a perspectiva de Elias. Isso ocorre, no entanto, não para reafirmar a teoria do alemão, mas para mostrar que outros sociólogos já haviam percebido o problema da individualização e seu “desequilíbrio” na Modernidade.

Elias critica veementemente a visão que concebe os seres humanos como objetos, isto é, como separados dos outros seres humanos, quando vistos em uma pluralidade. Para o autor,

[...] ao pensarmos na sociedade contemporânea, é difícil fugir ao sentimento de estarmos a encarar seres humanos como se fossem meros objectos, separados de nós por um fosso intransponível. Este sentido de separação é expresso, reproduzido e reforçado por conceitos e idiomas correntes que fazem com que este actual tipo de experiência surja como evidente e incontestável. Falamos do indivíduo e do seu meio, da criança e da família, do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objecto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte do seu ambiente, da sua família, da sua sociedade. [...] A sociedade que é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre os outros. (ELIAS, 2008, p. 13)

Esses argumentos nos parecem hoje corriqueiros. Porém, a insistência do autor na época em que este texto fora escrito se dá porque rompe com uma certa tradição sociológica.<sup>15</sup> O que Elias estava apontando era a característica de interdependência que seria, segundo ele, intrínseca à espécie humana como estatuto ontológico. Essa interdependência é simbolizada, na conjectura feita por Elias, por um “[...] equilíbrio de poder mais ou menos instável” (2008, p. 15) e ela é quem compõe o caráter específico do que conhecemos por sociedade (humana).

<sup>14</sup> Essa abordagem pode ser encontrada especialmente em Elias (2008; 1994).

<sup>15</sup> O texto original data de 1970.

Com essa argumentação, Elias desenvolve uma linha de trabalho em que ele e outros sociólogos baseiam suas pesquisas e ensaios. Quando Bauman (2001, p. 39-40) discorre sobre a individualização e sobre a possibilidade de emancipação/liberdade na sociedade moderna, ele cita essa linha. O autor, porém (BAUMAN, 2001, p. 40), utiliza-se de uma interpretação feita dessas ideias, a partir de dois trabalhos de Ulrich Beck os quais “historicizam”, segundo o polonês (BAUMAN, 2001, p. 40), a “Sociedade dos indivíduos” de Elias no contexto atual. De acordo com essa interpretação “historicizada”, mesmo com o reconhecimento da interdependência entre indivíduo e sociedade, a Modernidade faz questão de apresentar seus membros apenas como indivíduos (BAUMAN, 2001, p. 40).

Nesse ponto, os ideais do Estado moderno e da moderna economia liberal “casam-se” perfeitamente para regerem as ações políticas, pois o primeiro se certificaria da segurança e do governo públicos, enquanto a segunda daria, enfim, a liberdade individual para os negócios econômicos (empreendedorismo, projetos de vida, objetivos de produção, etc.). Na modernidade sólida, a individualização ocorre, segundo Bauman (2001, p. 41), de modo mais “idealizado” do que “real”, já que a esfera econômica produziu “[...] a divisão em classes (ou em gêneros)” (BAUMAN, 2001, p. 41), sendo tal divisão “[...] um resultado secundário do acesso desigual aos recursos necessários para tornar a auto-afirmação [a individualidade] eficaz” (BAUMAN, 2001, p. 41). Desse modo, o que se almejava, além da ordem, era que o Estado e a economia fossem reconhecidos institucionalmente como os novos sólidos (agora bons e duradouros) criados pela modernidade sólida.

#### *2.1.1.2 A tarefa de derretimento na modernidade líquida*

Para entendermos como o processo de derretimento se deu continuamente na Modernidade, é preciso fazer algumas “perguntas históricas”: sendo o “ato de derretimento” do que era velho e enferrujado o objetivo final do projeto chamado “Modernidade”, depois de concluídas as tarefas de quebrar os grilhões e algemas

(velhos e enferrujados sólidos) e de construir um sistema que daria, enfim, a “liberdade” individual (para alguns), o que iria acontecer com o impulso modernizante, isto é, com o processo de derretimento? A tarefa estaria, finalmente, completa e seria encerrada? As respostas a essas questões foram os elementos chaves para o início da modernidade líquida. Para nós, agora, fica claro que tais tarefas não se encerraram após seu sucesso autoproclamado, mas sim buscaram novos “alvos” e novas “metas” para derreterem e quebrarem (BAUMAN, 2001).

Em termos processuais, por causa das ambivalências produzidas pelo impulso da ordem, foi-se deixando de confiar nos sólidos ditos “bons e duradouros” (BAUMAN, 1999b). Após as citadas tragédias produzidas pelo Estado jardineiro (holocausto, guerras, etc.), os maiores medos das mulheres e dos homens modernos começaram a se relacionar às ações desses sólidos. As ansiedades e os terrores (as antiutopias) que começaram a sondar a sociedade, após o holocausto e após outros “absurdos” do Estado jardineiro, eram de que houvesse um desequilíbrio na interdependência entre indivíduo e sociedade, havendo um sobrepeso do lado da sociedade, isto é, do Estado e de sua política de eliminação.

O receio de que os “absurdos” do Estado jardineiro pudessem se repetir foi o princípio dessas ansiedades e o debate em torno de tais questões fazia parte, na época, da esfera pública e da vida Política. Como estratégia para superar esse “trauma”, surgiram novos discursos em favor da liberdade e da individualização. O que diferencia tais discursos dos antecedentes libertários é que, agora, a individualização total – tratada por Bauman (2000a, p. 38-55) como estratégia “puramente autônoma”, em contrapartida das estratégias anteriores, a puramente heterônima e a heteroautônoma – era condição *sine qua non* para a liberdade; esse processo deveria ser direito de todos; e ele deveria significar a desconfiança para com o Estado e para com outras possíveis agências que poderiam vir a tomar a liberdade do ego (BAUMAN, 2000a).

Assim, com o passar do tempo, segundo Bauman (2001), o que aconteceu foi um “redirecionamento” dos alvos de derretimento. Ainda se utilizando da metáfora da liquefação, Bauman diz que

[...] a tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha



ordem defeituosa não está hoje na agenda — pelo menos não na agenda daquele domínio em que se supõe que a ação política resida. O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo [...]. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas — os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAN, 2001, p. 12)

Ambivalentemente, o processo de derretimento das ligações entre indivíduo e sociedade vai não em direção a um “reequilíbrio” da interdependência, mas sim a um “novo” desequilíbrio, em favor, agora, do lado oposto. Com isso, os problemas públicos e a **Política** (com “P” maiúsculo) são descasados da ação individual (BAUMAN, 2001).

Se os sólidos que estão sendo derretidos atualmente, no momento da modernidade líquida, são tais elos, como fica o aspecto específico do que chamamos sociedade humana (a interdependência entre a pluralidade de pessoas e a pessoa singular)? Não podemos mais, portanto, considerar o lugar em que vivemos como sociedade? Como fica a crítica de Elias à visão que enxerga os indivíduos separados de seu meio se há, na agenda discursiva da modernidade líquida, uma clivagem entre as ações individuais e as ações coletivas, parecendo uma “brecha sem ponte à vista”?

A chave para responder a tais questões é a percepção de que o derretimento desses “novos alvos” se faz, exatamente, em nível discursivo. Ao avaliar essas questões desse modo, Bauman (2001) verifica que a interdependência citada existe a despeito da condição moderno-líquida em que vivemos. A crítica feita pelo autor é que, com esse redirecionamento, o “equilíbrio instável” entre indivíduo e sociedade tende a se polarizar, cada vez mais, para o lado do primeiro, o que traz consequências graves (BAUMAN, 2001).

O autor afirma que os poderes de derretimento da Modernidade “[...] passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social” (BAUMAN, 2001, p. 14). Assim, Bauman afirma que “[...] a nossa é, como resultado, uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos” (2001, p. 14).

Com isso, Bauman chega, posteriormente, não a respostas que descrevessem a desintegração da interdependência, mas a uma percepção de que o processo de individualização causou mudanças sem precedentes em seus padrões e em suas formas. Há, agora, uma maleabilidade, uma fluidez nos padrões de interdependência e a tendência, segundo ele, não é mais o tornar a solidificar esses padrões, mas sim o permanecer desses em seu estado líquido (BAUMAN, 2001). Sobre isso, Bauman asserta:

[...] [os padrões de dependência] não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável. (BAUMAN, 2001, p. 14)

Bauman (2001) chama essa “tendência” de desregulamentação e de privatização das tarefas e dos deveres modernizantes:

O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. (BAUMAN, 2001, p. 38)

A partir disso, as responsabilidades das ações realizadas passaram a não mais pesar sobre a comunidade, mas sobre o indivíduo. Com o advento da modernidade líquida, ocorreu, cada vez mais, a “invasão” da esfera pública pela esfera privada (BAUMAN, 2001, p. 62). A “consequência individual” desse processo é a perda da identidade enquanto algo dado e o ganho de uma nova tarefa: cada um tem de “ser responsável” por tornar-se uma identidade (BAUMAN, 2001, p. 40-41).

Nesse ponto, a maior crítica feita pelo autor é que o tornar-se a própria identidade individual e o ser responsável pelos(as) sucesso/insucesso/consequências de tal tarefa, ocorre, muitas vezes, no espaço público apenas como busca de satisfações particulares, o que, para Bauman (2001), é um obstáculo à condição crítico-emancipatória que tanto se buscou em dado momento da Modernidade (Escola de Frankfurt). A citada busca acaba por inviabilizar a tradução de “[...] problemas privados em questões públicas [...]” (BAUMAN, 2001, p. 62), além de (o que é ainda mais grave) “cegar” os indivíduos para os problemas públicos e Políticos (BAUMAN, 2001).

Essa crítica ganha inclusive mais força quando o sociólogo se refere às esferas

institucionais que, mesmo com a liquefação discutida, continuam a fazer parte dos problemas públicos sem, porém, precisarem, agora, de se preocupar com “reclamações” e “reivindicações” dos (já em processo de extinção) cidadãos. Segundo a imagem da individualização desenvolvida pelo autor (BAUMAN, 2001), essa despreocupação fica cada vez mais facilitada, dado o caráter cíclico e fechado da privatização das reais questões Políticas.

As esferas institucionais as quais nos referimos são, principalmente, aquelas ligadas à economia. Referida por Marx (em um passado “distante”) como infraestrutura, que ficaria apenas no auxílio da operação suave e contínua da base (superestrutura), a economia aparece, agora, como a nova superestrutura, com uma rigidez quase fatal (BAUMAN, 2001). E mais: ela, com suas campanhas de conscientização (individual: cada um tem que fazer a sua parte), coloca a responsabilidade dos problemas coletivos sobre os ombros dos indivíduos (BAUMAN, 2001).

Já o outro lado da “moeda institucional” (o Estado/poder público), precisa, segundo Bauman (2001, p. 62), reconquistar sua confiança:

O poder político perdeu muito de sua terrível e ameaçadora potência opressiva – mas também perdeu boa parte de sua potência capacitadora. A guerra pela emancipação não acabou. Mas, para progredir, deve agora ressuscitar o que na maior parte de sua história lutou por destruir e afastar do caminho. *A verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da “esfera pública” e do “poder público”.* Agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado – ainda que, paradoxalmente, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual. (BAUMAN, 2001, p. 62, grifos do autor)

Dessa forma, ele não apenas faz considerações sobre os problemas da fase atual da Modernidade, mas também aponta os obstáculos específicos que devem ser superados para que a liberdade, de fato, venha a fazer parte do modo de vida moderno.

O interessante da citada “consequência individual” é que ela ecoa em vários aspectos da vida em sociedade. Como traço de continuidade da Modernidade, a tarefa de derretimento se ligou a mudanças processuais no interior da vida cotidiana, em especial, em relação às normas de conduta e aos padrões de interdependência. Vejamos, agora, como tais mudanças são descritas pelo autor enquanto processo de descontinuidade.

### **2.1.2 Da ética do trabalho à estética do consumo**

Os dois elementos aos quais faremos referência enquanto traços não contínuos ou cambiantes da Modernidade estão fortemente relacionados ao desenvolvimento de meios técnicos cada vez mais sofisticados que vieram a separar, gradualmente, o que era considerado, de modo fatal, como unido. Tradicionalmente, tanto em termos científicos quanto em termos do senso comum, tempo e espaço foram tidos como entidades diferentes, porém, interligadas. Para Bauman, por causa de duas invenções típicas da Era Moderna, as narrativas sobre o tempo começaram a ser modificadas, passando-se, assim, de um estado da “pré-história” do tempo para a história do tempo (BAUMAN, 2001, p. 128). Essas invenções (o motor a vapor e o motor a explosão) fizeram com que o tempo vencesse, progressivamente, a resistência do espaço (BAUMAN, 2001, p. 130).

Na era do capitalismo pesado ainda eram necessários apenas a força e os músculos humanos para se mover (BAUMAN, 2001, p. 128). Com isso, o tempo era congelado e rotinizado, imobilizando o capital. Mas o que isso significa? Na modernidade sólida, segundo o autor (BAUMAN, 2001, p. 135), a não capacidade de o tempo vencer o espaço “prendia o trabalho ao solo” e o “dono” da força de trabalho também era preso para vigiar e controlar a produção do capital (o exemplo sintomático disso é a construção panóptica de Bentham/Foucault).

Assim, a conquista do espaço era, nessa época, o objetivo principal dos “empreendedores” – e, quanto mais rápido se realizasse, melhor. É importante notar que esse “mais rápido” significava sempre “algum tempo”, e nunca o zero absoluto (ou praticamente absoluto). Por exemplo, “[...] dar a volta ao mundo em 80 dias era um sonho atraente, mas ser capaz de fazê-lo em oito dias era infinitamente mais atraente” (BAUMAN, 2001, p. 134). A rapidez, no entanto, não era mais desejada após o alcance do objetivo. Conquistados os espaços, o seu controle total era a próxima etapa a se cumprir. E como meios mais eficazes surgem a rotinização, a

rigidez e a uniformidade do tempo (BAUMAN, 2001, p. 134).

Desse modo, o capital era irremediavelmente “casado” com o trabalho – e mesmo sendo um casamento de conveniência, era do tipo “para sempre” (BAUMAN, 2001, p. 134). Bauman destaca, nessa conjuntura, o caráter corporificado do trabalho (BAUMAN, 2001, p. 140). Logo, o capital também era preso não apenas ao trabalho, mas também aos corpos dos trabalhadores:

[...] trabalho que não podia ser movido sem mover os corpos dos trabalhadores. Só se podia alugar e empregar trabalho humano junto com o resto dos corpos dos trabalhadores, e a inércia dos corpos alugados punha limites à liberdade dos empregadores. (BAUMAN, 2001, p. 140)

Nessa época, como o próprio autor comenta, a união entre trabalho e capital (mesmo cheia de “som e fúria” de ambos os lados) era estável, sendo que os “parceiros” eram dependentes um do outro e não almejavam a separação (BAUMAN, 2001, p. 134-135). É notório entendermos que, em termos dos objetivos da vida individual e dos caminhos vividos, o valor ético mais elevado na vida social dessa época era o valor do trabalho.

Enquanto, por um lado, se “pregava” o derretimento dos velhos sólidos, por outro a base valorativa da vida cotidiana estava estreitamente relacionada com a esfera econômica. Essa base, segundo Bauman (2000c), se exprimia no *ethos* do trabalho graças ao citado “casamento”.

Para o autor, “ética do trabalho”, “[...] em poucas palavras, é uma norma de vida com duas premissas explícitas e duas suposições tácitas” (BAUMAN, 2000c, p. 17, tradução nossa). A primeira premissa normatiza explicitamente que para o querer – ou, para o querer mais – é necessário o agir e o fazer. Esses dois verbos apresentam o sentido de algo que as outras pessoas consideram como digno de pagamento (BAUMAN, 2000c, p. 17). A segunda premissa explícita que Bauman identifica é a indisposição geral em relação ao conformismo com o que se tem (BAUMAN, 2000c, p. 17). Isso significa que o exercício do trabalho não deve esmorecer após o sucesso em adquirir algo. A conquista de um objetivo através do esforço do trabalho deve, pelo contrário, motivar a continuação do trabalho (BAUMAN, 2000c). Para o autor, a partir dessa identificação é possível interpretar o *ethos* do trabalho, no início da modernidade, como

[...] um valor em si mesmo, uma atividade nobre e hierarquizadora. E a normatização continua: deve-se seguir trabalhando, ainda que não se veja o que todavia não se possui (o que só o trabalho poderá oferecer) e ainda que esta coisa não seja necessária para nada. Trabalhar é bom; não trabalhar é [moralmente] ruim. (BAUMAN, 2000c, p. 17, tradução nossa)

Já a primeira suposição tácita que Bauman cita é a qualidade ou a capacidade que a maioria dos seres humanos tem de oferecer trabalho em troca de algo que se mereça (BAUMAN, 2000c, p. 17). Todas as coisas materiais que se possui são recompensas pelo trabalho feito e pela disponibilidade das pessoas de continuar trabalhando. Desse modo, o trabalho “[...] é considerado o estado normal dos seres humanos; não trabalhar, [por sua vez], é anormal” (BAUMAN, 2000c, p. 18). A segunda suposição tácita de Bauman é a ideia de que só a atividade de trabalho reconhecida pelos demais (isto é, quando há alguém disposto a pagar pelo e a comprar trabalho) tem o valor moral consagrado pela ética do trabalho (BAUMAN, 2000c, p. 18).

Durante o tempo da ética do trabalho enquanto valor maior, os fins a serem atingidos pelos indivíduos eram bem definidos. “Tornar-se amigo do tempo” era considerada uma boa coisa, pois os objetivos só seriam alcançados a longo prazo. A espera não era de todo ruim; na verdade, havia uma certa valorização, segundo Bauman (2001), na atividade da espera (que pressupunha o trabalho).

Contudo, o que ele destaca é a gradual mudança ocorrida na “alma” desse valor (BAUMAN, 2001). Com os meios técnicos tendo como auge a possibilidade de se percorrer um determinado espaço (longo ou curto) em “tempo nenhum” (a invenção, na época, é a transmissão eletrônica de dados), surge o que o autor denomina “capitalismo leve”.<sup>16</sup> O espaço, aí, adquire irrelevância em relação ao tempo (BAUMAN, 2001, p. 136). Há, a partir de então, uma destituição de valor do espaço, já que “[...] tempo nenhum precisa ser perdido ou superado – ‘sacrificado’ – para chegar mesmo aos lugares mais remotos” (BAUMAN, 2001, p. 136). Nesse contexto, as relações econômicas acabaram por sofrer mudanças importantes: o trabalho foi descorporificado, fazendo com que um dos parceiros saísse da gaiola – o que confere à mudança o caráter unilateral (BAUMAN, 2001, p. 141). A essa altura já se deve imaginar qual foi o “parceiro fugitivo” – o capital.

<sup>16</sup> A TV (e outros meios de comunicação eletrônicos) entra como um ator importante nessa gênese do capitalismo leve. Para uma maior explanação acerca dessa atuação, cf. as seções 4.1.1 e 4.2.

O trabalho “sem corpo” na era da modernidade líquida não mais amarra o capital, mas permite que esse seja “extraterritorial, volátil e inconstante” (2001, p. 141). Isso provoca uma consequência sem precedentes na lógica trabalhista industrial da era sólido-moderna: a obsessão pela conquista do espaço de trabalho é diminuída e o empregador, agora, conta com máquinas (e outros recursos) que permitem “enxugar” e reduzir o tamanho do espaço de trabalho (BAUMAN, 2001, p. 142). Como “benefício”, a exacerbada preocupação com o controle e rotinização do trabalhador é diminuída. Na modernidade líquida, “[...] mandam os mais escapadiços, os que são livres para se moverem de modo imperceptível” (BAUMAN, 2001, p. 140). No entanto, alerta Bauman (2001, p. 142), isso não significa que “o maior” deixou de ser “o melhor”. A tendência à redução de tamanho é apenas um complemento inseparável da mania das fusões – que objetiva a maior e a máxima amplitude possível, ou seja, o global (BAUMAN, 2001, p. 142).

Segundo o polonês (BAUMAN, 2001, p. 182), essa alteração também abrangeu a noção de “virtude moral” vinculada ao trabalho. Com o passar do tempo, o trabalho descorporificado começou a se sentir “à vontade” para não mais esperar um longo prazo para a realização dos objetivos (BAUMAN, 2001), pois essa nova época é a da “vitória” do tempo sobre o espaço (e também sobre ele mesmo), isto é, essa é a “era da instantaneidade”. Desse modo, ao invés do ético, a “virtude” que se passa a privilegiar é a estética, sendo seus novos “estandartes” os lemas: “não mais o prazer por esperar”; “não mais o prazer pelo adiamento da satisfação”; ao invés disso, “sim” para a experimentação da satisfação” (por mais que esta ocorra de forma rápida – o que, de fato, acontece). Nesse sentido, Bauman (2001, p. 144) argumenta que o valor estético que melhor se enquadra à instantaneidade é o que tenha imbricado em seu interior uma “[...] declaração de despreocupação com a eterna duração em favor do *carpe diem*”. E continua o autor:

A indiferença em relação à duração transforma a imortalidade de uma ideia numa experiência e faz dela um objeto de consumo imediato: é o modo como se vive o momento que faz desse momento uma “experiência imortal”. (BAUMAN, 2001, p. 144)

Nesse contexto, e em conjunto com as consequências das tarefas de derretimento (descritas nos tópicos anteriores), se colapsa, gradual e rapidamente, a “[...] crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *te/los* alcançável da mudança

histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã” (BAUMAN, 2001, p. 37). Enquanto a ética do trabalho era hegemônica, sabíamos muito bem para onde estávamos indo (BAUMAN, 2001). Mesmo na modernidade sólida, era comum o “correr atrás” e o “nunca parar”; a busca insaciável por algo que nunca se viria a alcançar, pois esse alvo sempre se movia mais rápido do que a capacidade para alcançá-lo (BAUMAN, 2001, p. 37). No entanto, a dúvida, na época da modernidade sólida, era saber com que meios conseguiríamos chegar a este fim, ou como faríamos para alcançá-lo, pois se sabia que eles deveriam ser alcançados e que isso seria uma tarefa “a longo prazo”. Agora, na fase fluida da modernidade, a virtude do trabalho é substituída pela estética do consumo, a qual faz com que cada vez mais conheçamos os meios e as tecnologias necessários para “correr”; o que se perdeu, entretanto, foi “o que alcançar” no fim – já que no dia a dia alcançam-se desejos instantâneos (BAUMAN, 2001, p. 137).

Os traços básicos da ética do trabalho (citados no início desta seção) são, na esfera do capital livre, substituídos pelo desejo crescente do consumo, sendo o trabalho e sua “pureza” romântica relegados a segundo plano, isto é, “[...] ao papel puramente subordinado e instrumental de revolver a terra, uma atividade que deriva todo seu valor daquilo para que prepara o terreno” (BAUMAN, 2001, p. 181), ou seja, para o consumo.

Esse papel do trabalho, juntamente com a “perda dos fins a que alcançar”, traz, conforme diz o autor, incertezas. As incertezas que a estética do consumo produz, no entanto, são sufocadas (ou há a tentativa de sufocá-las) com a própria atividade de consumo (BAUMAN, 2001, p. 189). A crítica de Bauman, aí, reside no fato de que o consumo é apenas um meio para esconder, momentaneamente, a incerteza, nunca chegando a “saciar a sede de segurança e certeza” (BAUMAN, 2001, p. 189). Isso ocorre, em grande medida, em conjunto com o derretimento dos laços humanos (ver seção 2.1.1.2), pois, pela estética do consumo,

[...] laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo (BAUMAN, 2001, p. 187).

Com isso, no caso do consumo, “[...] a cooperação não só é desnecessária como é inteiramente supérflua” (BAUMAN, 2001, p. 189). O autor identifica, então, algumas



consequências da relação entre a falta de segurança e a ação Política em conjunto, especialmente no que diz respeito ao conceito de “comunidade”. Vejamos, em suma, quais problemas ele aponta.

### **2.1.3 Da oportunidade de formação de uma “verdadeira” comunidade humana à tendência ao globalismo apenas como virtual**

Para Bauman (2001, p. 71), o capitalismo, em seu estágio pesado, pôs sua confiança na racionalidade instrumental – no sentido atribuído por Weber. Mas este último também falou de uma orientação “racional” referente a valores, isto é, àqueles valores os quais o capitalismo tentou degradar (principalmente os relacionados à emoção e à religião). Mesmo assim, ainda havia (e parece que sempre haverá) ações que eram orientadas por aquele primeiro tipo de razão. As pessoas que assim procediam procuravam “[...] os valores enquanto tais e independente de perspectiva de sucesso exterior” (BAUMAN, 2001, p. 71). O que acontece na fase do capitalismo leve é que “A Referência” que essas pessoas tinham não existe mais. Ela foi substituída por outro tipo de modelo: o modelo múltiplo, isto é, agora a ação que será orientada em relação a valores não tem “O” exemplo, mas infinitas possibilidades e inúmeras referências. Na esfera pública, isso pode ser visto da seguinte maneira: hoje, não mais se têm líderes, mas sim conselheiros; diversos, inúmeros e incontáveis conselheiros (BAUMAN, 2001, p. 76-77).

Esses conselheiros agem como exemplos e não como autoridades. Além disso, alerta Bauman, os conselhos que dão, enquanto teorias, são atraentes, mas quando testados na prática, quase nunca funcionam e, mesmo quando funcionam, diante de possibilidades inúmeras, não se permanece muito tempo com apenas um conselho, o que leva as pessoas a um vício: o de sempre procurar novas orientações, novos exemplos e novos conselhos (BAUMAN, 2001, p. 85). Assim, a corrida em busca de “o que fazer” se torna uma maratona sem fim. Segundo o autor (BAUMAN, 2001, p. 88), o arquétipo ideal dessa corrida é a atividade de comprar. Isso mexe com uma

condição essencial: não mais comprar por necessidade, mas por desejo – na modernidade líquida, se incita a ter desejo, isto é, o desejo de desejar (BAUMAN, 2001, p. 88).

Ao “ir às compras”, na atual sociedade de consumo, os indivíduos se deparam com a citada grandeza de possibilidades. Com isso, para comprar é necessário ter não apenas poder aquisitivo, mas competência. Essa habilidade traz uma sensação de liberdade que é perseguida por muitos. Entretanto, tal sensação, diz Bauman, pode ser uma “bênção mista” (ou uma maldição disfarçada de bênção), pois com ela aparecem também temores novos: “a incerteza e a insegurança” (BAUMAN, 2001, p. 103). Já que muitos dos exemplos e conselhos que são seguidos não são eficientes na prática, a incerteza do sucesso é cada vez mais atemorizante e o risco do agir é cada vez maior.

Essas análises de Bauman são bastante interessantes e inovadoras na medida em que abordam tanto um nível macro como um nível micro da sociedade. No caso da incerteza e da insegurança, o autor coloca que, em termos particulares, há incerteza por causa de processos gerais, os quais acabam por vir de incertezas particulares. Para ele:

A dúvida se torna um círculo vicioso. Com a arte de negociar interesses comuns e destinos compartilhados caída em desuso [...] e com a ideia de “bem comum” [...] sendo marcada com as marcas da suspeita, da ameaça, da nebulosidade e da tolice, a busca por segurança em uma identidade comum – ao invés de em um acordo de interesses comuns – emerge como a mais sensata, efetiva e produtiva maneira de proceder; porém, as preocupações com a identidade e suas defesas contra a poluição fazem da ideia de interesses comuns [...] a mais incrível de todas e também a mais fantástica, sendo a habilidade e a vontade para persegui-las as características menos prováveis de aparecerem. (BAUMAN, 2000b, p. 106, tradução nossa)

O interessante dessa citação é que, para o autor, “identidade comum” é diferente de “interesses comuns”, “destinos compartilhados” e “bens comuns”, pois tais interesses, destinos e bens podem estar relacionados a pessoas com identidades das mais variadas. Assim, o que ocorre atualmente é esse ciclo onde o diálogo para se debater esses interesses, destinos e bens fica “de fora”, ou, se se prefere, não é uma opção.

Em meio ao medo da incerteza, a estratégia de vida que aparece, então, como a

mais sensata, efetiva e produtiva é a busca por segurança em uma identidade comum. Porém, essa “identidade comum” não necessariamente leva à formação de uma comunidade em sentido pleno (BAUMAN, 2001). Tradicionalmente, pelo menos nos Estados Unidos, essa “identidade comum postulada” tem sido traduzida por etnicidade (BAUMAN, 2001, p. 125). No caso dos americanos, apenas ter a etnicidade em comum nunca foi garantia de se formarem verdadeiras comunidades, mas, para o autor, tem sido um intensificado impulso à uniformidade, já que o “conviver com estranhos” surge como um perigo (BAUMAN, 2001, p. 124).

Isso é, conforme Bauman (2001, p. 195), um paradoxo do comunitarismo no bojo da modernidade líquida. Comunitarismo, para ele, não revela a ideia de uma comunidade real (que se preocupa com a **Política**), mas sim de uma “roupagem” leve – o mais leve possível – que deve ser vestida por pessoas que “se identificam” umas com as outras em ocasiões públicas para ser tirada imediatamente quando da volta à privacidade do indivíduo (BAUMAN, 2001).

Formam-se, desse modo, as “comunidades de guarda-casacos” sob a égide do espetáculo (BAUMAN, 2001, p. 228-229). Essas comunidades são assim descritas porque há sempre um espetáculo para se ver que desperta o interesse comum; no entanto, ao se encontrarem para assistir o espetáculo, os indivíduos “guardam” as suas individualidades (os seus casacos) em locais apropriados (no caso dos teatros e museus, um lugar chamado “guarda-casacos”, no caso das vidas vividas individualmente, as casas de cada um) para se “unirem” no ato de assistir ao *show*. Após seu término, porém, essa união (não **Política**) é desfeita e cada um volta ao espaço privado (cada um recupera seu casaco, na saída do teatro) (BAUMAN, 2001, p. 227-230).

O grande problema dessas comunidades, de acordo com o autor, é que elas fazem os indivíduos se sentirem “livres de culpa” por não se preocuparem com os problemas da “sociedade maior” (BAUMAN, 2001, p. 243). Elas são, ao invés disso, “[...] pequenos grupos para o seu próprio desfrute” (BAUMAN, 2001, p. 243).

Para Bauman (2001, p. 229-230),

A cada dia, as manchetes de primeira página da imprensa e dos cinco primeiros minutos da TV acenam com novas bandeiras sob as quais reunir-

se e marchar ombro (virtual) a ombro (virtual). Oferecem um “objetivo comum” (virtual) em torno do qual comunidades virtuais podem se entrelaçar, alternadamente atraídas e repelidas pelas sensações sincronizadas de pânico [...] e êxtase. Um efeito das *cloakroom communities*<sup>17</sup> [...] é que elas eficazmente impedem a condensação de comunidades “genuínas” (isto é, compreensivas e duradouras), que imitam e prometem replicar ou fazer surgir do nada. Espalham em vez de condensar a energia dos impulsos de sociabilidade, e assim contribuem para a perpetuação da solidão que busca desesperadamente redenção nas raras e intermitentes realizações coletivas orquestradas e harmoniosas.

Com essa crítica um tanto forte, ele conclui o último ensaio de seu livro “Modernidade Líquida” (que ainda conta com um pequeno posfácio). No entanto, pelo menos para nós que refletimos sobre a ideia olímpica e sobre o olimpismo, o que ele realiza é um começo. Incita-nos a iniciar uma reflexão sobre o que vem sendo chamado de “comunidade olímpica” e como ela envolve complexas oscilações, mesmo tendo o objetivo de reunir os povos e celebrar a humanidade. A questão que fica é, se Bauman tem razão sobre tais comunidades, como analisar, hoje, a comunidade olímpica no contexto da modernidade líquida? Não pretendemos encerrar tal questão, mas tentaremos discuti-la em alguma medida, visto que perpassa diretamente por nosso objeto – o discurso televisivo sobre os valores olímpicos e sobre os valores esportivos.

#### 2.1.4 Críticas a Bauman e soluções propostas às suas análises

Antes dessa discussão, contudo, cabe, aqui, alguns comentários sobre a forma como Bauman analisa o contexto social atual. Em primeiro lugar, concordamos com Almeida, Gomes e Bracht (2009, p. 17) quando dizem que

É importante relativizar o caráter absoluto que, às vezes, a escrita de Bauman parece denotar. Por exemplo, as metáforas da ordem, da solidez, da liquidez devem ser realmente tomadas como metáforas, ao invés de serem vistas como aquilo que efetivamente aconteceu ou acontece na prática. Essa postura previne mal-entendidos.

Abordando as problemáticas de nosso trabalho com essa postura, acreditamos

<sup>17</sup> Termo em inglês que o autor usa para se referir às comunidades de guarda-casaco.

evitar algumas generalizações e/ou relações meramente casuísticas (posicionamento criticado pelo próprio Bauman) entre o contexto social e os JO. O contexto social é complexo e demanda análises que considerem tensões e oscilações (por mais que consigamos ver alguma preponderância) na dinâmica social.

Em segundo lugar, é relevante citar que alguns críticos do sociólogo polonês costumam atribuir certo grau de “pessimismo” ao desenvolvimento de suas análises, afirmando que Bauman não supera as críticas que faz ou, se supera, o faz muito sutilmente. De fato, ao ler seu trabalho “Modernidade Líquida”, finalizando os cinco ensaios que o compõem, não se encontra “sugestões” para dar base a políticas que sejam alternativas às que ele critica. No entanto, o autor escreve um posfácio, separadamente desses ensaios, onde esboça algumas ideias que seguem nesse sentido. Em outros escritos, ele também fala algo sobre este desafio que é a mudança. Discorrendo sobre o “rótulo” de pessimista, diz:

Sou constantemente pressionado a tomar partido por um determinado lado – a me declarar pessimista ou otimista. Até agora falhei nessa obrigação. De alguma forma, não posso me acomodar nesse modo binário de oposição. Em minha opinião, os otimistas acreditam que esse mundo do aqui e agora é o melhor possível, enquanto os pessimistas suspeitam que os otimistas possam estar certos. Mas eu acredito (e não vejo uma razão válida para rever essa crença) que é possível um mundo diferente e de alguma forma melhor do que o que temos agora. Então, talvez eu pertença à terceira categoria, que se mantém fora da *querelle de famille* – a categoria dos “homens com esperança”. Em *A arte da vida*, sugiro que aquilo que usualmente classificamos como destino ou sorte (circunstâncias externas que não podemos prever ou controlar) nos dá as opções entre as quais os seres humanos podem/devem escolher. Mas é o caráter humano que guia essa escolha (como Karl Marx insistia, os homens constroem suas histórias de acordo com suas condições e não com suas escolhas). O que chamamos de “relações materiais”, digamos assim, manipula as probabilidades das escolhas humanas. (BAUMAN, 2010a, p. 87-88)

Explicando de maneira mais específica como essas escolhas são possíveis, Bauman (2001) aponta que o começo do “acordar para a crítica” deve estar fortemente relacionado com a própria Sociologia. Mas qual Sociologia? O autor responde: uma Sociologia que seja diferente da ortodoxa, a qual, “[...] nascida sob a égide da modernidade sólida [...]” (BAUMAN, 2001, p. 243), se preocupava com os problemas específicos daquela época; uma Sociologia que, agora, deve promover a autonomia e a liberdade, além de “enfocar a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais [...]” (BAUMAN, 2001, p. 243); uma Sociologia que

enfrente a oposição (e que dê condições reais para que as pessoas também possam enfrentá-la) entre “[...] assumir a responsabilidade e buscar um abrigo onde a responsabilidade pelas próprias ações não precisa ser assumida pelos atores [...]” (BAUMAN, 2001, p. 243) – comunidades virtuais, comunitarismo, comunidades de guarda-casaco. Para tanto, não se pode pensar o destino humano como uma fatalidade (o que impediria o citado enfrentamento), mas antes é preciso focar na possibilidade de mudança:

“A sociologia é a resposta. Mas qual era a pergunta?”, diz e pergunta Ulrich Beck em *Politik in der Risikogesellschaft*.<sup>18</sup> Algumas páginas antes, Beck parecera articular a pergunta que procura: a possibilidade de uma democracia que vá além da “especialistocracia”, uma espécie de democracia que “começa onde se abre o debate e a formação de decisões sobre se *queremos* uma vida nas condições que nos são apresentadas...”. (BAUMAN, 2001, p. 240, grifos do autor)

A abertura ao diálogo seria, então, uma condição para uma “[...] sociedade verdadeiramente autônoma [...]” (BAUMAN, 2001, p. 242), onde, e aí reside um ponto interessante nas “sugestões” de Bauman, os cidadãos sabem – devem saber – que não há significados “assegurados”, que se vive na superfície do caos, que a própria vida em sociedade é um caos em busca de forma – que, no entanto, não deve ser fixa e rígida (BAUMAN, 2001, p. 242). Essas ideias, em princípio, parecem contradizer sua crítica à condição líquido-moderna. O autor, contudo, explica:

a falta de significados garantidos – de verdades absolutas, de normas de conduta pré-ordenadas, de fronteiras pré-traçadas entre o certo e o errado, de regras de ação garantidas – é a *conditio sine qua non* de, ao mesmo tempo, uma sociedade verdadeiramente autônoma e indivíduos verdadeiramente livres. (BAUMAN, 2001, p. 242-243)

Aí está a diferença: o discurso não é contra o relativismo cultural (que, em certa medida, foi caro à Antropologia pelos críticos da “pós-modernidade”),<sup>19</sup> ou contra as ideias antitotalitárias, mas contra o a individualização desse relativismo e contra a ideia de verdade puramente individual/privada – o que sepulta, de vez, a noção de **Política**. Muitas vezes, no processo histórico do século XX, os relativismos culturais levaram “cegamente” a um relativismo individual e, por conseguinte, à noção da

<sup>18</sup> “Política na sociedade de risco”.

<sup>19</sup> Para uma interessante crítica (que é possível se direcionar também a problemas vividos no Brasil) ao “pós-moderno”, cf. o trabalho da indiana Meera Nanda (NANDA, 1999).

política-vida<sup>20</sup> puramente privada (BAUMAN, 2001).

A nosso ver, o grande desafio colocado pela análise de Bauman é o de refletir sobre como fazer esse movimento de emancipação (em direção a uma “consciência Política”) sem se perder a “falta de significados garantidos” e, ao mesmo tempo, sem se perder a segurança – já que, em dado momento, o próprio autor coloca que a falta de certezas é a condição da insegurança. O que entendemos da citação acima, é que essa falta de significados garantidos deve ser apenas uma condição *a priori* das relações sociais. Mostrar os impedimentos dessa condição é, segundo Bauman (2001), tarefa da Sociologia. Tornar essa condição possível em nível quantitativo é um desafio ainda mais prático e que já é pensado, atualmente, pelo viés dos estudos pedagógicos e educacionais (incluindo os estudos da área da Educação Física).<sup>21</sup>

Sabemos que precisamos de certezas para viver. O que Bauman coloca como ponto distintivo, de acordo com nossa interpretação, é que essas certezas devem vir das nossas conclusões após a reflexão sobre o mundo em que vivemos (após uma atitude de “desconfiar” das verdades absolutas, das normas de condutas pré-definidas, etc.), e não de uma externa imposição inquestionável e intocável, a qual torna os indivíduos livres apenas na teoria (BAUMAN, 2001, p. 23-63). Somente assim pode haver condições materiais para se perceber que a estrutura social do processo de individualização leva a uma perda da preocupação com a “sociedade maior” (BAUMAN, 2001, p. 243). Isso significa que passa a ser possível a abertura ao diálogo sobre as condições que nos são apresentadas. O que o autor coloca primeiro não são os “indivíduos verdadeiramente livres” e sim a “sociedade verdadeiramente autônoma”. Apenas com essa sociedade os indivíduos se sentirão verdadeiramente livres e, ao mesmo tempo, seguros.

Toda a análise descrita aqui (que é apenas uma parte da visão de Bauman) foi tida como base para se pensar o contexto social mais amplo em que os JO e o moderno MO surgiram e se desenvolveram. Enquanto “voz” (e uma voz que, por vezes, foi

<sup>20</sup> Anthony Giddens cita este termo (política-vida) para se referir a uma característica tipicamente moderna: “a política de realização do eu, no contexto da dialética do local e do global e do surgimento dos sistemas internamente referidos da modernidade” (GIDDENS, 2002, p. 222). Bauman reconhece esse traço e o critica na medida em que ele se torna primordialmente privado e intraduzível em questões públicas (BAUMAN, 2001, p. 62-63).

<sup>21</sup> Cf. Bracht e Almeida (2006).

forte) no interior da Modernidade, o COI e seu olimpismo parecem ter feito parte da complexa oscilação social. Se tomou partido (e como), é uma outra história. Para narrá-la de forma a considerar a abordagem de Bauman, vejamos como algumas teorias sócio-históricas têm tratado o olimpismo no bojo dessa oscilação social e como a ideia olímpica se ligou, em seu início, à modernidade sólida e aos valores/práticas esportivas (que também foram sintetizados nesta modernidade).

## 2.2 ESPORTE, JOGOS OLÍMPICOS E A DINÂMICA SOCIAL – ENTRE A MODERNIDADE SÓLIDA E A MODERNIDADE LÍQUIDA

Tomando os JO e o esporte como fenômenos crescentes e de importância simbólica e política nas representações de humanidade, respeito e globalização, concordamos com Fairclough (2001) e sua teoria social do discurso quando diz que todo discurso é um modo de ação historicamente situado. Isso implica, necessariamente, que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo seja uma ação unitária sobre tais estruturas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91). Assim procedendo, Fairclough considera que tal ação pode ter três “direções” ou “rumos” a seguir, por mais que se possa fazê-lo (e muitas vezes, de fato, é feito) de maneira conjunta: o discurso enquanto modo de ação pode tanto contribuir para a (1) continuidade quanto para a (2) transformação de formas recorrentes de ação na dialética entre sociedade e discurso; ao contribuir para a transformação, ele também pode contribuir para (3) produções/sínteses de novas formas de ação (FAIRCLOUGH, 2001).

Dito isso, cabe a questão: como e em que medida os discursos de e relativos a esses fenômenos centrais da sociedade atual (os JO e o esporte) pró-agiram, reagiram ou agiram, auxiliando, assim, na reprodução, na transformação ou na criação do processo social descrito por Bauman? Essa é uma questão que avaliamos como importante para a melhor compreensão da dialética entre os discursos especificamente “olímpicos” e “esportivos” e a sociedade. Frisamos: os



movimentos que esses discursos específicos realizaram não são tidos como únicos ou “um de cada vez”. Pelo contrário: com o acúmulo cada vez maior de conhecimento em nossa sociedade cada vez mais informatizada (e, por conseguinte, complexa), os “rumos” e as “direções” são, muitas vezes, cambaleantes e cegos (o que não os exime de suas responsabilidades), pois envolvem instituições com sujeitos diferentes, com ideologias diferentes e com atribuições diferenciadas de significados sobre o direcionamento político que os JO e o esporte deveriam tomar.

Para tanto, buscamos algumas leituras e análises das vinculações de tais fenômenos (os JO e o esporte) com a própria ideia de “sociedade moderna” (sólida), bem como das mudanças valorativas e práticas que se dinamizaram em seu interior com o passar do século XX e sua entrada no século XXI (liquidez). As leituras escolhidas não representam o esgotamento do assunto e nem uma relação direta com a teoria de Bauman descrita acima. Entretanto, são trabalhos maduros que vêm sendo referência para o estudo desses dois fenômenos.

### **2.2.1 Os Jogos Olímpicos e o fenômeno esportivo – aspectos processuais na Modernidade**

Em termos datais, a ideia dos JO como o conhecemos atualmente é marca da sociedade europeia, mais especificamente, a francesa, do final do século XIX. Pierre de Coubertin (1863-1937), o principal idealizador dos Jogos e do MO, realizou o hoje famoso I Congresso Olímpico em 1894, na França, e conseguiu a concretização dos primeiros JO da Era Moderna em 1896, em Atenas. Esses “fatos” nos ajudam a melhor visualizar as vinculações espaços-temporais da ideia olímpica com o projeto moderno. Todavia, por vezes, levam-nos a não reconhecer o não dito e o ausente. Algumas relações são, atualmente, tácitas e nos parecem corriqueiras. Na época, porém, foram de extrema importância para a formação dos Jogos.

O esporte moderno, por exemplo, estava em seu período de “gênese” e muitos de seus aspectos influenciaram a ideia da organização olímpica. Aliás, a forma como

conhecemos o esporte, em nossos dias, não surgiu pronta e acabada – nem mesmo a distinção que vem sendo colocada em seus níveis de prática/consumo. Ainda na década de 1960, o sociólogo francês Georges Magnane argumentava contra a ideia de que o esporte era algo pronto e que se devia homogeneizá-lo:

O esporte apresenta-se atualmente como um fato social em estado *bruto*. É tão difícil ter uma visão de conjunto dêle, como estudá-lo em detalhe; o que não é nada de inesperado, já que estas duas perspectivas, longe de se excluírem, não podem ter eficácia uma sem a outra. (MAGNANE, 1969, p. 9)

Dessa época até a atualidade, outras e novas mudanças são vistas tanto no âmbito do “conjunto” quanto no dos “detalhes” esportivos. Uma visão recente que se tem difundido na área acadêmica brasileira, por exemplo, é a da qual nos fala Bracht (2005, p. 16), afirmando que, mesmo com o reconhecimento do esporte como multifacetado, esse pode ser entendido a partir de um esquema dual: a) Esporte de alto rendimento ou espetáculo e; b) Esporte enquanto atividade de lazer. O primeiro se refere às práticas e aos consumos mais institucionais do esporte; o segundo, às atividades (que não são homogêneas) de lazer que derivam do primeiro, mas que possuem práticas com um sentido interno das ações diferenciado e também distintos aspectos formais (BRACHT, 2005, p. 17). Vale lembrar que a dimensão educacional, inerentemente relacionada ao esporte, está presente nas duas formas citadas (BRACHT, 2005, p. 16).

Essa divisão e os valores atribuídos a ela, porém, nem sempre existiram. No que diz respeito à sociologia e à história do esporte, têm-se desenvolvido modelos de explicação/compreensão da gênese dessa divisão a partir de questões ligadas à sua relação com jogos populares na Inglaterra pré-moderna (ELIAS, 1992). Esse ponto é, a nosso ver, de grande importância para a relação entre a visão de Bauman sobre a Modernidade e o fenômeno olímpico/esportivo.

Nesse período de passagem de uma época pré-moderna para a Modernidade, iniciava-se a formação de passatempos culturais que marcariam as classes em ascensão e as distinguiriam: tais classes dispunham do chamado “tempo disponível” (VEBLEN, 1987). Em especial, no caso inglês, onde a Revolução Industrial ocorrera antes de outros países europeus. Esses passatempos, no caso da Inglaterra do final do século XVII e início do século XVIII, remetiam-se, inicialmente, não ao surgimento

de “esportes” como o futebol e o rúgbi, mas sim às corridas de cavalo, ao pugilismo e à caça à raposa (ELIAS, 1992, p. 189), sendo tais práticas, posteriormente, disseminadas em outros países da Europa e fortemente relacionadas com um *ethos* cavalheiresco de tais classes (ELIAS, 1992, p. 203-204).

Contemporaneamente a essas práticas há, segundo Bracht (2005, p. 14), um “declínio” das formas de jogos populares, em especial a partir de 1800. As explicações para esse declínio, de acordo com Dunning (1979, p. 42 apud BRACHT, 2005, p. 14) reside em notar que, paulatinamente, tais jogos ficaram fora de uso, pois “[...] os processos de industrialização e urbanização levaram a novos padrões e novas condições de vida, com as quais aqueles jogos não eram mais compatíveis”. O que significavam esses novos padrões e por que, perguntamo-nos, tais jogos já não “serviam mais”? Em termos baumanianos, acreditamos que esse desuso esteja relacionado com a tarefa de derretimento dos velhos e tradicionais sólidos pré-modernos, já que as funções iniciais desses jogos populares estavam ligadas a festas religiosas, tradicionais etc. (BRACHT, 2005, p. 14).

Havia, digamos, uma certa “proibição” desses jogos populares a qual acarretou consequências interessantes. Assim, o derretimento dessas práticas colocava como desafio a construção de “novas e aperfeiçoadas” (e burguesas) formas de lazer. Isso ocorre, segundo Mandell (1986), no interior das *public schools* inglesas onde os “filhos da aristocracia” e da classe média deram um formato mais organizado para esses jogos. Desse modo, eles foram permitidos, pois, além de demonstrarem não ter as características funcionais que foram proibidas (relação com festas religiosas), ainda possuíam certo grau de organização e ajudavam nas atividades extracurriculares enquanto momento de liberação controlada das pulsões (ELIAS, 1992), já que os alunos eram bastante envolvidos com a estrita disciplina das atividades curriculares (MANDELL, 1986, p. 162). Talvez resida aí o “descobrimento” do esporte como elemento da educação.

A transformação de “antigos” jogos populares em atividades organizadas no interior das *public schools* inglesas foi denominada de “esportivização” desses jogos. A organização de ligas e de competições interescolares logo foram idealizadas e realizadas por alunos e outros envolvidos com as escolas (MANDELL, 1986, p. 163) e já em meados do século XIX começava-se a falar de um “modelo” inglês que foi,

posteriormente (e não sem suspeitas/embates), seguido por muitos outros países: o esporte.

Essa ideia, contudo, pode nos levar a um pensamento enganoso – de que o esporte já surgiu com um alto grau de organização e competição. Para Dunning (1992), logo em seu período de gênese, o esporte enfrentou um certo “dualismo” em relação a seu padrão de prática. Há a tendência, segundo o autor, de se relacionar a crescente seriedade do esporte com o *ethos* profissional que esse adquiriu ao longo do século XX. Porém, tal seriedade está imbricada, de acordo com Dunning (1992, p. 313-314), em uma polaridade dentro de um mesmo valor – o amadorismo. Tal valor, até a década de 1980, existia de forma bastante rudimentar e amorfa na Inglaterra (DUNNING, 1992, p. 314). O *ethos* amador cristalizou-se apenas após a “[...] ameaça introduzida pela incipiente profissionalização dos novos desportos” a partir de sua popularização para as classes trabalhadoras (DUNNING, 1992, p. 314-315). Essa cristalização, para Dunning (1992, p. 315), resultou em “[...] uma ideologia elaborada e articulada [...]” das classes altas – a aristocracia e a pequena nobreza – e não permitiu que o profissionalismo “vingasse”, pois tais classes eram praticamente “um Estado” (DUNNING, 1992, p. 317) nessa época, já que o “[...] nível de formação do Estado era relativamente reduzido” (DUNNING, 1992, p. 317).

Esse pode ser considerado um modo de ação relacionado com a visão baumaniana dos intelectuais moderno-sólidos enquanto legisladores – visto sua “facilidade” para lidar também com as questões do Estado (BAUMAN, 2010b)<sup>22</sup>. As elites sobre as quais Dunning fala não concordavam, porém, em todos os pontos. Daí a polaridade no interior do próprio amadorismo. Parte da elite que advinha de uma tradição (e também seus filhos) do “[...] culto dos jogos nas escolas públicas [...]” inglesas (DUNNING, 1992, p. 314), ao organizar e articular competições entre grupos, era favorável a um aumento na seriedade dessa prática – que, no entanto, deveria manter o *ethos* amador (DUNNING, 1992). Isso significava, segundo Dunning (1992), uma orientação “[...] dirigida para os outros” (DUNNING, 1992, p. 304). Já os

<sup>22</sup> Segundo Bauman (2010b), os intelectuais na era moderno-sólida tiveram um papel importante na tentativa iluminista de “recapturar e reafirmar a centralidade social e as preocupações globais que estiveram associadas à produção e disseminação do conhecimento” (BAUMAN, 2010b, p. 15). Desse modo, os intelectuais atuaram, nessa época como legisladores legítimos do conhecimento (BAUMAN, 2010b), diferentemente do que acontece com os mesmos na modernidade líquida, ao atuarem como intérpretes do conhecimento fragmentado e volumoso (BAUMAN, 2010b).

praticantes (e seus “descendentes”) dos passatempos anteriores (corrida de cavalos, boxe, caça à raposa), visavam a prática esportiva apenas enquanto divertimento e desenvolvimento, isto é, havia uma orientação “egocêntrica”, “[...] dirigida para si mesmo” (DUNNING, 1992, p. 304).

Com o desenvolvimento da própria cultura inglesa e com a prática esportiva também se disseminando em outros países, essa polarização do que seria o ideal foi sendo desfeita, chegando-se a um sentido mais ou menos hegemônico da atividade esportiva institucionalizada e organizada (orientação para os outros) sem, contudo, perder seu caráter de não trabalho, ou seja, em certo sentido ligado à diversão e ao prazer (DUNNING, 1992).

Essas ideias nos ajudam a entender como o *ethos* da ordem moderno-sólida, descrito por Bauman, estava também presente nesse derretimento e na posterior permissão de algo que já não cumpria sua função tradicional (relativa aos jogos populares), mas que, ressignificado, começava a adquirir traços universalizáveis e, com isso, capacidade de ser racionalizado. Não há como saber (e também não é nosso foco), com esse levantamento, se a tarefa da ordem foi imediatamente relacionada com essa prática organizada no interior das *public schools*; o que vemos é que tais práticas foram socialmente aceitas. Mas não só. Foram também incentivadas – um importante educador inglês que promoveu tal incentivo (sendo um dos incitadores do modelo esportivo nas *public schools*) foi Thomas Arnold, diretor da Escola de Rugby (BETTI, 2004, p. 18).

Além da tarefa da ordem, em certa medida, a própria ideia de amadorismo estava também ligada à ética do trabalho, pois enquanto elemento do “não trabalho”, o esporte deveria sempre ser praticado sem se deixar de lado as “obrigações” (morais?) do trabalho. Aliás, talvez pudéssemos dizer que o esporte, enquanto elemento ainda secundário na vida cotidiana, só podia ser praticado após o cumprimento de tais obrigações.

Entretanto, vários câmbios sobre os quais nos fala Bauman ocorreram no contexto social do esporte com o passar do século XX. Após ser institucionalizado, o esporte foi praticado principalmente pelas elites europeias e, passados os anos, foi requerido como direito também da classe trabalhadora. Enquanto sua prática se solidificava,

ela também se popularizava em outras camadas sociais. No início de sua popularização, o esporte ainda mantinha um *ethos* amador defendido pelas elites; contudo, “perdia” seu *ethos* cavalheiresco ou “de nobreza” na medida em que as ideias de profissionalização atraíam cada vez mais as classes “de baixo estatuto” na Europa da época (DUNNING, 1992, p. 314-315).

Em relação a essa questão, Dunning (1992) afirma que alguns aspectos do profissionalismo já haviam sido hábitos das elites – tanto nas formas esportivas da Inglaterra pré-industrial (corridas de cavalo, críquete profissional e boxe) quanto no desenvolvimento esportivo das *public schools* (DUNNING, 1992, p. 314-318). No primeiro caso, havia o pagamento aos “atletas” e o papel das apostas entre os organizadores de classe alta (DUNNING, 1992, p. 318). No segundo, já se percebia o aumento da seriedade e da competitividade no esporte, visto as organizações de torneios entre as escolas da elite (DUNNING, 1992, p. 314). No entanto, tais pontos nunca chegaram a ameaçar “[...] os interesses e valores da classe dirigente” (DUNNING, 1992, p. 318). No primeiro caso,

[...] o tipo de profissão desportiva que se desenvolveu sob tais condições baseava-se na subordinação inequívoca do profissional ao seu patrono e na total dependência quanto aos riscos de vida que ligavam o primeiro ao último. (DUNNING, 1992, p. 317)

No último caso, o aumento da seriedade ocorria, poderíamos assim dizer, “intra-classe”, o que também não ameaçava tais interesses (DUNNING, 1992, p. 314-315).

Enquanto *ethos* organizado e sistematizado, o amadorismo só se ativou em reação à profissionalização após o “sucesso” da industrialização moderna (DUNNING, 1992), pois essa trazia a “democratização funcional”<sup>23</sup> e a reivindicação ao direito da prática esportiva (com todos os seus valores) como prática das classes trabalhadoras, sendo, aí sim, uma ameaça àqueles interesses (DUNNING, 1992). Nas palavras de Betti (2004, p. 18), “[...] as regras do amadorismo eram uma arma de classe [...]” nessa época. Podemos perceber, então, que os discursos ligados ao esporte faziam parte do próprio processo de derretimento de sólidos antigos em um nível mais

<sup>23</sup> Grosso modo, Dunning define a “democratização funcional” como “A mudança que estabelece a igualização no equilíbrio de poder, no interior dos grupos e entre estes, que ocorre de modo contingente no processo inter-relacionado da formação do Estado e do alargamento das cadeias de interdependência” (1992, p. 318).

abrangente, isto é, em termos da chamada “infraestrutura” e das relações sociais. As “ameaças” sobre as quais Dunning (1992) nos fala são provas peculiares da “solidificação” da modernidade analisada por Bauman (2001). Em certo sentido, a substituição dos antigos estamentos hereditários em novos e aperfeiçoados sólidos – as classes sociais – se deu também no âmbito do “desenvolvimento discursivo-valorativo” do esporte.

Todavia, como é sabido, as ideias de profissionalização foram se fortificando com o decorrer do século XX. Visto sua proeminência, as próprias classes mais altas não puderam evitá-la e muitos acabaram enxergando-a como uma “oportunidade” de negócios (PRONI, 1998).

Essas explanações com relação ao esporte nos auxiliam a entender também o momento em que há a gênese da própria ideia olímpica. De certa forma, não seria incorreto afirmar que Coubertin “descobriu” o esporte inglês e fez de sua simbolização e prática controlada um “projeto de vida” (SENN, 1999).

Como já dissemos, concordamos com Tavares (2007, p. 185) quando diz que o olimpismo pode ser entendido como uma conciliação entre valores românticos e valores iluministas. Desse modo, são pertinentes, aqui, duas ações inter-relacionadas: analisar brevemente o que caracteriza esses dois conjuntos, ligando sua idealização às condições da modernidade sólida as quais eram contextuais de Coubertin e; avaliar como eles se dinamizaram com o passar do século XX, refletindo possíveis relações com os traços de descontinuidade da Modernidade que levaram a um estado líquido de nossa sociedade.

#### *2.2.1.1 A gênese da ideia olímpica e a modernidade sólida*

A conciliação desses dois conjuntos de valores, bem como as prescrições colocadas por Coubertin, ocorreram em um interessante contexto filosófico da época, o qual foi pouco explorado por intérpretes do barão (DaCOSTA, 1999). Referimo-nos, aqui, ao

contexto intelectual do ecletismo (ou da filosofia eclética). Traços dessa filosofia foram identificados desde o Renascimento (DaCOSTA, 1999, p. 52), e também percebidos na França do século XVIII (com Diderot) e na Inglaterra do século XIX (com John Stuart Mill) – sendo este último já um exemplo da tentativa de conciliação entre o Romantismo e o Iluminismo (DaCOSTA, 1999, p. 52).

Todavia, esses não eram os casos (ainda) de uma corrente sólida e teoricamente estabelecida, o que ocorreu apenas na França do século XIX, tendo como expoente principal da filosofia eclética, Victor Cousin (DaCOSTA, 1999, p. 52). A influência eclética deste último na obra e na “política” de Coubertin – antes mesmo da ideia de recriar os JO – foi destacada e bem analisada por DaCosta (1999). Esse autor nos diz que tal influência não é tão visível “a olho nu” por causa da dissolução relativamente rápida do ecletismo de Cousin na França a partir de meados do século XIX (DaCOSTA, 1999, p. 53).

Contudo, mesmo assim, se se olha com cuidado os detalhes e com uma abordagem dedutiva para os escritos de Coubertin, encontra-se claramente tal influência (DaCOSTA, 1999). Mas no que ela consistia? Em suma, duas características principais do ecletismo são destacadas: 1 – indo contra o costume de “articular concepções de uma maneira inequívoca [...]”, o ecletismo prezava por uma reconciliação de ideias diversas – até mesmo opostas – para “[...] seleções e opções apropriadas [...]” (DaCOSTA, 1999, p. 52)<sup>24</sup> e; 2 – mesmo reconciliando (ou conciliando) ideias diversas, a filosofia eclética possuía objetivos práticos (as citadas “opções apropriadas” são exemplos disso) que estavam relacionados com a formação de *concepções unificadas* (DaCOSTA, 1999, p. 58, grifo nosso), isto é, pressupunha a aplicação da reconciliação em “[...] ações de unificação” (DaCOSTA, 1999, p. 58, grifo nosso).

Essas constatações auxiliam na compreensão mais aprofundada do olimpismo visto como um “paradoxo” (DaCOSTA, 1999, p. 53), já que os JO “[...] geram experiências completamente contraditórias” (HOBBERMAN, 1986 apud DaCOSTA, 1999, p. 53).

<sup>24</sup> Em certo ponto, o “método” de reconciliação foi criticado por sua aparente falta de critérios (DaCOSTA, 1999, p. 57). Em resposta, os intelectuais ecléticos tentaram estabelecer tais critérios, utilizando-se do que era singular e melhor em cada fenômeno para realizar a reconciliação (DaCOSTA, 1999, p. 57).



Agora, fica clara a ligação entre a ideia olímpica e a filosofia eclética. Mas não apenas tal ligação. Acontece que o ecletismo, em certo sentido, era uma manifestação/reinterpretação do humanismo (DaCOSTA, 1999, p. 53). Mesmo com sua dissolução, a filosofia eclética atua como uma base profícua para diversas versões do humanismo no tempo de Coubertin. Além, então, de relacionar a ideia olímpica com o objetivo unificador do ecletismo, DaCosta também a relaciona e a integra (somada ao ecletismo) a uma filosofia em processo durante a vida de Coubertin, considerando tal filosofia em processo fazia parte de sua própria versão do humanismo (DaCOSTA, 1999).

Desse modo, enquanto expoente de seu próprio humanismo, Coubertin era um reformador social e viu no modelo esportivo inglês um bom “cenário” para a aplicação das reconciliações tipicamente ecléticas. Mas o que, enfim, Coubertin estava tentando conciliar? Como já dissemos (embasados em estudiosos do olimpismo), observa-se a reconciliação de valores românticos e iluministas.<sup>25</sup> Após essas elucidações mais teóricas sobre a influência que Coubertin teve, vejamos, brevemente, como tal conciliação foi tratada no âmbito da execução prática de seus objetivos.

Vale destacar que esses conjuntos de valores que se desejava conciliar – o Iluminismo e o Romantismo – caracterizam-se como movimentos no bojo da modernidade sólida. Essa ideia fica clara principalmente em relação ao Iluminismo e seu legado “racional” para a cultura do ocidente. O Romantismo, porém, não desenvolveu (em nenhuma de suas versões) um projeto de razão “pura e elevada”, já que prezava, opostamente, pela emoção e pelas paixões do eu lírico (subjetivismo) e suas inconsequências. No entanto, esse apreço se dava, assim como no Iluminismo, objetivando o novo, o derretimento do antigo sistema pré-moderno.

Em suma, no caso dos **valores românticos**, percebemos como a relação dialética entre os JO e o esporte teve um papel notório. As características de honra, dever, *fair play* e excelência moral, por exemplo, faziam parte do citado *ethos* cavalheiresco

<sup>25</sup> É importante relativizar, aqui, esses conjuntos de valores. Eles foram os principais, mas não os únicos, já que o ecletismo concilia “diversas” ideias e nem sempre é tão fácil relacionar cada ideia a cada “corrente” específica.

que orientava a prática esportiva na Inglaterra no final do século XIX. Dessa “lógica” esportiva, Coubertin queria extrair o que de melhor encontrou como ferramenta para seus propósitos práticos. Já no que diz respeito aos **valores iluministas**, isto é, aos ideais do individualismo, do universalismo, da crença no caráter transformador da educação e da estima à competição, Coubertin parece tê-los usado para construir a base institucional-filosófica do MO.

Mais detalhadamente, de acordo com MacAloon (1981, p. 43-82), quando Coubertin visitou uma série de escolas, incluindo a Escola de Rugby, no interior da Inglaterra, ele teve uma visão sobre como os ideais de auto-organização, de cavalheirismo, de competição honrada e justa e de associação para tais organizações (incentivados principalmente por Thomas Arnold) poderiam servir de ferramenta para seus objetivos. O sistema “arnoldiano” de organizações/associações esportivas escolares trabalhava com esses elementos e, como Coubertin pôde perceber, ajudava na formação moral dos alunos.

O contexto biográfico em que Coubertin viveu – a guerra, as viagens, as teorias humanista e eclética – o levou a considerar que o melhor caminho para se chegar ao seu objetivo era exatamente a busca pela honradez e pela justiça, o que era característico do “sistema” esportivo inglês (MacALOON, 1981).

Mandell (1986) faz um relato interessante de algumas condições anteriores ao contexto biográfico de Coubertin. Segundo ele (MANDELL, 1986, p. 206), com o Renascimento, grandes nomes da arte e da camada intelectual europeias da época já haviam relacionado um valor “positivo” aos festivais que ocorriam na antiga Olímpia. Como exemplos, têm-se Shakespeare, Milton e Voltaire (MANDELL, 1986, p. 206). O desenvolvimento arqueológico no interior da Grécia – relacionado à ajuda militar inglesa no combate em favor da independência grega na década de 1820 – foi bastante profícuo nessa época e alcançou grandes descobertas, inclusive em Olímpia (MANDELL, 1986, p. 206).

Já no início do século XVII, de acordo com Mandell (1986, p. 207), houve um “encontro esportivo” (*meeting*), organizado por um inglês – Robert Dover – em sua propriedade, durante dois dias, em que “[...] Dover e seus amigos, motivados por sua nostalgia do clássico, denominaram [o encontro] de ‘Olympick Games’ [sic]”

(MANDELL, 1986, p. 207, tradução nossa). Também na Grécia, após sua independência, houve tentativas de restauração dos antigos jogos de Olímpia a partir de doações de componentes da classe alta grega (MANDELL, 1986, p. 207). Segundo Mandell (1986, p. 207), o primeiro festival com tal objetivo data de 1859 – quando houve, em um domingo ateniense, corrida de velocidade, corrida de fundo e outras provas atléticas (MANDELL, 1986, p. 207). Ironicamente, os gregos não possuíam muita tradição da prática atlética e tais festivais se repetiram apenas de modo esporádico, para logo se extinguirem (MANDELL, 1986, p. 207).

Outro movimento que se desenvolveu fortemente nesse contexto foi o “internacionalismo institucional” (MANDELL, 1986). A partir da década de 1850, segundo Mandell (1986, p. 208), começaram a se organizar grandes exposições que contavam com a participação de diferentes países. No entanto, tais encontros reuniam apenas atividades institucionalizadas, o que ainda não havia ocorrido com o “modelo” esportivo inglês (MANDELL, 1986, p. 209). Somente após a organização “burocratizada” dos JO por Coubertin é que o esporte foi aceito em tais encontros – os próprios JO de 1900, na França, fizeram parte da grande exposição mundial de Paris.

Todos esses movimentos que se “apresentavam” a Coubertin foram considerados por ele no interior de sua ação eclética. Assim, após suas viagens, volta à França e, a partir de 1889, resolve investir “[...] toda sua energia e meios econômicos na tarefa de organizar o esporte francês” (MANDELL, 1986, p. 210, tradução nossa). Desde o início dessa tarefa, porém, Coubertin se deparou com problemas e imbróglis políticos, pois os homens que reunia como possíveis apoiadores de seu empreendimento não concordavam entre si e nem com todas as suas ideias (SENN, 1999, p. 20). No início da década de 1890, todavia, “[...] sua visão se expandiu: olhando para a Europa, a América do Norte e o mundo ele sonhou em dirigir competições esportivas internacionais” (SENN, 1999, p. 20, tradução nossa). Foi quando viu no sentimento dado à cultura clássica grega um profícuo palco para investimento simbólico e para a realização desse sonho (SENN, 1999, p. 20-21). Voltamos, aqui, à datação do início da seção 2.2.1 – em 1986, Coubertin vê o início da realização desse sonho e, como eclético (e moderno), já enxerga os problemas dessa primeira Olimpíada e articula (concilia) ideias para seu desenvolvimento

(MANDELL, 1986).

Ligando o contexto mais teórico – ou, como Loland (1995) prefere dizer, da “história das ideias” – às condições “materiais” da ideia olímpica, concordamos com DaCosta (1999, p. 58) quando afirma que “[...] a aparente confusão dos escritos coubertinianos pode ser vista como resultado de seu ecletismo [...]” e que sua volumosa produção (em grande parte relacionada a discursos ou falas de Coubertin) e suas ações eram “[...] frequentemente adequadas para cada ocasião” (DaCOSTA, 1999, p. 51). Assim, as posições a que ele se vinculava, muitas vezes, davam “[...] uma direção [para onde seguir rumo à organização dos JO], mas não a necessária coerência interna” (DaCOSTA, 1999, p. 62).

Baseado nessa argumentação, DaCosta diz que uma das noções a qual se torna central na consideração do olimpismo é a de “equilíbrio do homem”. Escrevendo sobre isso, o próprio Coubertin (em determinada ocasião – neste caso, uma carta/artigo em um renomado jornal suíço) explicita as questões valorativas às quais vincula o olimpismo:

Olimpismo é um estado de espírito que deriva de um duplo culto: aquele do esforço e aquele da euritmia. Notem o quanto a associação desses dois elementos – o gosto pelo excesso e o gosto pela medida – está em harmonia com a natureza humana. Embora aparentemente contraditórios, eles são o fundamento para qualquer virilidade total. Existe algum homem, no sentido pleno da palavra, que está constantemente preocupado em ter sua força escassa, limitando suas iniciativas e que não encontra nenhum prazer (qualquer que seja) em ir além do que se espera dele? Ao mesmo tempo, todavia, existe algum homem, no sentido pleno da palavra, que fica descontente em ver seu intenso zelo coroado com a alegre tranquilidade e o autocontrole, cercado por ordem, equilíbrio e harmonia? (COUBERTIN, 2000a, p. 548, tradução nossa)

Na interpretação de DaCosta (1999, p. 61), a caracterização de “estado de espírito” é importante no que diz respeito à sua “vagueza”, pois dava margem a posteriores combinações ecléticas – ao invés de definir algo que é inequívoco. De modo semelhante, a noção combinada de euritmia e esforço também abrange uma generalidade formal a qual facilita a absorção de suas ideias, sendo tal noção aplicada a um equilíbrio entre o controle de ações e o livre-arbítrio (DaCOSTA, 1999, p. 61).

Somando-se os argumentos expostos até aqui, torna-se bastante compreensível como a concepção unificada das composições analíticas de Coubertin buscou

conscientemente um valor **universal** para o olimpismo (a base Iluminista interveio nesse ponto) a partir da propagação de uma prática que deveria ser uma realização **individual** (um dever, uma honra – a base romântica interveio nesse ponto) (DaCOSTA, 1999, p. 58). Chega-se, também, a uma compreensão mais profunda e crítica do propósito declarado do olimpismo, que é o de “[...] colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem para promover uma sociedade pacífica e interessada na preservação da dignidade humana” (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2011, p. 10, tradução nossa). A partir do que foi abordado, entende-se como a versão humanista de Coubertin foi um projeto em processo que se adaptou, quando necessário, às condições de realização.

Nesse momento, torna-se facilitada, também, a visão das relações entre a ideia olímpica e a análise de Bauman sobre a modernidade sólida. Em suma, duas ligações principais se tornam claras. Primeiramente, é possível ligar o “objetivo de unificação” (DaCOSTA, 1999) da filosofia em processo de Coubertin aos “projetos de ordem” (BAUMAN, 2001) da modernidade sólida. O próprio DaCosta (1999, p. 55), citando Nisbet, relaciona tal objetivo com a “lei de progresso” – tão típica da “tarefa da ordem”, analisada pelo sociólogo polonês.

Em segundo lugar, nota-se uma importância central (ainda que pouco percebida ou apenas indireta) do ideal liberal nas condições práticas e no contexto anterior a Coubertin no que diz respeito às mobilizações que ele fazia a fim de executar seu projeto de educação esportiva. Como vimos nos relatos de Mandell (1986) e de Senn (1999), o barão francês sempre promovia e participava de reuniões e encontros para discutir sobre os investimentos e as possibilidades práticas desse projeto. Por mais que o valor do amadorismo fosse preservado, os eventos e o posterior simbolismo investido nas cerimônias dos JO necessitavam de investimentos financeiros e de aceitabilidade social. Como os citados autores nos mostram, em várias dessas reuniões, Coubertin convidava empresários e homens de negócios – isto é, individualmente livres para investirem – que estivessem dispostos a endossar suas ideias.

Todavia, colocamos essas duas ligações não como uma relação causa-efeito, mas sim no interior de um processo social complexo que é a Modernidade. Com isso, dois comentários são necessários: Coubertin, ao expressar os “objetivos de

unificação”, foi idiossincraticamente diferente (e, em certo sentido,positor) da instituição estatal (SENN, 1999) que, na visão de Bauman, foi a principal responsável “formal” pelo discurso da ordem. À primeira vista (pelo menos), não era pelo sentido de “limpar o lugar” que a unificação de Coubertin prezava. Seu internacionalismo e a “desconfiança” para com o Estado (por isso “criou” o sistema de “representatividade reversa”)<sup>26</sup> se dava no sentido de “reunir as culturas”, levando em consideração as identidades nacionais – que foram marcas dos primeiros campeões olímpicos – mas sempre cuidando para que os governos/Estados não tomassem proveito político dos JO (SENN, 1999). Outro comentário é que, como se sabe, tal cuidado não foi tão simples de se manter – tendo em vista as relações políticas a que os JO foram submetidos nas organizações de diversas de suas edições, além de situações delicadas com as quais os organizadores de tais Jogos tiveram que lidar durante duas guerras, durante regimes políticos extremistas (o *apartheid* africano, por exemplo) e durante a Guerra Fria.<sup>27</sup>

Como vimos, a análise de Bauman indica que a modernidade líquida surge a partir do momento em que as tarefas de derretimento apontam para novos alvos (os laços humanos) por causa das desconfianças após os “absurdos” do Estado jardineiro. Como consequência: o processo de individualização e a perda das certezas facilitaram o esquecimento da “sociedade maior” e da Política. Os JO e seus “administradores” também passaram pelas mesmas desconfianças. Assim, cabe, agora, um olhar breve sobre as análises que já começaram a relacionar as mudanças sociais mais amplas e as características societais contemporâneas às mudanças também no âmbito olímpico/esportivo.

### 2.2.1.2 *Ideia olímpica – processo social no século XX*

<sup>26</sup> Segundo Senn, ao criar o COI (em 1894), Coubertin designou seus “membros como ‘embaixadores’ do COI em seus respectivos países ou regiões ao invés de como representantes daquelas regiões no próprio COI” (SENN, 1999, p. 6, tradução nossa).

<sup>27</sup> Para um estudo mais aprofundado dessas relações, cf. Senn (1999).

Focando em análises sobre as influências que as mudanças sociais mais amplas tiveram no âmbito do olimpismo, DaCosta (1999; 2002) nos dá uma importante contribuição para o estudo dos valores olímpicos na sociedade contemporânea.

Após estudar as bases ecléticas da ideia olímpica, diz que a versão do humanismo coubertiniano foi um ator dinâmico no palco do MO no decorrer do século XX (DaCOSTA, 1999). A questão nevrálgica a qual o autor coloca é a seguinte: sendo tal versão sintetizada no olimpismo enquanto meio para se colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, para promover uma sociedade pacífica e interessada pela preservação da dignidade humana, “[...] são estas prescrições humanísticas aplicáveis à realidade do Movimento Olímpico em uma perspectiva mundial?” (DaCOSTA, 1999, p. 50). Tal questão gera algumas polêmicas. No entanto, “[...] as controvérsias resultantes de diferentes entendimentos do humanismo foram constantes durante toda a história da Ideia Olímpica”. DaCosta (1999, p. 51) aponta para o fato de a noção de olimpismo precisar de uma condição mais aplicável na prática (isto é, aplicável visando a concretização de seu fim). Em relação ao contexto contemporâneo globalizado, DaCosta enfoca uma influente “corrente” filosófica/teórica: a que concebe o mundo com muitas e genuínas visões e interpretações (DaCOSTA, 1999, p. 63). Segundo o autor, “[...] filósofos desta nova forma de legitimação estão reavaliando as relações do ser humano com os outros, consigo próprio e com o meio ambiente” (DaCOSTA, 1999, p. 63). DaCosta denomina essa tendência de pluralismo (DaCosta, 1999, p. 62).

Assim, outra questão se faz necessária: para a aplicabilidade do olimpismo em nossa sociedade atual – isto é, em um contexto onde o tempo suprime o espaço e a si mesmo (BAUMAN, 2001) e onde os padrões de interdependência estão cada vez mais alargados – “[...] devemos nós, então, no alvorecer do século XXI, chegar a mais um humanismo pela modelagem de um olimpismo pluralístico?” (DaCOSTA, 1999, p. 62). O próprio autor afirma que a chave para a resolução dessa questão está na noção de equilíbrio do homem e no sentido de euritmia. Por toda a sua história – enquanto uma elaboração eclética – a noção de olimpismo buscou um harmonioso equilíbrio entre excesso e medida; agora, “[...] o que deveria estar em questão [...] é o equilíbrio apropriado entre **suas tradições** e o **novo humanismo**

**pluralístico**” (DaCOSTA, 1999, p. 63, grifos nossos). O pesquisador aponta para a dificuldade em se aplicar tal prescrição na prática. Todavia, em seu posicionamento, DaCosta argumenta que

[...] a euritimia [sic] **pressupõe** deter o **fundamento central do olimpismo** [tradições do olimpismo] na mesma medida em que o equilíbrio do homem pode ser estabelecido em relação a **cada identidade cultural específica** [novo humanismo pluralístico]. Sob tal condição, o Olimpismo pluricultural é um humanismo viável. Contudo, a autossuficiência adotada por líderes olímpicos e cientistas do esporte na transformação da ideia olímpica em prática não coincide com tal construção teórica. (DaCOSTA, 1999, p. 65, grifos nossos)

Em princípio, tais argumentos sinalizam para a execução oposta (ou neutralizada) de algumas características as quais Bauman (2001) critica na sociedade moderno-líquida (onde há cada vez mais “caminhos” mostrados e onde a visão de “onde chegar” ou as referências que alcançar ficam cada vez menos nítidas), já que DaCosta aponta um equilíbrio entre a sociedade mundial fragmentada e referências universais. Pode-se supor que o autor concorde que o MO deva se mostrar como um “guardião” de tais referências; no entanto, ele alerta que isso deve ser feito baseado no respeito às identidades culturais específicas.

Ironicamente ou não, no mesmo ano de publicação deste trabalho de DaCosta (em 1999), o COI quebra tal equilíbrio e é descoberta uma série de “escândalos morais” relativo a seus membros.<sup>28</sup>

Destarte, em outro trabalho (DaCOSTA, 2002) o autor estabelece como objetivo contribuir, com sua argumentação, para o crescente debate em torno da questão “[...] sobre o quão longe o olimpismo, os JO e o Movimento Olímpico têm se movido para além da tradição” (DaCOSTA, 2002, p. 13, tradução nossa).<sup>29</sup>

Colocando sob os holofotes o citado escândalo, ele reporta que a reação imediata a tal fato foi uma intensa política de reforma e reestruturação em direção à busca pela transparência (DaCOSTA, 2002). Após citar esse exemplo, DaCosta nos lembra

<sup>28</sup> Essas “descobertas” foram chamadas pela imprensa geral de “escândalo do suborno no COI”, quando se revelou que “ao menos 5 a 7 por cento dos membros do COI têm aceitado ou solicitado suborno de cidades candidatas a sediar os JO” (DaCOSTA, 2002, p. 13, tradução nossa).

<sup>29</sup> Estamos cientes, aqui, de um certo “pulo” histórico (não abordamos as questões que perpassaram os JO em meados do presente século) quando já falamos do olimpismo contemporâneo. No entanto, isso se faz necessário visto a exequibilidade e os objetivos da pesquisa. Para estudos interessantes dessa época, cf. Senn (1999) e Mandell (1986).



que, por toda a história dos JO, sempre houveram crises e reformas cercando as ações da instituição. O caso do escândalo foi um acontecimento contemporâneo e significativo que, segundo o autor, “[...] ameaçou a inteira existência do COI [...]” exatamente por se tratar de questões éticas (DaCOSTA, 2002, p. 13, tradução nossa). As principais reivindicações dos que queriam mudanças imediatas no MO eram de cunho administrativo, pois, desde a época de Coubertin, o sistema de escolha dos integrantes do COI funcionava de forma ademocrática, isto é, a escolha dos membros do Conselho Executivo, que são considerados embaixadores desse Comitê em seus países de origem, era feita de maneira seletiva, não sendo eleitos por votação (SENN, 1999). DaCosta (2002) faz questão de mencionar esse fato para que possamos olhar para a dinâmica do olimpismo com as lentes corretas. Segundo ele, os próprios reivindicantes das mudanças no modo administrativo do COI reconheceram a importância (e a condição essencial, em muitas ocasiões da história, do MO) da forma de procedimento ademocrática do COI para a sua própria sobrevivência. Esse reconhecimento torna-se irrefutável quando observamos mais atentamente os desafios que o MO enfrentou, por exemplo, durante as duas grandes guerras e durante o período do *apartheid* na África do Sul e sua influência sobre tal questão. Foi por causa do modelo ademocrático que a instituição conseguiu “manter-se” diante de influências nacionalistas, criando, assim, uma certa “proteção” de sua independência em relação a políticas regionais – apesar de ter tido altos e baixos nesse processo (SENN, 1999).

Segundo DaCosta, Coubertin já havia sido criticado em vida por causa desse sistema; ele sumariza a resposta do barão às críticas: “[...] independência e estabilidade foram condições chaves para promover o ideal olímpico dentre as corporações esportivas nacionais” (DaCOSTA, 2002, p. 18, tradução nossa). Diante desse quadro, o autor percebe que as intenções daqueles que, reativa e imediatamente, quiseram remodelar a estrutura administrativa do COI após a crise de 1999 não foram contraditórias, em sentido estrito, do modo de ação de Coubertin enquanto este liderou o MO. Para DaCosta, ambas as abordagens

[...] representam resultados de opiniões historicamente determinadas, quer idealistas, quer pragmáticas (Daume preferiu falar em “realistas”), dependendo das circunstâncias encaradas pelos processos de decisões do COI. Como hipótese, deve-se, adicionalmente, dizer que as crises do COI e do MO seriam um produto ou do excesso ou da acomodação de um foco particular sobre as opções idealista ou pragmática. (2002, p. 18-19,

tradução nossa)<sup>30</sup>

A partir dessa hipótese, o pesquisador, mais uma vez, diz que é importante olhar para a própria produção de Coubertin para melhor compreender a questão do excesso ou da acomodação, pois, com esses princípios de ação historicamente situados, segundo DaCosta, surgem oposições diversas sobre as quais as escolhas vão incidir. Percebendo essas oposições desde o início, Coubertin sempre optou pela harmonia, pelo equilíbrio e pela eurritmia (DaCOSTA, 2002, p. 19). “A lei do pêndulo (ou movimento pendular) era aplicável a tudo [...]”, diz DaCosta (2002, p. 19, tradução nossa), citando Coubertin.

O autor continua, então, a trabalhar com a noção de olimpismo enquanto uma “filosofia em processo”. Desse modo, coloca que uma das oposições que surge na história do MO deve ser interpretada como majoritária e subordinante: a aparente oposição entre “tradição” e “inovação” (DaCOSTA, 2002, p. 20, tradução nossa). Porém, argumenta DaCosta, “[...] implícito dentro desta oposição está uma outra que inerentemente se refere à tradição quando esta enfrenta câmbios de identidade, autoridade e, em particular, mudanças e crises sociais” (2002, p 20, tradução nossa). Isso implica em dizer que, no caso de uma filosofia em processo (o olimpismo, por exemplo), o tradicional ou o costumeiro, quando se altera, muda parcialmente a sua forma para dar lugar a uma nova forma que, com o passar do tempo, acaba se tornando habitual – acaba se tornando uma nova tradição e um novo costume. Heelas (1996, p. 1-20 apud DaCOSTA, 2002, p. 20) denominou esse conjunto de ideias de “Teoria da Destradicionalização”.

Basicamente, segundo essa teoria, quando a tradição enfrenta uma situação de mudança, ocorrem dois processos em conjunto: há uma “manutenção-de-tradição” e uma “construção-de-tradição” (ou a “retradicionalização”). Para DaCosta, “[...] o sentido desta mudança vai de termos ‘fechados’ (frio, repetitivo, ritualizado) para termos ‘abertos’ (quente, experimental, revisável)” (2002, p. 20, tradução nossa).

Diante de tal teoria, DaCosta, utilizando-se das ideias de McIntosh (1985 apud

<sup>30</sup> Nos EO, as ações mais “conservadoras” e “em nome” da preservação do olimpismo (como, por exemplo, a oposição, no início do século XX, à ideia de esporte profissional) têm se relacionado com o termo “idealista”, enquanto que as atitudes mais flexíveis e “em nome” da sobrevivência dos JO têm se ligado ao termo “pragmático” – cf. Senn (1999), especialmente as páginas 156 e seguintes.

DaCOSTA, 2002), lança mão do conceito de *continuum* – “[...] um *link* natural entre oposições com relações de dependência mútua” (DaCOSTA, 2002, p. 21, tradução nossa). É, portanto, através desse *continuum* que o olimpismo oscila, fazendo um movimento pendular – principalmente no que diz respeito à oposição “tradição x inovação”, sendo que o novo, empregando-se como habitual, torna-se, novamente, o tradicional. Desse modo, o autor chega à conclusão de que o olimpismo, com o passar do século XX e com sua entrada no século XXI, desenvolve-se como uma metanarrativa – ou, como um grande conjunto de várias outras pequenas narrativas. Essas “pequenas narrativas” se referem ao sentido “pós-moderno” dado por Lyotard (1988), o qual advoga que o progresso da ciência moderna acabou por resultar em uma ambivalência, pois se aspirava a um saber globalizante atrelado a um modelo único de discurso. Esse modelo, porém, perde sua força frente a conjuntos de fragmentos de histórias variadas e, muitas vezes, contraditórias sobre um mesmo assunto, estabelecendo-se, assim, a pluralidade de possibilidades de se entender os fenômenos históricos, ou seja, abre-se a possibilidades de verdades, ou, como prefere Lyotard (1988, p. 15-19), de jogos de linguagens, onde cada narrativa tem seu papel e um objetivo definido dentro de um conjunto maior (a metanarrativa, no sentido de DaCosta)<sup>31</sup>.

Para DaCosta (2002, p. 26, tradução nossa), o esporte e os JO “[...] se apresentam como exemplos significativos dessa concepção na medida em que tipicamente criam heróis, constroem valores e celebram vitórias”. Sendo assim, ainda segundo esse autor, é preciso “[...] elevar as narrativas plurais dos relatos olímpicos que são construídas cumulativa e coletivamente como uma celebração para além de sua interpretação científica, histórica e filosófica” (DaCOSTA, 2002, p. 23, tradução nossa).

<sup>31</sup> É importante destacar que há traduções da obra de Lyotard que usam o termo “metanarrativa”, porém para se referir a outra ideia, completamente distinta da e, em certo sentido, oposta à noção colocada por DaCosta. Quando traduzida para o português, a “metanarrativa” de Lyotard se refere às “grandes narrativas” (a Ciência e os saberes globalizantes), às grandes Verdades, tratadas como absolutas, as quais são criticadas por Lyotard quando este estabelece a relevância dos “jogos de linguagens” (LYOTARD, 1988, p. 15-19). Já DaCosta, ao falar de “metanarrativa”, remete-se ao **conjunto** das pequenas narrativas (jogos de linguagem) que são fragmentos plurais de culturas diversas. Desse modo, percebemos que DaCosta também entende a relevância das pequenas narrativas. E, além disso, ele destaca a ocorrência da composição de uma grande narrativa através da inter-relação entre várias narrativas menores (várias verdades e histórias locais) em um mesmo espaço/tempo (os JO). Essa nota é importante para evitar possíveis mal-entendidos.

Com essas conclusões de DaCosta, fechamos esta parte do trabalho, fazendo duas “provocações” no sentido propositivo da reflexão mais ampla tanto da ideia de metanarrativa quanto da ideia de modernidade líquida de Bauman.

A primeira se dirige a DaCosta: em certo momento de sua produção, esse autor afirma que os administradores e líderes do MO devem manter o equilíbrio entre as tradições (as referências valorativas) e o novo humanismo pluralístico. Em outro momento, tomando os JO como metanarrativa, ele diz que se devem (e vemos, aí, uma ação em sua fala – a ação de “propor” ou de “aconselhar”) elevar as narrativas plurais dos relatos olímpicos como uma celebração. Destarte, questionamos: só o fato de o autor dizer tais ideias não seria uma quebra no equilíbrio que ele mesmo afirma que deve ser mantido? E ainda: se o MO utilizar-se estritamente das ideias da retraditionalização, os JO não correriam o risco de se caracterizar, cada vez mais, como um movimento fluido e que não consegue manter a forma no interior de uma modernidade que lhe outorga tal atitude, perdendo, assim, o “foco no seu fim”?

A segunda se dirige a Bauman: ao apontar que a sociedade “deve” pautar-se em uma falta de significados pré-definidos, o autor fala em seu posfácio (onde esboça possíveis soluções para os problemas que critica) que

A segurança que a democracia e a individualidade podem alcançar depende não de lutar contra a contingência e a incerteza da condição humana, mas de reconhecer e encarar de frente suas consequências. (BAUMAN, 2001, p. 243)

Daí, perguntamo-nos: em certa medida (ou, pelo menos, em termos práticos) os JO não são esse reconhecimento por excelência? Se DaCosta estiver correto quanto a tal evento ser um conjunto de pequenas histórias, que outra organização consegue (mesmo que temporariamente) reunir tanta contingência e problematizar tão amplamente as questões de condição humana como os JO? Mesmo sendo questões interessantes, Bauman não as assinala (pelo menos, não nos trabalhos a que nos referimos).

Essas são questões iniciais que julgamos importantes. Tendo em vista que os JO ainda têm um sentido para muitos e vêm galvanizando um “sucesso” na agenda de eventos esportivos internacionais, pode-se pensar que esse equilíbrio está sendo desenvolvido. Essa é, talvez, a grande questão em torno da sobrevivência dos

Jogos durante mais de um século. Porém, não deixamos de notar que as pessoas que avaliam, que assistem e que estudam também estão imersas no que Bauman chamou de modernidade líquida, concorrendo para que o julgamento de sucesso dos Jogos possa estar sob uma argumentação ideológica em torno desta condição.

É pertinente, então, dizer que, enquanto olharmos para o fenômeno olímpico hoje como uma filosofia em processo e no bojo de um *continuum*, é preciso, também, termos um senso crítico sobre qual sociedade é esta que contextualiza tais fenômenos. Não uma crítica nos moldes da que Bauman diz estar desgastada (a crítica no formato clássico da Escola de Frankfurt), mas uma atitude que envolva análises sobre o quão o esporte e os JO reúnem representações de fato coletivas (sendo redundante, no sentido pleno da palavra).

Fica evidente, portanto, que as questões simbólicas relacionadas aos JO e ao olimpismo têm papel preponderante na dinâmica de seu processo. Tais pontos são, por assim dizer, a aplicação da base valorativa/filosófica em termos práticos. Assim, nos valem os próximos tópicos das relações entre esse processo e as configurações dos rituais/cerimoniais que o compõem e entre esse processo e a estrutura de comunicação que envolve a sua divulgação e torna possível seu caráter global/universal.

### 3 A TEORIA DAS PERFORMANCES CULTURAIS, OS JOGOS OLÍMPICOS E A CERIMÔNIA DE ABERTURA – PROCESSO, FORMA E ESTRUTURA

*“Ah, se fosse como a gente quer  
Ah, e se o planeta explodir  
Eu quero que seja  
Em plena manhã de domingo  
E que eu possa assistir [ao espetáculo]  
Ah, que a miserável condição  
da raça humana procurando o céu  
levante a cabeça  
e ao levantar por encanto  
escorregue o seu véu”*

Oswaldo Montenegro

O objeto de estudo desta pesquisa é o discurso televisivo relacionado a valores esportivos e a valores olímpicos. Para nossos objetivos, então, a delimitação desse discurso fica marcada pelas narrações de uma emissora de TV brasileira (Rede Globo) durante um momento específico: a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008.<sup>32</sup>

Segundo a abordagem de análise que utilizaremos (ACD), ao lidarmos com as referidas narrações dos profissionais de comunicação dessa emissora, é necessário olharmos para esse objeto relacionando-o com o seu contexto social mais amplo e com suas respectivas práticas sociais. No capítulo anterior, tentamos esboçar como a o primeiro tem se desenvolvido em nossos dias, no sentido da passagem de um estado sólido-moderno a um estado de liquidez – conceito dado por Bauman (2001) – e como as referências valorativas, teóricas e filosóficas se relacionam com tais estados.

A partir dessa explanação, percebemos que é também importante compreender o evento social mais imediato da ação discursiva que envolve o nosso objeto, bem como o processo de formação de sua rede de significados. Logo, abordaremos o modo como as citadas referências teórico-filosóficas se aplicam em práticas e costumes nos JO e em suas cerimônias e como tal aplicação age nos deslocamentos de sentido daquelas referências. Em determinados momentos,

<sup>32</sup> Professora Doiara Silva dos Santos ajudou a aperfeiçoar o manuscrito da primeira parte deste capítulo. Estou-lhe profundamente grato e reconhecido por isso.

traremos, portanto, alguns comentários pontuais da possível relação desses deslocamentos de sentidos com a modernidade líquida.

Vemo-nos, assim, imersos em um evento altamente simbólico: a realização da cerimônia de abertura em si e a sua cobertura televisiva – o que, segundo MacAloon (1996, p. 41-42, tradução nossa), expressa “[...] no mínimo uma ilusão de interconexão [...]” global.

À primeira vista, ao assistirmos a uma cerimônia de abertura de qualquer edição recente dos JO – quer em sua versão de inverno, quer em sua versão de verão, quer em sua versão “da Juventude” – vemos um evento altamente espetacularizado, que, esteticamente, “agrada à visão”. Forma e conteúdo são criados de modo a se tornar um gigantesco “*show*” com o propósito de inaugurar, ritual e formalmente, os confrontos e as competições olímpicas. No entanto, enquanto pesquisadores, quando focamos mais de perto o contexto social e a história das cerimônias de abertura, percebemos a complexa rede em que esta se encontra, imbuída de tensões das mais diversas e perpassada por diferentes níveis de problemáticas sociológicas, desde questões políticas até questões relacionadas à etnicidade/cultura e à identidade.

Desse modo, objetivamos, aqui, apresentar as características principais dos JO (em termos gerais) enquanto uma “performance cultural” (MacALOON, 1984b) para que, a partir dessa teoria, compreendamos melhor como (em termos específicos) os traços de uma performance cultural, que se diz global, atuam na configuração das cerimônias de abertura.

### 3.1 A TEORIA DAS PERFORMANCES CULTURAIS E OS JOGOS OLÍMPICOS

#### 3.1.1 Teoria das Performances Culturais

Como dissemos, MacAloon (1984b) teorizou sobre os JO abordando-os como uma performance cultural. Uma das ideias básicas dessa linha de pensamento é a de que as performances culturais são instrumentos significativos e ricos para se examinar e compreender diversos aspectos da sociedade.

Estão implícitos, nessa teoria, entendimentos específicos a respeito dos termos que compõem sua denominação: performance e cultura. MacAloon (1984a) os apresenta de forma concisa (o que não reduz sua complexidade) e oferece pressupostos teóricos básicos e formulações conceituais para a compreensão da Teoria das Performances Culturais de um modo geral. Além disso, contextualiza a análise que faz dos JO no desenvolvimento dessa teoria.

O termo cultura é assumido com base no conceito de Clifford Geertz, que a compreende como “[...] um sistema de símbolos e seus significados” (GEERTZ, 1973, p. 44-54 apud MacALOON, 1984a, p. 2, tradução nossa). Trata-se da ideia de uma teia de significados, de ação e comportamento simbólico cuja preocupação analítica é o significado. Tal concepção orienta toda a teorização das performances culturais.

A performance, por sua vez, é compreendida como sendo constitutiva da experiência social, e não como algo adicional ou instrumental – embora, para MacAloon (1984a, p. 2), ainda seja suscetível de debate o como ela compõe tal experiência e o quanto isso ocorre. Apesar de ter esse pressuposto central definido, MacAloon reconhece que uma das questões problemáticas a respeito da teorização das performances culturais diz respeito exatamente à definição do termo performance. Segundo o referido autor, conceitos muito amplos tendem a caracterizar qualquer acontecimento ou interação cultural como performance. Ao mesmo tempo, interpretações estritas podem polarizar categorias o que comprometeria a possibilidade de uma abordagem transcultural (MacALOON, 1984a).

MacAloon (1984a) fez essa afirmação quando se referiu, particularmente, às formulações conceituais de Erving Goffman que, embora se situem epistemologicamente nos estudos sobre a psicologia social da vida cotidiana, em muito influenciaram e contribuíram para as investigações sobre a performance no teorizar antropológico.



MacAloon (1984a, p. 6) observa que, nas primeiras teorizações apresentadas por Goffman, o conceito de performance era muito amplo, de tal forma que

[...] toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência [...] (GOFFMAN, 2002, p. 29)

podia ser compreendida no bojo desse conceito. Por causa da amplitude do termo, algumas problemáticas emergiram na realização de estudos empíricos. Assim, posteriormente, o próprio Goffman apresentou uma noção mais estrita, na qual a “[...] performance é o arranjo que transforma o indivíduo em um ator no palco” (GOFFMAN, 1986, p. 124, tradução nossa).<sup>33</sup>

Com isso, percebemos que a noção de performance presente no trabalho supracitado (GOFFMAN, 1986), diferentemente do “primeiro Goffman” (GOFFMAN, 2002),<sup>34</sup> direciona-se ao outro extremo. É, pois, uma noção mais restrita. Como nos indica Joseph (2000), ela está muito mais voltada para uma referência a “desempenho de papéis” como um tipo de comportamento “ritual” dos atores sociais na vida cotidiana.

Dessa forma, enquanto o conceito mais amplo resultou no problema de caracterizar qualquer acontecimento como performance, o conceito mais estrito gerou, de acordo com MacAloon, outro problema: o de limitar as possibilidades de generalizações “transculturais” (1984a, p. 6). Este autor tenta demonstrar isso ressaltando que Goffman amparou-se numa compreensão de homem ocidental. Logo, sugere que ainda é preciso verificar se as formulações teóricas sobre a tipificação das performances amparadas na concepção ocidental podem ser validadas tendo por base todas as outras sociedades. Nesse sentido, segundo MacAloon,

[...] possíveis achados de trabalhos empíricos podem ter implicações imediatas para um conceito de performance cultural que seja restrito o bastante para ser eficiente, ainda que suficientemente sensível a pressuposições culturais, para que também seja amplamente aplicado. (1984a, p. 7-8, tradução nossa)

Para se chegar a esse conceito, o pesquisador lança mão da noção de performance

<sup>33</sup> Nota-se que, para a formulação do conceito mais estrito, foi assumido como paradigma, mais explicitamente, o teatro ou, como se convencionou chamar, a “metáfora teatral”. Para uma compreensão histórica do uso dessa metáfora, cf. Joseph (2000).

<sup>34</sup> Destaca-se, aqui, que o original desta obra data de 1956.

relacionada à “metáfora teatral”. Embora a definição de performance advinda da microsociologia, a partir da obra de Erving Goffman, não tenha satisfeito totalmente às questões pontuadas por MacAloon (1984a), é daí que emerge uma importante contribuição para os estudos da antropologia da performance.

Tal metáfora é utilizada, por exemplo, para entender o elo estabelecido entre as performances culturais e a vida cotidiana. Isso implica na compreensão de uma característica ambígua das performances culturais: elas têm algo de rotina em si mesmas, caracterizando-se por seguirem (ou tenderem a seguir) uma espécie de roteiro pré-existente, um *script*. Porém, elas também saem da rotina e podem ter atuações inesperadas. MacAloon explica de forma esclarecedora:

Como Singer coloca, performances culturais sempre incorporam “um organizado programa de atividades”. Quer este programa seja flexível ou fixo, consciente ou inconsciente, consensual ou conflitante ou, como é usualmente o caso, um pouco de cada, não existe performance sem *pré-performance*<sup>35</sup>. No entanto, em outros aspectos, performances são tudo, menos rotina. Ao reconhecerem a responsabilidade mútua e a responsabilidade para com as tradições condensadas e objetificadas nos “*scripts*”, agentes e audiência reconhecem um risco de que as coisas podem não ir bem. Concordar em fazer parte de uma performance [tanto por parte dos atores quanto por parte da audiência] é concordar em arriscar a sorte. (MacALOON, 1984a, p. 9, tradução nossa)

Para o autor (1984a, p. 3), o conceito de “dramas sociais” é central na compreensão do estabelecimento desse elo entre as performances culturais e a vida cotidiana. Ele adere à concepção que aponta a performance cultural como constituinte de uma “[...] área limitada de transparência na superfície opaca da vida social rotineira” (MacALOON, 1984a, p. 3, tradução nossa). Nessas áreas encontram-se dramas sociais, ou seja, aspectos e relações da realidade social, teatralizadas em “palcos”. A teatralização dos dramas sociais pela sociedade sugere a existência de um lugar e ocasião específicos, bem como a representação de papéis normativos pré-estabelecidos, interligados e necessários para a performance (SINGER, 1959 apud MacALOON, 1984a). Os dramas sociais são abordados de forma que certos aspectos são enfatizados e/ou diminuídos na dramatização.

As “áreas de transparência” citadas pelo antropólogo podem se revelar nos rituais, filmes, exposições pictóricas, manifestações sociais, religiosas e festas culturais de

<sup>35</sup> O autor utiliza um neologismo para reforçar a ideia de um roteiro pré-existente.

uma sociedade, dentre outros (MacALOON, 1984a, p. 3-4). Nesse sentido, a partir da análise dessas áreas e de como elas se configuram, o observador pode examinar sociedades em todos os níveis de complexidade, percebendo um conjunto de princípios e de arranjos socioestruturais, além de apreender conflitos e dominâncias que, por vezes, podem passar despercebidos na vida cotidiana. Constatase, com isso, que existe, nas performances culturais, uma relação dialética entre a realidade cotidiana e momentos considerados *extra-ordinários*.

Há, portanto, um “senso de subjetividade da ação” na performance cultural que é ocasionado não apenas pela ideia de “risco”, mas pela compreensão de que as performances culturais assumem uma “forma dinâmica”. Trata-se da noção de cultura “em ação”, ou seja, as performances culturais

[...] não são apenas algo criativo, percebido, alcançado e até mesmo transcendente do curso ordinário dos eventos, elas são, frequentemente, a condição de sobrevivência [e, acrescentaríamos, de invenção e/ou celebração] da própria tradição (HYMES, 1975, p. 13 apud MacALOON, 1984a, p. 8, tradução nossa)

Essa característica é fundamental para entendermos como as tradições foram se formando nas cerimônias olímpicas. Desse modo, percebemos que as inovações que ocorrem em uma performance cultural, na medida em que ela avança ao longo da história, nunca são totais, dando-lhe um caráter processual. Por isso mesmo MacLoon descreve as linhas gerais das performances culturais como mais que formulações teórico-metodológicas e didáticas. Tais eventos, segundo ele, são

[...] ocasiões nas quais, como uma cultura ou sociedade, nós refletimos sobre ou definimos a nós mesmos, dramatizamos nossos mitos coletivos e nossa história, apresentamo-nos com alternativas e, eventualmente, mudamos de alguma forma, ao mesmo tempo em que, em outros aspectos, permanecemos os mesmos. (MacALOON, 1984a, p. 1, tradução nossa)

O autor apropriou-se de conceitos mais específicos, vinculados à Teoria das Performances Culturais para, baseado neles, reunir elementos que ofereçam sustentação para a análise dos JO. Destarte, ele cria uma nova teoria, denominada Teoria do Espetáculo. Vale mencionar que o pesquisador situa o próprio trabalho num estágio de desenvolvimento da Teoria das Performances Culturais considerado “pré-paradigmático”, uma vez que, juntamente com teóricos interessados em diferentes tipos de performances culturais, buscou contribuir para tal teoria, de uma forma geral, através da análise dos JO.

### **3.1.2 Teoria do Espetáculo – os Jogos Olímpicos e seus gêneros performativos**

Os dramas sociais são substratos do universo social e simbólico que emergem da estrutura social para serem expressos em palcos performáticos. No que se refere aos JO, tal relação evidencia-se em diferentes dimensões. Apropriando-se do conceito de “gênero” – advindo das teorias literárias – a Teoria do Espetáculo busca identificar e compreender tais dimensões.

Para isso, MacAloon destaca os gêneros performativos dos JO. A fim de compreender esse conceito, ele parte de uma diferenciação importante entre a análise das performances culturais e a análise dos comportamentos de rotina. O autor (1984a, p. 10, tradução nossa) nos apresenta a ideia de que as performances são “coletivamente tipificadas”, enquanto os comportamentos rotineiros, geralmente, não são “emoldurados ou nomeados”. Para ele, essa tipificação coletiva não ocorre a partir da polarização de categorias extremas na análise de cada performance, mas se dá na identificação e distinção de gêneros da performance que são relativamente flexíveis, isto é, podem se alterar em alguns sentidos com o passar da história.

No contexto de sua produção, MacAloon (1984a, p. 10) ressalta que os antropólogos dedicaram pouca atenção teórica para o uso dos gêneros como constructos analíticos. De fato, é na tradição dos estudos literários que a “teoria dos gêneros” tem história consolidada, essencialmente, com base em estudos de textos escritos denominados gêneros literários. O autor concebe gêneros como “[...] formas em desenvolvimento ou formas discursivas, [ou seja], como modos distintos de comunicação e não apenas meras ferramentas analíticas de categorização” (MacALOON, 1984a, p. 10, tradução nossa).

Destacamos que, embora denominada Teoria do Espetáculo, MacAloon (1984b) fala da não possibilidade de redução do “fenômeno Olímpico” moderno a uma única rubrica, isto é, a um único gênero. Nesse sentido, a Teoria do Espetáculo tem como pressuposto a coexistência de gêneros performativos nos JO. Considerando essa

argumentação, além do espetáculo, o autor identifica mais três gêneros relacionados aos JO como um todo: o festival, o ritual e o jogo<sup>36</sup> (MacALOON, 1984b, p. 243-258).

### *3.1.2.1 Os Jogos Olímpicos como espetáculo e festival*

Para MacAloon (1984b), a denominação dos JO como espetáculo não incorre nos limites daquela, comumente mencionada na produção acadêmica, que se refere às relações entre o esporte e a atividade econômica (o “esporte-espetáculo”), ao seu uso político como potencial alienante e aos estudos sobre o esporte como produto da indústria cultural. Centra-se, antes, numa concepção antropológica de espetáculo que, embora não o isole dos fatores econômicos e políticos, empenha-se em identificar os seus aspectos constituintes.

Citando o significado etimológico, MacAloon (1984b, p. 243) diz que a palavra “espetáculo” tem sua derivação do Latim, que confere o sentido de “olhar para” e “observar algo”. Esse sentido implica a compreensão de que algo é exibido, digno de atenção, notável. “O espetáculo dá primazia ao sensório-visual e aos códigos simbólicos, eles são feitos para serem vistos” (MacALOON, 1984b, p. 243, tradução nossa).

Nem todas as coisas feitas para serem vistas, porém, são consideradas espetáculos, pois estes envolvem também certo tamanho e grandeza (MacALOON, 1984b, p. 243). Assim, os espetáculos são aqueles capazes de chamar a atenção pela sua proporção, cores ou outras qualidades “dramáticas”, capazes de provocar excitação (MacALOON, 1984b, p. 243).

Outra característica importante é o que MacAloon denomina de “[...] institucionalização de papéis bicamerais” (MacALOON, 1984b, p. 243, tradução

<sup>36</sup> MacAloon frisa que esses quatro gêneros não encerram as possibilidades de tipificação dos JO. No entanto, segundo o autor, “eles são semântica e funcionalmente os mais significativos” (1984b, p. 242, tradução nossa).

nossa). Esse termo se refere a papéis normativos, organicamente vinculados e necessários à performance, como por exemplo, “artistas e espectadores”. Segundo o autor, essas vinculações ocorrem no sentido de revelar clara diferenciação entre as funções de atores e de público, e, até mesmo, uma certa oposição entre eles (MacALOON, 1984b, p. 243). As performances realizadas no espetáculo dependem da existência de um público assistindo-as. Sem isso, tais performances não seriam espetáculo – um exemplo de “performances que não são espetáculos” são alguns rituais sagrados em culturas tradicionais que realizam costumes sem precisarem (algumas culturas até proíbem sua presença) de espectadores (MacALOON, 1984b, p. 243-244).

Mais um aspecto a ser mencionado na caracterização do espetáculo é a compreensão do mesmo como uma forma dinâmica. O autor (1984b) diz que formas dinâmicas “[...] demandam movimento, ação, mudança e permuta por parte dos atores humanos que estão no centro do palco, e os espectadores, em troca, devem ficar excitados” (MacALOON, 1984b, p. 244, tradução nossa).

A partir da análise desses aspectos, o antropólogo argumenta que

[...] os JO não só preenchem estes critérios, mas são espetáculos *par excellence*, um caso típico, em relação ao qual todos os outros casos devem ser comparados. Os Jogos são irredutivelmente visuais. Literalmente, eles devem ser vistos – e devem ser vistos pessoalmente, para serem cridos. (MacALOON, 1984b, p. 245, tradução nossa)

No entanto, destacamos que nem sempre (na história do MO) os JO foram tidos como tal epítome. As caracterizações de espetáculo foram sendo “introduzidas” nas organizações específicas de JO durante o século XX. A princípio, visto sua relação com o sensorio-visual, tal introdução pode estar relacionada com o advento da “estética do consumo”, analisada por Bauman (2001), na modernidade líquida. Observamos que a aceitação dos traços do espetáculo no bojo da organização do evento olímpico tem estreita ligação com o advento da TV (MacALOON, 1984b, p. 245). Se o próprio Bauman relacionou a estética do consumo com o modo como se operou esse meio de comunicação, na segunda metade do século XX, logo tendemos a fazer tais relações. Entretanto, mais uma vez, elas não devem ser tomadas como “causa-efeito”. Para vermo-las mais claramente, é importante enumerar outras características do espetáculo que, segundo MacAloon (1984b, p.

246) são menos nítidas.

Podemos realçá-las quando as contrastamos com o gênero festival. Três “contrastes” são realizados pelo autor. Vejamos como ele os expõe.

Utilizando-se mais uma vez do recurso etimológico, ele nos diz que a palavra “festival” advém de derivação latina, significando “alegre, festivo”. Remete a um estado de humor, bem como a um “[...] tempo de celebração marcado por observâncias especiais, um programa de festividade pública” (MacALOON, 1984b, p. 246, tradução nossa). 1º contraste: o espetáculo, por sua vez, não denota nenhum estilo ou humor específico, mas abrange uma variedade de emoções que são intensificadas ou geradas pelo momento – emoções alegres ou não (MacALOON, 1984b, p. 246). Além disso, “[...] os festivais não são externamente amarrados a calendários e são internamente fixados a programas de ‘observâncias especiais’” (MacALOON, 1984b, p. 246, tradução nossa). 2º contraste: já os espetáculos são irregulares, ocasionais, com o final mais flexível, ou até mesmo espontâneo (MacALOON, 1984b, p. 246) – pelo fato de possuírem papéis bicamerais, o público deve ser excitado em algum momento (não significando nenhum “humor” específico); isso faz com que este não saiba como será o final, o qual deve ser aberto (ao contrário do festival que tem “hora para acabar” e que não possui, *a priori*, uma surpresa excitante no final).

Em termos valorativos, o festival, enquanto necessariamente uma celebração pública, preza por um equilíbrio e uma harmonia no interior de suas ações. 3º contraste: o espetáculo, por sua vez, está atrelado a um “*ethos*” de engrandecimento cuja máxima é “mais é melhor” (MacALOON, 1984b, p. 250, tradução nossa). Por mais que o conteúdo da performance do espetáculo seja sobre o equilíbrio e sobre a harmonia, o público sempre espera que sua forma seja “grandiosa” (MacALOON, 1984b).

Essa abordagem fez com que MacAlloon chegasse ao pressuposto de que os gêneros espetáculo e festival não poderiam substituir um ao outro, isto é, de que eles possuiriam uma certa oposição (MacALOON, 1984b). O mais interessante dessa oposição é que podemos relacionar alguns de seus aspectos (e o autor nos ajuda a pensar tal ligação) aos polos do *continuum* o qual DaCosta (2002) diz que o

olimpismo se coloca com o correr do século XX. De acordo com MacAloon (1984b, p. 248), o endosso oficial do COI aos JO, a princípio, concentrou-se em legitimá-lo como festival. O próprio Coubertin chamou os JO de “[...] festival da unidade humana [...]” (COUBERTIN, 1967, p. 131 apud MacALOON, 1984b, p. 248, tradução nossa) e se preocupou com a tendência de eles se tornarem “[...] apenas exposições teatrais, ou espetáculos inúteis” (COUBERTIN, 1967 apud MacALOON, 1984b, p. 248, tradução nossa). Com isso, fica visível a faceta da aplicação da base teórico-filosófica do olimpismo. Tal legitimação ocorreu, principalmente, devido às ideias de “estado de humor alegre”, à exaltação da harmonia enquanto um valor eurrítmico e ao traço mais humanista de celebração da dignidade humana (DaCOSTA, 1999). Ao não aceitar, inicialmente, a adaptação dos JO (em especial, das suas cerimônias) ao espetáculo, o COI (e o próprio Coubertin) temia que se rompesse com os fundamentos centrais do olimpismo.

Com o passar do tempo, porém, o espetáculo foi incorporado aos JO como elemento explicitado, em especial, na cerimônia de abertura. Isso não significou que o festival tenha sido sucumbido. Pelo contrário, em nível formal e pragmático, o COI fixou e manteve fronteiras internas de espaço, tempo e objetivações que distinguem o festival da mais centrífuga, difusa e permeável estrutura do espetáculo – mas ambos constituem os JO. Todavia, mesmo contrastando alguns traços do festival e do espetáculo, o argumento sobre o qual MacAloon segue sua discussão é o de que esses dois gêneros compartilham um importante elemento em comum. Esse argumento diz respeito à ideia de que

[...] ambos são “megagêneros” ou “metagêneros” da performance cultural. Nenhum especifica diretamente o tipo de ação que os participantes irão engajar ou ver. Pelo contrário, cada um deles constrói uma moldura adicional em torno de outros gêneros performativos mais específicos. Existem festivais religiosos, teatrais, comerciais, de ópera e filmes, de artes e artesanato e até festivais de culinária, bem como existem combinações destes. O mesmo acontece com os espetáculos. Esses metagêneros distinguem-se por sua capacidade de ligarem organicamente [...] formas diferenciadas de ação simbólica no interior de novas totalidades por meio de uma localização espaço-temporal comum de temas expressivos, de estilo afetivo, de intenção ideológica ou de função social (MacALOON, 1984b, p. 250, tradução nossa).

A questão dos metagêneros será melhor explicitada a partir da apresentação dos outros gêneros performativos discutidos pelo autor. Vejamos, agora, como MacAloon interpreta as questões sobre o ritual e o jogo.



### 3.1.2.2 Os Jogos Olímpicos modernos como ritual

Peirano (2002) afirma ser redutor considerar os rituais apenas como eventos religiosos de sociedades históricas (como a corte europeia), sociedades indígenas, etc. Os rituais podem ser de natureza religiosa, mas podem também ser profanos, festivos, formais, simples ou elaborados (PEIRANO, 2003, p. 5).

A autora indica que, nos rituais, estão combinadas palavras e ações que nos apontam e nos revelam representações e valores de uma sociedade, uma vez que expressam elementos do cotidiano. Ela pontua que a vida social é marcada por rituais e que estes são sistemas culturais de comunicação simbólica sujeitos às dinâmicas e mudanças sociais, portanto, não são fossilizados e imutáveis (PEIRANO, 2003, p. 11-12).

A ideia coubertiniana de ritual, particularmente, parte das influências do pensamento social francês sobre a busca por uma “religião secular”. A obra de Durkheim é uma das principais referências<sup>37</sup> a partir das quais Coubertin entendia que a razão não poderia, por si só, guiar a humanidade, havendo, assim, a necessidade do sentimento religioso, de novas celebrações e cerimônias (MacALOON, 1984b, p. 251).

Trata-se de uma discussão pautada em uma certa “oposição à razão” na época de Coubertin. Na Filosofia, assim como nas Ciências Humanas e Sociais, houve, pontualmente, algumas discordâncias em relação à supervalorização iluminista-kantiana das razões fática, ética e estética (em outras palavras, a ciência, a moral e a arte modernas) enquanto esferas autônomas e totais na vida social. O debate em torno dessa temática remete à concepção de homem cuja relação com o mundo possui outras dimensões que não apenas a razão técnica-instrumental. É nessa perspectiva que o ritual (mesmo aquele que se refere a costumes religiosos) emerge

<sup>37</sup> Em relação à referência utilizada por Coubertin, cf. Durkheim (1996).

como uma dimensão da realidade social que não é estritamente vinculada a uma racionalidade técnica-instrumental.

Esse contexto se apresenta, a nosso ver, como outro exemplo de aplicação das bases valorativas do olimpismo. Ao conciliar extremos e ao prezar pela euritmia, Coubertin não apenas estabeleceu a organização de eventos multiesportivos, mas também delineou (processualmente) símbolos e vinculações “transcendentais” que deveriam formar uma esfera solene e diferenciadora em torno dos Jogos. Em um plano geral, MacAloon (1984b) afirma que o ritual difere de outras formas de comportamento cerimonial, geralmente, de duas maneiras: 1 – invoca e envolve uma determinada sacralização, o lócus da preocupação de um povo; e 2 – resulta em transições sociais ou transformações espirituais, em um “terreno transcendental”. Essas duas características estão intimamente relacionadas. Elas se ligam, também, às bases do olimpismo. Todas essas relações serão discutidas de maneira mais específica na seção 3.2.1.

### *3.1.2.3 O jogo como gênero olímpico*

Ao falar deste gênero, MacAloon (1984b, p. 254) afirma ser o jogo, em geral, um dos processos culturais mais paradoxais da sociedade na qual vivemos.

O jogo envolve metas definidas, regras estabelecidas, papéis pré-determinados, o que caracteriza a sua estrutura formal. As regras são, em sua maior parte, inegociáveis, e, enquanto são respeitadas, “[...] o jogo é um sistema social sem desvios” (MacALOON, 1984b, p. 254, tradução nossa). Ao mesmo tempo, certas qualidades afetivas e experienciais do jogo parecem ser conflitantes com o caráter estrito das regras. O espectro afetivo é polarizado: o jogo é diversão, entretenimento, alegria, mas também envolve seriedade e compromisso (MacALOON, 1984b, p. 255).

Nos níveis motivacional e funcional, o jogo é um tipo de liberdade, de atividade

voluntária, é autotélico (adquire sentidos para cada um), é intrinsecamente interessante, autocompensador e autorrealizador (MacALOON, 1984b, p. 255).

Para compreender o jogo como um gênero olímpico, MacAloon (1984b, p. 257) parte da análise da ideologia olímpica, baseando-se nas elaborações de Coubertin, que vislumbrou nesse gênero a expressão da ordem da sociedade moderna e a possibilidade de uma inversão das deficiências de tal sociedade, ou seja, um instrumento de esperança e reforma social cujas dimensões envolvidas são tanto de caráter competitivo, como também cooperativos (MacALOON, 1984b, p. 256).

Neste ponto, perguntamo-nos: mas como, então, o jogo poderia cumprir tal objetivo? É que o jogo é uma “[...] forma dramática universal [...]” por meio da qual povos, outrora distantes e sem comunicação, passaram a dialogar (MacALOON, 1984b, p. 256). Apropriando-se das considerações de DaMatta sobre o processo de dramatização,<sup>38</sup> MacAloon (1984b, p. 256-257) argumenta em torno desse processo para apontar a razão pela qual tanto sociedades hierárquicas quanto igualitárias participam das disputas olímpicas com entusiasmo. A ideia é de que o jogo, em sua estrutura formal, permite que sociedades hierárquicas dramatizem a igualdade e que sociedades ideologicamente igualitárias, por sua vez, dramatizem hierarquias (MacALOON, 1984b, p. 256-257).

O autor cita, em seguida, um último aspecto inerente ao jogo como gênero olímpico. Este se refere à ideia de proporcionar e de ser um momento em que as regras são aceitas “[...] livre e alegremente” (1984b, p. 256, tradução nossa).

Percebe-se aí que as competições esportivas, em geral, integram os elementos perspectivados na concepção de jogo como gênero performativo. Porém, isso ocorre de maneira muito restrita e essa é uma compreensão fundamental para entendermos os JO como uma performance cultural ramificada, pois, embora os traços que compõem a concepção de jogo possam estar presentes em outros tipos de eventos, nos JO eles arranjam-se numa configuração específica por causa da sua coexistência com outros gêneros da performance.

Por fim, antes de prosseguirmos para a discussão dessa configuração, vale citar que

<sup>38</sup> Cf. DaMatta (2006).

o gênero performativo do jogo não se relaciona tão diretamente com a ocorrência das cerimônias de abertura dos JO. Talvez, o máximo que possamos dizer sobre o papel desse gênero em tal evento é que ele é simbolizado na cerimônia como o elemento que se deseja inaugurar. Durante a cerimônia, é importante trazer isso à memória. Todavia, estudos como o de Casanovas (1996, p. 257) veem apontando o surgimento, no decorrer do processo social, de um caráter competitivo nas cerimônias. Só que, neste caso, não é uma competição corporal/esportiva, mas simbólica: a disputa para saber qual país/cidade-sede organiza a melhor e mais fantástica (espetacular?) cerimônia de abertura (CASANOVAS, 1996).

#### *3.1.2.4 Os Jogos Olímpicos como performance cultural ramificada*

A Teoria do Espetáculo sugere que há, categórica e contextualmente, uma articulação e uma inter-relação entre todos os gêneros olímpicos. Os quatro gêneros performativos que MacAloon (1984b) identificou e propôs-se a caracterizar compõem um todo articulado cujas interfaces constituem a dinâmica complexa dos Jogos.

A nosso ver, uma das principais contribuições de MacAloon é a compreensão dos gêneros olímpicos enquanto elementos histórica, ideológica, estrutural e performativamente interconectados. Assim, formam um sistema integral que é ramificado. Como tal, esses gêneros são ilustrados como “caixas de enquadre tridimensionais”, onde figura uma caixa interior que é mais específica (o jogo). Tal caixa é envolvida por uma outra caixa maior (o ritual), que, por sua vez, é envolvida pela caixa do festival que, por fim, é coberta pelo enquadre mais amplo e difuso (o espetáculo) (MacALOON, 1984b, p. 262). Isso implica na possibilidade de reconhecer que os gêneros olímpicos compartilham determinadas configurações ao mesmo tempo em que outras estão em tensão e em oposição.

Baseado nessa ideia de ramificação, MacAloon (1984b, p. 260) tenta demonstrar que tanto os atores quanto as audiências do evento olímpico podem não perceber e/ou vivenciar os Jogos na completude e na plenitude de suas dimensões. Nesse

sentido, o antropólogo reforça que seria um equívoco classificar os Jogos com uma categoria única. Se isolados, esses gêneros performativos não permitiriam compreender o evento e a complexidade de suas dimensões nem os dramas sociais neles representados (MacALOON, 1984b).

Desse modo, é bastante pertinente colocarmos, aqui, a seguinte pergunta: por que Teoria do Espetáculo? De acordo com o modelo de interpretação inaugurado por esse autor, é exatamente este gênero (o espetáculo) que se articula aos demais de forma que, preponderantemente, os influencia. Isso faria com que os gêneros mais especificamente olímpicos (e mais relacionados com os valores do olimpismo) perdessem seu fundamento central? Essa é uma questão que o próprio MacAloon procura responder. Por se relacionar especificamente com a cerimônia de abertura, tal resposta será discutida na seção 3.2.1.1. Adiantamos, desde já, que o autor reconhece (a partir de pesquisas anteriores) que, no contexto mais contemporâneo, o espetáculo tem agido como “dispositivo recrutador” dos JO (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa), ou seja, a atenção que se capta para os Jogos, em termos gerais, não advém da propagação *a priori* de seus valores orientadores, mas sim da grandeza espetacular que os Jogos (leia-se “as cerimônias de abertura”) possuem (MacALOON, 1984b).

### 3.2 AS CERIMÔNIAS OLÍMPICAS, A CERIMÔNIA DE ABERTURA E OS GÊNEROS OLÍMPICOS

Ao teorizar sobre os JO como uma Performance Cultural Ramificada, MacAloon (1984b) enfatiza o caráter de interdependência entre os gêneros performativos que compõem a teia de significados dos Jogos. Cada componente dessa teia possui características diversas, sendo algumas delas distintivas e específicas, enquanto outras são mais genéricas, coincidindo com traços de outros componentes.

No âmbito das cerimônias olímpicas, esse processo ocorre em três momentos típicos principais: nas cerimônias de premiação, nas cerimônias de encerramento e

nas cerimônias de abertura.

Como já destacamos no início deste capítulo, atualmente, ao focalizarmos a cerimônia de abertura, “à primeira vista”, ela se apresenta como um grande espetáculo, que, cada vez mais, utiliza-se de recursos tecnológicos, combinados às tradições locais, para produzir um gigantesco *show* artístico e estético.

Porém, vários estudiosos, de diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas, têm investigado a complexidade desse momento simbólico de grande importância para a própria perpetuação dos JO.

Segundo MacAloon (1996, p. 29, tradução nossa), “[...] a declaração mais aguda e profética [...]” do idealizador dos JO, Pierre de Coubertin, diz respeito exatamente às cerimônias. Nessa declaração, Coubertin afirma que é “[...] através de suas cerimônias que a Olimpíada deve se diferenciar de uma mera série de campeonatos mundiais” (COUBERTIN, 2000b, p. 596, tradução nossa). MacAloon (1996, p. 29) nos lembra que, na época em que tal declaração foi escrita,<sup>39</sup> ainda não havia a imensa gama simbólica que há hoje nas cerimônias de abertura, como, por exemplo, o fogo olímpico, o revezamento da tocha, a bandeira olímpica, o hino olímpico, o juramento olímpico, o programa olímpico e as performances artísticas. Isso significa que, antes de ser um *show* estético e artístico, as cerimônias de abertura possuem um conteúdo específico de fundamental importância para a ideologia do COI no que se refere aos seus valores declarados.

Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 89) nos dizem que, em termos de estrutura, as cerimônias olímpicas são sempre algo pré-determinado sob alguns aspectos (isso ocorre porque há um protocolo obrigatório a ser seguido em qualquer edição dos JO; essas normas são ditadas pelo COI na Carta Olímpica). Já no que diz respeito a outras características, há uma maleabilidade para que cada COJO dê sua contribuição artística, comunicacional e cultural. A consciência dessa forma de organização é de fundamental importância para uma compreensão densa das cerimônias atualmente. Llinés, em um texto datado de 1996, já nos chamava a atenção para tal forma. Segundo a autora,

<sup>39</sup>Esta citação de Coubertin data, originalmente, de 1910.

[...] a estrutura e o conteúdo das cerimônias olímpicas atuais – tanto das cerimônias de abertura quanto das de encerramento – resultam da continuidade de um evento que, ao alcançar o seu 100º aniversário, tem sido forçado a se adaptar ao novo ambiente de representação cultural e de comunicações. Consequentemente, o modelo empregado hoje [...] é um produto cujo perfil tem estado em constante redefinição, cerimônia após cerimônia, Olimpíada após Olimpíada, por toda a história dos Jogos. (LLINÉS, 1996, p. 63, tradução nossa)

Desse modo, observamos que a complexidade das cerimônias de abertura está relacionada com o contexto social mais amplo em que elas estão inseridas, isto é, com a modernidade líquida. Também destacamos a noção de processo no desenvolvimento histórico das cerimônias, ideia corroborada pela citação acima. Essa noção nos ajuda a entender que as mudanças ocorridas na estrutura das cerimônias não se aplicaram sem embates e sem tensões. Pelo contrário. Ainda hoje, para o próprio COI, o verdadeiro sucesso das cerimônias depende de um balanço de tensões entre valores distintos que coexistem e que se apresentam de maneira bastante explícita e intensa nas cerimônias de abertura.

Percebemos, então, a importância da Teoria do Espetáculo (MacALOON, 1984a) no interior de pesquisas sobre o olimpismo. Assim, conseguimos visualizar pontos de contato entre os gêneros performativos que tal teoria advoga e as cerimônias de abertura dos Jogos, que são momentos especiais e separados (cerimoniais) para a celebração do olimpismo (MacALOON, 1984b).

Os principais gêneros performativos, em termos de “ramificação”, que perpassam os diversos momentos das cerimônias de abertura são o ritual, o festival e o espetáculo. Faremos, portanto, alguns comentários sobre quais elementos compõem tais cerimônias atualmente e como esses são transcorridos pelos citados gêneros. Focalizaremos, também, o modo como os citados elementos se relacionam com o objetivo maior da mensagem das cerimônias, qual seja, a comunicação dos valores olímpicos.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Ao recortarmos, especificamente, a cerimônia de abertura para o nosso trabalho, não deixamos de reconhecer a importância e a atualidade de estudos sobre os outros dois tipos de cerimônias olímpicas (de premiação e de encerramento) e suas relações com os gêneros performativos contextualizados na sociedade contemporânea. É, contudo, no momento das cerimônias inaugurais que se intensificam os símbolos relacionados aos valores olímpicos e ao seu processo de comunicação, visando a uma consciência global de tais valores, ainda que interpretados de maneiras distintas por distintas culturas. É, também, na cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008 que ocorrem os processos discursivos que servem de dados para o nosso estudo.

### 3.2.1 Cerimônias de abertura atuais: forma e estrutura

Como evento “feito para ser midiaticado”, os responsáveis pelas transmissões da cerimônia de abertura dos JO, em suas edições mais recentes, têm investido em diferentes momentos com diferentes tipos de “mensagens” e “emoções” para atrair a atenção do maior número possível de audiência não presencial, isto é, a audiência que assiste ao evento pela TV.

<b>Tempo de duração (minutos/segundos)</b>	<b>Título da parte</b>	<b>Descrição geral</b>
1 h 13 min 08 s	<b>Parte 1 – Pré-show e Performances artístico-culturais</b>	<i>Shows com a apresentação e a celebração da cultura chinesa</i>
2 h 55 min 16 s	<b>Parte 2 – Rituais olímpicos<sup>41</sup></b>	-----
2 h 14 min 59 s	Desfile dos atletas	Desfile das 204 delegações, por ordem alfabética da língua chinesa (exceto pelo primeiro e pelo último país a entrar – por tradição esses são, respectivamente, a Grécia e o país anfitrião)
0 h 40 min 17 s	Restante do cerimonial	Juramentos, discursos, Hino e Bandeira Olímpicos, ritual dos pombos, fórmula de abertura, tocha e pira
0 h 04 min 14 s	<b>Parte 3 – Culminação final do espetáculo</b>	Rápida demonstração da soltura final de fogos de artifício (considerada a maior da história)
4 h 12 min 38 s	<b>TOTAL</b>	-----

**QUADRO 1 – DIVISÃO ESTRUTURAL DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JO DE PEQUIM-2008**

<sup>41</sup> Mesmo sendo dividida em partes, alguns elementos das cerimônias de abertura que são considerados rituais olímpicos ocorrem logo no início, no momento que, aqui, chamamos de “performances artístico-culturais”. Como exemplos, têm-se a chegada do chefe de estado do país anfitrião ao estádio e a execução do hino do país anfitrião.



Esses momentos são a base cronológica para o caráter processual das cerimônias, pois são a sua duração e o seu modo de apresentação que variam de cerimônia para cerimônia. Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 89) afirmam que, em termos relativamente recentes (a partir da década de 1980), a cerimônia de abertura dos JO tem se dividido em três momentos principais: 1 – performances artístico-culturais de abertura, computando, aí, o chamado *pré-show*; 2 – rituais olímpicos (incluindo o desfile dos atletas); e 3 – a culminação final do espetáculo (ver QUADRO 1). Percebemos que essa divisão ainda possui um certo nível de generalidade. Como veremos, mais detalhadamente, em nossa análise de dados, a cerimônia dos JO Pequim-2008 também possui esses três momentos, porém, eles são subdivididos em várias ações e manifestações artísticas que possuem especificidade própria.

Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 89) destacam a progressiva expansão em duração e escala das performances artístico-culturais e do desfile dos atletas. Como principal consequência dessa expansão, segundo os autores, há uma alteração do equilíbrio da atenção da audiência, fazendo com que esta se afaste, mesmo que levemente, dos rituais olímpicos. Podemos verificar essa alteração com o auxílio do QUADRO 2, comparando uma edição relativamente recente dos JO de verão (Barcelona-1992) com sua última edição correlata (Pequim-2008). Nas segunda e terceira colunas observamos que, em termos de “duração”, a parte destinada a performances artísticas teve um aumento de vinte minutos. A segunda parte (os rituais), no total, também teve um aumento. Todavia, há de se desconsiderar (ou relativizar) o desfile dos atletas. Em Barcelona, desfilaram cento e setenta e duas nações (SENN, 1999, p. 280), enquanto que em Pequim foram duzentas e quatro delegações (trinta e duas a mais), além de um maior número total de atletas participantes da cerimônia, o que explica o crescimento tão elevado dessa parte, em especial. Já a duração do restante do cerimonial teve um aumento pouco significativo (três minutos). Com relação à terceira parte, percebemos uma dificuldade operacional da análise, pois a Rede Globo encerra sua transmissão sem, contudo, a cerimônia ter se encerrado – quando os narradores despedem de seus telespectadores, veem-se, ainda, imagens da culminação final do espetáculo, que está em seu ápice. Com base nessas informações, vemos que, mesmo em um período de tempo relativamente curto, há indícios da diminuição da predominância ritualística/protocolar.

Parte		Duração (Barcelona-1992)	Duração (Pequim-2008)
<b>Parte 1 – Pré-show e Performances artístico-culturais</b>		0 h 53 min 53 s	1 h 13 min 08 s
<b>Parte 2 – Rituais olímpicos</b>	Desfile dos atletas	1h 19 min 01 s	2 h 14 min 59 s
	Restante dos rituais	0 h 37 min 10 s	0 h 40 min 17 s
	Total da parte 2	1 h 56 min 11 s	2 h 55 min 16 s
<b>Parte 3 – Culminação final do espetáculo</b>		0 h 22 min 42 s	0 h 04 min 14 s
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>3 h 12 min 46 s<sup>42</sup></b>	<b>4 h 12 min 38 s<sup>43</sup></b>

**QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE DURAÇÕES DAS PARTES DAS CERIMÔNIAS DE ABERTURA DE BARCELONA-1992 E DE PEQUIM-2008**

Concordamos com MacAloon (1996) que, mesmo percebendo essa alteração, enfatiza o papel do protocolo e do ritual olímpico para a legitimação do próprio COI e para sua expressão valorativa e ideológica. Com relação aos elementos de protocolo e de ritual, destacam-se, na cerimônia de abertura:<sup>44</sup> 01 – a chegada do chefe de estado do país anfitrião; 02 – a apresentação do presidente do COI e do chefe de estado; 03 – a entrada e o hasteamento da bandeira do país anfitrião; 04 – a execução do hino do país anfitrião; 05 – o desfile dos atletas; 06 – os discursos institucionais (geralmente do presidente vigente do COI e do presidente do COJO específico); 07 – o convite pelo presidente vigente do COI feito ao chefe de estado do país anfitrião, para que este abra oficialmente os JO; 08 – a “fórmula da abertura”, sendo esta uma frase que é tradicionalmente empregada (com poucas alterações no decorrer da história olímpica), a qual o chefe de estado do país anfitrião cita para declarar os Jogos oficialmente abertos; 09 – a entrada e o hasteamento da bandeira olímpica; 10 – a execução do hino olímpico; 11 – o

<sup>42</sup> As informações das transmissões de Barcelona-1992 foram retiradas de Spà, Rivenburgh e Larson (1995).

<sup>43</sup> Em relação aos JO de Pequim-2008, os dados mostrados aqui se referem ao tempo de televisionamento do mesmo pela Rede Globo. Já no caso dos JO de Barcelona-1992, refere-se à duração da transmissão por uma TV espanhola.

<sup>44</sup> É importante frisar que o arranjo das cerimônias (como o conhecemos hoje) passou por um processo histórico. Desse modo, alguns desses elementos podem não ter aparecido em uma cerimônia específica ou podem estar em um momento distinto da numeração colocada aqui. Essa numeração segue a ordem de aparecimento no caso específico de Pequim-2008. Para uma comparação com Barcelona-1992, cf. Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 263-265).

juramento dos atletas; 12 – o juramento dos juízes/árbitros; 13 – o ritual dos pombos;<sup>45</sup> 14 – a entrada da tocha com o fogo olímpico; 15 – o final do revezamento da tocha;<sup>46</sup> 16 – o acendimento da pira olímpica, que terá o fogo sagrado queimando por todo o período das competições olímpicas. Para uma noção geral da introdução histórica de elementos simbólicos e estruturais nas cerimônias, cf. o QUADRO 3.

Nos termos de MacAloon (1984b) (discutidos anteriormente), tais elementos compõem a cerimônia de abertura preponderantemente enquanto gênero de ritual. Como já dissemos, esse gênero advém do conceito utilizado por Coubertin de “religião secular”, em que não há um deus ou um ser supremo, mas sim a celebração da própria humanidade. No entanto, outros traços típicos de rituais deístas são mantidos, como, por exemplo, a simbologia e o caráter de transição. Este último traço, para MacAloon (1985), é muito importante no que diz respeito à participação dos atletas e do público na cerimônia de abertura.

<b>Elemento da cerimônia:</b>	<b>Jogos/ano em que foram introduzidos:</b>
Abertura oficial pelo chefe de estado	Atenas-1896
Hino Olímpico	Atenas-1896
Hino nacional do país anfitrião	Atenas-1896
Desfile dos atletas	Londres-1908
Bandeira Olímpica	Antuérpia-1920
Juramento do atleta	Antuérpia-1920
Soltura dos pombos	Antuérpia-1920
Fogo olímpico	Amsterdã-1928
Sistema de som amplificado	Los Angeles-1932
Revezamento da tocha	Berlim-1936
Juramento dos juízes/árbitros	Munique-1972

**QUADRO 3 – INTRODUÇÃO HISTÓRICA DE ELEMENTOS SIMBÓLICOS E ESTRUTURAIS NAS CERIMÔNIAS DE ABERTURA**

Fonte: adaptado de Moragas, MacAloon e Llinés (1996).

<sup>45</sup> Assim como a ordem de aparecimento desses elementos seguem uma noção processual, alguns momentos específicos também foram se modificando com o passar do tempo. É o caso da soltura dos pombos. Em Pequim-2008, por exemplo, esse ritual foi feito de um modo mais representativo do que literal, pois atores e instrumentos artísticos interpretaram os pombos. Isso se deu, principalmente, porque esse ritual já não era realizado desde Seul-1988, quando ocorreram problemas operacionais na soltura.

<sup>46</sup> Neste ponto, faz-se necessário destacar que o ritual do fogo olímpico se inicia meses antes do evento, em Olímpia, na Grécia, ocorrendo o revezamento desse fogo até a data da cerimônia de abertura, quando o mesmo entra no estádio olímpico carregado por alguma personalidade. A partir daí, é feito o final do revezamento, até o fogo chegar ao último portador que acenderá a pira. Normalmente, a identidade desse último portador é guardada em segredo até o momento final.

Embasado no trabalho sobre o “processo ritual” de Victor Turner,<sup>47</sup> o autor utiliza-se do conceito de *liminaridade* para explicar a importância do gênero ritual na cerimônia de abertura. Desse modo, MacAloon (1985) remete aos JO, de maneira geral, como um “rito de passagem”. Para ele, os ritos de passagem possuem uma estrutura básica típica, a qual é composta de três fases:

A primeira é o período de *separação* das regras, papéis e valores da vida ordinária. A segunda é o período de *liminaridade*, uma sensação de estar entre um estado e outro, nem aqui nem ali, no que diz respeito à vida social normal. A terceira fase é o período de *reagregação* ou retorno à ordem usual das coisas. Os rituais olímpicos seguem esse esquema universal e utilizam-se dele para organizar os significados e os propósitos do olimpismo. (MacALOON, 1985, p. 147, tradução nossa, grifos do autor)

É nesse sentido de transição que podemos falar, então, que os atletas participantes desse rito de passagem são, agora, “olímpicos” ou “olimpianos”. Essa marca faz uma diferença enorme na vida de um esportista, devido à carga simbólica que carrega, isto é, devido à atribuição positiva que tem dos valores olímpicos, principalmente, neste caso, no que diz respeito ao valor de excelência.

Nesse contexto, a cerimônia de abertura é “o” tempo/espço quando/onde o rito de passagem se inicia e ocorrem seus momentos mais intensos. Para MacAloon (1985, p. 147), cada um dos elementos ritualísticos da cerimônia de abertura (os dezesseis elementos citados acima) possui uma função específica no papel geral de tal cerimônia enquanto evento em que ocorre a fase de separação e parte da fase de liminaridade do rito de passagem. Já a cerimônia de encerramento é a referência central no processo de diminuição da liminaridade e na fase de reagregação (MacALOON, 1985, p. 148).

Podemos citar, por exemplo, três funções específicas dos elementos da cerimônia de abertura. Primeiramente, a bandeira olímpica, geralmente hasteada acima das bandeiras nacionais; em segundo lugar, o convite do presidente do COI para que o chefe de estado da nação sede declare os Jogos oficialmente abertos; esses dois primeiros exemplos demonstram “[...] a posição hierárquica superior da comunidade olímpica sobre os Estados-Nações [...]” (MacALOON, 1985, p. 147, tradução nossa), posição esta que, em termos práticos, não é considerada cotidiana ou ordinária. Em

<sup>47</sup> Para referência específica deste trabalho, cf. Turner (1974).

terceiro lugar, o fogo olímpico. Ao simbolizar, segundo Todt (2009, p. 117), “[...] um propósito para criar um duradouro relacionamento pessoal e humano de amizade [...]”, ele diferencia a vida ordinária pela sua ausência no período entre uma edição e outra dos JO, sendo este elemento apagado após a cerimônia de encerramento.

Nos dois primeiros exemplos, vemos que os agentes específicos a que se referem os elementos rituais são uma corporação formal, qual seja, o próprio COI. Esses elementos rituais, então, não servem apenas para representarem uma separação da vida ordinária, mas são fundamentais para a demonstração pública da entidade que administra os JO. MacAloon, se referindo a edições dos JO contemporâneas à época em que escreveu o texto abaixo, diz que

[...] sem esses momentos rituais, muitas pessoas ao redor do mundo [...] não conheceriam nem os nomes e nem as faces do Sr. Brundage, do Sr. Kilannin [sic] ou do Sr. Samaranch<sup>48</sup> e essas pessoas também não teriam nenhuma imagem sustentada do que quer que fosse o COI. Sem essas cerimônias [...], o COI teria pouco poder simbólico e seria meramente uma agência anônima para as culturas públicas de massa de muitos países. (MacALOON, 1996, p. 30, tradução nossa)

Assim, os oficiais do COI precisam estar presentes (e essa presença significa presença física) não apenas porque administram a entidade, mas também para fazerem uma demonstração pública de sua identidade e, com isso, realizarem uma importante legitimação (visibilidade) política (MacALOON, 1996).

Juntamente com os oficiais do COI, há também toda uma lista de personalidades públicas e políticas, bem como várias outras “vagas” que são reservadas para a presença física na cerimônia de abertura. É importante destacar, aqui, que nas últimas décadas, segundo MacAloon (1996), tem havido um crescimento em larga escala da “demanda” de assentos para a cerimônia de abertura. Vale mencionar que os ingressos para a cerimônia de abertura, geralmente, são os mais procurados e os mais valorizados pela maior parte do público. Desse modo, a principal consequência direta do crescimento da demanda específica de dignitários e de pessoas relacionadas às “vagas” formais (além dos chefes de estados convidados pelo COI a comparecerem às cerimônias de abertura) é que “sobram” cada vez menos assentos

<sup>48</sup> Os três nomes citados se referem a três ex-presidentes do COI. No entanto, na época em que MacAloon escreveu o referido texto (1996), o último nome era do então atual presidente do COI, que terminaria seu mandato em 2001, dando lugar ao presidente em vigência até os dias de hoje: o Sr. Jaques Rogge.

para o grande público, isto é,

[...] o crescimento inexorável da demanda da família olímpica por entradas – incluindo patrocinadores, dignitários, imprensa e pesquisadores – tem significado que cada vez menos e menos lugares nos estádios estarão disponíveis para as pessoas comuns. (MacALOON, 1996, p. 30, tradução nossa)

O aumento dessa demanda, para o autor (MacALOON, 1996, p. 30), deve-se, especialmente, às promessas e acordos de garantias de “pacotes” de lugares (na cerimônia de abertura) para os patrocinadores olímpicos. Tais “pacotes” garantem um benefício adicional para as multinacionais patrocinadoras que selecionam empregados e clientes favorecidos para tomarem parte do “pacote” (MacALOON, 1996, p. 30).

Essa questão nos faz refletir sobre outra característica importante relativa à cerimônia de abertura: o intrínseco espírito de alegria, amizade, entendimento e confraternização que deve motivar os participantes e o público.

Mesmo possuindo momentos em que são realizados rituais mais solenes e sérios, a cerimônia de abertura reúne público, atletas e oficiais do mundo inteiro para que haja celebração. Essa finalidade está intimamente relacionado ao gênero performativo do festival, identificado e estudado por MacAloon (1984b).<sup>49</sup>

Ao enfatizarmos o gênero festival e sua ramificação na cerimônia de abertura, concordamos com MacAloon (1984b) quando afirma que, de modo ambivalente ao seu caráter alegre e celebrante, aparecem alguns problemas e algumas polêmicas com os quais o COI e os COJO's são desafiados a lidar. Uma das questões que logo se levantou foi o problema do gigantismo dos JO e, em especial, da cerimônia de abertura. Já em 1996, o autor a quem nos referimos citava a crítica sobre o crescimento da cerimônia e a diminuição de lugares reservados aos cidadãos comuns (MacALOON, 1996). A questão se agrava ainda mais quando surgem outras novas demandas como, por exemplo, o aparato técnico-instrumental de mídia e de TV juntamente com os profissionais de comunicação (com um número cada vez maior e advindos de uma crescente diversidade de países) os quais, geralmente,

<sup>49</sup> Destaquemos que o festival e seu espírito de alegria e de celebração não ocorrem somente no estádio. Pelo contrário. Os próprios espaços urbanos da cidade-sede são também introduzidos neste “clima” que é especialmente considerado nas cerimônias de abertura (MacALOON, 1984b).

não querem perder a oportunidade de relatarem os acontecimentos *in loco*, a despeito do fato de haver uma central de comunicação olímpica na cidade-sede (MacALOON, 1996, p. 31).

Em termos mais recentes, é interessante observar que o COI está para passar por desafios ainda maiores no que diz respeito ao caráter festivo das cerimônias. Mais de dez anos após as críticas citadas pelo autor, pudemos assistir, frequentemente, nos meios de comunicação, aos debates sobre possíveis consequências na saúde do público, durante a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008, por causa da grande poluição existente no país – o que ocasionou narrativas midiáticas, por exemplo, não com um espírito alegre e festivo, mas com preocupação e seriedade.

Essas questões do gigantismo e da “falta” de assentos para cidadãos comuns na cerimônia de abertura são uma problemática densa e importante para o nosso trabalho.

Isso nos leva a refletir sobre o caráter de espetáculo das cerimônias. Esse gênero da performance cultural dos JO tem uma alta significância na cerimônia de abertura e, em grande medida, o gigantismo dos Jogos estão em relação direta e estreita com tal gênero.

### *3.2.1.1 O espetáculo da cerimônia de abertura*

Vale lembrar que utilizamo-nos aqui da conceituação feita por MacAloon (1984b, p. 243-246), o qual aponta que o espetáculo, em termos gerais, apresenta, a princípio, quatro traços definidores: 1 – são para serem vistos, isto é, dão primazia para códigos simbólicos e sensório-visuais; 2 – possuem um tamanho relativamente significativo, que possuem uma certa grandeza e proporção; 3 – institucionalizam papéis bicamerais de público e atores, sendo que o público possui função na realização das ações; e 4 – apresentam uma forma dinâmica, com movimentação e ação.

No que diz respeito ao desenvolvimento do espetáculo, na história das cerimônias de abertura dos JO, podemos observar dois pontos cruciais e interligados.

Em primeiro lugar, quando Coubertin, no início da ideia olímpica, falou da importância das cerimônias, o que se pensava, em termos de forma e estrutura, era em um ritual solene e simbólico, com um público festivo e com atletas celebrando o encontro internacional. Na medida em que a cerimônia de abertura foi se desenvolvendo, houve a incorporação do caráter de espetáculo a ela como uma adaptação (advinda com tensões) a mudanças do contexto social mais amplo. O próprio esporte, de maneira geral, foi se espetacularizando juntamente com outras práticas sociais da vida cotidiana. Novas técnicas visuais foram surgindo e, de modo processual, foram sendo adicionadas à cerimônia de abertura. Com isso, não faltaram discussões e debates por parte tanto de adeptos à incorporação do espetáculo nos JO quanto de pessoas mais tradicionais e conservativas. Os primeiros alegavam que, para sobreviverem, os JO e suas cerimônias precisavam se adaptar às novas “demandas sociais”. O segundo grupo dizia que tal adaptação corromperia a originalidade dos JO e de suas cerimônias.

Como foi discutido no capítulo anterior, os atores envolvidos por toda a história dos JO tiveram papel central no movimento pendular de sua dinâmica entre tradição e mudança. Esse movimento também se aplica às cerimônias de abertura. Entendemos que, até onde a experiência pode nos mostrar, o advento do espetáculo nas cerimônias inaugurais não anulam a presença dos momentos solenes e dos momentos rituais. O COI não abre mão de tais momentos. A questão que se coloca, como já havíamos indicado, é se isso fez com que os gêneros mais especificamente olímpicos (e mais relacionados com os valores do olimpismo) perdessem seu fundamento central. Em outros termos: a gradual incorporação do espetáculo – com seu *ethos* de “grandeza” (mais é melhor) – afetaria no equilíbrio do *continuum* entre tradição e mudança, o qual DaCosta (2002) diz ser fundamental para o olimpismo?

MacAloon (1984b) faz uma reflexão interessante sobre tal questão. Ao elaborar a Teoria do Espetáculo, ele (MacALOON, 1984b, p. 265) a denomina assim partindo de experiências e pesquisas anteriores que demonstram o espetáculo como dispositivo recrutador dos JO e, mais especificamente, das cerimônias de abertura. Tentando colocar em primeiro plano a conexão entre os quatro gêneros



performativos dos JO, o autor tende a “naturalizar” os efeitos do espetáculo (MacALOON, 1984b, p. 159). Todavia, faz, posteriormente, uma autocrítica, levantando os argumentos da linha que considera o espetáculo como corrosivo (MacALOON, 1984b). Como dispositivo recrutador, é, então, o espetáculo quem “chama a atenção” para os JO. No entanto, o “ideal” (segundo os últimos argumentos apresentados por MacAloon) seria que tal recrutamento ocorresse através das tradições específicas dos JO, isto é, do festival e do ritual – endossados oficialmente pelo COI. Logo, esse raciocínio considera que “[...] o espetáculo tem efeitos destrutivos sobre gêneros como o festival, o ritual e o jogo” (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa).

O que se alega é que a importância qualitativa dos outros gêneros se perde com o enquadre mais amplo e difuso do espetáculo. Assim, as apresentações espetaculares desviariam a atenção e o foco, colocando os outros gêneros em um estado o qual MacAloon (1984b, p. 265, tradução nossa) denomina “complexo de mero”: os JO (e a cerimônia de abertura) são um grande espetáculo; aqueles elementos cerimoniais são meros rituais (mera tradição); a reunião de atletas e de público é um mero festival (um mero divertimento); as competições são meros jogos (mero entretenimento) (MacALOON, 1984b, p. 265).

O autor promove, aí, um retorno: se a consideração dos JO como performance cultural ramificada estiver correta, tais alegações não podem ser tratadas com essa “simplicidade” (MacALOON, 1984b, p. 268). Como performance cultural ramificada, os JO possuem gêneros performativos que estão em relação “multidirecional”. Focalizar apenas os efeitos citados (“destrutivos”) é simplesmente considerar uma relação de “adição” ou de “acréscimo” entre os gêneros e não a de enquadre (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa).

Ao pensar sobre as “demandas sociais” que “forçaram” a adaptação ao espetáculo, não podemos deixar de levar em consideração a análise de Bauman sobre a estética do consumo (BAUMAN, 2001; 2000c). Quando MacAloon fala sobre os “efeitos destrutivos” do espetáculo nos JO, ele relata que tais “efeitos de espetáculo” também são apontados e criticados em outras esferas da vida (MacALOON, 1984b). A nosso ver, isso indica que o traço estético do espetáculo está presente também nessas outras esferas sociais, o que confirma sua relação com a estética do

consumo na medida em que Bauman entende a existência dos espetáculos modernos como “[...] veículos da versão da sociedade do consumo de uma ‘educação sentimental’” (BAUMAN, 2001, p. 102). Ele constrói tal relação porque acredita que as “vocações”, na sociedade do consumo, são complexas e abrangem amostras midiáticas sobre

[...] “o que se deve” e “o que não se deve” fazer, sobre os sonhos e seus custos, sobre as tentações que podem fazer com que os indivíduos desistam de seus sonhos e sobre advertências para não se cair em tais armadilhas. Tais conselhos se apresentam como um espetáculo bem armado frente a um público sedento por vocações. (BAUMAN, 2000c, p. 61, tradução nossa)

Logo em seguida, o autor apresenta como “modelo” desses conselheiros a estrela esportiva (BAUMAN, 2000c, p. 62), a qual tem uma propensão “natural” à anulação do tempo – traço básico da estética do consumo –, já que sua “carreira esportiva” só pode ser projetada como “parte” de sua vida, pois o esporte de alto rendimento em si é sempre (ou quase sempre) um “trabalho” que dura enquanto dura a juventude (BAUMAN, 2000c, p. 62).

Em termos específicos, seria o espetáculo, enquanto gênero olímpico, apenas mais um veículo para a sociedade do consumo? Em certo sentido, a argumentação de Bauman (pelo menos no que se refere ao trabalho citado) se enquadra na linha de pensamento sobre a qual MacAloon (1984b) critica – linha que reconhece a ligação entre os gêneros enquanto uma “relação de adição” puramente unilateral. MacAloon leva em consideração tal abordagem<sup>50</sup> porque vê exemplos em que a relação unilateral realmente acontece (MacALOON, 1984b). Podemos citar, aqui, um caso que já foi comentado: o dos problemas de “demanda de assentos” na cerimônia de abertura (e a consequente falta de assento para as “pessoas comuns”). Com frequência, empresas (patrocinadoras e correlatas) adquirem o direito de terem entradas para a cerimônia de abertura, fazendo pacotes promocionais para seus clientes. Mas não para qualquer cliente – e nem para aqueles que “melhor consomem” (MacALOON, 1996). De fato, MacAloon reconhece essa dependência do comprar em relação ao direito de “o cidadão comum” ir à cerimônia de abertura como um efeito negativo (MacALOON, 1984b). Uma vez que este se interessa em ir

<sup>50</sup> É importante dizer que MacAloon não se refere ao próprio Bauman, mas sim a outros autores específicos dos EO. O movimento de relacionar Bauman a argumentações desses outros autores é inteiramente nosso.

às cerimônias, seria pertinente questionar o por quê. Este é o ponto crucial da Teoria do Espetáculo. MacAloon responde que a “atração” advém, principalmente, do *show* que será mostrado (1984b). Contudo, o autor não encerra sua reflexão aí.

Mas, ao invés de isso significar que o espetáculo é o gênero mais evidente, ou seja, uma redução dos JO à dimensão espetacular, o que ocorre é um processo distinto.

Se se levar a ideia de “performance cultural ramificada” até as últimas consequências, chega-se à constatação de que as pessoas não se engajam com os JO, essencial e/ou exclusivamente, por conta de apenas uma de suas dimensões (um de seus gêneros) (MacALOON, 1984b). Quando em coexistência, espetáculo, festival, ritual e jogo assumem uma configuração peculiar e específica, já que “[...] os gêneros agem e reagem uns sobre os outros de maneiras íntimas e ordenadas. O sistema é ramificado, e não simplesmente laminado, e é um sistema” (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa). Desse modo, considerar o espetáculo o dispositivo recrutador não significa dizer que o ritual, o festival e o jogo são secundários no que concerne ao interesse e envolvimento dos atores no evento em questão, mas é falar que os sentidos atribuídos aos valores estão abertos e dependem da forma como os espectadores de cada cultura os veem (MacALOON, 1984b, p. 265) – o mesmo caráter (significados abertos) que Bauman (2001) alega ser essencial para uma sociedade verdadeiramente autônoma.

MacAloon conclui:

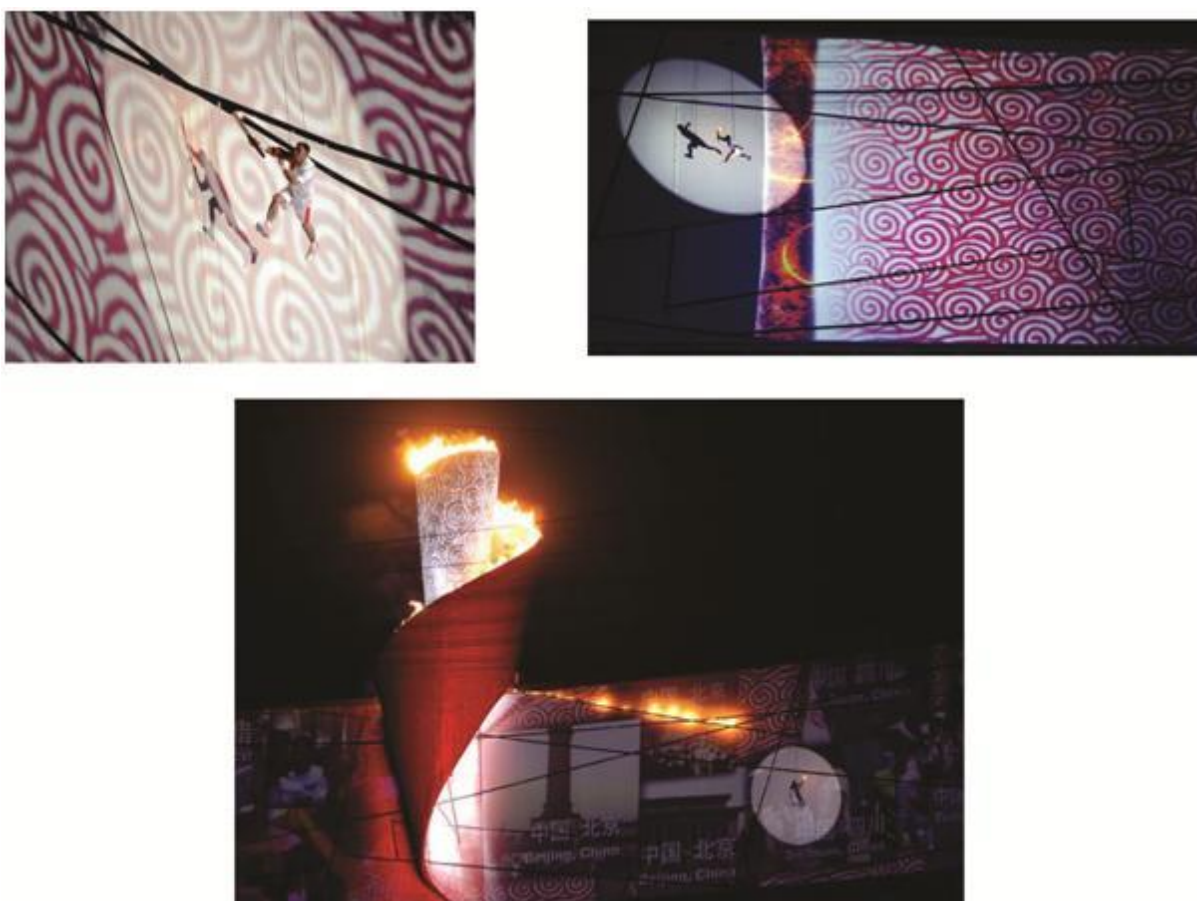
O quadro do espetáculo erigido em torno do ritual pode servir como um dispositivo recrutador, dissimulando a suspeita de “mero ritual” e atraindo o [público] orgulhosamente descomprometido. Aqueles que vieram [às cerimônias de abertura] simplesmente para assistirem e para serem assistidos, para apreciar o espetáculo ou para lucrar com ele, podem se encontrar repentinamente capturados em ações de um tipo diferente, em níveis de intensidade e envolvimento que eles nunca poderiam ter previsto e dos quais eles teriam recuado se tal participação tivesse sido diretamente exigida ou solicitada deles. (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa)

Em sua experiência enquanto antropólogo, MacAloon reuniu exemplos interessantes dessa “surpresa”. Vale a pena reproduzir parte dos seus dados: o depoimento de uma jovem americana que trabalhou algum tempo na sede do COI, na Suíça:

Eu vim trabalhar aqui apenas porque precisava de um emprego. Tudo o que eu sabia sobre os Jogos Olímpicos era que eles representavam “o maior espetáculo esportivo”, como Jim McKay, o cara da televisão, dizia. E, então,

todos aqui – bem, a maioria – realmente riam de todas aquelas coisas sobre o Coubertin: paz mundial e tudo o mais. Quando chegaram os Jogos de Munique, eu decidi ir assistir – embora sem qualquer grande excitação ou algo parecido. Eu estava sentada durante a cerimônia de abertura e eu não pude acreditar no que acontecia ali. Quando o portador da tocha fez sua entrada no estádio e a multidão rugiu, eu, repentinamente, comecei a chorar. Me lembro de ter pensado: “então é disso [‘todas aquelas coisas sobre o Coubertin’] que se trata!”. Penso que nunca vou esquecer aquele momento enquanto eu viver. (MacALOON, 1984b, p. 268, tradução nossa)

No caso da cerimônia de abertura de Pequim-2008, em um de seus ápices (o acendimento da pira olímpica), podemos ver nitidamente os dois gêneros (o ritual e o espetáculo) atuarem em conjunto (ver FIGURA 1). Ao olharmos para tal figura, identificando todas as questões colocadas pela Teoria do Espetáculo e vendo a forma como os gêneros se interconectam, percebemos mais facilmente como o espetáculo pode captar a atenção sem distorcer os valores ritualísticos.



**FIGURA 1 – DETALHE NOS PLANOS APROXIMADO (CIMA; ESQUERDA), MEDIANO (CIMA; DIREITA) E DISTANCIADO (BAIXO) DO ACENDIMENTO DA PIRA OLÍMPICA PELO EX-GINASTA CHINÊS LI NING, NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JO DE PEQUIM-2008**

Outro fato importante é o de que o espetáculo acabou por atrair uma gama diversificada de público, sendo esse, atualmente, de nível global, envolvendo pessoas que não necessariamente gostem de esporte, mas que gostam de assistir às cerimônias por causa de sua beleza e de sua grandeza (pontos que são exatamente os definidores do espetáculo). Notamos também que, a partir desse “recrutamento” de pessoas não necessariamente interessadas em esporte, o COI pode ter uma oportunidade única de expor seus valores para uma parcela de espectadores cada vez maior.

Isso nos leva diretamente ao próximo ponto sobre o qual gostaríamos de focar. Em segundo lugar, então, o desenvolvimento do espetáculo, no âmbito das cerimônias de abertura, teve uma influência marcante, significativa e divisora de águas com o advento da TV. Das quatro características, listadas por MacAloon (e citadas acima), que definem o espetáculo, duas, em especial, têm uma relação importante e ambígua com a chegada e com a permanência do televisionamento das cerimônias de abertura. Vejamos, brevemente, como tal relação pode nos auxiliar na compreensão das cerimônias de abertura.

A primeira característica é a referente aos papéis institucionais e bicamerais assumidos pelos atores e pelo público durante a performance. Segundo o autor que define o espetáculo, o público deve desempenhar uma ou mais funções durante a exibição, mesmo que este faça apenas o exercício básico de olhar e avaliar (MacALOON, 1984b). Com isso, todo espetáculo deve ter um público e é produzido para ser visto por ele. No entanto, o autor não especifica se esse público deve estar presente “fisicamente” ou se ele pode apenas assistir à performance “de longe” (possibilidade que aparece com o surgimento da telecomunicação visual). Desse modo, um leitor com um pensamento lógico, poderia se perguntar: para o público que está assistindo à performance de longe (pela TV), e que, a princípio, não necessariamente exerce um papel sobre a mesma, o evento é considerado espetáculo? Isto é, o fato de o público estar vendo “de longe” descaracteriza o espetáculo para ele? Esta é uma questão de fundamental importância para o nosso estudo.

Alguns pesquisadores relacionaram tal ponto à perda de “pureza” da própria cerimônia, como o fez Schantz ao afirmar que, “[...] por causa da influência da

televisão, a experiência ‘ao vivo’ perdeu importância e os símbolos puramente visuais começaram a assumir o poder” (SHANTZ, 1996, p. 139, tradução nossa). Em nosso constructo, porém, concordamos com a posição mais ponderada de MacAloon, que fornece alguns indícios de uma possível resposta. Para ele, a presença física no estádio é algo único e muito valorizado (1984b, p. 245). Todavia, ele diz, também, que a TV não descaracteriza totalmente o espetáculo, mas ela o **reduz** (MacALOON, 1984b, p. 245). A nosso ver isso ocorre principalmente por dois motivos básicos.

O primeiro, mais óbvio e lógico, é que a imagem mostrada para a audiência televisiva é sempre um recorte, uma parte ou um ângulo da cerimônia de abertura. Destarte, para os presentes fisicamente, há a possibilidade de se olhar o evento através de uma angulação mais geral da performance;<sup>51</sup> para os telespectadores, o que é visto é sempre uma parte do evento, um *zoom*, um enfoque específico em uma tela plana ou, atualmente (com o advento da TV 3D), no máximo, esta parte virtualizada em três dimensões. Ressaltamos que, mesmo uma imagem televisiva panorâmica do estádio, tecnicamente, não substitui um olhar “de dentro” para a generalidade do mesmo, pois, além da possibilidade de angulação ser diferente (olho humano *versus* lente da TV), a sinestesia e o sentimento de participação e de pertencimento atuam no espectador fisicamente presente, enquanto que no telespectador isso não está pré-definido.

Agora já podemos citar uma ambiguidade da relação TV – JO: ao mesmo tempo em que a limitação supracitada ocorre para o telespectador, o surgimento de modos diferenciados de filmagem permite que este veja imagens que foram produzidas para ser midiaticizadas, isto é, ele tem a possibilidade de assistir a um enfoque de um momento importante com um *zoom* digital de alta qualidade. Ou ainda, a uma repetição de um momento emocionante em câmera super lenta (possibilidades que estão nulas para o espectador presente no estádio).<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Vale lembrar que, como discutido na seção 3.1.2.4, para nenhum tipo de espectador há a possibilidade de vivenciar e de perceber os JO na completude e na plenitude de suas dimensões. Quando dizemos, aqui, que o público no estádio pode olhar o evento da cerimônia de maneira mais geral, referimo-nos ao olhar mesmo (o foco, a percepção sensorial da visão) e não à vivência plena dos Jogos.

<sup>52</sup> Um detalhe interessante é que, recentemente, está surgindo (e se expandindo) um novo tipo de

O segundo motivo, não tão óbvio assim, é que, para o espectador no estádio, o controle do olhar é só dele. Já o telespectador fica “limitado” a olhar para o que o produtor de TV escolhe, dentre as inúmeras opções de câmeras que estão filmando a cerimônia.

A segunda característica do espetáculo que se relaciona com a TV nos JO é a que se refere à grandeza, ao tamanho e à proporção da performance. Ambiguamente ao traço comentado acima (o de papéis bicamerais de público e atores, o qual é influenciado pela **redução** que a TV faz da performance para a audiência que a assiste “de longe”), este atributo leva a TV a exercer um papel de **ampliação** do espetáculo. Isso ocorre porque várias técnicas de produção e cinematográficas são historicamente acrescentadas à organização física do evento. Assim, na medida em que vão surgindo novos modos técnicos de filmagem e de produção, aparecem, também, meios de aumentar a grandeza e a proporção da cerimônia de abertura (tais atributos podem ser bem visualizados na FIGURA 1).

Essa relação revela ainda que a cerimônia de abertura deu certa “margem” a críticas quanto à desvalorização do público fisicamente presente (devido ao seu caráter de produto puramente midiático).<sup>53</sup> As significações dadas pela TV, entretanto, também podem (e, de fato, o fazem) atuar nessa “reação surpreendente” em direção aos telespectadores. Isso ocorre exatamente através das narrativas que são produzidas. Porém, pela TV, nada está garantido *a priori*.

---

tecnologia (novas mídias) a qual produz aparelhos cada vez mais portáteis que transmitem a programação televisiva (por exemplo, aparelhos de celular com TV embutida). Tais recursos podem até dar a possibilidade de os espectadores presentes nas cerimônias assistirem a alguns *replays* e terem noção do que se passa na TV na hora da performance. Mesmo assim, as diferenças técnicas para uma TV doméstica de alta tecnologia ainda são significativas. Outro detalhe é o surgimento de telões que são colocados dentro dos próprios estádios – este foi o caso de Pequim-2008 – para que o público fisicamente presente tenha acesso aos mesmos recursos do telespectador. Não deixamos de perceber a relevância das novas mídias para os estudos sobre o esporte e sobre os JO e atentamos, aqui, para a necessidade da área em destacar e desenvolver pesquisas sobre essa temática.

<sup>53</sup> Para uma noção mais aprofundada sobre este traço, cf. Spà, Rivenburgh e Larson (1995), em especial a partir da p. 241, e Rivenburgh (2010). Para uma aproximação inicial das críticas a esse traço, cf. Alkemeyer e Richartz (1993), em especial a p. 87.

### *3.2.1.2 Cerimônia de abertura, níveis identitários e troca intercultural*

As questões em torno da relação entre os JO e a TV não foram as únicas a gerarem debates e discussões referentes à cerimônia de abertura. Outro ponto importante é a tensão que surge, no âmago da cerimônia, entre dois elementos interdependentes: o global e o local.

Os gêneros olímpicos principais que são perpassados por tal tensão são o espetáculo (nas apresentações artísticas, geralmente, ocorre uma celebração da cultura do país anfitrião que é mostrada para o mundo todo) e o ritual (o desfile dos atletas de todo o globo, separados por delegações nacionais, faz parte do protocolo ritual da cerimônia de abertura). Em contrapartida, no que diz respeito ao gênero festival, a valorização do global não possui uma tensão propriamente dita com a valorização do local, pois um dos objetivos desse gênero é a celebração da humanidade e da troca intercultural (atributo mais globalizante).

John MacAloon (1985, p. 139), ao falar sobre a representação de identidades sociais nos JO em geral, verifica três níveis de identidade humana com os quais a ideologia olímpica formal e o atleta lidam. Citando-os no sentido micro-macro, são eles: o nível individual; o nível de estado-nação; e o nível de humanidade.

Esses três níveis de identidade perpassam por diferentes tópicos dos valores olímpicos e dos valores esportivos, os quais relacionam-se, por vezes, com ideologias que, dentro de uma mesma unidade, atendem a mais de um nível. Uma das grandes qualidades do COI é, precisamente, a de ter conseguido criar modos de ação que permitissem o manejo equilibrado dessas identidades.

Para MacAloon (1985, p. 140), a maior parte das pessoas no mundo – em algum momento de sua vida, de diferentes modos e em graus variados – vivencia esses três níveis de identidade humana. Para todas essas pessoas, então,

[...] o projeto de vida demanda uma organização desses três níveis de identidade, gerenciando os frequentes conflitos entre eles até se chegar a um sentido estável e coerente do eu social. [...] diferentes culturas concebem e valorizam tais identidades de maneiras diferentes. (MacALOON, 1985, p. 140, tradução nossa)



Uma das condições que permitiu o COI realizar o manejo equilibrado dos níveis identitários foi a capacidade que ele teve de criar uma generalidade formal (densamente simbolizada) que atraísse tanto “[...] culturas que concebem o indivíduo como a unidade essencial da ação, da moralidade e da experiência [...]”, quanto “[...] culturas que, ao contrário, privilegiam o grupo como a identidade humana essencial” (MacALOON, 1985, p. 140, tradução nossa).

Nas cerimônias de abertura, os três níveis aparecem claramente como momentos de vivência, tanto para os atores/participantes quanto para os espectadores/telespectadores. O nível individual é talvez o menos proeminente, pois, como festival, a cerimônia exalta o espírito alegre do encontro entre várias culturas e nações. No entanto, percebe-se que tal nível não é totalmente anulado. Por exemplo, no desfile das delegações, apenas um atleta por delegação (geralmente, o mais significativo no contexto esportivo/simbólico da nação em questão) “tem a honra” de carregar a bandeira de seu país. Outros exemplos podem ser encontrados no juramento do atleta (também feito apenas por um indivíduo que, no entanto, representa vários indivíduos) e no acendimento da pira olímpica, sendo tais exemplos relacionados ao gênero ritual.

Com relação ao nível identitário do estado-nação, observamos que existem diversos momentos da cerimônia de abertura que o abordam. Ressaltamos, também, que esse nível é tomado com certa cautela pelo COI e pelo COJO devido a problemáticas experiências anteriores de ultranacionalismo.<sup>54</sup>

Um dos principais momentos em que esse nível aparece é durante as apresentações artístico-culturais. Essas performances são segmentos teatrais, gímnicos, circenses, musicais, mímicos etc. os quais separam traços pertinentes dos costumes e da história do país anfitrião e celebram sua cultura. Graças ao advento da TV, essas apresentações podem ser assistidas em todo o globo.<sup>55</sup> A nação que

<sup>54</sup> Alguns exemplos conhecidos de tais situações, são os JO de 1936, em Berlim, (com sua controvérsia sobre o ferramental propagandista do nazismo) e a ação do COI “contra” a política do *apartheid* na África do Sul. Para uma aproximação introdutória a estes problemas, cf. Senn (1999).

<sup>55</sup> Com o surgimento de tecnologias contemporâneas, talvez poderíamos até dizer que tais performances não só podem ser vistas “ao vivo”, no dia de seu acontecimento, por todo o globo, como também podem ser revistas quantas vezes se desejar, havendo, assim, uma “força” de apoio à questão das memórias coletivas em relação a uma edição específica de JO e de sua cerimônia de abertura. Um exemplo dessas tecnologias é o site *Youtube* (<http://www.youtube.com>), onde se pode

sedia os JO é, então, conhecida e identificada pelos outros que assistem à sua cerimônia. Aliás, é neste momento de espetáculo que ocorre a principal demonstração pública da identidade do país anfitrião. Com isso, a cerimônia em si se torna um palco para a nação sede e, principalmente, para a cidade-sede se mostrar para o mundo. Há exemplos de várias cidades sedes que, antes de os JO ocorrerem em seu território, não tinham uma popularidade em nível mundial e que, após o evento, passam a “[...] existir no mapa-múndi” para os outros povos (CASANOVAS, 1996, p. 258, tradução nossa). O exemplo típico citado por Casanovas é o de Barcelona, a qual passou a “[...] ser notada” no cenário mundial após a realização dos JO de 1992 (CASANOVAS, 1996).

O desfile dos atletas é realizado, na cerimônia de abertura, em grupos de delegações nacionais. Isso também é valorizado pelo COI, bem como a execução do hino nacional do país anfitrião e da presença, na medida do possível, dos chefes de estado dos países do mundo. Tal estrutura, segundo MacAloon, faz com que, nesse nível identitário, “[...] a cerimônia de abertura olímpica emerja, no decorrer de um século, como a performance ritual central de todo o sistema global de estados-nações” (1996, p. 33, tradução nossa).

Vale destacar que o desfile dos atletas na cerimônia de encerramento não é separado por grupos, lembrando aos atletas que as “competições” acabaram e sublinhando também o caráter de celebração internacional dos Jogos.

Assim, chegamos ao nível de identidade de humanidade. Segundo MacAloon (1985), os JO oferecem uma ampla e variada lista de artifícios com os quais se identificar, isto é, há inúmeros aspectos que podem ser “identificados” com um número grande de povos e culturas. Porém, ainda assim, essa gama não dá conta de todas as culturas existentes. Ele diz, então, que essa lista de possibilidades não é vivenciada diretamente, mas sim através de um elemento que é universal: o próprio corpo humano. Segundo o autor,

Pelo fato de diferentes culturas conceberem o corpo diferentemente, elas vivenciam o corpo diferentemente. Elas são corpos diferentes. [...] A verdadeira universalidade do corpo repousa sobre sua onipresença como

---

encontrar, no caso, a íntegra de transmissões locais da cerimônia de abertura dos JO de Barcelona-1992 e de Atlanta-1996 (transmissões disponíveis na data de escrita deste trabalho).

uma fonte central de metáforas e de símbolos com a qual se relacionam os domínios da experiência. Os elementos particulares deste código e os significados particulares assim construídos são culturalmente variados, mas a presença de um rico simbolismo corporal é universal. Assim, enquanto, [por um lado], não há como saber exatamente o que os corpos dos atletas olímpicos e o que suas façanhas corporais significam para audiências sem pesquisarmos os pontos de vantagem cultural sobre os quais aquelas audiências estão olhando, [por outro lado], nós poderemos sempre ter a certeza de que eles significam *alguma coisa* para todos. (MacALOON, 1985, p. 135, tradução nossa, grifos do autor)

Destarte, o COI se deixa envolver com elementos que, por vezes, são conflitantes. Contudo, se tivermos uma percepção mais aguçada, veremos que ele coloca um nível em detrimento dos outros dois, mesmo reconhecendo sua interdependência. Em uma análise densa sobre a política do COI quanto a essa tensão, MacAloon nos diz que, no contexto da cerimônia de abertura (e em qualquer outro contexto), falar de culturas específicas “[...] como totalidades monolíticas é simplista e muito perigoso [...]” (MacALOON, 1996, p. 37, tradução nossa) – por exemplo, quando se diz “a cultura americana” ou “a cultura brasileira”. Para ele, tal discurso pode, meramente, “[...] reproduzir estereótipos interculturais[...]”, sendo tal reprodução “[...] o exato oposto da verdadeira educação intercultural que Coubertin elaborou por toda a sua vida e que ele e seus fiéis sucessores têm acreditado ser o propósito último do Movimento Olímpico [...]” (MacALOON, 1996, p. 38, tradução nossa).

Em relação ao manejo desses três níveis, poderíamos nos perguntar até que ponto o COI e a cerimônia de abertura contribuem para a formação de comunidades guarda-casacos (BAUMAN, 2001), isto é, de um comunitarismo o qual não reconhece “causas comuns”, mas apenas “momentos comuns” – os momentos em que se assiste ao espetáculo. Com a discussão feita anteriormente (sobre o espetáculo enquanto dispositivo recrutador e sobre sua relação obrigatória com os outros gêneros), podemos chegar à seguinte ideia: o espetáculo olímpico em si não é algo que destrua essas causas comuns. Pelo contrário. Em termos formais, o COI e os COJO’s parecem objetivar o “despertar” da consciência dessa causa comum (que, em última análise, refere-se à humanidade) – e, como vimos, o fazem sem desrespeitar as diferentes culturas (quer individualistas, quer coletivistas). Já os enfoques narrativos fazem uso da linguagem para construírem a sua própria versão semantizada da cerimônia – versão essa que é transmitida para seu país. Nesse ponto não há garantias do citado despertar. Por isso, verificamos como importante a análise das narrações midiáticas. Mesmo argumentando que esse “propósito último”

possa ser viável, ainda ouvimos/lemos críticas alegando que ele só ocorre no plano simbólico e apenas no “período olímpico”. O que essa ideia não considera é a complexidade na relação ramificada dos gêneros olímpicos, os quais, ainda que temporariamente, podem nos fazer (como disse MacAloon) refletir sobre o mundo em que vivemos através de emoções sentidas no ato de assistir (tanto no estádio quanto em casa, pela TV) aos JO e às suas cerimônias.

Independentemente das controvérsias e das críticas que o COI enfrentou, não deixamos de notar que a cerimônia de abertura dos JO é o único evento no mundo que reúne e maneja, de modo periódico e programado, todos ou a maioria dos países do planeta, fazendo, assim, com que a atração da audiência seja global. Em Pequim-2008 foram duzentas e quatro delegações participantes – uma a menos do que o número oficial de nações existentes na época,<sup>56</sup> sendo que três nações desfilaram pela primeira vez.<sup>57</sup> Tal fato demonstra a importância da cerimônia de abertura como um todo para o próprio sistema mundial, bem como a importância de cada momento específico, seja ele de caráter mais espetacular, mais ritualístico ou mais festivo.

Tais momentos são “preferidos” ou não, dependendo de cada contexto cultural específico em que são exibidos. No entanto, as transmissões são sempre, de algum modo, significadas ou ressignificadas a partir de uma “tradução” que os narradores televisivos fazem dos símbolos e dos acontecimentos mostrados no estádio olímpico. As questões que cercam essa temática serão discutidas no próximo capítulo.

---

<sup>56</sup> A única nação não participante foi a de Brunei, que não inscreveu seus atletas a tempo.

<sup>57</sup> Montenegro, Ilhas Marshall e Tuvalu.

#### 4 COMUNICAÇÃO, TELEVISÃO E JOGOS OLÍMPICOS – ABORDAGEM DISCURSIVA

*“E o que rola é que, então, a gente fez uma música e essa foi a primeira letra [...]. E era pra ser sobre a ‘tê vê’. E o nome da música é ‘O teatro dos vampiros’:*

*‘Sempre precisei de um pouco de atenção  
Acho que não sei quem sou, só sei do que não gosto.  
E destes dias tão estranhos  
Fica a poeira se escondendo pelos cantos  
Esse é o nosso mundo:  
O que é demais nunca é o bastante  
E a primeira vez é sempre a última chance. [...]  
Quando me vi tendo de viver comigo apenas e com o mundo  
Você me veio como um sonho bom, e me assustei  
Não sou perfeito  
Eu não esqueço a riqueza que nós temos  
Ninguém consegue perceber  
E de pensar nisso tudo, eu, homem feito  
Tive medo e não consegui dormir”*

Renato Russo

De todos os pontos estudados na presente pesquisa, este, sobre a comunicação, a TV e os JO é o mais desafiador em termos de escrita e desenvolvimento do trabalho. Isso porque organizamos o texto em “repartições” (capítulos e seções) para facilitar a apreensão da temática. No entanto, o assunto sobre a TV e os meios de comunicação de massa não deixaram de perpassar todos os outros pontos discutidos até aqui.

Portanto, apesar de já termos citado algumas dessas relações nos capítulos anteriores, apresentar esta seção, mesmo que de forma separada, não deixa de ser, em alguma medida, redundante. Todavia, sabemos que o fato de termos a consciência dessa “armadilha intelectual” nos ajuda a lidar com ela no sentido de apreendermos, mais especificamente, neste capítulo, as problemáticas específicas dos meios de comunicação de massa e da relação TV-JO/esporte. O desafio, então, é desenvolver o presente capítulo, consciente das ligações supracitadas, sem proceder de forma demasiadamente repetitiva.

Diante desse desafio, consideramos prudente seguir por um caminho que aborde, inicial e brevemente, uma base geral sobre a comunicação de massa, sobre a TV e

sobre suas relações com a sociedade. Posteriormente, apresentaremos como os processos da relação dialética entre a TV e os JO/esporte têm sido tratados no âmbito científico. Por fim, veremos como as discussões dessa relação pode nos auxiliar no estabelecimento de categorias analíticas, já nos preparando para o exame dos dados.

Antes de percorrermos esse caminho, porém, é necessário uma nota importante: mesmo sabendo que o assunto da presente seção se relaciona com todos os outros temas abordados neste trabalho, é importante esclarecer que ele é trazido de modo separado não apenas pela questão didática, mas também por, tradicionalmente, ter recebido trato específico, tanto no campo das Ciências de Esporte<sup>58</sup> e dos EO<sup>59</sup> quanto na área da Comunicação Social<sup>60</sup>.

#### 4.1 COMUNICAÇÃO SOCIAL E TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Segundo Rubim (2000), as mudanças sociais “modernas” fizeram com que o nosso contexto atual se transformasse em uma “[...] sociedade estruturada e ambientada pela comunicação” (RUBIM, 2000, p. 26). Por causa disso, o autor até se arrisca a designar a época em que vivemos de “Idade Mídia”.

Essa “nomenclatura” é possível, basicamente, devido ao surgimento dos meios de

<sup>58</sup> No Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – entidade de grande significância no campo acadêmico da educação física brasileira –, por exemplo, há um Grupo de Trabalho Temático que estuda, especificamente, as relações entre a mídia e o/a esporte/educação física. Para maiores informações, cf. [www.cbce.org.br/br/gtt/comunicacao-e-midia](http://www.cbce.org.br/br/gtt/comunicacao-e-midia).

<sup>59</sup> No Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Autônoma de Barcelona (CEO-UAB) – talvez a entidade acadêmica de maior prestígio no campo de pesquisa em EO – há ainda uma linha de pesquisa intitulada “*Communication, Sport and the Olympic Games*” (Comunicação, Esporte e Jogos Olímpicos). Sobre tal linha, cf. [olympicstudies.uab.es/ceo\\_uab\\_lineas\\_info.asp?id\\_seccion=2&id\\_sub=7&tab=1&id\\_linea=1&cod=c1](http://olympicstudies.uab.es/ceo_uab_lineas_info.asp?id_seccion=2&id_sub=7&tab=1&id_linea=1&cod=c1).

<sup>60</sup> A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – organização de maior autoridade científica do Brasil na área da Comunicação Social – também possui um Grupo de Pesquisa próprio da temática. O Grupo se chama “Comunicação e Esporte”. Para maiores detalhes a esse respeito, cf. [www.portalintercom.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=359%3Adt6-comunicacao-e-esporte&catid=100&Itemid=75](http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=359%3Adt6-comunicacao-e-esporte&catid=100&Itemid=75).

comunicação de massa. Com eles, adveio, também, um vastíssimo número de tentativas de teorizar, compreender, escrutinizar, explicar e atuar sobre a sociedade atual e sua relação com os meios de comunicação (McQUAIL, 2003, p. 4).

Segundo McQuail (2003), tais tentativas perpassam vários tipos de polarizações com diversos (e, por vezes, confusos) critérios de classificação. Na história das teorias da comunicação de massa, essas polarizações se deram, principalmente, entre esquerda (progressista) e direita (conservadora); entre uma posição mais crítica e uma mais aplicada ou pragmática (ambas não se referindo a eixos político-partidários, mas sim a eixos administrativos); entre uma abordagem centrada nas mídias e uma abordagem centrada na sociedade; e, por fim, entre convicções voltadas para os domínios da cultura e das ideias e convicções voltadas para os fatores e forças materiais (McQUAIL, 2003, p. 6-7).

Para esse autor, a penúltima polaridade citada se insere no campo acadêmico, especialmente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais:

Acentração nos media atribui maior autonomia e influência à comunicação e concentra-se na sua própria esfera de actividade. A «centração na sociedade» encara os media como reflexo das forças políticas e económicas. A teoria para os media [e centrada na sociedade] pode portanto ser só pouco mais que uma aplicação especial de uma teoria social mais alargada (Golding e Murdock, 1978). A teoria centrada nos media vê os media de massas como agentes básicos da mudança social, liderados pelos desenvolvimentos irresistíveis da tecnologia da comunicação. (McQUAIL, 2003, p. 6)

No que diz respeito ao campo acadêmico, esse “resumo de polaridades” feito por McQuail (2003) nos instiga a abordar as formas simbólicas transmitidas pela mídia a partir de um entendimento “multidirecional” e processual das influências. Já tratamos as outras temáticas desse modo. Aqui, concordamos com McQuail (2003, p. 5) quando afirma que a natureza da relação entre a mídia e a sociedade depende das circunstâncias de tempo e lugar. Assim, os determinantes e os contextos sociais específicos foram condição *sine qua non* para o surgimento dos meios de comunicação de massa. No entanto, segundo o autor, após o desenvolvimento destes, emerge um processo dialético na relação entre a mídia e a sociedade, já que o contexto social tanto constitui a condição de existência dos meios de comunicação de massa quanto é constituído por eles (McQUAIL, 2003).

Portanto, concordamos com Thompson (2002, p. 19) quando diz que “[...] em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de conteúdo simbólico [...]”, isto é, não apenas hoje em dia e não apenas nas sociedades ocidentais, mas

[...] desde as mais antigas formas de comunicação gestual e do uso da linguagem [...] a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social. (THOMPSON, 2002, p. 19)

Citamos tal afirmação para basear uma problemática que se colocam ante a sociedade atual (a qual é chamada, por muitos, de “sociedade da informação”): como, então, a nossa sociedade atual se diferencia das formas “mais antigas” de comunicação? Thompson nos ajuda a responder, afirmando que

[...] com o desenvolvimento de uma variedade de instituições de comunicação a partir do século XV até os nossos dias, os processos de produção, armazenamento e circulação têm passado por uma série de desenvolvimentos institucionais que são característicos da era moderna. (THOMPSON, 2002, p. 19)

Vista sob critérios mais estritos do que os utilizados por Bauman (2001), a sociedade moderna se caracteriza, para Thompson, com base em formas distintas de produção, armazenamento e circulação da informação e do conhecimento. Essa especificidade, segundo o autor, diz respeito, principalmente, a três traços (ou, a três mudanças): 1 – produção e reprodução das formas simbólicas em escala, em expansão contínua; 2 – transformação de tais formas em mercadorias que podem ser compradas e vendidas e; 3 – acessibilidade das mesmas aos indivíduos largamente dispersos no tempo e no espaço (THOMPSON, 2002, p. 19). Perceberemos, com o decorrer do argumento, que, mesmo com critérios mais estritos, os traços da caracterização social embasada na comunicação em larga escala (THOMPSON, 2002) têm forte relação com os traços apresentados por Bauman (2001) sobre a modernidade sólida e sobre a modernidade líquida.

Com essas características em mente, notamos que a comunicação, na Modernidade, passou, inevitavelmente, a ser tecnicamente mediada. Para Thompson (2002), isso ocorreu, principalmente, porque o “meio técnico” acabou abrindo uma possibilidade para o homem que ainda não existia, qual seja, a de se comunicar em um determinado tempo sem que houvesse a necessidade da variação



do espaço para esse fim.

Thompson nos informa que, durante “[...] a maior parte da história humana, a grande maioria das interações sociais foram [sic] face a face” (2002, p. 77). Contudo, com o advento da Modernidade, três tipos de interação começam a se diferenciar (THOMPSON, 2002, p. 78-79): 1 – as interações face a face (que acontecem em um contexto de co-presença física); 2 – as interações mediadas (as quais implicam o uso de um meio técnico – papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas, etc. – que possibilita a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo ou em ambos); e 3 – as quase-interações mediadas (aquelas que são estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, diferenciando-se do segundo tipo citado por causa de sua institucionalização característica, da orientação não específica dos seus destinatários e por ter um fluxo de mensagem, predominantemente, de sentido único).

Nesse terceiro tipo, para o autor, estão os meios de comunicação de massa, que são essencialmente modernos (THOMPSON, 2002). Com isso, temos uma base interessante para utilizarmos o conceito de “comunicação de massas” de Thompson: em sua perspectiva, esse termo se refere à produção institucionalizada e à difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e da transmissão (a partir do uso de meios técnicos específicos) de informação e de conteúdo simbólico (THOMPSON, 2002, p. 32). Ele não se preocupa, porém, em cristalizar esses três tipos de interação. Ao invés disso, diz que uma das “dinâmicas” sociais atuais é, exatamente, a combinação desses tipos de interação em situações específicas ou não específicas (THOMPSON, 2002, p. 80).

Independentemente das controvérsias que o termo “massa” possa trazer a esse conceito,<sup>61</sup> Thompson diz que “[...] o que importa na comunicação de massa [...]” não é a “[...] quantidade de indivíduos que recebe os produtos [...]”, mas sim “[...] o fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de pessoas” (THOMPSON, 2002, p. 30). Na relação com a sociedade, tais meios

<sup>61</sup> Sobre essas controvérsias, cf. Thompson (2002), especialmente a página 30, e McQuail (2003), especialmente as páginas 13 e 14.

tiveram papel central no que concerne a algumas mudanças no processo social moderno. Além de atuarem no desenvolvimento da noção de separação entre tempo e espaço, também repercutiram no modo como as pessoas “[...] agem à distância” ou se representam para outros fisicamente distantes (THOMPSON, 2002, p. 92).

Dessa forma, podemos dizer que as agências midiáticas, com sua tecnologia, contribuíram para a anulação – sobre a qual Bauman (2001) discorre – do espaço em relação ao tempo e do tempo em relação a si próprio. Isso se deve, principalmente, a quatro traços básicos dos meios de comunicação de massa.

Primeiramente, há a produção e a difusão institucionalizada de bens simbólicos (THOMPSON, 2009, p. 289). A comunicação midiática é assim chamada por se ligar a agências institucionais interessadas na produção em larga escala e na difusão generalizada de bens simbólicos, implicando a produção e a difusão de cópias múltiplas ou materiais para receptores numerosos (THOMPSON, 2009, p. 289). Consequência dessa multiplicidade é a relação que se estabelece entre a mídia e o mercado – o controle da reprodução em larga escala é visto como uma possibilidade para a publicidade e para a mercantilização das formas simbólicas difundidas (THOMPSON, 2009, p. 289).

O segundo traço da comunicação midiática é que ela institui uma ruptura fundamental entre a produção e a recepção de bens simbólicos (THOMPSON, 2009, p. 289). Essa ruptura ocorre em termos de espaço físico – em que o processo de produção, em geral, não compartilha do mesmo espaço que a recepção. Como consequência disso, os processos de produção/difusão possuem uma forma específica de indeterminação (THOMPSON, 2009, p. 290), pois as respostas das recepções não são monitoradas diretamente. Isso não retira, contudo, o caráter representativo da mídia, em que o objetivo da difusão é sempre alcançar uma audiência (por mais indeterminada que ela seja) e o processo de produção sempre pré-visualiza essa audiência e suas possíveis personalidades (quer sejam mais heterogêneas, quer mais homogêneas) (THOMPSON, 2009, p. 290). Segundo o autor,

Ao contrário da interação face a face, onde os interlocutores podem se questionar um ao outro e observar suas mútuas respostas, na comunicação de massa as pessoas envolvidas na produção e na transmissão ou difusão

estão, geralmente, privadas de uma imediata retroalimentação da parte dos receptores. (THOMPSON, 2009, p. 290)

Retroalimentação, neste caso, refere-se ao conteúdo e aos sentidos das respostas, pois, em muitos casos, sabe-se se a recepção acontece ou não (com na TV, por exemplo, por meio dos medidores de audiência), mas não são conhecidas as respostas da audiência no momento em que ela recebe o fluxo de deixas simbólicas.

Uma terceira característica da mídia é que ela aumenta a acessibilidade às formas simbólicas no tempo e no espaço (THOMPSON, 2009, p. 290). Na verdade, de acordo com Thompson, qualquer meio de comunicação (tanto a interação mediada, quanto a quase-interação mediada) possui esse traço, mas a mídia torna possível uma ampliação ainda maior dessa acessibilidade, implicando, geralmente, “[...] um alto grau de distanciamento temporal num tempo mínimo” (THOMPSON, 2009, p. 291).

O quarto e último traço dos meios de comunicação de massa consiste na circulação pública das formas simbólicas (THOMPSON, 2009, p. 291). Isso não significa dizer, entretanto, que a mídia auxilia na noção pública da preocupação política, mas sim que tais formas simbólicas estão disponíveis, em princípio, “[...] a qualquer um que tenha os meios técnicos, as habilidades, os recursos para adquiri-los” (THOMPSON, 2009, p. 292).

É a partir de diversos modos, então, que a mídia se liga às formas de relação social na Modernidade. Esses processos relacionais se iniciaram não de forma avançada em tecnologia, mas, baseados em produções relativamente simples, como as da imprensa e as do rádio (em comparação com produções televisivas). Nesses casos, por mais que os quatro traços já fizessem parte de sua essência, ainda não se tinha a ação de representar a imagem (literalmente) de si para outros distantes em termos midiáticos. Isso foi possível, tecnicamente falando, graças ao avanço de modos de transmissão não só de informações escritas ou orais, como também da transmissão de dados que foram decodificados em imagens – e imagens em movimento.

#### 4.1.1 A televisão em foco

Segundo Marcondes Filho (1994, p. 8), falar sobre a TV remete a falar de um elemento que é bem mais antigo que ela: a imagem. A imagem é, para ele, a forma de o homem “[...] representar as coisas que deseja através de símbolos, sinais, traços, marcas e toda uma série de elementos visuais” (1994, p. 8). É através da percepção da imagem, ou seja, através da visão, que o homem assegura-se de seu meio ambiente e decide a direção a tomar. Não que os outros sentidos não auxiliem nessas atitudes, mas a visão é o “[...] sentido mais preciso para sua orientação” (1994, p. 8). O autor observa que a imagem foi trabalhada de maneiras diferentes pelas culturas, na história humana, dependendo de suas épocas (MARCONDES FILHO, 1994).

Na época moderna, um ponto de inflexão nessa história foi o surgimento e a institucionalização da TV. Para Thompson, “[...] uma das conquistas técnicas da televisão é a sua capacidade de utilizar uma grande quantidade de deixas simbólicas, tanto de tipo auditivo quanto visual” (2002, p. 85). Portanto, no interior do próprio desenvolvimento da quase-interação mediada, aparecem meios que se deslocam caracteristicamente em relação a meios mais “antigos”. A TV passa a possibilitar às quase-interações mediadas uma aproximação da interação face a face (THOMPSON, 2002, p. 85). Essa relação, contudo, é complexa e envolve, ao mesmo tempo, proximidade, superação e limitação no que diz respeito à interação face a face. De acordo com Thompson, os receptores sentem uma proximidade porque os comunicadores podem ser vistos e ouvidos e movimentam-se através do tempo e do espaço – como os participantes de interações cotidianas (THOMPSON, 2002, p. 85). Quanto ao avanço, a TV superou não apenas a interação face a face, mas também os outros meios de comunicação anteriores a ela, pois a utilização da técnica imagética foi se desenvolvendo cada vez mais em termos de significados culturais atribuídos a ela (por exemplo, o uso de *flashbacks*, mixagens, matéria arquivada, efeitos etc.) (THOMPSON, 2002, p. 85). Em comparação com as interações face a face, a TV não conseguiu (assim como outros meios de comunicação) superar a “limitação” de deixas simbólicas (a imagem em movimento é transmitida, mas sensações e sentidos físicos – olfato, sinestesia – não) e do fluxo

predominantemente unilateral da mensagem (THOMPSON, 2002, p. 85).

Tendo em vista essa relação complexa, Thompson elabora uma importante caracterização da TV: segundo ele, a TV envolve três tipos de coordenadas espaços-temporais:

Primeiro, há as coordenadas espaço-temporais [sic] do contexto de produção – isto é, do contexto dentro do qual os comunicadores agem e interagem uns com os outros. Segundo, há as coordenadas espaço-temporais [sic] da mensagem televisiva em si mesma. Estas coordenadas cujas características podem ou não coincidir com as do contexto de produção; as coordenadas podem ser alteradas, disfarçadas ou inteiramente redefinidas pela edição ou por outras técnicas. Terceiro, há as coordenadas espaço-temporais [sic] dos diversos contextos de recepção. A quase-interação criada pela televisão implica um contínuo processo de trançamento destes três conjuntos de coordenadas, um processo que descreverei como "interpelação espaço-temporal" (THOMPSON, 2002, p. 85-86)

Ao ver tais coordenadas em estreita relação com a ideia de “realidade” no mundo moderno, Duarte afirma que, “[...] nessa perspectiva, está-se frente a uma construção de linguagens, não mais ao real, mas a uma realidade discursiva” (DUARTE, 2004, p. 80). Portanto, alega a autora, a TV “[...] vem desenvolvendo seus próprios percursos de acesso ao real, a partir dos quais constrói realidades de ordens diversas” (DUARTE, 2004, p. 82). Ela classifica tais ordens em três tipos relativamente estáveis de realidades: a metarrealidade, a suprarrealidade e, como a criação mais recente da TV, a pararrealidade (DUARTE, 2004, p. 82).

O primeiro tipo incorpora os conteúdos que possuem referência direta com o mundo “externo e natural”, isto é, o mundo fora da TV (DUARTE, 2004, p. 82). Nesse tipo estão inseridos, por exemplo, telejornais, documentários, reportagens, etc. O segundo tipo, a suprarrealidade, veicula conteúdo que não tem um compromisso direto com a realidade do mundo exterior, sendo tal tipo de caráter mais ficcional (como exemplo, têm-se telenovelas, minisséries, telefilmes etc.) (DUARTE, 2004, p. 82-83). O terceiro tipo é mais recente e compreende as deixas simbólicas as quais propõem conscientemente um novo tipo de realidade, que se difira da realidade externa da TV, mas que seja tão natural quanto esta (DUARTE, 2004, p. 83). Tal realidade “inventada” quer ser real de um jeito diferente, pois, ao mesmo tempo em que deseja ser tão natural quanto o mundo exterior, cria, no entanto, um mundo paralelo, com acontecimentos artificialmente construídos no interior do próprio meio

e que não têm como referência direta a realidade fora da TV – exemplos da pararealidade seriam os *reality shows* de TV (DUARTE, 2004, p. 83).

Percebemos, a partir dessa classificação, que o esporte, de modo geral, pode estar dentro de qualquer uma dessas realidades – uma partida esportiva ou os resultados esportivos podem ser transmitidos/informados à audiência televisiva (metarrealidade); qualquer referência ao esporte e à sua prática pode ser feita diretamente em telefilmes, telenovelas, minisséries, publicidades televisivas etc. (suprarrealidade); e, em termos mais recentes, já existem *reality shows* em que a realidade que se cria é esportiva (por exemplo, um programa televisivo da TV aberta brasileira em que determinado número de garotos adolescentes ficavam concentrados, por várias semanas, em um local específico, para passarem por relações sociais – de competição ou de cooperação – ligadas ao futebol, no intuito de se estabelecer, com base em critérios criados pelos produtores de TV, um vencedor que, com a eliminação dos outros, seria, ali, contratado por um clube de futebol profissional).

A classificação elaborada por Duarte nos ajuda a começar a refletir sobre as relações entre TV e esporte/JO. Por vezes, tem-se a impressão de (e corre-se o risco de pensar) que tal relação foi unilateral e que o esporte de alto rendimento existe em um mundo só seu, totalmente autônomo. Todavia, se atentarmos para as caracterizações aqui descritas, observa-se, em concordância com Thompson (2002), que essa classificação permite compreender que a interpolação espaço-temporal citada envolve uma “separação de mundos”, ou seja, com a TV, há um mundo real e um mundo imaginário, sendo os espectadores, contínua e rotineiramente, “[...] instados a transacionar com as fronteiras que os identificam” (THOMPSON, 2002, p. 88).

Assim, por mais que o fenômeno esportivo e o fenômeno olímpico façam parte “do” mundo real, seus ideais e suas “utopias” têm forte relação com o mundo imaginário da TV. Além disso, a TV, em alguma medida, gera processos que interferem na natureza desses dois fenômenos. Isso faz com que os espectadores do esporte e dos JO (e com que esses próprios fenômenos) também transitem nas fronteiras entre os dois mundos citados.

A classificação realizada por Thompson sobre os conteúdos televisivos se aproxima do que foi estudado por Duarte. No entanto, chama a atenção no trabalho do primeiro o fato de ele criar, no interior da metarrealidade, uma tipologia específica que nos ajuda a pensar a relação entre a TV e, em particular, os JO: é o que o autor denomina “eventos da mídia” (THOMPSON, 2002, p. 98). Tais eventos indicam “[...] grandes e excepcionais ocasiões planejadas com antecedência, que são transmitidas ao vivo e que interrompem o fluxo normal dos acontecimentos” (THOMPSON, 2002, p. 98). O próprio Thompson exemplifica esses eventos: “[...] grandes ocasiões nacionais, como os casamentos reais, a tomada de posse de um novo presidente e os funerais de um grande estadista [...]”; “[...] grandes momentos de conquista ou de reconciliação, como a descida do homem na lua, a assinatura do acordo de Camp David que foi um passo em direção da paz no Oriente Médio, ou a libertação de Nelson Mandela na África do Sul [...]” e; “[...] os principais eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo” (THOMPSON, 2002, p. 98).

Esse rápido desenvolvimento dos meios de comunicação e, especialmente, da TV é posto aqui para se ter uma noção da localização específica dos JO em seu interior. Como já apontamos, entendemos que as instituições modernas, incluindo as relacionadas com a TV, possuem uma relação dialética com a sociedade, podendo criar discursos que reproduzam, produzam ou transformem a realidade externa. No caso da TV, identificamos, inicialmente, três modos principais como esta veio se imbricando com ideais modernos, tanto sólidos, quanto líquidos. Primeiramente, a tecnologia básica da TV (a transmissão eletrônica de dados) foi um elemento chave na passagem da valorização de uma ética do trabalho para a estética do consumo. Segundo Bauman (2001), uma das condições para essa passagem foi a anulação do espaço pelo tempo – e, para nós, a TV cria um palco cada vez mais real para tal anulação. Mas não só isso. Além da tecnologia, a TV também “mercantiliza” a cultura, dando ênfase no consumo. Como vimos, logo no início da história das mídias de teledifusão, houve um paralelo com as mídias impressas (anteriores àquelas) que mais informavam. No entanto, com a imagem em movimento sendo transmitida a longas distâncias, logo se percebeu a produção cultural (e de entretenimento) que se poderia fazer com tal objeto – a relação imediata que se estabeleceu foi a mercantilização da cultura (ou, como muitos chamaram, a

produção da indústria cultural).

O segundo modo de relação entre a mídia e a sociedade moderna que gostaríamos de destacar é relativo aos usos e aos controles estatais feitos da mídia. Tais usos e controles estatais não sucederam, no entanto, sem tensões. No interior da própria instituição midiática, segundo Thompson (2009, p. 337), houve resistência por parte daqueles que pregavam um ideal de “liberdade de imprensa”. A ideia de “liberdade”, então, era advogada como direito de empreendimento midiático que deveria manter distância das instituições do Estado e do governo (THOMPSON, 2009, p. 337). O interessante da leitura de Thompson é notar que tais reivindicações já haviam ocorrido quando surgiram as primeiras formas de mídia (as mídias impressas), e que sua ação, no bojo da institucionalização da TV, dava-se na época em que aqueles “absurdos” cometidos pelo Estado jardineiro (BAUMAN, 2010b) colocavam sob suspeita, cada vez mais, as ações dos governos. Assim, a criação das realidades discursivas da TV pode ser posta de mãos dadas com o discurso da “individualização” e, conseqüentemente, com a “quebra” dos padrões de interdependências nas relações sociais (BAUMAN, 2001).

Isso nos leva ao terceiro modo de relação, selecionado aqui, entre a mídia e a sociedade moderna. Com o desenvolvimento mais contemporâneo da TV, seu alcance passa a ser cada vez mais global. Por outro lado, a representação do “mundo da TV” tende a transformar qualquer conteúdo em espetáculo, o que, segundo Bauman (2001, p. 229), auxilia no entendimento da noção de “comunidade apenas virtual” – com a diminuição da importância Política da comunidade humana real e seus problemas reais.

Mesmo com essas relações, é pertinente atentar que o meio (ou a tecnologia), em si, não é uma entidade viva e ideologicamente marcada com objetivos sociais. Os processos citados – a atribuição de valores às mídias – ocorrem através dos usos que são feitos desses meios. Bauman já alertava para esse fato na década de 1960, dizendo que “[...] os meios de comunicação de massas não são tanto a *causa* da cultura de massas mas instrumento da sua elaboração” (BAUMAN, 1980, p. 74, grifo



do autor).<sup>62</sup>

Nesse sentido, Wolton (2006) identifica a TV como uma possibilidade também para a prática dessa Política. Segundo o autor, a TV pode ser uma ferramenta efetiva para a (re)criação de padrões verdadeiramente públicos de interdependência (WOLTON, 2006). Ele alerta, contudo, para o fato de que o caráter potencial o é assim exatamente porque tal uso ainda não é feito efetivamente. Isso nos abre alternativas para pensar também na natureza própria do espetáculo e nos usos que se tem feito dele no interior dos JO.

#### 4.2 TELEVISÃO, ESPORTE E JOGOS OLÍMPICOS

Após a explanação apresentada acima, o caminho fica “aberto” para a compreensão de como o esporte e os JO se relacionam com a mídia, em especial com a TV. Essa relação teve momentos de compartilhamentos, de diferenciações e de convergências. Tais momentos, atualmente, são mais dispersos e fluidos. De acordo com Pires (2002), esse traço faz com que seja necessário identificar a importância do advento da mídia para a atribuição de sentidos que influenciem a constituição de saberes/fazer do cotidiano social (PIRES, 2002, p. 21). No caso brasileiro, Pires é a favor de um desenvolvimento de estratégias de interação com o campo midiático para a construção de conhecimentos e ações emancipatórias sobre exercício físico/esporte (PIRES, 2002, p. 21).

Para tanto, um pressuposto importante, sobre o qual nos fala o autor, é a ideia de que a relação entre esporte/práticas corporais e mídia deve ser entendida (nos dias atuais) como uma relação binominal, pois não há um critério de precedência de um campo em relação ao outro (PIRES, 2002, p. 82). O que ocorre, entretanto, é o contrário: esses elementos são produzidos numa lógica de reciprocidade (PIRES,

---

<sup>62</sup> A obra de referência utilizada para esta citação trata-se da versão portuguesa do texto, publicado anos depois da publicação original.

2002, p. 82):

Isso pode ser comprovado, por exemplo, pelo fato de empresas da área de comunicação de massa integrarem a linha de frente dos grupos financeiros que vêm se tornando parceiros do sistema esportivo no mundo inteiro, assumindo, inequivocadamente, a interface *mídia-esporte* como o fulcro dos interesses comuns. (PIRES, 2002, p. 82, grifo do autor)

Com essa reciprocidade em mente, olhamos para o caso mais específico da relação entre os JO e a mídia/TV. Tendo em vista a configuração do desenvolvimento da mídia, nota-se que essa relação perpassa não apenas pelas questões operacionais dos JO enquanto um evento, mas também pela própria aplicabilidade de sua filosofia valorativa, isto é, do olimpismo. Quando nos referimos ao olimpismo no Capítulo 2, concordamos com DaCosta (1999; 2002) sobre este ser uma filosofia em processo, baseado nas reconciliações típicas do ecletismo e, portanto, naturalmente paradoxal quando em contextos distintos de aplicação. Vemos, com Spà (1990), nesse contexto, que

A enorme complexidade e as numerosas contradições que o fenômeno olímpico apresenta em nossa sociedade não podem ser consideradas independentemente de sua estreita relação com os meios de comunicação de massa. (SPÀ, 1990, p. 455, tradução nossa)

Segundo Llinés e Moreno (1999), um fato importante para a compreensão dessa relação é a “coincidência” histórica entre o aparecimento da mídia audiovisual e dos JO (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15). De acordo com as autoras, a “restauração” dos JO por Pierre de Coubertin, no final do século XIX, ocorre no mesmo período em que surgem os primeiros filmes.<sup>63</sup> Assim, nos primeiros JO, em 1896, em Atenas, já existia a tecnologia audiovisual de filmagem. No entanto, nesses Jogos não houve nenhum registro de movimento, mas apenas registros fotográficos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).<sup>64</sup>

É apenas em 1924, tanto nos JO de verão (em Paris) quanto nos JO de inverno (em Chamonix, França), que os JO começam a ser difundidos pelo sistema de rádio

<sup>63</sup> As autoras chegam a citar datas importantes nas gêneses desses fenômenos: em 23 de junho de 1894, Pierre de Coubertin restaurou os JO em Sorbonne, Paris; já em dezembro de 1895, dois irmãos parisienses (Louis e August Lumière) – inventores da técnica cinematográfica – organizaram a primeira exibição pública de cinema, em um *boulevard*, também em Paris (ESPAGNAC, 1995, p. 44 apud LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).

<sup>64</sup> Nos JO de Paris (1900), houve o primeiro registro filmado do evento (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).

(LLINÉS; MORENO, 1999). As tecnologias de filmagens estavam em seu início e ainda não existia uma institucionalização sólida no ramo de audiovisual. O rádio, entretanto, já era institucionalizado, mas antes de 1924 havia uma pressão contra a cobertura de eventos por este meio de comunicação: era a pressão da mídia “dominante” da Europa da época – a mídia impressa. Segundo Llinés e Moreno, além de algumas limitações técnicas do rádio (em termos, principalmente, de alcance), os jornais impressos tentaram impedir o avanço desse novo meio, que foi considerado uma “[...] forte ameaça” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16, tradução nossa).

Por isso, até os JO de 1924, a difusão do evento se limitou, predominantemente, pela mídia impressa (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16). Assim, mesmo no final da década de 1920 e no início da década de 1930, o rádio possuía um papel apenas local na comunicação olímpica (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16). Ainda que já existissem tecnologias de comunicação mais avançadas que as do rádio, nem mesmo este último tinha uma solidez técnico-institucional em termos de difusão. As comunicações internacionais estavam em um estágio inicial e as trocas intercontinentais era um “desejo” sonhado (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16-17).

A partir dos anos de 1930, nos afirmam as autoras, essas limitações começaram a ser superadas e, nos JO de 1936, em Berlim, houve uma “[...] transmissão propriamente dita [...]” do evento olímpico, pela primeira vez, via rádio (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 17, tradução nossa). Nesse mesmo ano, confirma-se o caráter dialético entre o desenvolvimento dos JO e da própria tecnologia da comunicação audiovisual. Sendo o evento olímpico crescentemente reconhecido, ele se torna um palco ou, como as pesquisadoras preferem dizer, um “teste de laboratório” para os experimentos televisivos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15). No caso dos JO de Berlim-1936, o canal de TV do *Reich* alemão que estava no poder realizou a primeira transmissão audiovisual (televisiva) ao vivo dos JO, porém em uma escala ainda local (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20), organizando “[...] vinte e um auditórios públicos adequadamente equipados em Berlim, um auditório em Postdam e algumas salas localizadas em Leipzig” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20, tradução nossa).

Os anos seguintes seriam testemunhas de um desenvolvimento ainda maior na teledifusão. A institucionalização do rádio era proeminente e sua popularização foi

rápida. No entanto, ele não teve uma participação sólida na difusão olímpica, pois os JO de 1940 e de 1944 foram cancelados por causa da Segunda Guerra. Quando Londres recebeu os Jogos, pós-guerra, em 1948, a TV já tinha um caráter mais “aplicável” em escalas maiores (LLINÉS; MORENO, 1999). No caso de Londres, segundo as autoras, houve uma transmissão televisiva com “[...] cobertura ao vivo em um viés regional [...]” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20, tradução nossa), em um raio de centro e trinta quilômetros (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20). Alguns espectadores, assim, puderam assistir certos eventos olímpicos pela primeira vez em suas residências (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20).

Esses dados nos ajudam a perceber que as tensões na relação entre a TV e os JO existem desde o seu início. Uma das principais polêmicas na época em que a TV estava se aprimorando como difusora dos JO consistiu em como abordar o conteúdo olímpico (LLINÉS; MORENO, 1999). Desde os Jogos de Londres-1948, houve uma cobertura multicâmera dos eventos. Na interpretação de Llinés e Moreno (1999), como resultado dessa cobertura, foi possível mostrar

[...] uma visão mais completa do que estava acontecendo. Em Cortina d’Ampezzo (1956), por exemplo, quatro câmeras foram usadas para cobrir a corrida de *bobsled* na TV. Essas câmeras foram situadas ao longo do trajeto da corrida para proporcionar uma visão completa da mesma aos espectadores: da partida à chegada. Coberturas desse tipo, curiosamente, significaram que o espectador domiciliar poderia seguir o progresso da corrida muito melhor do que o espectador no local da corrida. (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 18, tradução nossa)

Pode-se dizer, portanto, que o aparecimento da TV, no palco da história olímpica, foi um importante ponto de inflexão, pois, para os profissionais de comunicação da época, era claro o potencial dos JO para ser um “[...] gigantesco entretenimento das massas [...]” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21, tradução nossa), além de um interessante evento para ser noticiado, isto é, para servir de informação para a sociedade (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21). Segundo as autoras (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21), tal potencial levou a uma polaridade – primeiramente, entre o modo de cobrir os JO e, depois, entre o modo de realizar o próprio evento. Tal polaridade era “informação *versus* (VS) entretenimento”. Por causa da mudança de ênfase de informação para entretenimento, houve um debate crescente sobre a mercantilização dos direitos de transmissão – se poderia haver ou não pagamentos para tais direitos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21).

Esse imbróglio da mercantilização dos direitos foi vivenciado nitidamente na década de 1950, quando aconteceram os JO de Helsinki – Finlândia – (1952) e de Melbourne – Austrália – (1956). Os primeiros, por exemplo, não foram transmitidos por nenhuma rede de TV e os segundos foram boicotados pelas redes internacionais (sendo transmitidos apenas para a própria Austrália), em parte devido a problemas técnicos e em parte por causa, exatamente, de desacordos sobre tal imbróglio (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21).

O debate em torno da mercantilização dos direitos de transmissão dos JO se deu, principalmente, em torno da problemática de alcançar um acordo sobre o que era notícia (um direito que deveria ser estritamente respeitado, sem nenhuma mudança) e o que era entretenimento (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 26). Em Melbourne-1956, por fim, o debate foi abertamente considerado e, como resultado,

[...] houve uma revisão da Carta Olímpica, a qual passou a incluir a seguinte referência no que diz respeito aos direitos televisivos: “os direitos televisivos serão vendidos pelo COJO, com a aprovação do COI, e a renda será distribuída conforme instruções do primeiro” (artigo 49). (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21, tradução nossa).

Vemos, neste caso, um deslocamento na tensão da relação entre a TV e os JO, já que o próprio documento oficial dos JO teve que ser alterado para corresponder a uma adequada entidade televisível. Se pararmos o raciocínio aqui, porém, não conseguiremos abordar toda a complexidade dessa relação. Em contrapartida à citada adequação da Carta Olímpica, as televisões de todo o mundo também tiveram que buscar as programações olímpicas e trabalhar muito para transmiti-las como programação que, antes dessa época, não existia: como programação especificamente esportiva ou olímpica. Em outras palavras, as televisões também tiveram que se adaptar ao conteúdo olímpico/esportivo.

Outra contrapartida foi a oportunidade dada ao COI para o aumento de sua visibilidade – o que trouxe um aumento consequente na visibilidade de seus valores orientadores. Os JO de Roma-1960 são tratados, pela maioria dos estudiosos da área, como o ponto de mudança em tal visibilidade, pois, durante a sua realização, ocorre a primeira transmissão televisiva a nível continental e o primeiro pagamento por direitos de transmissão televisivos dos JO (LLINÉS; MORENO, 1999). Esse fato acaba por alterar a própria “composição olímpica”, pois o nível continental de

audiência não é de caráter pós-evento, mas essa é uma audiência que, agora, assiste ao evento “ao vivo”. Portanto, a TV fez com que o antigo e simples “binômio olímpico” “atletas-espectadores” se transformasse em uma descrição quádrupla, bem mais complexa, “[...] formada pelos atletas, pelos espectadores, pela mídia (comentadores, câmeras, microfones, etc.) e pela audiência televisiva” (LLINÉS, 1997, p. 75, tradução nossa).

Após as décadas de 1960 e de 1970, o aprimoramento técnico da TV e a sua institucionalização permitiram que a difusão olímpica se tornasse intercontinental, aumentando a audiência e, com isso, o valor atribuído aos direitos de transmissão (LLINÉS; MORENO, 1999) – em Roma-1960, os direitos foram vendidos por US\$ 200.000,00; vinte anos depois, nos JO de Moscou-1980, os direitos foram vendidos por US\$ 88.000.000,00 (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38).

A partir desses relatos, de caráter mais histórico, da relação entre a TV e os JO, observamos como a passagem para o viés do espetáculo está intimamente ligada aos imbróglis citados. Consequentemente, estão ligados também à passagem da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores descrita por Bauman (2001). Essa estética do consumo, em alguma medida, foi possível graças ao crescimento da audiência, o que viabilizou investimentos “pesados” no orçamento não apenas do evento olímpico como um todo, mas, de modo mais específico, do momento que mais atraía essa vasta audiência: as cerimônias de abertura.

As questões que, tradicionalmente, são colocadas pelos especialistas dessa temática são sobre os deslocamentos de “sentidos originais” consequentes dessa relação. Vários trabalhos focam em estudos comparativos dos câmbios de sentidos sobre o olimpismo por todo o globo.<sup>65</sup> Em termos mais gerais, pode-se dizer que os JO e suas cerimônias de abertura mudaram em adaptação, direta ou indireta, ao palco televisivo. Algumas dessas mudanças são: as apresentações artísticas das cerimônias são caracterizadas, cada vez mais, como *show*; isso levou à celebração da cultura local, que está embutida nessas apresentações, sendo que, até meados de 1980, tais apresentações eram, predominantemente, celebrações do esporte; a mudança de horários tradicionais na programação olímpica, para que os eventos

<sup>65</sup> cf. Spà, Rivenburgh e Larson (1995) e Rivenburgh (1991).

fossem transmitidos no horário nobre nos Estados Unidos (país anfitrião das principais empresas televisivas detentoras dos direitos de transmissão); o aumento do número de profissionais da mídia, sendo este bem superior ao próprio número de atletas desde a década de 1970 (LLINES, 1997); e a construção de instalações específicas para profissionais da mídia, com centros avançados de tecnologia em teledifusão (LLINÉS; MORENO, 1999).

Por outro lado, mesmo alterando o texto de seu documento oficial, o COI, em grande medida, não renuncia as suas principais tradições, especialmente no que concerne à cerimônia de abertura. O desfile dos atletas, por exemplo, é, claramente, não televisível, pois demanda um tempo relativamente extenso, o qual vem crescendo ainda mais nos últimos anos – fato que tem sido criticado pelas redes de TV, as quais tentam mudar o procedimento de tal desfile para que fiquem mais adaptáveis à TV. O COI, no entanto, não abre mão desse “protocolo”, independentemente de sua duração, pois isso descaracterizaria seu traço de respeito internacional (o qual, ironicamente ou não, se tornou global – em parte – graças à difusão televisiva).

No bojo dessas tensões, estão as problemáticas relacionadas à transmissão do conteúdo olímpico pela difusão televisiva. Por causa da grande visibilidade que os JO dão à cidade cede atualmente, Llines nos diz que a cultura local é difundida, predominantemente, pelas redes de TV (LLINES, 1997) – tal cultura, em muitos casos, é desconhecida e estranha para os teledifusores (e, no caso de Pequim-2008, esse desconhecimento se torna ainda mais pressuposto devido às distâncias culturais entre oriente e ocidente). Segundo Llines, a cidade-sede e o COJO

[...] não conseguem controlar todo o processo de semantização que é gerado sob tais circunstâncias: qualquer jornalista que se considera de alto nível é forçado a olhar para além do material novo que é reunido de maneira tendenciosa pelos organizadores do evento. (LLINES, 1997, p. 72, tradução nossa)

De acordo com Spà (1990), o mesmo ocorre com os valores do olimpismo. A espetacularização do esporte, em termos gerais, relacionada à sua televisibilidade, “[...] tem multiplicado os ritos ‘paraesportivos’ que se tornam o contexto geral para os eventos esportivos propriamente ditos” (SPÀ, 1990, p. 456, tradução nossa). Ainda para esse autor,

Graças às suas gigantescas dimensões e à sua transmissão mundial, os

ritos “paraesportivos” e os espetáculos que rodeiam os Jogos Olímpicos estão aptos a formularem os valores que orientam as práticas esportivas e os espetáculos das culturas mais avançadas do mundo, proporcionando respostas a questões como: “de que maneira o esporte é entendido?”, “quais valores adicionais podem ser atribuídos à competição e ao espetáculo da competição?” e “como a violência deveria ser interpretada?”. (SPÀ, 1990, p. 456, tradução nossa)

Tais questões podem ser trabalhadas, de maneira mais densa exatamente, segundo ele, na cerimônia de abertura dos JO (SPÀ, 1990, p. 456). Mas elas não podem ser entendidas sem se ter em mente o papel que TV exerce sobre os JO (SPÀ, 1990). Para Spà, a TV “[...] internacionaliza, dramatiza e financia os Jogos, impondo certos agendamentos de programação e configuração e, de modo mais importante [...], ela atribui e nega certos valores culturais” (SPÀ, 1990, p. 457, tradução nossa). Dentre os primeiros papéis citados, o financiamento dos Jogos é uma relação básica que deve ser compreendida, a seu ver, como um “[...] resultado indireto da influência que o próprio evento mundial espetacular tem sobre a venda de tempo e espaço para propagandas” (SPÀ, 1990, p. 459, tradução nossa). Com o crescimento da imagem gerada pelos JO indo em direção a um elemento global (graças ao desenvolvimento técnico da TV), a visibilidade de mercadorias multinacionais também se torna global. Por isso, o valor dos direitos televisivos começaram, após a década de 1970, a subir substantivamente (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38). O direito de transmissão dos Jogos é vendido, portanto, a uma emissora que, por sua vez, revende-o transmissão em seu país/região. Já há algumas edições dos JO – desde Seul-1988 (SENN, 1999, p. 16) – os direitos televisivos têm sido vendidos para a rede americana NBC. Essa rede tem, assim, o monopólio das imagens e da produção, deixando às redes locais, que recomparam o direito de transmissão da NBC, a prerrogativa de transmissão dessa produção e também de colocarem suas próprias “câmeras exclusivas” e seus comentaristas/narradores em estúdios nas instalações esportivas (SPÀ, 1990). Ao mesmo tempo, as redes locais de TV fazem traduções para a sua cultura/língua das propagandas dos patrocinadores e de outras marcas associadas.

Apenas para se ter uma noção do quanto o valor dos direitos televisivos cresceram no mercado institucional da comunicação, nos JO da Cidade do México-1968, foram pagos US\$ 4.500.000,00 por tais direitos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38; SENN, 1999, p. 16); já nos JO de Pequim-2008, a NBC pagou US\$ 894.000.000,00 (quase um bilhão de dólares) para transmitir os eventos olímpicos (SENN, 1999, p. 16). É



óbvio que, em uma lógica de mercado, a NBC paga tal quantia porque sabe que terá um retorno, tanto das vendas para as TV's locais, quanto das publicidades que se associam a ela (SPÀ, 1990). Ao chegar a tais cifras, os direitos televisivos passam a integrar uma parcela cada vez mais significativa do orçamento total para a realização de todos os eventos dos JO (SPÀ, 1990).

#### **4.2.1 Televisão, Jogos Olímpicos e a tradução local da cerimônia de abertura – pressupostos e apontamentos para a análise da narração televisiva da cerimônia dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008**

Nessa conjuntura econômica, segundo Spà (1990, p. 462, tradução nossa), “[...] a cerimônia de abertura é um dos eventos olímpicos mais apreciados pela audiência, despertando muito mais interesse do que a cerimônia de encerramento”. Assim, essa torna-se “a oportunidade” para a difusão (além do conteúdo olímpico) de comentários mais marcados das redes de TV específicas e das propagandas e publicidades (SPÀ, 1990, p. 459). No entanto, como o próprio autor comenta, cada TV local comunica a sua própria “carga valorativa” e a sua “semantização” do conteúdo olímpico (SPÀ, 1990).

Partindo dessas ideias, Spà (1990) coloca a questão sobre a cerimônia de abertura ser um evento transmitido ou produzido pela TV. Porém, o autor não faz tal pergunta de modo reduutivo. A questão é posta não no sentido de a TV ter o controle total das ações e das escolhas na realização do evento (embora se saiba que, em alguma medida, a TV faz isso), mas sim de que cada rede nacional de TV, além de transmitir as mensagens da cerimônia, também produz o seu próprio conteúdo

[...] audiovisual, e, por vezes, contradiz os valores – ‘harmonia’, ‘internacionalismo’, ‘tradições culturais locais’ etc. – propostos e transmitidos pelo discurso da cerimônia de abertura autóctone. (SPÀ, 1990, p. 464, tradução nossa)

De acordo com Spà (1990), “[...] a produção do próprio conteúdo audiovisual [...]” realizada pelas redes de TV locais cria a possibilidade de “manipulação” do

conteúdo. Esta pode ocorrer, principalmente, de três maneiras: 1 – pela presença (no estádio local da cerimônia de abertura) de câmeras exclusivas; 2 – pela pós-produção e retransmissão dos destaques da cerimônia de abertura; e 3 – pelos comentários orais nas coberturas “ao vivo” ou com *delay*, quando é o caso.<sup>66</sup>

No estudo feito pelo pesquisador (1990), analisaram-se os valores olímpicos e os valores da cultura local em narrativas televisivas na cerimônia de abertura dos JO de Seul-1988. Foi identificado que os organizadores da cerimônia (realizada por especialistas da cultura sul-coreana os quais compuseram a autarquia do COJO em questão) incluíram no programa artístico de celebração da cultura local uma estrutura polissêmica de grande riqueza (SPÀ, 1990, p. 463). Por um lado, segundo Spà (1990), a TV espanhola – que cobriu o evento para a Espanha – não foi totalmente feliz com tal polissemia, pois não se abarcou as diversas manifestações (fragmentadas na cerimônia) do folclore e da tradição sul-coreana (SPÀ, 1990, p. 465). Por outro lado, essa atomização da cultura, no gigantesco palco do estádio da cerimônia (vista pelo autor como um fenômeno pós-moderno), não é, por natureza, totalmente televisível, já que os narradores sempre escolhem uma parte da estrutura que lhes convém (SPÀ, 1990). O problema, visto por Spà, é o ponto limite entre duas atitudes muito complexas em nossa sociedade. A primeira delas é a atribuição “totalmente livre” de sentido à mensagem olímpica/cultural pela TV local (ainda que seja uma mensagem de fragmentos de cultura). A segunda, cada vez mais questionável na Pós-Modernidade, é fazer uma referência fixa sobre as histórias e as tradições dessas culturas e dos JO (SPÀ, 1990). O exemplo da TV espanhola, trazido pelo autor, é sintomático dessa complexidade, pois, ao mesmo tempo em que ela advogava para si uma interpretação fiel da cultura local, outros analistas mais especializados – inclusive alguns nativos da Coreia do Sul – davam interpretações diferentes, e, até mesmo, opostas, sobre o mesmo fenômeno (SPÀ, 1990).

<sup>66</sup> Em alguns casos, a cerimônia de abertura é transmitida com *delay* (com atraso ou em horário posterior ao horário do evento em si). Isso ocorre apenas com redes de TV que possuem um fuso horário muito complicado, em termos de audiência, para a cerimônia de abertura. Um bom exemplo é a cerimônia de abertura dos JO de Barcelona-1992, a qual ocorreu no início da noite (horário de Barcelona), mas foi transmitida pela primeira vez nos Estados Unidos, somente às oito horas da noite no horário americano (nove horas após o início e seis horas após o término da cerimônia) (SPÀ; RIVENBURGH; LARSON, 1995, p. 97-98).

Realizar uma análise da narrativa tendo como foco esses aspectos é, no mínimo, correr o risco de colocar o discurso científico também como a razão absoluta sobre a cultura local. Considerando esse risco, Spà (1990) segue por um caminho interessante. Tal problema levou o autor a estudar uma segunda narrativa (da TV americana) sobre o mesmo evento (a cerimônia de abertura dos JO de Seul-1988). Ele observou que a narrativa americana atribuiu um sentido mais secundário às mensagens da cultura local, imprimindo, em compensação, uma ênfase na participação e nos possíveis sucessos americanos nesses JO (SPÀ, 1990, p. 466). Ainda assim, essa rede de TV que cuidou em contratar comentaristas que tinham alguma relação com a cultura local, o que, na visão de Spà, é algo positivo (SPÀ, 1990, p. 466).

Na narrativa americana da qual o autor trata, vê-se, também, uma predominância de “quebras”, em sua transmissão, para chamadas de propagandas (SPÀ, 1990). No entanto, essas pausas são planejadas e meticulosamente programadas para ocorrerem nos momentos certos, isto é, para não ofuscarem qualquer menção à cultura ou aos atletas americanos (SPÀ, 1990, p. 466).

Uma característica comum entre as duas narrativas estudadas por Spà (1990) – da TV espanhola e da TV americana – foi o alto índice de correlação entre as variáveis semânticas de cada narrativa e os momentos distintos da cerimônia: as partes mais fechadas da cerimônia – os rituais, o protocolo, as observâncias, os discursos etc. – foram narradas de maneira a destacar o MO em si; já as partes mais abertas – as apresentações artísticas da cultura local, o acendimento da pira olímpica etc. – foram narradas com ênfase na cultura local (SPÀ, 1990). O desfile dos atletas é “um caso à parte”, pois se fala tanto da cultura local, quanto dos destaques de vários países e dos destaques do próprio país de origem da rede de TV em questão (SPÀ, 1990).

No caso mais geral do esporte, bem como no caso específico dos JO, há uma “[...] atribuição de sentidos que influencia a constituição de saberes/fazer” (PIRES, 2002, p. 21) sobre esses dois fenômenos, e, conseqüentemente, sobre seus valores orientadores. Desse modo, é importante frisar o papel crucial da narração televisiva para o “processo cultural” sobre o qual nos fala MacAloon (1991). Para o autor, há, no complexo contexto da TV olímpica, diferentes formas de

produção/distribuição/consumo dos valores e da mensagem olímpicos. Segundo ele (1991), a cultura (enquanto um sistema de símbolos e seus significados), vinculada aos valores olímpicos, passa por quatro “fases”: ela é, primeiramente, **apresentada** pelas entidades formais (COI e COJO) através dos voluntários, da cidade-sede, do país anfitrião etc.; em seguida, ela é **interpretada** pelos presentes fisicamente no local (espectadores “comuns”, chefes de estado, atletas, profissionais da comunicação, atores, artistas, voluntários, organizadores etc.); em terceiro lugar, ela é sócio-cognitivamente **traduzida** (significando que esse é, inicialmente, um processo interno) pelos locutores de rádio e TV e pelos profissionais da produção televisiva; em quarto e último lugar, ela é **reapresentada** (exteriorização da fase anterior), de maneiras identitárias, para o público específico de cada cultura que é, em tese, “leitor ideal” da interpretação feita (MacALOON, 1991, p. 46, tradução nossa). Acrescentaríamos, ainda, uma última fase, que é a **apropriação** (crítica ou não) da mensagem. Apesar de não abordarmos essa quinta etapa (o consumo) – o que se revela como uma limitação do trabalho – entendemos que as outras quatro fases do processo são importantes para nossa análise.

Baseado nesse panorama, Spà (1990) projeta um programa estrutural de análise das narrativas televisivas das cerimônias de abertura que pode nos auxiliar a sintetizar as categorias analíticas para a presente pesquisa. Na introdução deste trabalho questionamos o modo como a Rede Globo narra a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008 no que diz respeito aos valores olímpicos/esportivos. Agora, com as revisões teóricas realizadas até aqui, podemos colocar esse “como” em termos mais aplicáveis. Um exemplo de tal aplicação é suposição de que os modos de narrar os valores olímpicos, estudados por Spà (1990) e por Spà, Rivenburgh e Larson (1995) (tais estudos focaram narradores de países ocidentais), podem ser mantidos ou não pelos profissionais de comunicação da Rede Globo.

A ACD nos fornece sustentação para tratar tais narrações televisivas em três dimensões inter-relacionadas – a dimensão textual; a dimensão da prática discursiva; e a dimensão da prática social. Com relação à primeira dimensão, fica clara a importância do vocabulário referente ao olimpismo, presente e ausente, na narrativa da Rede Globo – além das questões de coesão do texto e de sua relação com as imagens (pois consiste em um discurso audiovisual). Spà (1990) afirma que,

na análise da narrativa televisiva da cerimônia de abertura, se se quer considerar os valores olímpicos/esportivos, deve-se destacar um vocabulário “já dito”, o qual é referência para o *corpus* desses valores. No Capítulo 2, fizemos um resumo dessa referência e de sua complexa rede de relações. Identificamos que o olimpismo foi e continua sendo uma filosofia em processo e que seus valores se deveram, em grande medida, aos contextos histórico (as condições da Europa da época) e filosófico (o ecletismo) de Pierre de Coubertin, os quais conduziram, ainda, a uma base paradoxal do constructo olímpico (DaCOSTA, 2002). Atualmente, essas referências vocabulares parecem não possuir um consenso (TAVARES, 2007). Assumimos, aqui, esse problema e adotamos uma estratégia de ação que seja capaz de prevenir possíveis reduções. Escolhemos, a partir do estudo desenvolvido no Capítulo 2, três conceituações sobre o olimpismo que julgamos interessantes para nosso trabalho e que estão no QUADRO 4. O vocabulário relacionado às categorias desse quadro não será abordado, contudo, de maneira única. Como podem existir atribuições de sentidos às ações que acontecem na cerimônia de abertura, pelos narradores de TV, vamos considerar também qualquer vocabulário que, mesmo não categorizado no QUADRO 4, possa ser identificado como referente ao olimpismo.

Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 125)		Tavares (1999, p. 32-33)	Tavares (2007, p. 185)	
Valores Humanistas	Valores esportivos	Constructo de olimpismo a partir de 5 elementos principais encontrados na literatura geral	Valores Iluministas	Valores Românticos
amizade	participação igualitária	senso religioso	individualismo	honra
solidariedade e internacional	excelência	excelência, elite	universalismo	dever
paz	alegria no esforço	internacionalismo, entendimento, respeito mútuo, trégua e paz	crença no poder transformador da educação	autossuperação
igualdade	competição amigável	desenvolvimento harmonioso físico e	valor da competição	<i>fair play</i>

Spà, Rivenburgh e Larson (1995, p. 125)		Tavares (1999, p. 32-33)	Tavares (2007, p. 185)	
		intelectual		
preservação da dignidade humana	<i>fair play</i>	<i>fair play</i> , cavalheirismo e nobreza		excelência moral
	desenvolvimento equilibrado do corpo, da vontade e da mente através da mescla do esporte com a cultura e com a educação			sensação de pertencimento

**QUADRO 4 – CATEGORIAS TEXTUAIS/VOCABULARES PARA A ANÁLISE TEXTUAL DA NARRAÇÃO**

É importante mencionar que as categorias vocabulares não se restringem às palavras em si (enquanto unidades menores). A análise textual colocará em foco “termos” que dão um sentido maior, podendo esses ser formados por uma palavra ou mais. No quadro acima, observamos alguns termos repetidos (ou que expressam a mesma ideia) citados por diferentes autores. Obviamente, no ato da análise, condensaremos tais termos. Outro traço interessante da análise textual é o modo como esses termos se ligam em formações maiores. Nesse ponto, deve-se prosseguir para um enfoque da prática discursiva.

Ao falar das atribuições de sentido que os narradores televisivos realizam na cerimônia de abertura, Spà (1990) alerta para a possibilidade de haver uma semantização específica da rede de TV local – e, conseqüentemente, distinta dos propósitos dos organizadores da cerimônia. Segundo a ACD, a prática discursiva é a interface entre os textos/símbolos e os contextos sociais. Tal prática é considerada por Fairclough um momento de eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003), sendo tal momento marcado por uma multiplicidade de vozes e por um entrecruzamento de textos/símbolos que não advêm simplesmente dos falantes da Rede Globo, mas que são formados pelo que os analistas do discurso chamam de intertextualidade: as práticas discursivas são realizadas a partir de experiências textuais anteriores daqueles que produzem os sentidos que são transmitidos.

Quando esse entrecruzamento é socio-historicamente trabalhado, há padronizações linguísticas: são os gêneros discursivos. Entendidos os gêneros como “[...] o aspecto

especificamente discursivo de modos de ação e de interação dos eventos sociais[...]” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65, tradução nossa), podemos afirmar com Resende e Ramalho que eles “[...] são definidos pelas práticas sociais a eles relacionadas e pelas maneiras como tais práticas são articuladas, de tal modo que mudanças articulatórias em práticas sociais incluem mudanças nas formas de ação e interação” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 62). Segundo as autoras, há uma grande variação nas propriedades dos gêneros:

Alguns [...] atuam em escala local, são associados a redes de práticas sociais relativamente limitadas; outros gêneros são especializados na interação em escala global. A diferença na escala de atuação não é a única diversidade observada em gêneros, eles também podem variar consideravelmente em termos de seu grau de estabilização e homogeneização: alguns gêneros pressupõem padrões composicionais rigorosos, outros são mais flexíveis. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 62)

Os gêneros, atualmente, colocam-se em uma condição de pressão que, a nosso ver, está relacionada com a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Fairclough identifica alguns traços dessa relação (FAIRCLOUGH, 2003), dizendo que “[...] neste período de rápida e profunda transformação social há tensões entre pressões que vão em direção à estabilização do gênero [...] e pressões que vão em direção à fluidez e à mudança” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 66, tradução nossa).

Ainda assim, tradicionalmente, os gêneros discursivos são sempre considerados com algum grau de padronização. O que percebemos, com os dizeres de Fairclough, é que tal padronização – que, em condições históricas anteriores, sofreram alterações em prazo relativamente longo – tem se mostrado cambiante em prazos cada vez mais curtos, pois, na fase atual da modernidade, até os gêneros são mercantilizados e, como vimos, a estética do consumo exige que os produtos sejam consumidos rapidamente e que, depois do consumo, eles se alterem para atrair a atenção dos mesmos consumidores, que experimentarão, então, “o novo”.

A análise da prática discursiva se torna, portanto, complexa: há um grau de padronização nos gêneros discursivos, mas esses podem se alterar com o transcorrer do processo social humano (sendo que hoje vivemos no tempo em que essas alterações tendem a ocorrer “em curto prazo”); e, não esqueçamos, isso é apenas uma tendência (não significando que todos os gêneros sempre se alteram

com um tempo cada vez menor). Há de se ressaltar, portanto, o que Fairclough (2003) denomina **pré-gêneros** e **gêneros situados**. Os primeiros são “[...] categorias abstratas, que transcendem redes particulares de práticas sociais e que ‘participam’ na composição de diversos gêneros situados” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 63). Eles foram identificados por vários estudos linguísticos em diferentes culturas/situações. Exemplos de pré-gêneros são a narração, a argumentação, a descrição e a conversação (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 63). Já um gênero situado define-se como “[...] tipo de linguagem usada na performance de uma prática social particular” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 56, tradução nossa). De acordo com Resende e Ramalho, “[...] um gênero situado, geralmente, alça vários pré-gêneros[...]

(RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 63), havendo, contudo, “[...] um pré-gênero principal e diversos subgêneros articulados na composição genérica do texto” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 63). Ainda para essas autoras, “[...] a descrição e a interpretação dessa articulação são parte do trabalho de análise da estrutura genérica em um texto” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 63).

No que diz respeito à prática discursiva de nossa pesquisa, temos por hipótese que o pré-gênero “narração”<sup>67</sup> é predominante. Fazemos tal afirmação baseados nos argumentos de Duarte (2004) e de Thompson (2002), discutidos anteriormente – além de uma visualização prévia de nossos dados. Para esses autores, a TV constrói uma metarrealidade (DUARTE, 2004) ou um novo modo de indivíduo ou grupo se representarem para outros distantes (THOMPSON, 2002). A metarrealidade de Duarte expressa a forma como a TV referencia o mundo externo a ela. Estão incluídos, aí, a cobertura de eventos, de cerimoniais, de fatos do cotidiano, etc. Thompson, por sua vez, fala-nos que, dentro da gama de possibilidades da pararealidade, há os “eventos da mídia” (THOMPSON, 2002, p. 98), sendo estes “[...] grandes e excepcionais ocasiões planejadas com antecedência, que são transmitidas ao vivo e que interrompem o fluxo normal dos acontecimentos” (THOMPSON, 2002, p. 98). Os JO compõem esse último tipo e a transmissão “ao vivo” não tem uma função puramente imagética, mas possui uma integração que é típica da TV: o narrar. É uma integração porque une imagens de

<sup>67</sup> Diferenciamos, aqui, o termo “narração” de “narrativa”. Isso se deve ao fato de que os gêneros são sempre ligados a ações (a processos). Enquanto o uso da linguagem, o termo “narração” exprime a ideia de processo e suas ações. Já o termo “narrativa” exprime a ideia de produto já acabado, como conteúdo que chega aos destinatários sem se considerar sua formação (SANTOS, 2010).



acontecimentos do mundo externo à TV com uma voz “da TV”. Spà (1990) já se atentou para esse aspecto, na prática discursiva das cerimônias de abertura, e chegou até mesmo a esboçar as linhas gerais da narração em JO anteriores – Seul-1988 e Barcelona-1992.

Como os gêneros situados são sempre marcados por textos anteriores, utilizamos, portanto, algumas categorias desenvolvidas por Spà (1990), quando este descreveu o mesmo gênero que estudamos aqui. De modo propositivo, chamaremos tal gênero de “narração televisiva da cerimônia de abertura olímpica”. Spà (1990) observou algumas homogeneizações: os acontecimentos são narrados tendo em vista a própria estrutura cronológica do evento social (da cerimônia de abertura); os locutores televisivos não apenas narram, como também argumentam, explicam, conversam e comentam (lançam mão de outros pré-gêneros); o suporte televisivo permite deixas sonoras variáveis (o áudio principal é o dos narradores, mas o som “ambiente” também pode ser escutado); o suporte televisivo possibilita imagens “exclusivas” e imagens “gerais” (estas últimas sendo geradas pelas câmeras oficiais) e; os narradores atribuem sentidos diferentes e valores diferentes às temáticas propostas pelos organizadores das cerimônias.

Ao listar essa descrição em um todo, Spà (1990) propõe a organização da prática discursiva do gênero em questão em campos semânticos (QUADRO 5) – estes sendo observados em diversas narrações televisivas de cerimônias de abertura olímpicas (SPÀ, 1990; SPÀ, RIVENBURGH; LARSON, 1995).

<b>Campo semântico</b>	<b>Desdobramento temático nas cerimônias específicas estudadas por Spà (1990)</b>
Nacionalismo	Medalhas para os atletas e/ou medalhas para o país; comunidade estatal e/ou nacional, cultural ou linguística
Internacionalismo	Consenso internacional e/ou defesa do <i>status quo</i> ; evento nacional e/ou evento mundial; presença de países dos mesmos blocos políticos e/ou ausências de países de outros níveis

<b>Campo semântico</b>	<b>Desdobramento temático nas cerimônias específicas estudadas por Spà (1990)</b>
Política e esporte	Evento esportivo e/ou evento histórico; participação política (boicotes) e/ou participação esportiva; sucesso nos esporte e/ou propaganda política
Fraternidade	Fraternidade internacional e/ou camaradagem nacional; solidariedade com o Terceiro Mundo (fome/subdesenvolvimento) e/ou ignorância do desequilíbrio mundial; afirmações abstratas gerais sobre a paz e/ou condenação explícita da guerra
Cidade-sede	Cidade e/ou nação; capacidade organizacional e/ou desorganização; hospitalidade e/ou promoção turística
Cultura local	Serviço cultural e/ou “chauvinismo”; interpretação da cultura local e/ou manipulação; cultura estatal e/ou cultura local; cultura continental e/ou cultura local
Esporte e sociedade	Atletas e/ou super-humanos; saúde e/ou drogas; esporte e/ou negócios; entretenimento e/ou paixão; diferenças sexuais e/ou igualdade entre os sexos; diferenças raciais e/ou igualdade racial
Senso esportivo <sup>68</sup>	“ <i>Fair play</i> ” e/ou malícia; participação e/ou competição; vitória e/ou falha; imparcialidade e/ou favoritismo; violência justificada e/ou condenação da violência

**QUADRO 5 – CAMPOS SEMÂNTICOS RELACIONADOS AO GÊNERO “NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS”**

Fonte: adaptado de Spà (1990).

As categorias do QUADRO 5 que estão sob a rubrica “Campo semântico” são mais ou menos estáveis e se configuram tendo como referência a própria estrutura da cerimônia de abertura.<sup>69</sup> Nesse sentido, a primeira parte da cerimônia, conforme

<sup>68</sup> “*Sportsmanship*”, no original em inglês (SPÀ, 1990, p. 473).

<sup>69</sup> Para uma visão mais completa da estruturação da cerimônia da abertura, cf. o QUADRO 1 e o QUADRO 2 na seção 3.2.1 deste trabalho.

mostrado no QUADRO 1, é coberta com uma introdução dos narradores, que falam das expectativas do evento em conversas com os comentaristas. São narradas, ainda, as performances artístico-culturais. Nessa primeira parte, a cobertura televisiva trabalha, geralmente, com os seguintes campos semânticos: “cultura local”; “cidade-sede”; “política e esporte” e “fraternidade” (SPÀ, 1990, p. 469-471).

A segunda parte da cerimônia de abertura é subdividida em dois momentos: o ritual mais longo – o desfile das delegações – e os outros rituais/cerimonias olímpicos. As narrações, nessa segunda parte, concentram-se, predominantemente, nos campos semânticos “política e esporte”, “senso esportivo”, “nacionalismo”, “internacionalismo” e “esporte e sociedade” (SPÀ, 1990, p. 469-471).

A terceira e última parte é composta pela culminação final da cerimônia e, em alguns casos, as narrações repetem campos semânticos da primeira parte, especialmente no que diz respeito à “fraternidade” e à “cultura local”, pois há um retrospecto sobre o que ocorreu ali por parte dos narradores e dos comentaristas (SPÀ, 1990, p. 469-471).

Os desdobramentos temáticos são mais flexíveis e variam de uma rede de TV para outra. Os campos semânticos se aproximam dos valores olímpicos e dos valores esportivos e, importante mencionar aqui, eles estão em constante relação, ou seja, quando um narrador se refere ao campo semântico do “internacionalismo”, por exemplo, ele pode mencionar valores de fraternidade ou de senso esportivo, como o jogo limpo ou a paz entre as nações.

No que diz respeito à dimensão da prática social, identificamos, em nossos dados (como já apontado na introdução), dois exemplos de práticas sociais interligadas: a cerimônia de abertura enquanto um evento social e a midiatização televisiva desse evento. Na análise dessa dimensão, pretendemos observar como ocorrem relações dialéticas entre tais práticas e o contexto social mais amplo (a modernidade líquida), no bojo da narração estudada, e como essa interface atua e molda (ao mesmo tempo em que é moldada pelo) o gênero em questão e os textos (vocabulário, coesão etc.) produzidos.

Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos da ACD, os quais apontam para uma

consideração dos conflitos de poder e das tensões que o contexto social mais amplo coloca sobre as práticas sociais. Tanto dentro do COI, quanto no interior da mídia televisiva há tais conflitos e tensões. Spà (1990), mais uma vez, auxilia-nos na elaboração de categorias para a análise da narração televisiva da cerimônia de abertura no que diz respeito às práticas sociais. O autor, contudo, faz uma “análise de conteúdo”, não se interessando – conscientemente e por motivos operacionais (SPÀ, 1990) – pelas relações com o contexto social moderno de maneira mais abrangente. Para ele, a análise social da narração não deve apenas “quebrar” a cerimônia de abertura em partes, mas “[...] deve-se levar em conta a análise dos valores envolvidos” (SPÀ, 1990, p. 471, tradução nossa). Assim, um possível eixo de trabalho é a consideração do MO (projeto global) como apresentando profundas contradições entre seus ideais e sua realidade. Tal eixo é, portanto, constituído por polos dialéticos que “[...] têm que ser reconhecidos se quisermos evitar as presunções triunfais que podem por em risco e desqualificar o potencial positivo dos Jogos”. (SPÀ, 1990, p. 472, tradução nossa).

Tendo em vista as questões discutidas nos capítulos anteriores, chegamos a alguns polos a partir dos quais podemos identificar tais tensões em nossos dados. É importante destacar, aqui, que tais polos são didaticamente diferenciados com relação às práticas sociais estudadas. Já adiantamos que essa elaboração, por vezes, não possui apenas duas categorias. Portanto, no interior do evento social “cerimônia de abertura dos JO”, situamos os polos “ritual VS festival VS espetáculo”, “valores da cidade/país (locais/nacionais) sede VS valores do MO (universais)”, e “indivíduo (atleta) VS nação VS humanidade”. Com relação à prática de midiatização de tal cerimônia, sugerimos os polos “transmissão VS produção da cerimônia de abertura”, e “deixar a imagem ‘falar’ por si mesma (som natural) VS inserir comentários/narrativas próprios (sobre valores, por exemplo)”.

Com relação aos valores olímpicos em si, concordamos com DaCosta (2002), quando este diz que há uma dicotomia maior no que tange ao olimpismo enquanto uma filosofia em processo: “tradição VS mudança”. Essa dicotomia nos leva imediatamente às polarizações e às categorias do contexto social mais amplo, isto é, da modernidade líquida. Talvez, se estivéssemos em outra época (na modernidade sólida, por exemplo), estaríamos pressionados a realizar uma ligação direta entre os

polos desse contexto e aqueles das práticas sociais mais específicas; talvez situaríamos a estética do consumo em relação direta com o espetáculo e em relação inversa com o ritual; do mesmo modo, seríamos conduzidos a pensar a colocação de uma relação direta entre a ética do trabalho e o ritual e uma relação inversa entre esta e o espetáculo. No entanto, tal contexto é muito complexo para fazermos tais afirmações. Como vimos no Capítulo 3, as atribuições pessoais de valores às cerimônias são contraditórias e surpreendentes. Não objetivamos, assim, interpretar os dados como “a modernidade líquida causou aquilo que foi seu efeito direto no interior do MO”. O que pretendemos é tentar identificar traços da modernidade líquida na forma de narrar os valores olímpicos na cerimônia de abertura.

As tensões, então, que vemos como partes principais da modernidade líquida são: “a tarefa de derretimento enquanto projeto de liberdade VS o derretimento dos laços humanos enquanto o fim da **Política** que considera o bem comum”; “a ética do trabalho VS a estética do consumo”; e “a formação de comunidades reais VS a formação de comunidades voltadas para a satisfação individual”.<sup>70</sup>

De alguma forma já realizamos neste trabalho uma descrição tanto do contexto social mais amplo (modernidade líquida), quanto das práticas sociais específicas (cerimônia de abertura e midiaticização de tal cerimônia) e da prática discursiva que está sendo considerada (a narração televisiva da cerimônia de abertura olímpica). O desafio prático, em nossa análise, é – a partir dos indícios e dos pormenores, e guiados pelas categorias trabalhadas – identificar o modo de interface entre essas dimensões tão complexas: como suas fronteiras são desenhadas no discurso da Rede Globo e como os valores olímpicos/esportivos são deslocados (ou não) nas interações entre cada dimensão estudada.

---

<sup>70</sup> É pertinente ressaltar que o estudo do evento social da cerimônia de abertura foi realizado porque este evento se relaciona diretamente com a narração televisiva da cerimônia de abertura. No entanto, não pretendemos analisar tal evento, mas focamos o trabalho analítico nos discursos televisivos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS – A NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA OLÍMPICA PELA REDE GLOBO: VALORES EM JOGO

*“Tal como a água é o primeiro dos elementos, como o ouro é a mais preciosa de todas as riquezas, como os raios de sol são a mais ardente fonte de calor, não há combate mais nobre de contar do que o dos Jogos Olímpicos”.*

Píndaro

*“Sou um vendedor de emoções”.*

Galvão Bueno

Após nosso longo percurso de estudo sobre as práticas sociais e discursivas contextuais à pesquisa, focaremos, neste capítulo, diretamente os nossos dados. Como relatado na introdução, estes foram coletados a partir de gravações em DVD da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008 transmitida no Brasil pela Rede Globo. O evento ocorreu na capital da República Popular da China, no dia oito de agosto de dois mil e oito (08/08/2008), às vinte horas e oito minutos locais (Pequim) e às nove horas e oito minutos no Brasil (Brasília), no Estádio Nacional de Pequim – popularmente conhecido como Estádio Ninho do Pássaro.

Desse modo, a Rede Globo precisou adaptar sua programação matutina do dia (a cerimônia aconteceu em uma sexta-feira). No entanto, tal canal teve bastante tempo para planejar suas ações e adaptações, visto que a escolha da cidade-sede e dos horários dos eventos ocorrem anos antes de sua realização. Em se tratando de produção, a Rede Globo, tradicionalmente, enfatiza a transmissão de jogos de futebol, incluindo, aí, a cobertura (tão propagandeada como “completa” e de “alta qualidade”) da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) (SILVA, 1999).

É óbvia a relação desse direcionamento com a característica da própria sociedade brasileira, a qual se identifica mais com os dramas sociais do futebol (DaMATTA, 2006). No entanto, conforme conferiremos abaixo, há profissionais da comunicação, em especial da Rede Globo, que, já na década de 1980, observavam um potencial na transmissão dos JO para o Brasil. Em texto publicado em 1999, Luiz Fernando Lima da Silva (diretor de esporte da Rede Globo, responsável pela parte técnica nas

transmissões de cerimônias de abertura)<sup>71</sup> apontava para a necessidade de expansão e crescimento da transmissão olímpica no Brasil. Segundo ele, o domínio do interesse pelo futebol na cena esportiva gerava relativamente pouca audiência para a transmissão da cerimônia de abertura olímpica até a década de 1980. Como o objetivo era a citada expansão, o diretor de esporte começa a realizar ações de produção que se diferenciam de outros países – dos Estados Unidos (EUA), por exemplo – onde já havia um forte interesse pelo esporte olímpico (SILVA, 1999).

Assim, em termos publicitários (na cobertura dos JO), por exemplo, a Rede Globo é uma exceção em comparação a outras redes de TV do mundo (SPÀ; RIVENBURGH; LARSON, 1995), pois desde suas transmissões mais influentes<sup>72</sup> da cerimônia de abertura, tal canal não faz nenhuma menção a publicidades e nem faz intervalos comerciais ou intervalos para dar outras notícias durante tal evento – enquanto que a própria NBC (EUA) gastou vinte e oito por cento de seu tempo total de transmissão em publicidade durante a cerimônia de abertura dos JO de Barcelona-1992 e gastou, nessa mesma cerimônia, dez por cento de seu tempo total de transmissão para comunicar notícias não relacionadas aos JO (SPÀ; RIVENBURGH; LARSON, 1995, p. 94). O que significa essa “estratégia” da NBC é uma questão que está sendo estudada por especialistas da comunicação olímpica,<sup>73</sup> mas podemos supor que esse tipo de abordagem tem ligação com os costumes culturais norte-americanos relacionados à mídia. Já a estratégia da Rede Globo, pelo menos segundo o citado diretor de esporte, relaciona-se ao objetivo de “conquistar” (SILVA, 1999) o espectador potencial brasileiro, fazendo com que a audiência olímpica cresça no Brasil.

De acordo com Silva, esse objetivo já começou a ser alcançado desde os JO de Atlanta-1996 (SILVA, 1999, p. 93), quando os pontos de audiência da cerimônia de abertura chegaram a um nível relativamente próximo aos pontos da final da Copa do

<sup>71</sup> Em nossa pesquisa houve tentativas de contato com este e com outros produtores da Rede Globo a fim de realizar entrevistas com os mesmos para aprofundar a discussão sobre o modo como essa rede brasileira organiza a narração da cerimônia de abertura. Todavia, não obtivemos resposta das partes, o que nos levou a abordar apenas a transmissão mostrada para o público. Para um interessante trabalho que considerou os produtores da NBC americana, com entrevistas sobre o modo de produzir a transmissão da cerimônia de abertura, cf. Billings (2008).

<sup>72</sup> Essas transmissões – que foram as mais proeminentes na programação da Rede Globo em comparação cronológica com suas difusões olímpicas anteriores – começaram na década de 1990 (SILVA, 1999, p. 93).

<sup>73</sup> Cf. Billings (2008).

Mundo da FIFA em 1998 (SILVA, 1999, p. 93). Outra abordagem dessa produção que podemos relacionar com esse objetivo é a transmissão sempre “ao vivo” (mesmo quando o horário da cerimônia não coincide com bons horários de transmissão no Brasil), enquanto que, em outros países, algumas redes de TV decidem transmitir as cerimônias com *delay*.

Quando Silva menciona o crescimento da audiência brasileira de Atlanta-1996, ele diz que pretende trabalhar ainda mais em prol do aumento do interesse da audiência brasileira pelos JO (SILVA, 1999). Para ele, realizar tal aumento envolve “[...] fazer com que a audiência se sinta mais próxima dos atletas, e não apenas próxima da ação” (SILVA, 1999, p. 93, tradução nossa). É interessante notar, aqui, um dos pontos mais claros desse “projeto de crescimento”:

O que nós estamos tentando fazer, principalmente, é mostrar à audiência que antes de ver o atleta ela precisa ver o ser humano, [isto é,] a pessoa cujo ambiente, sentimentos, desejos e ideias deveriam ser conhecidos antes de se conhecerem as qualidades esportivas do atleta. (SILVA, 1999, p. 93, tradução nossa)

Essa proposição nos ajuda a entender melhor a própria abordagem da narração em Pequim-2008.<sup>74</sup> Exemplos da aplicação prática são dados pelo próprio diretor de esporte ao falar que, na cobertura de Atlanta, o diferencial foi as chamadas diretas da Vila Olímpica, onde se realizou uma entrevista com uma jogadora de vôlei machucada e onde “[...] foi possível para o nadador medalhista de bronze, Gustavo Borges, expressar sua gratidão ‘ao vivo’ aos seus avós no Brasil” (SILVA, 1999, p. 94, tradução nossa). Segundo Silva, esses foram grandes momentos para a TV Globo, na medida em que eles buscaram, durante todo o período olímpico de Atlanta, “[...] trazer a genuína e autêntica emoção dos atletas [...]” para a audiência (SILVA, 1999, p. 94, tradução nossa).

As emoções, então, só podem ser genuínas quando a audiência está consciente do lado real ou “extraesportivo” (“extratelevisivo”?) do atleta (família, dificuldade, etc.). Por outro lado, segundo Silva, “[...] a dramaturgia está, ou deveria estar, na própria essência da transmissão esportiva” (SILVA, 1999, p. 95, tradução nossa). O ponto interessante dessa citação é sua relação com o método propositivo explícito (pelo menos neste texto de Silva) da abordagem televisiva da Rede Globo: o objetivo é

<sup>74</sup> Cf. ANEXO B.



educar a audiência e os profissionais da Globo e prepará-los para a grandeza e complexidade do evento olímpico (SILVA, 1999, p. 93). A dramaturgia sobre a qual fala Silva é realizada com o propósito de criar nos telespectadores uma nova atitude, estando estes antecipadamente familiarizados com os atletas e seus dramas, sendo a produção televisiva responsável pela antecipação da construção desse personagem (SILVA, 1999, p. 95) – a Rede Globo, por exemplo, desde o final dos JO de Atlanta-1996, já acompanhava os atletas (produzindo reportagens sobre suas condições de vida e outras matérias afins) que, provavelmente, estariam em Sidney-2000, mesmo sem uma certeza oficial de sua presença nos próximos JO (SILVA, 1999, p. 95).

O que mais interessa no projeto citado pelo diretor da Rede Globo se relaciona com o argumento central para justificar as ações:

fazendo tudo isso, nós acreditamos que estaremos ajudando a educar nossa audiência com os princípios e valores olímpicos, os quais são o benefício mais precioso que podemos trazer para o nosso público. (SILVA, 1999, p. 95, tradução nossa)

Declaradamente, então, a emissora de TV tem consciência de seu potencial enquanto divulgadora da mensagem olímpica e enquanto “formadora/educadora” de sua audiência. Além disso, também sabe da “complexidade” dos JO. A diferença entre essas consciências e a prática da narração é que nos interessa aqui. Objetivamos, com este capítulo, compreender os modos de narrar da Rede Globo no que se refere às interfaces entre a prática social, a prática discursiva e o texto narrado, tudo isso sendo considerado em relação ao contexto social mais amplo.

Para tanto, é pertinente mostrar uma visão geral um pouco mais detalhada da cerimônia de abertura, quando de seu televisionamento pela Rede Globo. Tal visão pode ser encontrada no QUADRO 6.<sup>75</sup>

<sup>75</sup> Os interlúdios citados na segunda coluna deste quadro são momentos propositais em que os organizadores do evento colocaram para proporcionarem um tempo de transição material entre as partes da cerimônia.

<b>Estrutura da cerimônia</b>	<b>Subpartes e segmentos da cerimônia</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
<b>Pré-show televisionado pela Rede Globo<sup>76</sup></b>	-----	Imagens gerais da plateia e do “palco” (centro do estádio), das autoridades ao chegar no local e da banda tocando. Comentaristas da Rede Globo dialogam sobre as expectativas da festa.	0 h 07 min 25 s
<b>Parte 1 – Performances artístico-culturais</b>	Contagem regressiva	Dois mil e oito percursionistas tocam dois mil e oito tambores tradicionais da China antiga que apresentam efeitos luminosos.	0 h 03 min 55 s
	Apresentação das autoridades	Imagens do presidente do COI e do presidente da China.	0 h 00 min 59 s
	Boas-vindas aos que vêm de longe	Percursionistas tocam e realizam coreografia com os tambores. Imagens áreas simulam grandes pegadas em fogos de artifício. Fogos ao redor do estádio e caindo sobre o centro. Destaque à primeira grande invenção da China Antiga – a pólvora.	0 h 04 min 56 s
	Anéis de sonho	Anéis olímpicos iluminados surgem no chão do estádio. Bailarinas representam <i>Apsaras</i> (figura do folclore chinês) e sobrevoam os anéis que são erguidos no ar. Plateia acende lâmpadas que brilham no escuro e destacam os anéis.	0h 02 min 47 s
	Ritual da bandeira e hino anfitriões	Menina canta ao lado de pessoas que, caracterizadas, representam as cinquenta e seis etnias do país. Crianças também caracterizadas como tais etnias entram no estádio carregando a bandeira chinesa. Soldados recebem a bandeira e a hasteiam ao som do hino chinês.	0 h 04 min 10 s
	Filme sobre o papel	Telão mostra filme artístico de como era a fabricação do papel e da aquarela na China antiga. Destaque à segunda grande invenção da China Antiga – o papel.	0 h 01 min 22 s
	Aquarela com bailarinos	Pergaminho se abre no chão, no centro do estádio. Bailarinos dançam e pintam sobre o papel. Músico toca instrumento	0 h 05 min 10 s

<sup>76</sup> O “Pré-show” foi transmitido no tempo de duração que a Rede Globo julgou pertinente à sua audiência, o que significa que não houve a cobertura do evento desde o início. Quando a TV brasileira começou a sua transmissão, essa parte do evento já havia se iniciado há algum tempo.

<b>Estrutura da cerimônia</b>	<b>Subpartes e segmentos da cerimônia</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
		antigo chinês. Pergaminho é erguido no ar, brilhando no escuro do estádio. Destaque à segunda grande invenção da China Antiga – o papel.	
	O equilíbrio de Confúcio	Trezentos bailarinos entram no estádio representando os discípulos de Confúcio. Efeitos no pergaminho formam caracteres da língua chinesa. Destaque à terceira grande invenção da China Antiga – os tipos móveis de impressão.	0 h 07 min 09 s
	A ópera de Pequim	Um carro é carregado com artistas que fazem marionetes com bonecos. Ao redor do carro, bailarinos dançam, representando os guerreiros de Terracota. Plateia acende lâmpadas novamente.	0 h 03 min 13 s
	A rota da seda chinesa	Pergaminho se desenrola mais. Bailarina dança, segurando tecidos de seda. Destaque à quarta grande invenção da China Antiga – a bússola.	0 h 01 min 56 s
	A rota marítima chinesa	Bailarinos entram segurando remos que formam imagens. Ao remarem, simulam navios em movimento sobre o mar. Formam um grande navio. Um bailarino mostra uma bússola antiga. Destaque à quarta grande invenção da China Antiga – a bússola.	0 h 04 min 07 s
	Ópera <i>Kunqu</i>	Bailarino surge em destaque, erguendo a bússola. Imagens tradicionais chinesas são transmitidas no pergaminho enquanto um artista canta e outra toca um instrumento antigo chinês. Outros bailarinos desenhavam sobre o pergaminho. Bailarinas entram, compondo a ópera. Pilastras são erguidas simbolizando as dinastias chinesas. Destaque à quarta grande invenção da China Antiga – a bússola.	0 h 06 min 09 s
	A china <i>high tech</i> do Ninho do Pássaro	Quadrado azul destaca-se na escuridão do estádio, no centro do pergaminho. Pianista toca junto com uma criança. Luzes coloridas brilham no pergaminho. Bailarinos formam um pássaro. Movimentam-se como se o pássaro estivesse voando. Fazem a forma do Estádio Ninho do Pássaro ao redor do	0 h 07 min 51 s

<b>Estrutura da cerimônia</b>	<b>Subpartes e segmentos da cerimônia</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
		piano.	
	O <i>Tai Chi</i> e a natureza	Bailarinos surgem, em destaque, fazendo movimentos do <i>Tai Chi</i> . Sobre um pergaminho, crianças e professoras simulam uma sala de aula. Crianças desenham, com pincéis coloridos, no pergaminho. O pergaminho é erguido com uma pintura.	0 h 08 min 48
	Globalização – a China se abre para o mundo	Bailarinos caracterizados como astronautas descem sobre o centro do estádio. No centro do pergaminho, surge um grande globo azul girando. O globo fica vermelho e, em seguida, são projetadas imagens de atletas praticando esportes. Enquanto isso, dois famosos artistas, no topo do globo, cantam. Bailarinos, no chão, erguem imagens de crianças de vários países.	0 h 08 min 12 s
	Interlúdio 1	Bailarinos entram dançando, representando as cinquenta e seis etnias chinesas.	0 h 02 min 24 s
<b>Parte 2 – Rituais olímpicos</b>	Desfile dos atletas	Entrada das duzentas e quatro delegações participantes da cerimônia de abertura. A tradição da primeira e da última delegação foi mantida (a primeira a entrar foi a Grécia e a última, o país anfitrião – a China). As demais delegações entraram em uma ordem alfanumérica utilizada nas Letras da China antiga (que considera o número de caracteres chineses utilizado por palavra para a construção da ordem de apresentação). A delegação brasileira foi a trigésima nona a entrar.	2 h 10 min 42 s
	Interlúdio 2	Imagens mostram os atletas conversando entre si, ao celular, mostrando bandeiras de seus países, tirando fotos e sinalizando para as câmeras. Queima de fogos sobre as bordas do estádio.	0 h 4 min 17 s
	Discursos Institucionais (presidente do COJO e presidente do COI)	Palco é erguido sobre o pergaminho, entre os atletas. Autoridades (presidentes do COJO e do COI) são anunciadas em francês, inglês e chinês (mandarim) e se dirigem ao palco. Discursos dos presidentes supracitados. Imagens mostram o	0 h 11 min 29 s

<b>Estrutura da cerimônia</b>	<b>Subpartes e segmentos da cerimônia</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
		público, que aplaude e vibra.	
	Fórmula de abertura pelo chefe de Estado	Presidente chinês declara os JO de Pequim oficialmente abertos, citando a fórmula de abertura. Fogos queimam ao redor do estádio.	0 h 00 min 46 s
	Ritual da bandeira e hino olímpicos	Imagens mostram o público. Oito importantes atletas chineses para a história do país entram no estádio com a bandeira olímpica. Imagens mostram autoridades acenando para esses atletas. Bandeira é carregada e hasteada por oito soldados do exército chinês. Hasteamento ao som do hino olímpico, cantado à capela por um coral de crianças. Todos se colocam de pé.	0 h 11 min 27 s
	Juramento do atleta	Dois atletas chineses, um carregando uma bandeira com o símbolo olímpico e outra o acompanhando. Esta, ao chegar ao microfone, segura a bandeira e realiza o juramento. Imagem aérea mostra atletas ao redor do palco.	0 h 01 min 15 s
	Juramento do árbitro	Um árbitro chinês sobe ao palco e, segurando a ponta da bandeira, realiza o juramento. Imagens mostram o público.	0 h 01 min 28 s
	Ritual dos pombos (ritual simbólico)	Cinquenta bailarinas dançam no palco, fazendo movimentos com os braços que lembram asas de pombos. Imagens mostram público e atletas imitando tais movimentos. Imagens aparecem nas bordas do estádio com pessoas comuns fazendo esses movimentos. Queima de fogos ao redor do estádio.	0 h 02 min 35 s
	Ritual da tocha e da pira olímpicas	O fogo chega no estádio através de um atleta chinês e passa por seis atletas até chegar ao último portador, que é alçado até a borda do estádio. Um pergaminho se desenrola na borda, com imagens projetadas dos lugares por onde o fogo olímpico passou, à medida que o atleta corre com a tocha. Ao terminar o percurso, o fogo é colocado em uma grande tocha olímpica que se localiza no alto do Ninho do Pássaro.	0 h 10 min 52 s
<b>Parte 3 – Culminação</b>	-----	Imagens da grande queima de fogos sobre o estádio e na região ao seu	0 h 04 min 14 s

<b>Estrutura da cerimônia</b>	<b>Subpartes e segmentos da cerimônia</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
<b>final do espetáculo<sup>77</sup></b>		redor. Imagens da tocha queimando no alto do estádio. Imagens da Praça da Paz Celestial.	

**QUADRO 6 – DESCRIÇÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008**

O quadro acima revela que a densidade de deixas simbólicas expressas na cerimônia de abertura possui grau elevado e que a quantidade temática é grande. As apresentações artísticas revelam uma cadência coesa no desenrolar da cerimônia, mas cada segmento tem sua especificidade e é explicitamente separado do elemento anterior.

Por causa da grande quantidade das deixas simbólicas, optamos por selecionar os exemplos mais significativos para nossos objetivos, porém, sem nos limitarmos a apresentar apenas os casos selecionados (já que a transcrição completa da cerimônia compõe o trabalho).

Em termos de divisão, separamos a análise por momentos da transmissão, os quais, como veremos, seguem de mãos dadas com os momentos da própria cerimônia. Em cada parte utilizaremos-nos das categorias tridimensionais discutidas no capítulo anterior. Assim, analisa-se, em primeiro lugar, a narração do pré-*show* e da primeira parte da cerimônia. Em segundo lugar, a narração do desfile dos atletas (que integra os rituais da segunda parte da cerimônia. Em terceiro lugar, a narração dos outros rituais olímpicos e a narração da terceira parte da cerimônia (a culminação final do espetáculo). Essa divisão é apenas didática, ficando a análise propensa a intercâmbios não cronológicos entre as partes da cerimônia, já que a prática discursiva em questão compõe um “todo”.

<sup>77</sup> A “Culminação final do espetáculo” foi transmitida no tempo em a Rede Globo julgou pertinente à sua audiência, o que significa que não houve a cobertura do evento até o final. Quando a TV brasileira encerrou a sua transmissão, essa parte do evento ainda continuou por mais algum tempo.

## 5.1 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DO PRÉ-SHOW E DA PRIMEIRA PARTE DA CERIMÔNIA DE ABERTURA

Ao condensarmos esses dois momentos da narração na presente seção, fica facilitada a tarefa de discorrer sobre os componentes textuais e da prática discursiva tanto do pré-*show* quanto da primeira parte da cerimônia de abertura. Destarte, abre-se uma oportunidade para se comentar as relações desses dois momentos com as práticas sociais e com o contexto social mais amplo.

No pré-*show*, os narradores da Rede Globo realizam uma introdução à cerimônia em si. A rede de TV em questão mandou sua equipe para fazer a cobertura dos JO *in situ*, sendo que tal cobertura já havia começado a ser difundida no Brasil muito antes de os Jogos começarem. Isso foi possível graças ao envio de correspondentes (anos antes do início dos JO) que realizaram reportagens diversas sobre o esporte, a política e a sociedade chinesa. No dia da cerimônia de abertura, durante sua programação rotineira da manhã (a qual passava seu jornal matutino e, posteriormente, seu programa de variedades), a Rede Globo realizou diversas chamadas curtas de Pequim com o intuito de incitar um “compromisso” com os telespectadores, para que esses pudessem ser atraídos à transmissão da cerimônia em si.

A Rede Globo decidiu, então, colocar a transmissão ao vivo e sem cortes a partir das nove horas da manhã do horário brasileiro (pouco mais de sete minutos antes do horário programado para o início da cerimônia). Este é o ponto onde começa a nossa análise textual e da prática discursiva.<sup>78</sup> E nesse ponto há a frase inicial típica do principal locutor esportivo da Rede Globo: “Bem amigos da Rede Globo”. Tal frase cumpre uma interessante função sócio-discursiva, como um “jargão” que atua na interdiscursividade da produção do sentido. Desse modo, o espectador reconhece esse jargão (que já foi mencionado por este locutor diversas vezes em um tipo de situação específica). A audiência, ao ouvir esses dizeres, já sabe que se

<sup>78</sup> Um importante comentário é que tais textos provêm da fala dos narradores em conjunto com as imagens mostradas pela produção. No entanto, não daremos foco principal a essas imagens. Quando for necessário, incluiremos comentários sobre a influência desses elementos nas falas analisadas. Tomamos esta decisão tendo em vista as condições de realização material da pesquisa e tendo a consciência de que isso significa uma limitação do trabalho.

trata da transmissão de um evento relacionado ao esporte.

Na narração do *pré-show*, ocorrem diálogos entre o narrador principal – Galvão Bueno (GB) – e os comentaristas. A caracterização genérica do *pré-show* é, predominantemente, a conversação. Os falantes, ali, conversam sobre as expectativas, os problemas, os destaques e as notícias chinesas.

Os textos produzidos no *pré-show* possuem algumas configurações interessantes no que diz respeito aos valores transmitidos. Em termos gerais, o vocabulário relacionado aos valores olímpicos, nesta parte da narração, é mínimo. Em contrapartida, é justamente nesse “mínimo” quando há um dos poucos momentos em que se tem uma especificidade temática e uma abordagem propositiva da narração em relação aos valores olímpicos e aos valores esportivos. Eles citam as ideias de “paz” e de “entendimento”. Percebe-se que é separado um tempo da narração para falar dos valores, ou, pelo menos, do “principal valor”, na visão dos narradores.

Ambas as referências ocorrem logo no início da transmissão. Com o intuito de contextualizar a audiência, GB enuncia as informações, que julga como principais, sobre o local de realização do evento e sobre as expectativas para o mesmo. Nesse ponto, é importante fazer uma menção à imagem: inicialmente, transmitia-se a imagem do narrador no estúdio da Rede Globo localizado no estádio; posteriormente, o produtor responsável pelas imagens muda a cena transmitida para uma visão aérea do Estádio Ninho do Pássaro:

GB: A gente fica esperando as façanhas esportivas, a beleza do/da cerimônia, fica esperando que esses dias meio utópicos quando o lema como é o caso deste que é aqui de “Um Mundo”, e “Um Sonho”, que seja realmente um pouco mais do que um sonho e não dure apenas dezessete dias, mas, dessa vez, você tá vendo as belíssimas imagens aéreas do Ninho do Pássaro. Que o pássaro da paz possa realmente por aqui pousar e que este mais de bilhão de chineses possam não só ter façanhas na natação que você tá vendo o Cubo d'Água, talvez o mais belo de todas ar/mais bela das praças esportivas que nós vimos em todos os tempos, mas que possa trazer um pouco mais de entendimento. Que esses Jogos sirvam/irvam não só pros recordes, é difícil [...].

A metáfora que é empregada no nome do estádio é utilizada também para se remeter ao desejo de que a “vida real” (literal, fora do esporte) também seja pacífica. A nosso ver, o modo como o locutor usa o vocabulário tem uma relação estreita com



ações. Nesse caso, há a ação de separar. Separar a vida cotidiana da vida não cotidiana (a performance cultural, que é a cerimônia de abertura, traz a ideia de não cotidiano); separar a metáfora esportiva da literalidade da vida real; separar as coisas sérias daquilo que é entretenimento. Como veremos adiante, outras marcas discursivas nos levam a tal conclusão. Aqui, basta perceber que o próprio locutor considera as ações simbólicas ali realizadas como “meio utópico”. O sentido atribuído para essa utopia é complexo e mesmo paradoxal, pois se remete a algo ideal, ótimo, todavia (por experiência) impraticável, impossível e improvável. Ao mesmo tempo em que é impraticável, o narrador parece dar uma prova de que, pelo menos durante o período olímpico, essa utopia pode se realizar (simbolicamente).

Esse paradoxo, por mais sutil que esteja no texto, toca nos pontos centrais das discussões sobre a aplicabilidade do olimpismo. Muitos críticos da ideologia olímpica alegam que, ao contrário do propósito da trégua olímpica (cessar qualquer guerra no período de realização de uma edição de JO), os próprios Jogos foram cancelados por duas vezes na história do século XX – exatamente durante as duas guerras mundiais.

O produto textual de GB também demonstra a posição do narrador quanto a essa utopia: ele a deseja (a nível discursivo) apesar de saber que, na prática, ela é “difícil” de ocorrer. Isso nos abre à possibilidade de analisar, no decorrer de sua narração, se tal posição se altera.

Um número tão reduzido de categorias textuais diretamente relacionadas aos valores olímpicos nos leva a considerar também a coesão do texto. As articulações entre as falas e entre as falas e os acontecimentos nos auxiliam na formulação de critérios para identificarmos quando os valores são referidos específica, explícita e propositivamente ao olimpismo e ao esporte e quando tais valores são de caráter incidental ou secundário, usados como suporte a um tema/assunto diferente. Assim, de modo mais pontual, podemos citar alguns exemplos. Quando Marcos Uchôa (MU) dialoga com GB, dizendo que os JO são o maior espetáculo da Terra, há uma relação sutil com o valor da excelência e com o senso religioso (ou quase religioso) que os Jogos atestam. Se se toma a fala de MU em uma unidade maior, vê-se que se fala não desse maior espetáculo, mas sim dos problemas que a China tem enquanto país:

MU: É um espetáculo esportivo, sem dúvida... é o maior de todos da Terra... agora, quando se fala em China, um bilhão e trezentos milhões de pessoas, se fala em meio ambiente, se fala em economia, se fala em direitos humanos, se fala em política [...]

Em outro caso, GB, dialogando com Sônia Bridi (SB), diz que espera uma “grande festa”. Tomada em particular, essa fala pode conotar uma relação com o valor da alegria, da amizade e do internacionalismo. Mais uma vez, contudo, a cadência do texto nos mostra o modo pontual e secundário que o uso da expressão possui visto a temática geral (a descrição da cultura e dos costumes chineses):

SB: Deu pra aprender bastante de China e descobri como é complexo esse país, como é difícil entender. Quanto mais a gente sabe, mais a gente sabe que não sabe nada.

GB: Eu tô esperando uma grande festa. Nós estamos esperando um... PERTO da perfeição. É isso que eles vão tentar mostrar ao mundo.

O conjunto textual demonstra, então, um “método” de abordagem escolhido pela Rede Globo nesse início de transmissão. Há, no citado conjunto, uma série de ausências. Os narradores não sinalizaram, por exemplo, a importância da cerimônia de abertura como um ritual de inauguração olímpico e também não expuseram os traços históricos e/ou teóricos desse ritual. Com essas ausências, fica anulada uma grande variedade de oportunidades para a referência mais direta dos valores do olimpismo, já que um dos propósitos históricos da cerimônia é a expressão pública desses valores. As referências textuais centrais e explícitas foram a cultura e a política locais: seus traços, suas preferências e suas diferenças para com os costumes brasileiros. Isso ocorre, principalmente, porque outras abordagens televisivas, tidas como “sucesso”, foram realizadas dessa maneira. Os narradores, então, provam da intertextualidade mais ou menos fixa no gênero em questão. Um acontecimento histórico interessante, nessa conjuntura, é o marco da cerimônia de abertura de Seul-1988, que protagoniza o pioneirismo da celebração da cultura local, fazendo com que as redes de TV do mundo mudem suas narrações de construções mais globais para construções locais. Esse “local”, todavia, não é o local “dos” narradores, mas sim o local dos anfitriões – uma cultura que, em muitos casos, é totalmente diversa. No pré-show, os narradores adiantam, então, o conteúdo básico da primeira parte da cerimônia.

No que diz respeito à prática discursiva na narração do pré-show, os diálogos, de maneira mais implícita, acabam delimitando os papéis de cada narrador da

transmissão, mostrando, também, a configuração do gênero analisado. Assim, quando MU responde a GB sobre a questão de ser difícil a aplicação da utopia dos JO fora do âmbito olímpico, o primeiro diz:

MU: É difícil. É um espetáculo esportivo, sem dúvida... é o maior de todos da Terra... agora, quando se fala em China, um bilhão e trezentos milhões de pessoas, se fala em meio ambiente, se fala em economia, se fala em direitos humanos, se fala em política e claro, esperamos que se fale principalmente de esporte nesses dezessete dias. É excepcional o que eles fizeram. Gastaram rios de dinheiro para mostrar que essa China voltou ao mundo pela porta da frente. E, realmente, que porta!

Durante essa fala, a imagem exibida na TV é a dos dois comunicadores da Rede Globo (MU e GB) no interior do estúdio montado no estádio da cerimônia. Quando o comentarista MU menciona, primeiramente, os problemas em torno da temática “China” (economia, direitos humanos, política), vê-se, logo em seguida, uma mudança de ênfase, pois parece perceber que o assunto fica sério demais, desviando o foco da natureza do próprio evento, com uma essência mais descontraída e mais metafórica – o esporte. No entanto, essa mudança de ênfase é momentânea, já que, como veremos no restante de nossa análise, as temáticas predominantes se referem à “vida real”, considerada mais séria e digna de se noticiar.

O esporte, na fala de MU, está ligado ao desejo de utopia de GB. Por mais paradoxal que seja tal desejo, GB deixa explícito que ele apoia essa utopia: “[...] que **seja** realmente um pouco mais do que um sonho e não **dure** apenas dezessete dias [...]” e “[...] que **possa** trazer um pouco mais de entendimento”. O tempo dos verbos em destaque é subjuntivo e mostra um “querer” do falante, que reconhece ser difícil a concretização desse “querer”. Logo em seguida, MU concorda que seja difícil a aplicação da utopia e, por isso mesmo, já indica (como prova dessa dificuldade) os problemas práticos da “vida real” (em oposição à “vida esportiva”) que esse ideal pode ter.

O discurso de MU marca o seu papel nos comentários – e isso pode ser notado, também, nos discursos de (SB) e de Pedro Bassan (PB). Esses repórteres da Rede Globo não são repórteres esportivos (com exceção de PB que, mesmo estando mais ligado às programações esportivas, atua também em outras temáticas). Estão ali para cobrirem o evento social, tendo em vista sua importância política, econômica e

cultural. Legitimam, desse modo, os discursos que não são especificamente esportivos – o que não ocorre com outros tipos de transmissões esportivas, como, por exemplo, de um jogo de futebol.

No caso das falas sobre a “utopia” da paz e do entendimento, há um desejo de transposição ou de correlação entre a paz no esporte/JO e a paz no mundo “real”. Esse desejo, acionado pela fala de GB, pode estar ligado ao projeto da Rede Globo de “educar” sua audiência para os valores olímpicos: por mais que o locutor talvez não acredite na realização da citada utopia, ele precisa vincular seu discurso em algo sólido, que dê base e que motive os espectadores a assistirem aos JO.

É sabido que há também um propósito comercial nesse projeto. Mas o que chama a atenção é que o desejo de GB se relaciona com alguns traços mais universais e diretamente ligados com o ideal olímpico, quais sejam, a paz e o entendimento. Isso não garante, contudo, que, em outros momentos discursivos, ocorra essa ligação tão direta. Assim, daremos foco para essa possibilidade nas próximas partes da narração da cerimônia.

No *pré-show*, há referências aos campos semânticos “política e esporte”, “esporte e sociedade” e “cultura local”. A ênfase, todavia, se dá, predominantemente, nesse último campo. Na teia da prática discursiva, as atribuições de sentidos a esses campos semânticos se dão em relação à identidade nacional – ou, à representação identitária nacional. A prática discursiva da Rede Globo promove um forte destaque das diferenças entre o “nós” e o “eles”. Isso ocorre, especialmente, porque um traço da cultura chinesa, segundo os narradores, parece ir em direção oposta à caracterização tipicamente brasileira do “jeitinho”, da improvisação e do jogo de cintura. Esse traço é a “perfeição”, a “exatidão” e o compromisso com “o melhor”. Nesses pouco mais de sete minutos de transmissão do *pré-show*, esse destaque é feito por todos os comentaristas e pela repórter “de campo” – Glenda Kozlowski (GK) – diversas vezes, como podemos ver abaixo:

GB: Eu tô esperando uma grande festa. Nós estamos esperando um... PERTO da perfeição. É isso que eles vão tentar mostrar ao mundo.

SB: É... uma coisa... uma característica deles é que eles não fazem nada sem planejar bem e sem ensaiar bem. Essa perfeição é um dos traços da cultura [...].

GK: [...] Oi Galvão. Tô bem pertinho mesmo, eu tô, assim, há quinze metros de dois mil e oito tambores. E agora pouco todos eles estavam sentados e

fi/va/fizeram um barulhinho e, de repente, todos ficaram em pé NA MESMA HORA, tudo ensaiadinho, foi uma imagem impressionante.

No que diz respeito à ênfase nesse traço da cultura chinesa, os narradores a realizam colocando em voga as diferenças culturais sem, contudo, demonstrar ou construir um juízo de valor negativo. Pelo contrário, eles até fazem uma qualificação positiva desse traço. Nesse sentido (e no âmbito dessa ênfase), os narradores não deixam de “aplicar” alguns ideais olímpicos – o internacionalismo e o entendimento, por exemplo.

Por outro lado, há uma semantização bastante vincada ao caráter de “grande espetáculo” (GB) da cerimônia. Vemos, com isso, uma possibilidade de interface entre os discursos produzidos e os gêneros performativos sobre os quais nos fala MacAloon (1984b). No pré-*show* há um destaque para o espetáculo e há apenas algumas referências ao caráter festivo da cerimônia. Entretanto, ainda nessa parte, não se faz nenhuma menção aos rituais olímpicos ou à importância da cerimônia de abertura na tradição olímpica.

A cerimônia de abertura começa, oficialmente, com um segmento artístico de boas-vindas. Aí se iniciam os discursos não apenas sobre a história da China, mas também sobre sua posição política, ética e econômica no mundo. Os narradores da Rede Globo confirmam em suas falas que já haviam assistido o ensaio geral ocorrido a três dias da cerimônia de abertura. No entanto, como eles relatam, nem todas as apresentações haviam sido publicadas nesse ensaio, ficando a cerimônia propensa à expectativa de apresentações desconhecidas até mesmo por eles.

Como observado no QUADRO 6, cada segmento artístico-cultural tem o objetivo de transmitir uma mensagem criada pelos organizadores da cerimônia. No início dessa parte, há, entre o segmento de boas-vindas e os outros segmentos, dois elementos mais rituais, a apresentação das autoridades e o ato cívico anfitrião (entrada e hasteamento da bandeira nacional anfitriã e execução do hino nacional anfitrião).

O caráter simbólico e cultural dessa primeira parte da cerimônia exige conhecimento sobre as mensagens que se pretendem transmitir. Como a cultura e a história relacionadas a essas mensagens são consideradas, a princípio, desconhecidas (especialmente por se tratar de um país oriental e com traços bem distintos da

cultura brasileira), há, para os narradores, a opção do auxílio de um *script* explicativo que a produção da cerimônia entrega, previamente, às redes de TV. Todavia, não há como saber (pelo menos através da análise) exatamente quando os narradores utilizam-se de tal recurso.

Como discutido no Capítulo 3, essa parte da cerimônia vem ganhando, cada vez mais, um caráter de espetáculo, sendo seu conteúdo construído visando a transmissão cultural da cultura local. Por isso, em termos diretos e específicos, não se espera, necessariamente, uma mensagem “olímpica” ou “esportiva”.

No *continuum* entre tradição e mudança sobre o qual os JO se instauram, a permissão desse conteúdo na cerimônia de abertura é uma ação paradoxal. Ao mesmo tempo em que os Jogos servem para celebrar o entendimento e a humanidade através do esporte, sem “preconceitos fronteiriços” (valor global/universal), há destaque para **uma** nação, **um** país, **uma** cultura e **uma** história: os anfitriões (valor local/nacional). Como discutido anteriormente, esse paradoxo se estabelece na problemática de existência do próprio MO, na medida em que este teve que manejar com as mudanças e, simultaneamente, teve que preservar a sua base ideológica.

Nesse manejo, o COI aceita o caráter mais espetacular e localizado dos JO enquanto tenta ligar tais traços à sua base valorativa. Assim, com a celebração da cultura local há, também, o discurso de respeito às diferenças (à história, à política e aos costumes locais), o que é visto como positivo pelo MO (valor do verdadeiro internacionalismo). Além disso, nessa mesma parte da cerimônia, surge o ideal de troca e compartilhamento interculturais, além da estima pela combinação de esporte e arte.

Nessa parte da cerimônia, apesar da narrativa histórica especificamente chinesa, houve um destaque do que os organizadores chamaram de “lema” dos Jogos de Pequim-2008: “Um mundo, Um sonho”.<sup>79</sup> De caráter mais universal, esse lema acabou viabilizando um certo equilíbrio para com o local.

<sup>79</sup> Lema bastante divulgado pela imprensa, especialmente em inglês: “One world. One dream”.

Visto isso, os textos construídos pelos narradores em foco, nessa parte da cerimônia, não foram compostos de muitos vocábulos relativos aos valores olímpicos ou aos valores esportivos propriamente ditos. Também não houve um momento explicitamente separado para tratar ou falar desses valores. Ainda assim, o conteúdo da própria mensagem da cerimônia, em vários momentos, remetia-se aos ideais básicos de paz, harmonia e celebração da humanidade.

A narração faz, portanto, menções mais indiretas e implícitas aos valores. Isso ocorre de forma mais secundária, como vocabulário, comentário, figura ou explicação auxiliar de outra temática. Algumas referências aos valores podem ocorrer mais explícita e diretamente, sem, todavia, ser construída em um momento específico para se falar sobre isso. Como a própria mensagem das apresentações pode se referir aos valores olímpicos, estes podem ser semantizados ou não pelas redes de TV, mesmo estando em destaque no centro do palco.

Alguns exemplos são interessantes de analisar. Durante um segmento específico, – “A harmonia de Confúcio” – a comentarista SB comenta sobre o significado que se atribui, na China, a uma flor que aparece compondo o cenário: “SB: Aí as flores de pêssago, que significam paz”. Logo em seguida, GB começa um outro assunto, direcionando a narrativa a um campo bastante diverso do comentário de SB. A utilização da palavra “paz” é feita de modo desconexo e a referência é ao “folclore” chinês. Mesmo assim, tal vocábulo está presente. Pode não ser especificamente referido aos JO ou ao esporte, mas é sabido por todos que assistem que se trata de um evento olímpico. De algum modo, então, a narração da “paz” está ligada ao olimpismo, mesmo que indiretamente. No caso desse enunciado, não há como definir se foi utilizado ou não o *script* entregue aos narradores de TV, já que a informação dada, mesmo sendo relativa à cultura chinesa (a princípio “estranha” aos brasileiros), poderia já ser conhecida pela comentarista, visto sua estadia durante anos na China.

Esse tipo de uso textual ocorre em várias outras ocasiões da narração desta mesma parte da cerimônia. Mas ele não é o único tipo. Há também referências vocabulares que acabam se remetendo mais diretamente aos valores olímpicos e esportivos, mesmo não sendo um discurso feito com esse objetivo. Isso ocorre por duas vezes na primeira parte da cerimônia. O primeiro caso se dá quando o segmento artístico

“O *Tai Chi* e a natureza” mostra atores representando a dinâmica social em uma sala de aula. Ao verem tal dinâmica, os narradores dialogam entre si sobre o conteúdo mostrado:

GB: E essa presença da aula, nessa cerimônia de abertura, da maior manifestação esportiva que são os Jogos Olímpicos, a/a/a importância, e essa ligação muito próxima da escola com o esporte. O esporte que começa, basicamente, na escola.

PB: As aulas de educação física são levadas muito a sério na China, a Sônia até entrevistou, certa vez, um professor premiadíssimo, não é, Sônia?

SB: Exatamente. As aulas de [[educação física]]...

PB: [[Que ensinava...]] [...]

SB: [...] são planejadas com um cuidado incrível, dá gosto de ver. Dá vontade de fazer a aula com o professor.

GB: E você vê o mundo, praticamente, girando em torno da sala de aula. É a valorização da escola, do ensino, a transferência dos valores da natureza, do corpo.

Nesse diálogo, fica clara a citação do valor educacional ligado ao esporte. Porém, o que notamos como ênfase é o trabalho esportivo no interior das instituições escolares. É possível notar essa ênfase através de um olhar mais abrangente da narração. Em momentos anteriores, os narradores já haviam destacado o trabalho feito pelo país anfitrião a fim de alcançarem um objetivo declarado: superarem os Estados Unidos no quadro de medalhas. Como a China não tinha tradição em se sair bem nesse *ranking* até pouco tempo, os narradores sublinham sua capacidade para fazê-lo em um período relativamente curto (já que nas últimas edições de JO, anteriores a Pequim-2008, o país ficou bem classificado no quadro de medalhas). Daí a relação tão direta do “bom trabalho” esportivo com a escola, instituição que, segundo os narradores, compôs tal trabalho. Percebe-se a citada ênfase, principalmente, pela fala de GB. Ao dizer que o esporte trabalhado na escola é “importante”, – e que, ainda mais importante, isso está sendo mostrado na maior manifestação esportiva que existe – o narrador torna presente a ideia da China enquanto uma referência dessa relação.

Desse modo, em termos sociais, para GB, tanto a escola quanto o esporte podem “dar uma solução” para a sociedade. Os comentaristas SB e PB parecem corroborar com a ideia de GB ao dizerem que “[...] as aulas de educação física são levadas muito a sério na China [...]” e que “[...] são planejadas com um cuidado incrível”. Com esses discursos, os dois comentaristas colocam, de maneira muito sutil, uma informação que depende de um parâmetro de comparação. Isso é percebido graças



ao conjunto dos enunciados de PB e de SB. Quando o primeiro se utiliza de um advérbio (a sério) para remeter-se à prática docente de um local específico (a China), fica implícita a possibilidade de haver outro local onde há uma modalização oposta à colocada pelo comentarista. SB parece complementar tal ideia quando diz que o cuidado do planejamento das aulas “[...] dá gosto de ver [...]”, expressando, implicitamente, experiências anteriores em que tal planejamento não deu esse gosto. Talvez esses enunciados possam se referir a uma crítica indireta ao próprio Brasil, já que, posteriormente, os narradores utilizam-se do mesmo vocabulário para dizer que o país tupiniquim “deve” seguir o exemplo da China no trabalho com o esporte e que, com esse trabalho bem feito, é possível, também, ao nosso país subir no quadro de medalhas.

O segundo caso em que o vocabulário se refere mais diretamente aos valores olímpicos e esportivos, mesmo não sendo um discurso feito com esse objetivo, é uma “discussão” no segmento “Anéis de sonho”. Os anéis olímpicos, símbolo oficial do COI, formado por cinco argolas entrelaçadas (três em um plano superior e duas em um plano inferior), são formados no centro do palco da cerimônia com objetos luminosos, criando um efeito estético marcado pela tecnologia e pela criatividade. Nesse momento, MU comenta que os anéis olímpicos representam os cinco continentes da Terra. De imediato, GB faz o seguinte comentário:

GB: Dizem que, na verdade, o Barão Pierre de Coubertin, quando os fez, já que cada um deles tem uma cor, ele não pensava nos.../nã/não é que cada um deles represente um continente, as cores estão pre.../pelo menos uma delas [presente...

MU: [todas as bandeiras[...

GB: [em todas as bandeiras do mundo. Aqui eles/elas estão... eles estão todos em prateado.

Na verdade, a referência, aqui, é a um símbolo olímpico que representa um valor muito importante para o COI: o internacionalismo. O narrador principal da Rede Globo, porém, dá uma importância mais ligada à legitimação da informação do que ao valor em si. Quando este “corrige” seu colega quanto à informação (usando o operador argumentativo “na verdade”), ele chega até a mencionar o nome do fundador do MO, sem, contudo, dizer quem foi Pierre de Coubertin e qual seu papel no desenvolvimento do olimpismo. É importante dizer que o nome de Coubertin estava sendo citado pela primeira vez na transmissão televisiva da cerimônia de abertura pela Rede Globo. Como vimos nas seções anteriores, a TV lida com

receptores distantes e diversificados. Por sua vez, os JO, graças à TV, têm um alcance de nível bastante alto. Assim, é provável que muitos espectadores da Rede Globo nunca tenham ouvido falar em Pierre de Coubertin, ficando o conteúdo da mensagem, nesse momento da narrativa, limitado à compreensão do Barão francês enquanto o criador de um dos muitos símbolos olímpicos.

Ainda durante essa primeira parte da cerimônia, há mais duas construções textuais que se remetem aos valores olímpicos e esportivos, mas que não dizem respeito ao conteúdo das apresentações artístico-culturais. São “chamadas” e discursos paralelos aos acontecimentos que ocorrem no centro do palco da cerimônia. O primeiro caso é um produto direto da produção da Rede Globo, em que há a divisão da tela da TV, a qual mostra duas imagens (dois ambientes): a imagem oficial da cerimônia de abertura e a imagem de atletas brasileiros (que não foram ao evento inaugural) reunidos, em um saguão, na Vila Olímpica. O narrador faz, então, o seguinte comentário:

GB: Você está acompanhando do Brasil, em todo o Brasil, e a Delegação Brasileira acompanha também na Vila Olímpica, a Globo montou um ponto de vídeo, na Vila Olímpica, que é sempre muito frequentado pelos atletas, veja só, aí, praticamente o time feminino de vôlei, que não pode participar desta cerimônia porque joga amanhã, a uma hora da madrugada, meio dia... meio dia e meia daqui, uma e meia da madrugada, nesta virada de madrugada, o time de vôlei feminino vai estar transmi/vai estar jogando, e nós vamo tá lá, transmitindo, vô tá lá com o Tandi, aí o nosso carinho pra vocês, todo carinho de vocês pra torcida brasileira, que, a partir de amanhã, a nossa primeira transmissão será do voleibol feminino. Boa sorte pras meninas do vôlei do Brasil. E, desta vez, venha o ouro olímpico, mas que venha sempre a arte, a vontade, a garra de vocês. Um beijo a todas, e uma grande partida amanhã. Estaremos juntos no ginásio.

Pode-se perceber, no final dessa fala, um aspecto interessante de intertextualidade que revela uma tensão própria do esporte. O narrador diz: “[...] desta vez, venha o ouro olímpico”. O sentido de cobrança talvez não chegue a um espectador “desavisado”, mas os que acompanham o vôlei brasileiro (especialmente o vôlei feminino) e os que viram os JO de Atenas-2004 puderam experienciar um drama da participação do vôlei feminino brasileiro na competição, já que esta equipe chegou à final e, mesmo tendo várias chances consecutivas de “fechar” o jogo, não aproveitou nenhuma delas. Resultado: as atletas ficaram com a prata após um grande alvoroço da mídia com a possibilidade do ouro. Posteriormente, muito foi comentado nos meios de comunicação de massa sobre essa derrota. O narrador parte do princípio,

portanto, de que sua audiência participou da recepção desses textos anteriores, retomando-os de maneira pressuposta. O interessante nessa fala é que, logo em seguida, GB muda o discurso da “lembrança da derrota” (do fracasso) para o discurso da “participação honrada” – importante valor esportivo e olímpico. O comunicador diz “[...] mas que venha sempre a arte, a vontade, a garra de vocês [...]”, referindo-se ao valor do “dever” e da “honra” que o atleta deve ter, sempre com o compromisso de, ainda que perdendo, participar, dando o melhor de si. É possível notar, também, uma referência clara ao discurso nacionalista ou voltado para a nação de onde se fala.

O segundo caso em que a narração se remete a valores, mas não está relacionada às apresentações artísticas é quando MU dá uma notícia que, segundo ele, refere-se ao “mundo olímpico”:

MU: E acabamos de receber uma informação aqui, que o mundo olímpico fica um pouquinho mais pequeno, vão ser duzentos e quatro, e não duzentos e cinco países, já que o Comitê Olímpico Internacional não recebeu a inscrição dos atletas de Brunei, pequenininho país aqui na Ásia, e eles não se inscreveram a tempo.. o/v/o Comitê Olímpico Internacional tentou o máximo, mas não conseguiu. Portanto, duzentos e quatro, em vez de duzentos e cinco países participantes.

Mais uma vez o texto reflete, sutilmente, uma tensão da própria estrutura olímpica. O valor olímpico, percebido aí, é o do internacionalismo. O valor do internacionalismo carrega consigo uma problemática que está sendo discutida tanto em âmbito acadêmico quanto não acadêmico: com o passar dos anos, graças, principalmente, aos processos da globalização e do crescimento dos meios técnicos de comunicação, o objetivo olímpico de reunir todos os povos e nações do mundo começou a se mostrar aplicável – e tal aplicação não é um fenômeno tão antigo.<sup>80</sup> Com essa “realidade” considerada, inicialmente, ideal, vieram os problemas “colaterais” relativos à proporção e ao gigantismo a que os Jogos chegaram.

Pode-se dizer, portanto, que a notícia dada por MU tem um grau de importância para esse ideal da comunidade olímpica internacional. Mesmo não comentando nesse momento da cerimônia sobre os problemas consequentes desse internacionalismo

<sup>80</sup> Os Jogos de Barcelona-1992 foram os primeiros a integrarem todos os Comitês Olímpicos Nacionais existentes desde 1972. Todavia, no período de realização desses Jogos, como também em Atlanta-1996 e em Sydney-2000, havia nações independentes no mundo que ainda não possuíam comitês olímpicos nacionais organizados e, por isso, não participaram dos JO.

“literal”, a informação dada serve de base para vários comentários posteriores, relativos aos rituais e tradições olímpicas.

No que diz respeito aos campos semânticos, a narração dessa primeira parte da cerimônia abrangeu, predominantemente, os elementos “cultura local”, “cidade-sede” e “política e esporte”. Houve falas relacionadas ainda com os campos “fraternidade” e “internacionalismo”, porém, com uma carga semântica menor.

A configuração básica dessa parte da narração já aponta para a predominância dos campos semânticos citados. As atribuições de sentido aos campos “cultura local” e “cidade-sede” possuem características interessantes na narração da Rede Globo. A primeira delas é a predominância de um estilo citatório. À primeira vista, esse traço poderia confirmar a questão de os narradores estarem reproduzindo as informações contidas no *script* entregue pela organização do evento. Contudo, o aspecto citatório está presente mesmo em falas em que os comentaristas – os quais moraram na China – discutem os campos semânticos, embasando-se em suas próprias experiências e/ou pesquisas jornalísticas. Dois exemplos podem oferecer uma boa ideia desse traço.

SB: Uma observação sobre esse hino: ele foi banido durante o período da revolução cultural porque ele diz “levantem-se todos os que se recusam a ser escravos”, que foi considerado contrarrevolucionário.

Essa fala de SB ocorreu durante o ritual da bandeira e hino anfitriões. No comentário sobre o hino, é citada a revolução cultural chinesa sem que se explique o que foi tal revolução. Essa foi a primeira vez, durante toda a transmissão, em que se falou de revolução cultural. Como não há um discurso explicativo, a ideia da comentarista pode incorrer até mesmo em uma contradição, pois, em geral, as revoluções objetivam a libertação de um grupo ou povo. Se a letra da música, então, também expressa essa ideia, como o hino pôde ser considerado contrarrevolucionário? Uma questão como essa não caberia se se fizesse uma análise mais profunda da recepção – o que não é o nosso foco. Esse exemplo foi trazido apenas para ilustrar como o caráter citatório evoca informações que, muitas vezes, são deslocadas de seu contexto.<sup>81</sup> Isso é especialmente sensível em casos como o da TV, onde a

<sup>81</sup> A revolução cultural foi citada mais três vezes no decorrer da transmissão. Em nenhum desses casos houve explicação por parte dos narradores.

audiência é indefinida e bastante diferenciada.

Um segundo exemplo interessante desse caráter citatório é a seguinte narração:

GB: Agora surge o desenho das muralhas, significando, as muralhas... a Grande Muralha, que surgiu/foi começada a construir por Qin Shihuang, o primeiro imperador, duzentos e vinte e um antes de Cristo, e foi terminar com seis mil e setecentos quilômetros, já na dinastia *Ming*, mil trezentos e sessenta e oito depois de Cristo

MU: A Grande Muralha, na verdade, são várias muralhas que foram sendo agregadas umas às outras, que, ao contrário do que se diz, não é verdade, que se pode ver ela do Espaço.

GB: Há um certo exagero.

Assim como no exemplo anterior, as narrações acima dão uma série de informações pontuais, com data, nomes de personagens históricos e períodos históricos. Nesse caso, a exatidão com que os dados são mostrados pelo locutor principal (que, diferentemente dos comentaristas, não morou na China) pode nos levar à conclusão de que houve uso do *script*. Os dados históricos citados, como podemos perceber, não abrangem explicações sobre os elementos temáticos como, por exemplo, com qual objetivo a Grande Muralha foi construída e o que eram as dinastias chinesas – no exemplo acima, é a terceira vez (no decorrer na narração) que se fala em dinastia, não sendo explicado, em nenhum momento, o que foram e qual a sua importância para a história da China. O comentário de MU revela traços de uma abordagem mais “leve” quanto ao desconhecido (a cultura chinesa) e uma retomada de algo mais palpável para sua audiência.

Isso nos leva a outra característica da narração da Rede Globo em relação aos campos “cultura local” e “cidade-sede”. Em alguns momentos, os narradores fazem essa vinculação ao conhecido e ao palpável através de uma “tradução” cultural para elementos “semelhantes” da cultura brasileira. Um desses casos é a fala de SB, já no último segmento dessa primeira parte da cerimônia, chamado “Globalização”:

GB: E agora nós vamos à canção “Você e eu”, com...

SB: Quem tá cantando é o Liu Huan, que é uma espécie de Roberto Carlos aqui na China, é um cantor extremamente popular.

Essa tradução é feita de maneira interessante por causa da especificidade do tipo de música e da popularidade correlatos ao ícone cultural brasileiro citado. Nesse caso, a comentarista parece dar essa informação com base em sua própria experiência no país anfitrião, o que passa legitimidade para a audiência, além da ideia de troca

intercultural.

Ainda com relação à narração da cultura local e da cidade-sede, é importante mencionar que há uma certa incompatibilidade entre o narrador principal e os comentaristas nesta parte da cerimônia. Isso ocorre no que diz respeito ao posicionamento relativo a essa cultura. Em certos momentos, há um posicionamento mais crítico e engajado. O narrador principal, no entanto, tenta contrabalancear, apresentando uma postura que tende a demonstrar neutralidade e pontos positivos. As falas onde isso ocorre se remetem, especialmente, às questões políticas e filosóficas da cultura chinesa. Vejamos três dessas falas:

SB: Esse quadro todo representa a nova geração da China, e o Lang Lang, que tá lá no centro, disse que tá muito preocupado com essa nova geração, que é muito nacionalista e que não consegue argumentar com o resto do mundo quando encontra pontos de vista diferentes.

MU: Uma geração de filhos únicos, né? Filhos únicos tendem a não gostar de dividir nada ((rindo)).

[...]

MU: É... [[o *Tai Chi*]]...

GB: [[Para...]]

MU: [...como forma de esporte... e pra eles é mais do que esporte, é um exercício, é o bem estar, é a saúde, né, a ligação do homem com a natureza. E isso tudo é muito difícil de se ver na China hoje, são/das vinte cidades mais poluídas do mundo, dezesseis estão aqui.

GB: Mas também estão por todas as partes do mundo, é bem que se diga isso. E, se você vai a um parque, se você vai a um parque, você vai ver pessoas de todas as idades, ou nas ruas, em todos os dias, com essa expressão corporal, tentando essa integridade com a natureza. A integração com a natureza, perdão.

[...]

GB: E você vê o mundo, praticamente, girando em torno da sala de aula. É a valorização da escola, do ensino, a transferência dos valores da natureza, do corpo.

MU: E curioso que isso foi o oposto do que aconteceu na revolução cultural, quando, durante dez anos, a China penou, pagou e paga até hoje, por conta dessa subversão de valores, onde os alunos mandavam nos professores.

Nesses três fragmentos pode-se ver, claramente, o posicionamento dos narradores quanto aos costumes e modos chineses. Apesar de o narrador principal tentar passar uma imagem de neutralidade, este não pode controlar totalmente a fala dos comentaristas, os quais acabam por ratificar seu papel de narradores de temáticas não esportivas, isto é, da “vida real”.

Um último comentário sobre a prática discursiva dos narradores da Rede Globo, nessa parte da cerimônia, refere-se à relação entre a TV e a sociedade. Como vimos no Capítulo 4, o ponto interessante dessa relação é a dialética que se estabelece entre os dois elementos. Assim, no âmbito da narração televisiva da cerimônia de abertura olímpica, na essência do discurso televisivo, há a (re)produção do sentidos relativos à representação político-nacional olímpica.

Na narração em questão, há, por vezes, a construção da ideia de que os JO são um “palco” legítimo para a propagação da identidade nacional e política através de um meio competitivo metafórico (o próprio esporte). Na primeira parte da cerimônia, tal construção é realizada em referência à identidade nacional e política anfitriã. Já no desfile dos atletas (análise feita na próxima seção), isso é feito em referência às nações as quais os narradores julgam como pertinentes para se narrar essas identidades.

O que é possível empreender da narração em análise é que a mídia (em especial, a mídia televisiva) tem um forte papel na construção de uma realidade social: o esporte enquanto *locus* de legitimidade identitária política e nacional. Todavia, como vimos, essa relação é dialética: muitas vezes, o próprio conteúdo midiático se baseia em fatos “de fora” da mídia. Em nosso *corpus*, podemos visualizar essa relação em vários discursos durante essa primeira parte de cerimônia. Um destaque são as falas de GB e de SB no início do segmento “Globalização – a China se abre para o mundo”:

GB: E eles fazem questão de bater nessa tecla – de terem mandado um homem... um chinês ao espaço – tanto que a primeira pessoa a conduzir a Tocha assim que ela chegou a Pequim ontem, foi um astronauta. Foi o primeiro astronauta... foi o primeiro a con/a conduzir a chama olímpica. E agora vamos chegar na modernidade de uma vez. Ouvindo aí, vamos passar pra GLOBALIZAÇÃO. E, por isso, do centro do espetáculo no país que é, pelo próprio nome, o centro do mundo, sai o globo. Absolutamente estilizado, moderno, iluminado... e é um recado deles, de que a China está absolutamente integrada à globalização. E daí que vai surgir o lema que a gente vem falando desde o início da transmissão: “Um mundo, Um sonho”. E é tudo muito bonito. Aí o jogo de cores, a forma com que eles usam a iluminação é absolutamente espetacular.

SB: Não deixa de ser uma alegoria à globalização, a China, que, durante tantos milênios ficou se fechando em torno de si mesma, dentro desse reino do meio, desse/é/desse país do meio, consegue descobrir que é forte a partir do momento que se abre e começa a se integrar com o mundo.

A construção desses discursos se dá, portanto, como forma de uma reação que gera

novas ações. Reação porque conta, segundo os narradores, os propósitos dos organizadores: “E **eles** fazem questão de bater nessa tecla [...]”, “[...] e é um recado **deles**, de que **a China** está absolutamente integrada à globalização”. Nessas frases, GB não apenas cita o simbolismo político, mas diz que “eles” (referindo-se, a nosso ver, tanto aos organizadores quanto à China como um todo) tiveram essa intenção. E gera novas ações, porque imprime legitimidade ao simbolismo, fazendo com que futuros anfitriões tenham esse conhecimento prévio, o qual pode ser útil na organização de seu próprio evento. A fala de SB é bastante marcada por essa ação: “Não deixa de ser uma **alegoria** à globalização, a China, que, durante tantos milênios **ficou se fechando em torno de si mesma [...] consegue descobrir que é forte** a partir do momento que se abre e começa a se integrar com o mundo”. Os elementos mais argumentativos operam como legitimadores. Pela fala anterior de GB, percebe-se que o que se legitima com o enunciado de SB não é, necessariamente, a “abertura política” ou o “ser forte” através da globalização, mas sim as representações identitárias políticas e nacional simbolizadas no palco da abertura olímpica.

Essas considerações tocam em pontos de tensão dentro do desenvolvimento social dos valores olímpicos. Em relação à narração dessa primeira parte da cerimônia, as práticas sociais às quais nos remetemos têm uma ligação muito forte tanto com a formação quanto com a recepção do contexto social mais amplo. Isso ocorre, principalmente, por causa dos traços que tangem a natureza da cerimônia de abertura. É um evento ideológico aceito pelas nações do mundo e que, por excelência, reúne “todos”. Pode-se colocar, aí, a questão sobre o que esse “todos” significa numa sociedade onde, cada vez mais, as identidades são fragmentadas. Para o COI, esse “todos” abrange, predominantemente, as identidades nacionais – que, obviamente, tiveram e ainda têm importância no sistema global. A China, porém, viu-se diante dessa fragmentação, sentindo a necessidade de abordar, na primeira parte da cerimônia, os traços culturais das cinquenta e seis minorias étnicas que desejam legitimar sua identidade. O lema escolhido e trabalhado pela organização oferece, em contrapartida, a ideia de união global e de totalidade.

Isso faz com que tenhamos a noção de uma verdadeira comunidade – sobre a qual discorre Bauman (2001)? Sendo mais específicos: as narrações televisivas



brasileiras tiveram um papel propositivo nessa possibilidade comunitária global? Para Bauman (2001), uma comunidade plena é aquela que discute as questões políticas de forma coletiva e interessada (por oposição à individualização de tais questões). Ao mesmo tempo em que clarifica tal ideia, o autor afirma que encontrar uma comunidade com esses traços na sociedade líquido-moderna é cada vez mais difícil, já que a liquidez aniquila a espera por prazeres individuais e possibilita a sensação de eternidade individual. Em alguns pontos desse desenvolvimento surgem oposições ao movimento de liquidez. São as chamadas comunidades de guarda-casacos, as quais tentam amenizar a insegurança causada pela vida líquida, resultando, todavia, apenas uma sensação temporária de pertencimento comunitário em meio ao “espetáculo” (BAUMAN, 2001).

Destarte, pode-se afirmar que a narração da Rede Globo, no pré-*show* e na primeira parte da cerimônia, acaba tendo um papel ambíguo nessa conjuntura. Com os vários exemplos citados até aqui, percebeu-se o destaque e a ênfase no caráter espetacular das apresentações artísticas sem, contudo, abrir-se à possibilidade de um entendimento mais profundo tanto dos valores olímpicos em geral quanto da própria cultura chinesa. Como relatamos, os discursos de GB e seus colegas precisam de vinculações sólidas para que alcancem os objetivos da produção – que se resumem, afinal, em aumentar a audiência. Ainda que tal aumento seja baseado na ideia de “educação” dos espectadores em prol dos valores olímpicos, há, como se sabe, a pressão dos contratos monetários que as redes de TV precisam cumprir. Com isso, os próprios narradores se veem submetidos ao traço social que Bauman chamou de nova superestrutura – a economia que, agora, influencia fatalmente as outras esferas da vida. Por isso, a natureza da narração é ambígua: mesmo com a pressão dos citados contratos, os narradores, por vezes, tentam ancorar seus enunciados em neutralidade política, em respeito às diferenças, em educação ambiental, na ideia de paz e na ideia de entendimento (dentre outros) – o que pode, no máximo, dar a ideia de comunidades guarda-casacos.

## 5.2 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DO DESFILE DOS ATLETAS

O desfile das delegações foi iniciado logo após o primeiro interlúdio da cerimônia de abertura. Esse momento da cerimônia é marcado pela quintessência da aplicabilidade dos valores do internacionalismo, do respeito mútuo, do entendimento e da paz (valores ligados à finalidade do MO). As delegações dos comitês olímpicos nacionais entram em cena com seus atletas geralmente “vestidos” de sua cultura. É também um momento controverso no que diz respeito à relação entre os JO e a TV. O MO não abre mão da liberdade de escolha a que os comitês nacionais têm direito de mandar um número ilimitado de atletas para representarem suas respectivas nações. Com isso, o crescente número de novas nações com comitês olímpicos nacionais (e, conseqüentemente, o crescente número de atletas) faz com que o desfile se torne cada vez mais longo – o que, a princípio, não é “bom” para a ação televisiva. Como já relatamos, em Pequim, duzentas e quatro delegações olímpicas entraram no estádio, totalizando duas horas e quinze minutos (aproximadamente) de desfile.

Nesse momento da cerimônia, a narração da Rede Globo parte para uma abordagem mais esportiva (como veremos a seguir). A composição dos narradores, nessa parte do desfile, confirma tal abordagem e também confirma os papéis que cada comentarista tem no discurso dessa rede de TV. Na narração do *pré-show* e da primeira parte da cerimônia, que, juntas, duraram cerca de uma hora e treze minutos, a comentarista SB participa com quarenta e oito comentários. Já no desfile dos atletas, com praticamente o dobro do tempo de transmissão, a mesma comentarista faz apenas nove comentários.

Tais dados podem ter relação com o modo como a Rede Globo priorizou os papéis de cada narrador, de acordo com o significado que esse canal de TV deu a cada parte da cerimônia. Na parte do desfile, tal significado é atribuído, explicitamente, à temática esportiva – em oposição à temática cultural/chinesa da primeira parte. Desse modo, não apenas foram diminuídas as falas de alguns comentaristas, mas também foi concedida voz a outros comentaristas – ligados à área esportiva. É o caso dos primeiros enunciados de Sandra Pires (SP) e de Oscar Schmidt (OS) – dois ex-atletas.

Além disso, a produção da Rede Globo fez contatos telefônicos diretos e ao vivo com atletas brasileiros que estavam participando do desfile e com atletas que não puderam participar por causa da proximidade temporal de suas competições com a cerimônia de abertura – esses últimos estavam reunidos em um ponto de vídeo, montado pela Rede Globo, na Vila Olímpica. Compondo esse “time” de participantes diretos do evento estavam: Marcelinho, do vôlei; Robert Scheidt (RS), do iatismo; Fabi, do vôlei; Giba, do vôlei e; Jadel Gregório, do atletismo.

Com relação ao texto em si (uso vocabular e coesão) e à prática discursiva, a narração do desfile dos atletas se diferencia significativamente da narração da primeira parte da cerimônia (a despeito do fato de, por vezes, os narradores terem retomado o que foi apresentado na parte artística). O vocabulário relativo aos valores olímpicos é mais presente nessa parte da narrativa e os campos semânticos se voltam para temáticas consideradas (pela mídia estudada) esportivas. O conjunto textual demonstra que, em três ocasiões da narração, há uma proposição à temática específica e central dos valores olímpicos e esportivo – embora duas, dessas três ocasiões, proponham uma discussão mais nacionalista (o que não deixa de possibilitar a menção aos valores). As demais referências ao olimpismo e aos valores esportivos são feitas de forma mais secundária, semelhante ao que ocorre na primeira parte da cerimônia. Contudo, o número dessas menções é maior na narração do desfile. As próprias características das imagens mostradas e do ritual em si possibilitam esse aumento. Vários países “desconhecidos” passam pela pista e pelo campo do estádio, fazendo com que os narradores sintam maior flexibilidade para tratarem de assuntos não necessariamente ligados à cultura local ou à cidade-sede.

Além desses elementos, pode-se encontrar nessa narração, especialmente no final do desfile, alguns elementos textuais e discursivos que remetem (às vezes de forma sutil, às vezes, nem tanto) a antivalores, isto é, a enunciados que são, em sua essência, opostos a alguns valores olímpicos. É bastante claro (como veremos) que tais práticas estão no bojo de uma tensão social – a mesma que DaCosta (2002) cita como tensão principal do *continuum* do olimpismo, qual seja, a tensão entre continuidade e mudança. Após discutirmos os elementos textuais e discursivos que se remetem aos valores, faremos comentários diretos dessa tensão no interior na

narração.

Logo no início do desfile, um ponto importante para os narradores é a explicação (que foi repetida várias vezes pelo narrador principal) do modo como se classificou a ordem de entrada das delegações. Por tradição, a primeira delegação a entrar é a da Grécia e a última é a do país anfitrião. As demais delegações, geralmente, entram seguindo uma ordem alfabética. Isso foi considerado uma problemática para a produção e para os narradores da Rede Globo, já que a ordem alfabética chinesa não é correlata à ordem alfabética de línguas ocidentais como, por exemplo, as línguas derivadas do latim e de outras indo-europeias. Essa discussão abre a narração do desfile, dando uma configuração genérica mais argumentativa e explicativa do que narrativa, possibilitando, também, um debate sobre os países que se sentiram “prejudicados” por causa da ordem alfabética chinesa:

GB: É importante, agora, dizer que a ordem de entrada, ela não vai seguir o nosso/a nossa ordem alfabética. Já não aconteceu em Atenas, mas, seguindo o alfabeto grego, era muito parecido, porque “alfa” é “a”, “beta” é “bê”... mas, agora, a ordem de entrada vai seguir a transformação do nome de cada país em caracteres chineses. E aí, pelo número de traços dos caracteres chineses nós vamos ter a ordem de entrada. O Brasil será o trigésimo nono. E como é que funciona isso, Bassan?

PB: É... essa ordem nem nos dicionários chineses ela é usada mais. Eles usam a transliteração pro nosso alfabeto e ali fazem a ordem no dicionário. É uma ordem muito antiga, tradicional, de se classificar as palavras e que agora eles ressuscitaram pra essa cerimônia. Então, o Brasil tá em trigésimo nono porque o “*bā*” do “*Bāxi*”, que é o nome do Brasil em chinês, tem quatro traços, e, portanto, vem o p.../a/tá entrando aí a Guiné, não é? A Guiné-Bissau, começam com dois traços só esses países, e, portanto... tá aí a Guiné-Bissau, país que fala português, mas de maioria mulçumana, e... tem dois traços só, e tá na frente. Então, o Brasil tem que esperar.

GB: E a Austrália reclamou (XXX) muito, porque ela sempre é uma das primeiras a entrar, e vai entrar no número duzentos e três, ducentésima terceira posição, à frente apenas da Zâmbia, que, de forma curiosa, com “zê” estaria entre as últimas no nosso alfabeto, vai ser a última a entrar... a penúltima, né, porque a última é sempre o país anfitrião, a China.

Durante esses enunciados, enquanto a rede de TV brasileira explicava a ordem alfabética chinesa, várias delegações passavam pela pista do estádio sem serem mencionadas pelos narradores. Com uma leitura detalhada do *corpus*, é possível perceber que isso ocorre devido à atribuição de sentido que a TV dá ao desfile.<sup>82</sup> Desse modo, a fala de PB, citada acima, revela que os narradores estabelecem critérios para que os países sejam mencionados – no caso de Guiné-Bissau, o

<sup>82</sup> Discutiremos, no decorrer da análise, as tensões que abrangem essa semantização.

critério é a identificação com o Brasil, já que o primeiro fala a mesma língua que o segundo (apesar da identidade religiosa bastante distinta).

Em seguida, os narradores apontam, de maneira explícita, a mudança que será efetuada na abordagem da narração. É mencionado o assunto que será tratado nessa parte da cerimônia. Com isso, percebe-se o primeiro momento mais específico (e propositivo) do discurso em relação aos valores olímpicos e esportivos:

GB: Agora nós vamos àquela parte mostrando país por país, aí vocês estão vendo a Turquia. Veja só, nós fomos da Guinéia pra Guinéia-Bissau, da Guinéia-Bissau pra Turquia. Repito: não é a nossa ordem alfabética, pegando o nome, transformando em caractere chinês e pelo número de traços elas vão entrar, o Brasil será o trigésimo nono país a entrar aqui no estádio. É o momento em que a gente começa a analisar um pouquinho... mostrar as estrelas que vão surgir aí no estádio, mas analisar um pouquinho os Jogos, aí, na parte esportiva, depois do belíssimo espetáculo, do passeio por três mil anos, pelas invenções chinesas, repetindo: a pólvora, o papel, a impressão, a bússola, a arte chinesa, a música, a dança, o teatro, a ópera, o salto no vazio, sumindo com cento e cinquenta anos de história. O final: a China moderna integrada ao mundo, a globalização, a riqueza, as luzes e, agora, as estrelas dos próximos dezessete dias que estão aí no estádio. O que esperar, esportivamente, desses Jogos de Pequim?

MU: Olha, eu acho que, normalmente, a gente tem recordes mundiais, mas a gente tem, principalmente, drama. A... uma das coisas melhores do esporte não é simplesmente a vitória, mas é a maneira como ela vem, mas/os/con/é.../os confrontos os/as grandes estrelas que vêm pra cá de vários esportes, (XXX) temos aqueles esportes mais profissionais, como o tênis com Roger Federer, com Rafael Nadal, nós temos também, obviamente, o futebol, com Ronaldinho Gaúcho, com Lionel Messi, mas nós temos também aquele atleta mais amador, daquele esporte em que ele se doa, ele se entrega, trabalha para poder estar aqui participando de qualquer esporte, e isso é a magia da/da/da/das Olimpíadas, e nós teremos, assim, em várias áreas, como a gente começou, lá no começo, o Michael Phelps, americano, oito medalhas de ouro possível. O confronto americano e chinês na ginástica, particularmente, e no computador geral de medalhas, existem várias, realmente, motivos pra você ficar ligado na sua televisão diariamente nesses próximos dezessete dias.

As falas de GB e de MU mostram o início da mudança temática da narração. O enunciado de MU, enquanto resposta à pergunta de GB sobre as expectativas esportivas dos JO, é composto de vocabulário referente, direta e indiretamente, aos valores olímpicos e esportivos. No início de sua fala, o comentarista realiza uma categorização do que é mais esperado (e, por conseguinte, mais valorizado) e do que não é tão esperado assim. A frase “[...] normalmente, a gente tem recordes mundiais [...]” indica o que é usualmente esperado: relação com os valores da excelência e da competição.

Todavia, o que o discurso do comentarista promove é um destaque de algo que não

é tão esperado. Como o próprio comentarista observa, o “drama” tem uma relação com o amadorismo. Isso demonstra que esse valor, mesmo não sendo mais uma prática legislada pelo MO, ainda possui um grau de relevância, especialmente para os que têm afinidade com a base romântica do esporte. O comentarista cita, aí, as ações que são mais ligadas a essa base: o doar, o se entregar e o trabalhar – remetendo-se ao valor do dever, da autossuperação, do individualismo e da excelência.

Ao realizar esse destaque, MU o faz apenas para ter um diferencial em seu discurso, pois, logo em seguida, ele enfatiza o que é usualmente esperado – cita nomes de grandes profissionais e os esportes mais populares e espetacularizados. No final de sua fala, aparece um objetivo que, para muitos, desvirtua os valores citados: o uso de valores mais românticos reflete a intenção de atrair a audiência para que essa fique “ligada” na rede de TV.

Um dado interessante do uso vocabular relacionado aos valores, nesta parte da cerimônia, é que as outras duas ocasiões em que há uma proposição específica da temática do olimpismo são realizadas não pelos profissionais de comunicação da Rede Globo, mas sim por dois ex-atletas convidados a comentarem a parte esportiva da cerimônia. Essa especificidade é proposta pelo narrador (através de perguntas), mas quem focaliza os valores propriamente ditos são tais convidados. O primeiro caso é o de SP em um diálogo com GB:

GB: aí está o Robert Scheidt, aí aparece o Robert Scheidt, o porta-bandeira brasileiro. Muito bem. Sandra Pires, em dois mil você teve a honra que está tendo, agora, o Scheidt. O que é participar de um desfile? O que é conduzir a bandeira brasileira? E o que é estar hoje, aqui, assistindo, pela primeira vez, Sandra?

SP: Oi Galvão. Olha, realmente é muito emocionante, eu vi ali pelo rosto do Robert Scheidt, tava um pouco nervoso. E quando você entra e vê essa multidão toda, esse estádio lindo, realmente é muito emocionante... meu coração aqui... eu que to do lado de fora, assistindo, pela primeira vez, to muito emocionada. E tá lindo... tá lindo... é muito bacana poder ver o Brasil, assim, reunido, todo o estádio... o esporte, realmente, ele é maravilhoso, ele une todos os povos, e eu tô/é uma honra tá assistindo aqui hoje. Tô muito feliz. Um grande dia pra mim, hoje.

As perguntas de GB são feitas de um modo aberto: “[...] o que é participar de um desfile?”, “[...] o que é conduzir a bandeira?” e “[...] o que é estar hoje, aqui, assistindo, pela primeira vez, Sandra?”. Essas questões proporcionam uma ligação com os pontos mais “emotivos” do esporte. A resposta de SP confirma isso, pois ela

relata que é emocionante assistir à cerimônia. No final de sua fala, a ex-atleta descreve o traço esportivo que foi o elemento motivador de sua emoção: “[...] o esporte, realmente, ele é maravilhoso, ele une todos os povos”. Há referência, aí, às ideias de paz, de entendimento, de internacionalismo e de respeito mútuo. Mesmo não sendo a realidade concreta do esporte, essa ideia é corroborada pelos narradores, os quais, anteriormente, já haviam opinado quanto à dificuldade da realização da “utopia” olímpica de paz.

O terceiro e último momento em que há uma proposição a se falar de valores olímpicos e esportivos, durante o desfile dos atletas, é o diálogo entre GB e outro ex-atleta (OS). A citação é grande, mas vale a pena reportá-la na íntegra:

GB: Meu amigo OSCAR SCHMIDT, depois de CINCO OLIMPÍADAS, de mil novecentos e oitenta, em Moscou, até noventa e seis, em Atlanta, você que foi sempre um homem das cestas e da emoção. Você que, tantas vezes, chorou em público, em lágrimas abertas, você não teve a chance de carregar a bandeira brasileira. Foi convidado, preferiu se guardar pra um jogo do dia seguinte. Com toda essa história olímpica, é a primeira vez que você está num estádio assistindo uma cerimônia de a.../de abertura [...]. O que é estar aqui, Oscar? Como é? Você viaja no tempo? Você se vê lá dentro? Se vê na.../você se vê na Vila Olímpica, sem poder estar aqui?

OS: Galvão, eu vou resumir com uma frase só. Eu tive chance de levar a bandeira, e me arrependo muito de não ter levado, porque é uma coisa única na vida de um atleta, mas eu era responsável demais, eu preferi ficar descansando, porque são oito horas que um atleta fica em pé. Mas eu resumo no seguinte: eu nunca vi uma festa assim. Lá dentro, você também não vê a festa. Eu desfilei uma vez só. Mas eu gostaria muito que o povo brasileiro estivesse vendo a Olimpíada através de meus olhos, e sentindo a emoção que mor/meu coração tá sentindo. É demais, cara... é.../você participar do esporte, e vê uma festa desse tamanho para o esporte, num mundo perfeito, que é uma Olimpíada, onde não tem diferenças entre negros e brancos, judeus e palestinos, chineses e americanos... é bonito demais. É o mundo que todo mundo sonha. O sonho, que tá escrito aqui, “*The dream*”, é esse mundo aí, e infelizmente vai ser difícil conseguir. E o sonho se resume na quantidade desses atletas fantásticos que estão desfilando aí. A Vila Olímpica, Galvão, é a cidade perfeita. São pessoas bonitas, de todas as nações, de todas as cores, de todas as religiões, que competem somente numa quadra, numa piscina ou num campo. O mundo deveria ser assim mesmo, e eu to muito emocionado de estar aqui vendo essa festa para o esporte. Brigado.

GB: OSCAR SCHMIDT, que sempre fala com o coração ((risadas de Oscar Schmidt ao fundo)). As lágrimas caíram dos olhos dele, e dos do Uchôa, aqui do meu lado.

MU: Emocionou... emocionou o Oscar, e realmente, eu acho que ele fez um discurso de abertura de Olimpíada mais bonito que eu já ouvi.

A questão colocada por GB não é tão aberta quanto a feita a SP. Mesmo assim, a resposta de OS tem um intenso traço subjetivo. Mais uma vez, o discurso prioriza a emoção e o sentimento. As afirmações feitas vão em direção à utopia (o sonho) a

qual se refere o lema dos Jogos de Pequim. Em um momento mais “racional”, o ex-atleta reconhece ser difícil esse sonho. Logo em seguida, contudo, ele continua a afirmar o caráter de “perfeição” da ideia olímpica, remetendo-se aos mesmos valores referidos por SP. Além desses valores, OS também faz referência ao senso “religioso” dos Jogos ao definir quando/onde o mundo perfeito do esporte acontece: na Olimpíada. Não se trata, para o ex-atleta, de um campeonato mundial nem de um encontro apenas esportivo. O evento, na visão dos atletas (e OS tem o ponto de vantagem de ter vivido essa experiência), é mais do que apenas uma festa do esporte, é uma festa olímpica.

As outras menções de vocabulário relativo aos valores olímpicos e esportivos, durante o desfile dos atletas, aparecem como temática secundária. Isso foi observado, também, na narração da primeira parte da cerimônia.

Na narração da entrada das delegações, podemos selecionar três exemplos. O primeiro deles é uma fala de GB. A narração é construída em torno da temática dos esportes que fazem parte dos JO – ao reconhecerem determinados atletas que entram no desfile, os comunicadores da Rede Globo comentam sobre seus esportes e sobre a tradição desse esporte nos JO. Com esse assunto central, GB propaga a seguinte mensagem:

GB: Vocês viram, ali, a Delegação do Canadá, passando, ali, pela aquarela, pintada com as pegadas os atletas. A Guatemala ganha, agora, o estádio. E o Irã tem importância no levantamento de peso. O levantamento de peso que acabou, aí [...] gerando/gerando problema e/e falam-se até em tirar dos Jogos Olímpicos... Acho muito difícil, porque se nós formos lá no “*citius, altius, fortius*”, como era a/citado nos Jogos da Antiguidade grega, “*citius, altius, fortius*”, ou, “mais rápido, mais alto e mais forte”, a força sendo fundamental, mas muitos atletas da Bulgária [...]. Uma delegação inteira da Bulgária, atletas da Grécia, do levantamento de/de peso [...] foram afastados por doping. É o fantasma que assombra, sempre [...] os Jogos Olímpicos no dia da cerimônia de abertura [...] O que vai acontecer?

MU: É... alguns esportes mais do que outros são suscetíveis ao uso de doping. É claro que a gente vê, infelizmente, no ano passado, é... foram feitas, em termos de exames de doping, no mundo, cento e setenta e quatro mil e quatrocentos e oitenta e três, pegaram três mil e trezentos atletas. É um número pequeno, dentro do universo, mas substancial. Esse problema continua. Agora, em ciclismo, em levantamento de peso é particularmente delicado, e é/e, infelizmente, temos que lembrar, Marion Jones, né, que hoje está na cadeia, ela nunca foi pega num exame antidoping, teve que confessar por um outro tipo de investigação, ela que ganhou em Ate/em Sydney, cinco medalhas, teve que devolver as medalhas todas. É... o revezamento quatro por quatrocentos do/dos Estados Unidos também teve que devolver as meda/as medalhas (XXX) ganhas... quer dizer, é um problema muito sério, que, infelizmente, engloba vários países.



GB: [...] É/é/é uma guerra que tem que ser travada... é muito ruim falar em guerra nesse mo/momento em que só se fala em paz. É uma luta que tem que ser, é/ã [...] encarada com toda seriedade contra o doping porque aumenta a cada instante.

MU: É [...] É... porque... é/está na raiz da credibilidade do esporte. Você acredita naquilo que você está vendo, ou você suscita uma dúvida de “bom, aquilo ali não foi, realmente, uma proeza esportiva, mas uma proeza química”, né? Então, realmente, é uma luta que não pode se parar em nenhum momento ((rindo)).

O posicionamento dos narradores sobre o doping se relaciona com o valor da igualdade de oportunidades. Mesmo não tendo sido tão referenciado, tal valor adquire um sentido moral quando ligado ao doping. No caso da TV brasileira, dá-se peso a esse ponto através dos argumentos usados por GB e por MU quando falam da “guerra” que precisa ser travada contra o doping e, especialmente, quando falam da “raiz da credibilidade do esporte”. Implícito nesse enunciado está um valor que extrapola o campo da igualdade de oportunidades: a excelência moral ou a ligação do esporte com a educação (moral). Como vimos no Capítulo 2, as bases da própria história do esporte se relacionam com a instituição educacional, sendo que um dos traços que chamou a atenção de Coubertin foi, exatamente, a capacidade organizacional, a autodisciplina que os alunos da escola visitada pelo francês tinham (traço consequente à prática esportiva). Talvez esse tenha sido o traço mais proeminente para a motivação de Coubertin em iniciar o MO.

Toda essa história está por trás da “raiz da credibilidade do esporte”. E ele precisa, sim, ter credibilidade. Mas essa necessidade só surge, como os narradores nos informam, por causa dos muitos casos de rompimento com esse valor. É perceptível, no discurso da Rede Globo, que essa posição é colocada não apenas para mostrar a opinião dos narradores, mas também para concordar com sua audiência, já que, como é sabido, a própria sociedade, em geral, não aprova a prática do doping.

Outros dois exemplos de menções vocabulares aos valores olímpicos são pertinentes aqui pela diferença no modo como a mensagem é produzida. São menções feitas não pelos narradores oficiais da Rede Globo, mas sim por atletas brasileiros que conversam ao telefone com aqueles:

GB: Se cê tiver ouvindo, cê tá na/cê tá no ar, aí, pode/se fazer um sinal pra nós, aqui... se você conseguir entender.

MA: Ahã. Obrigado e [[o que eu posso falar é que]]...

GB: [[Isso, tá de frente pra câmera, agora]][....]  
 MA: [...eu vou dar  
 o meu máximo aqui pro time, esse é o meu compromisso com o Brasil.  
 [...]  
 RS: Galvão, [...] difícil descrever a sensação, acho que, com  
 a exceção do pódio olímpico, talvez tenha sido a emoção mais forte que eu  
 senti numa Olimpíada. Brigado, e que todo o Brasil torça pra/prá essa  
 delegação, e... aqui em *Beijing-2008*, pra gente voltar pra casa com um bom  
 resultado, representar bem o Brasil mais uma vez. Um abraço pro Brasil  
 todo.

Nos dois exemplos, os atletas brasileiros fazem questão de citar o compromisso que têm com o “dar o máximo” e com o “representar bem” o seu país, remetendo-se aos valores da excelência, da honra e do dever. Nos textos construídos pelos atletas há uma certa espontaneidade, fator que a rede de TV brasileira utiliza, incorporando as falas ao seu discurso como um todo.

Desse modo, para fins textuais, os discursos são vinculados às perguntas feitas pelos narradores. Todavia, por mais que o narrador queira vincular um tema à fala do atleta, este vive um momento emotivo, de uma experiência do que é a sensação de pertencimento tão propagada pelos valores olímpicos. Para além de uma simples constatação, é importante relacionar os motivos dessa credibilidade ligada ao atleta que está, naquele momento, participando da cerimônia de abertura. Faremos esse exercício na análise da prática social.

É interessante notar a maneira como os textos relativos, direta ou indiretamente, aos valores olímpicos e esportivos – mesmo não sendo produzidos (ou sendo pouco produzidos dessa forma) em momentos em que sua existência não é o foco temático – se vinculam a noções as quais, na visão da Rede Globo, são basilares para a audiência brasileira. Essas vinculações, entretanto, nem sempre estão de total acordo com as proposições dos valores olímpicos e esportivos.

Em alguns momentos da transmissão do desfile dos atletas, a Rede Globo não apenas se referiu textualmente aos valores olímpicos e esportivos, como realizou tal referência para afirmar um antivalor. Destarte, pode-se supor que as ações de referir, de remeter, de citar, de retomar e de mencionar um valor olímpico ou esportivo não são necessariamente ações que corroboram ou que apoiem tais valores.

O que acontece, no decorrer do discurso da rede de TV brasileira, são oscilações,

ora com referências mais engajadas ou concordantes com os valores olímpicos e esportivos, ora com referências mais críticas ou discordantes, mesmo que implícitas, com os mesmos. Citemos, aqui, dois exemplos dessa segunda situação.

GB: Jadel Gregório, que vai participar do salto triplo, ele que é um dos quatro principais, são quatro... seriam quatro, né, os [[que vão]] brigar pelas [três medalhas...

MU: [[É...]]

[[É... e o campeão olímpico, inda bem, o sueco Olson, né, desistiu. Ele voltou a competir... andou machucado, voltou a competir, sentiu o tendão, e é um medalha de/medalhista de ouro em Atenas que não vai participar...

Nesse primeiro exemplo, os narradores tentam fazer um contato telefônico com o atleta Jadel Gregório (considerado, pela imprensa da época, uma “esperança” de medalha nos JO de Pequim). Há um problema técnico na ligação e os comunicadores começam a falar sobre a expectativa esportiva desse atleta para os Jogos de Pequim. Nesse contexto, MU relata que um dos principais concorrentes de Jadel não iria competir, pois havia se machucado. O ponto que chama a atenção na informação dada por MU é a explicitação, mesmo que inconsciente, da face emotiva do repórter quando coloca a expressão “inda bem”, referindo-se à não participação de um forte adversário de Jadel.

Tal expressão tange a esfera da moral na medida em que o “bem” (de “inda bem”) está diretamente ligado ao fato de um outro ser humano ter se machucado e, por isso, não poder realizar sua atividade esportiva. Essa expressão provem exatamente do mesmo comentarista que, como vimos em exemplos anteriores, critica o doping, colocando em cheque tal elemento por ele perturbar a “raiz da credibilidade do esporte”. Essa raiz, como visto no Capítulo 2, tem como alguns de seus componentes o *fair play* e o cavalheirismo, que foram desusados no discurso de MU.

Isso pode ocorrer em meios de comunicação de massa como a TV, já que as coordenadas espaços-temporais da mensagem televisiva dita “ao vivo” devem ficar sob intensa vigilância, para que não haja alteração do propósito desse conteúdo, especialmente quando se trata de casos como a narração televisiva de um evento “extratelevisivo”, onde as ações que são desencadeadas não podem ser controladas nem pelos narradores, nem pelos produtores. Em outros tipos de programas de TV, em que as falas não ocorrem “ao vivo” e onde há um filtro por parte daqueles que estabelecem os propósitos do conteúdo televisivo, uma expressão como essa,

provavelmente, seria cortada, visto os objetivos da mensagem olímpica.

Em um segundo exemplo, os narradores da Rede Globo debatem a possível participação de um atleta paraolímpico nos JO. A discussão é um pouco longa, mas a citação se faz necessária para a compreensão dos usos textuais que são feitos:

MU: [...] ela não tem uma parte da perna e vai competir. Temos também um surdo e mudo no Equador, também, quer dizer, é/a/o atleta sendo bom, ele vai do jeito que der.

PB: Pena que outro... Oscar Pistorius, não conseguiu a qualificação, né.

MU: É... é... ele seria o caso mais extremo, aí. Não tinha as duas pernas, usava uma/uma prótese que[...]

GB: [Duas próteses[...]

MU: [...] duas próteses, no caso, né, que permitia que ele corresse muito rápido, mas era/o índice era quarenta e sete segundos, ele ficou ali na bica e não conseguiu se classificar. Teria sido, sem dúvida uma sensação

GB: Não... e/e/e/e é uma/chega a ser um critério discutível, nesse momento, né.

MU: É...

GB: Uma coisa de/de/de/de milésimo de segundo [...] um espetáculo de superação [...] Seria um dos grandes momentos dos Jogos de Pequim, sem dúvida. [...]

PB: É uma pena que a Federação Internacional de Atletismo tenha criado tantos obstáculos pra participação dele [...]. Não queria dispor um fiscal só pra e/examinar a participação dele. Impediu... e, num primeiro momento chegou a impe/a vetar[...]

GB: [É... queriam/queriam obrigá-lo a participar das Paraolimpíadas, e ele disse: “Não, eu quero participar porque eu/eu/eu/eu tenho condições de correr nesse nível”].

PB: Ê... ê/ê/ê/a a Federação Internacional de Atletismo transformou o que seria uma desvantagem física numa vantagem, né. Só isso já é uma grande conquista dele, né/e/é.

MU: É...

PB: Ter trocado os sinais, com toda/com toda essa história e/e/e quebrado os preconceitos na mente de todas as pessoas.

MU: É... sem querer fazer o papel de advogado do diabo, é claro que uma prótese, por exemplo, que, de certa maneira dá uma impulsão, porque aquilo funciona como uma mola, aquilo pode, talvez não nessa tecnologia, mas numa tecnologia na/pras próximas Olimpíadas, dar uma vantagem pra um atleta desse tipo. E aí, realmente fica complicado. Onde você bota o limite? Na Paraolimpíada já tem esse problema, de você ter que definir/definir as divisões de categorias por causa de qualquer dificuldade que o atleta tenha... isso já é complicado de você discernir. Então, eu não sei se decidiram fazer “bom, então não vamo nem... tem alguma prótese complicada, não dá”.

Nessa conversação, os narradores lançam mão de um vocabulário ligado aos valores românticos do esporte. Quando dizem que a participação de um atleta com deficiência física seria uma “sensação”, um “espetáculo de superação”, um dos “grandes momentos dos Jogos de Pequim” e uma “conquista”, os narradores enfatizam os ideais de autossuperação e de sensação de pertencimento. No

enunciado em que PB diz “É uma pena que a Federação Internacional de Atletismo tenha criado tantos obstáculos pra participação dele [...]”, coloca-se em questão as próprias regras (no sentido literal) do esporte e a própria posição da entidade administrativa formal quanto aos valores enfatizados pelos comunicadores.

Ao mesmo tempo, contudo, eles realizam oposição a outro valor essencial do esporte: a igualdade de oportunidades. O motivo pelo qual a citada Federação teria que colocar um fiscal especialmente para este atleta é que as suas próteses garantiriam ganhos, ao invés de perdas, na performance, caracterizando, assim, um artifício para dar vantagem em relação aos demais. Essa informação só é dada após a discussão mais consensual, não sendo levada em consideração nos discursos anteriores. Mesmo assim, MU relata esse dado com uma “prevenção moral” (MU: “sem querer fazer o papel de advogado do diabo”), dando a entender que, de outro modo, ele poderia ser julgado como injusto.

Com relação aos campos semânticos da narração, durante o desfile dos atletas houve a predominância dos campos “política e esporte”, “senso esportivo” e “nacionalismo”. Os campos “fraternidade”, “internacionalismo”, “esporte e sociedade” e “cultura local” também foram abordados, porém, com pouco destaque e de maneira mais dispersa.

Dos três campos predominantes, o que mais se relaciona com a natureza desse momento da cerimônia de abertura é o sobre “política e esporte”. Três características chamam a atenção na configuração que a Rede Globo dá a esse campo semântico. Em primeiro lugar, os comunicadores estabelecem critérios políticos e econômicos, especialmente, de relações internacionais, para narrarem a entrada de uma determinada delegação. Por vezes, a narração menciona países que possuem alguma relação política ou econômica tensa com a China. Narram-se, também, as entradas de delegações cujos governos atuam como ditaduras ou como qualquer outro tipo de autoritarismo. A segunda característica que destacamos é a menção feita, em alguns casos, da reação do público presente à entrada de determinadas delegações – se o público aplaudiu; se sim, com que intensidade e; qual o significado político dessa reação. Essa menção demonstra uma concordância, por parte da mídia televisiva, com a ideia de os JO serem um evento esportivo que possibilita a demonstração de interesses políticos. Como visto anteriormente, essa

concordância também aparece na primeira parte da cerimônia. O detalhe é que, nas apresentações artístico-culturais, ela se relaciona com uma política específica (a do país anfitrião). A terceira característica desse campo semântico diz respeito ao *link* que é feito entre a disputa político-econômica mundial e a disputa esportiva/olímpica. Os narradores citam os principais países dessa disputa (a China e os EUA) e seu desempenho olímpico, isto é, e a sua classificação no “quadro de medalhas”.<sup>83</sup> A narração discute, nesse contexto, o projeto da China para “vencer” os EUA no quadro de medalhas. Os comunicadores da Rede Globo debatem as possibilidades de isso ocorrer e o que tal fato representaria para os EUA.

O campo semântico “senso esportivo” foi explorado através de falas sobre as realizações atléticas de grandes personalidades do esporte conforme estes desfilavam. Houve, portanto, um destaque para o valor da vitória e da competição. Como já destacamos na análise textual-vocabular, um dos comentaristas em questão também focou sua fala no ponto do “favoritismo”.

As narrativas correspondentes ao campo “nacionalismo” se deram, principalmente, por causa da entrada da delegação brasileira no desfile. Até tal momento, pouca referência nacionalista se fez. Após a referida entrada, os discursos passaram a abranger as possibilidades brasileiras nos Jogos, além dos enunciados (já citados) de cunho mais emotivo – principalmente nas falas dos atletas e ex-atletas convidados a comentarem – sobre a “honra” de carregar a bandeira e de representarem o Brasil nos JO. Destacam-se, nas falas dos narradores, as categorizações identitárias sobre o “ser brasileiro”. O desfile dos atletas foi o momento quando a Rede Globo mais se utilizou do recurso da chamada “câmera exclusiva”. Nesse sentido, algumas vezes, durante o desfile, a imagem mostrada para a audiência brasileira foi a dos atletas do Brasil no meio do campo do estádio – diferindo da imagem oficial dos Jogos, gerada internacionalmente e que sempre mostrava nação por nação entrando no estádio.

A prática discursiva da Rede Globo, durante o desfile dos atletas, além de ser composta pelos campos semânticos citados, também dá peso às características de

<sup>83</sup> A mídia, em geral, e, especialmente, a mídia televisiva são quem legitimam o chamado “quadro de medalhas”, já que o COI não o reconhece.

gênero performativo da cerimônia. O gênero festival é abordado em algumas citações mais abstratas em relação à “reunião” e à “celebração” dos atletas do mundo inteiro.

Nesse âmbito, o mais pertinente para a nossa pesquisa é a tensão discursiva que se instaura entre os gêneros espetáculo e ritual. Tal tensão acaba por revelar-se integrante de uma oposição ainda maior: entre continuidade e mudança.

O narrador central da Rede Globo, a partir de um certo momento no desfile dos atletas, começa uma discussão sobre o tempo, segundo ele, exagerado que se gasta com tal desfile:

GB: A cerimônia de abertura começou precisamente às oito horas da noite, o horário aqui de Pequim, nove horas da manhã, horário oficial de Brasília, e nós vamos já nos aproximando das onze da noite aqui, meio-dia em Brasília, vamos já pra três horas de festa. Tivemos toda aquela festa... e volta a mesma discussão de sempre, será que não existe um formato de contemplar os atletas, mas diminuir um pouco o tempo do desfile das delegações? Porque nós tivemos uma hora de *show* num ritmo absolutamente fantástico. Então, eu fico falando como homem de televisão, como uma pessoa de comunicação com o público medido em milhões e milhões de pessoas. [...] E nós tivemos uma hora de festa e já vamos pra duas horas de desfile. E quanto mais países se apresentam pros Jogos, quanto mais atletas se apresentam pros Jogos... e todo mundo fica feliz e satisfeito com o aumento do número de países e número de atletas... mas aumenta o tempo do desfile, que impede muitos atletas de virem ao desfile. A Sandra que tá aqui conosco, participou de três Olimpíadas, veio uma vez só, pra ser porta-bandeira. O Oscar participou de cinco Olimpíadas, veio uma vez só, porque as outras quatro... não foi porta-bandeira porque tinha que se poupar pra um jogo. E como nós tamos vendo os atletas lá na Vila Olímpica. O tempo passa, as cerimônias se repetem, os/os ciclos de quatro anos, e não se chega a um formato que possa diminuir um pouquinho esse tempo de apresentação das delegações. É um grande barato pros atletas, mas um tempo excessivo de exposição de televisão pro mundo inteiro.

Nessa fala, GB se posiciona claramente em favor do caráter espetacular da cerimônia. Esse traço está diretamente ligado à primeira parte da cerimônia (as apresentações artístico-culturais de celebração da cultura local). Alguns operadores argumentativos expressam essa ideia, como “Tivemos **toda** aquela festa [...]” e “[...] nós tivemos uma hora de **show** num ritmo **absolutamente** fantástico”. A característica valorizada pelo locutor é o “ritmo” do espetáculo. Já o ritual do desfile, na visão do mesmo, tem a sua importância, sendo, porém, necessária uma mudança: a diminuição do tempo de duração. Percebe-se, pelo discurso do locutor, que essa necessidade específica surge por causa de uma outra necessidade, de caráter mais geral, qual seja, a adaptação dos JO e da cerimônia de abertura ao

formato televisivo.

Para legitimar seu argumento, o narrador se identifica não apenas como um profissional, mas como um bom profissional, já que se considera um “homem de televisão”, com o público medido em “milhões e milhões de pessoas”, uma vez que “ser bom” em televisão significa ter uma grande audiência. Com isso, GB realiza em seu discurso ações mais propositivas, isto é, ações de formar opinião. Como a mudança proposta é bastante significativa, o narrador não a diz em qualquer momento e nem de qualquer forma. O contexto da prática discursiva deste próprio narrador em outras transmissões esportivas auxilia a compreensão desse processo: em termos gerais, GB é considerado um comunicador excêntrico, emotivo e, de fato, atraidor de uma grande audiência.

Desse modo, GB parece agregar em seu discurso um conhecimento importante para escolher a melhor forma de dizer sua ideia: ele sabe que seu discurso é ouvido por muitos e que sua audiência é diversa. O narrador cita, então, casos de atletas que ficam “de fora” do desfile devido a sua longa duração – informação que auxilia a identificação do público com o problema. Frisemos aqui: para o narrador, o problema se referia, inicialmente, à incompatibilidade do tempo ao formato televisivo e não ao desgaste físico dos atletas. Posteriormente, GB muda o argumento no sentido de focar esse desgaste. É esse câmbio, portanto, que revela a agregação do conhecimento citado acima.

O argumento de GB começa, assim, a ser marcado pelo estado dos atletas que desfilam. Como a “condição” do atleta auxilia na identificação com a audiência, a produção exhibe imagens da câmera exclusiva, as quais mostram os atletas brasileiros no centro do campo, sendo que alguns mostram uma expressão de cansaço. O locutor logo diz:

GB: Olha só, eu vou mostrar/eu vou mostrar pra vocês... a câmera exclusiva da Globo, como se encontra, nesse momento, a Delegação Brasileira que nós vimos agora pouco com aquela animação toda. Olha só... tá todo mundo sentado porque, como disse o Oscar, oito horas em pé. Tem gente que daqui dois dias... o time de vôlei, daqui dois dias, tem que jogar. Então, é/é uma coisa complicada.

O narrador, contudo, se vê diante de uma situação, talvez, não prevista por ele. Ao “jogar” o problema para debate com os comentaristas (inclusive com os dois ex-



atletas contratados para comentar), GB recebe respostas interessantes:

GB: A Sandra que tá aqui me ouvindo, que participou uma vez, e que tem duas medalhas olímpicas e tem todo... toda a condição de/de falar sobre isso. É um grande barato, né Sandra, mas demora demais, né?

SP: É, Galvão. Realmente é cansativo, né? Pra quem joga no dia seguinte fica difícil participar. Eu, em Atlanta, não desfilei. A Jackie falou: “Não, Sandra, cansa muito. Não vamos”. E eu segui a orientação dela. Então, realmente é difícil pra quem joga no dia seguinte. E vai aumentando o número, né, de participa/de participantes, então, de atletas, né, as de/a delegação vai aumentando e fica cada vez mais gente e mais demorado. Mas é/é cansativo, mas é muito bacana participar. Depois, você acaba arrependendo quando não participa.

Na resposta de SP há, inicialmente, uma concordância. No final de sua fala, porém, é realizada uma ação discursiva adversativa (uma “contra-argumentação”). Como experiência, segundo a ex-atleta, é válida a participação, por mais cansativo que seja o desfile.

O interessante dessa discussão é que o narrador principal não a encerra, como é feito, costumeiramente, nos debates televisivos, quando um assunto se delonga. Ao perceber que SP não concordou plenamente com ele, GB lança o problema para outro comentarista:

GB: Mas o assunto, Oscar, era: você se arrependeu de não ter participado, mas você mesmo disse que são oito horas em pé, e a gente mostrava ali a Delegação Brasileira, todo mundo já cansado, sentado. À medida que crescem os Jogos, o número dos atletas, cresce também o desfile. Tivemos uma hora de *show* e já temos duas horas de desfile. É um grande barato pros atletas, né, mas podia ser um pouquinho mais curto, né.

OS: Deveria, Galvão. Isso é um massacre pro físico. Oito horas você perde num desfile desse. Mas, ao mesmo tempo, é uma chance só que você tem de levar a bandeira. Eu tive a chance, eu ia levar a bandeira, e me arrependo, porque eu gostaria muito de tá cansado, ninguém lembra se eu ganhei ou perdi o jogo, mas vão lembrar se eu levei a bandeira.

Mais uma vez, a resposta não vem em total concordância com GB e, mais uma vez, este continua o assunto na tentativa de afirmar sua ideia, tendo, dessa vez, uma resposta de caráter mais subjetivo e “duro”, não prevista pelo próprio formato televisivo:

GB: Mas Oscar, cê tava falando, mas, a cada ano fica mais longo, né. E não é... digamos assim, é muito bonito... é/é... mas não é, assim, um espetáculo de/de ritmo, como é o *show* antes e a expectativa que se está agora em torno como/de onde vai vir a Pira Olímpica, quem vai acender a Pira Olímpica, todas essas coisas.

OS: A sugestão seria diminuir o tamanho das equipes. Fazer um número fixo pra todas as equipes[...]

GB: [Talvez[...]

OS: [...] seria uma boa sugestão... ãh... iria muito mais rápido, né. A equipe americana tomou o campo todo, por exemplo. Mas num... cada um tem que ser livre pra fazer o que quiser. Numa Olimpíada, impor regra demais pra um atleta, não é muito bom. Eu me arrependo. Eu gostaria de ter levado a bandeira do Brasil e ter ficado porque ninguém lembrou quem ganhou o jogo. Mas se eu tivesse levado a bandeira, todo mundo ia lembrar que eu levei a bandeira.

Nesse diálogo, GB tenta completar sua ideia no meio da fala de OS. Como este último continuou seu argumento, GB decide esperar para complementar o seu “Talvez” após a fala de OS. O que acontece, contudo, é o encerramento (temporário) da questão. Depois da fala de OS, GB muda o assunto e continua sua narração das delegações que estão entrando.

A ênfase de GB nessa mudança mostra como a própria TV tem consciência de sua influência no formato olímpico e como essa instituição midiática realiza enquadres de conteúdos mais ligados ao gênero performativo do espetáculo.

Por causa dessa consciência, a TV tem uma atuação forte na própria dinâmica social dos valores olímpicos. Como vimos no Capítulo 3, o desenvolvimento da cerimônia de abertura como espetáculo foi, em parte, influenciado pela TV. Vimos ainda, que, na estrutura da ramificação performativa dos JO, o espetáculo, por vezes, coloca-se em oposição ao festival e ao ritual (estes sendo outorgados pelo MO). Como MacAloon (1984b) afirma, essa oposição não necessariamente rebaixa os valores olímpicos, visto que o espetáculo pode atuar como dispositivo recrutador e a audiência pode se surpreender com tais valores quando em contato com os JO. O problema, aí, é que a audiência a que se refere MacAloon é o público presente no estádio e não a audiência televisiva.

Visto isso, podemos colocar a seguinte questão: é possível (e seria desejável) que o mesmo ocorresse com a audiência televisiva? A partir da abordagem de nosso estudo, respondemos que essa possibilidade é viável. Contudo, essa ocorrência é diretamente dependente do modo como as redes de TV produzem a narração da cerimônia de abertura. Se, como vimos, um dos objetivos da Globo era a educação de sua audiência nos valores olímpicos, independentemente de seus propósitos comerciais (que, como é sabido, também são considerados), a forma como GB se expressou, nesse momento do desfile, talvez não tenha contribuído da melhor maneira pra tal objetivo.

Um dos propósitos últimos do MO é, exatamente, o que Pierre de Coubertin denominou “verdadeiro internacionalismo”. Com isso, visto que nem todos os países possuem atletas em todas as modalidades e nem todos conseguem, ao menos, ser vistos durante as competições, o momento do desfile é, em sua quintessência, separado para a reunião de “todas as nações”. Olhando esse momento por um outro ângulo, pode-se levantar uma segunda questão: baseados na análise social desenvolvida por Bauman (2001), essa “reunião” não teria se tornado uma comunidade de guarda casacos?<sup>84</sup>

Sob o ponto de vista do evento social em si, isto é, da cerimônia de abertura, não é possível, aqui, dar uma resposta pontual, já que o foco de nosso trabalho não é esse evento. Para essa perspectiva, são necessários novos estudos que levem em consideração as ideias de modernidade líquida, de Bauman. Adianta-se, neste trabalho, apenas um dado: as ideias e sugestões sobre a diminuição do desfile chegaram ao COI e ao MO. Tais instituições, no entanto, não abriram mão do desfile no formato atual.

Sob o ponto de vista da prática discursiva da narração do desfile dos atletas, a Rede Globo aborda os valores de maneira específica e propositiva em poucos momentos. Mesmo que nesses momentos os discursos sejam em prol dos valores, em outras ocasiões eles atuam com falas mais oscilantes. A discussão sobre a duração do desfile é mais longa do que qualquer momento propositivo em que os valores olímpicos são colocados em foco pela Rede Globo. Desse modo, por nossa análise, a visão de, pelo menos, um dos locutores aponta para o caráter de “falsa” comunidade, importando mais o ritmo do espetáculo do que a reunião simbólica no palco.

Paradoxalmente, os discursos que “discordam” desse narrador acabam afirmando o oposto: a importância desse momento. Assim, o espetáculo, segundo as falas dos ex-atletas, funcionou como dispositivo recrutador, auxiliando-os a fazerem parte das ideias mais ligadas ao festival e ao ritual.

No entanto, outros discursos promovem atuações mais voltadas para a estética do

---

<sup>84</sup> Note-se que essa questão também é levantada na análise da primeira parte da cerimônia.

consumo. Em uma ocasião, durante o desfile, a relação entre a TV e os JO é explicitada pelos narradores, sendo que um deles (PB) faz questão de citar um discurso direto de um atleta participante dos Jogos:

MU: [...] a natação que mudou os horários, né. É... vai ser a noite as eliminatórias... a ma/as finais serão durante as manhãs por conta da televisão americana que impôs isso.  
 GB: Eles... eles[...]  
 MU: [Ninguém tá muito feliz com isso não[...]  
 GB: [Não[...  
 MU: [Nem os americanos[...  
 GB: [É... os/os americanos tão[...  
 MU: [Os atletas não estão.  
 GB: Eles inverteram... porque sempre a natação teve as eliminatórias de manhã e as finais a noite, no horário nobre do local. Então, em função da força da natação dos Estados Unidos, o Michael Phelps, especialmente, e a/a/a tarefa dele de tentar oito medalhas, eles acabaram fazendo a natação... as finais de dia aqui, que cai no chamado *prime time* [...]. o ho/o horário nobre dos Estados Unidos. E a natação, então, será de dia aqui... o que é bom pra nós, na madru/que cai na madrugada olímpica nossa.  
 PB: [...] Galvão, só completando [...] [a] história dos horários da natação, o Michael Phelps disse o seguinte: “Gente, estamos nas Olimpíadas, quem não precisar acordar cedo, fica em casa”.

Citamos a discussão sobre a mudança de horários apenas para contextualizar a fala em foco. A princípio, os narradores não se posicionam em relação à mudança (apenas citam “reclamações” dos atletas). O destaque, então, fica no discurso de PB. Ele tenta vincular os “valores” de Michael Phelps (nadador norte-americano) ao ideal de autossuperação, de dever e de senso religioso. Sabe-se que o discurso não é de PB. No entanto, sua citação tem um papel determinante na mensagem: a mudança em questão é realizada a partir de uma ótica em que a estética do consumo tem mais peso do que o valor da tradição e, até mesmo, da excelência – já que os horários das finais da natação eram realizados à tarde, visando uma melhor performance dos atletas. O principal ponto argumentativo desse discurso, a nosso ver, é a tarefa da individualização, a qual Phelps corrobora: mesmo sendo um problema que diz respeito aos atletas (no plural). Quando diz “[...] quem não precisar acordar cedo, fica em casa [...]”, a fala citada por PB lança a responsabilidade sobre o atleta (no singular), isto é, para o indivíduo. Como já mencionamos, essa fala está inserida em um contexto social mais amplo, onde, por mais líquido que seja, seu sistema econômico é rígido. Com isso, não há como culpabilizar diretamente qualquer sujeito desse discurso (seja o atleta norte-americano, seja PB).

### 5.3 A NARRAÇÃO TELEVISIVA DOS RITUAIS OLÍMPICOS E DA CULMINAÇÃO FINAL DO ESPETÁCULO

Dado o contexto das discussões sobre a duração do desfile dos atletas, a narração do restante do cerimonial e da culminação final do espetáculo possui alguns traços interessantes para nossa pesquisa. Essa parte da cerimônia tem um papel mais restrito às solenidades, aos rituais e a outros valores mais específicos, que não apenas os ideais de internacionalismo, paz e entendimento, tão enfatizado no desfile dos atletas. Ao todo, são sete momentos ou sete “sub-rituais” que compõem essa parte da cerimônia.<sup>85</sup> Como o narrador principal já havia se posicionado, anteriormente, sobre a longa duração do desfile, nesta parte, ele (que é quem direciona as falas e quem administra a narração como um todo) enfatiza a excitação da expectativa em torno de quem acenderá a pira olímpica, ação que, segundo GB, é o próximo momento importante da cerimônia.

No que diz respeito às categorias textuais e vocabulares, nesse momento da cerimônia, não há menções propositivas dos valores olímpicos por parte dos narradores. No entanto, ocorrem menções aos valores olímpicos e esportivos em falas em que a temática principal se refere a outros elementos. Um exemplo retrata bem esse traço. Durante a “volta olímpica” dada “no ar” pelo ex-atleta<sup>86</sup> que acendeu a pira olímpica (esse ex-atleta foi suspenso por cabos de aço ligados a uma estrutura motorizada na parte superior do estádio, sendo que, na medida em que a estrutura o movimentava, um “telão” que estava em segundo plano mostrava imagens de pessoas praticando esporte),<sup>87</sup> os narradores fazem os seguintes comentários:

MU: E esse pergaminho se desenrola ao longo do es/em volta do estádio mostrando imagens, nos telões, de esportes por todos os lugares do mundo.  
GB: Espetacular, como foi a festa da cerimônia, como foi a festa contando a

<sup>85</sup> Cf. QUADRO 6.

<sup>86</sup> O ex-atleta do qual se fala é um ginasta chinês aposentado chamado Li Ning.

<sup>87</sup> Cf. FIGURA 1, especialmente o detalhe no plano distanciado.

história da China. Ele vai dar a volta inteira no estádio. Vivendo o sonho dele [...] ou revivendo os grandes momentos de glória. [...] Só mesmo um ginasta da grandeza do/do/do Li Ning pra conseguir essa [...] já que nós falamos tanto/falamos tanto em harmonia durante toda a festa, essa harmonia de gestos durante esse tempo todo, pendurado lá no alto do estádio. [...]

MU: É incrível o símbolo do fogo com que... as sociedades primitivas, adoradores de fogo... ((rindo)) seria uma coisa incrível. Mas é a altíssima tecnologia pra produzir um espetáculo que remeta a uma coisa muito primitiva no homem, né.

Quando destaca as imagens do “telão”, MU se remete ao valor do universalismo – o esporte pode ser praticado por qualquer pessoa. Essa fala possui um traço descritivo, fazendo com que a autoria do discurso seja mais relacionada aos organizadores da cerimônia em si do que ao comentarista. Todavia, não podemos deixar de falar que a presença da descrição é uma escolha dos narradores.

Na fala acima, o narrador principal enfatiza o caráter espetacular e festivo da cerimônia, além de mencionar a ideia de “harmonia”. Em seu discurso, essa ideia está bastante vinculada ao esporte, visto que o narrador coloca o atleta (no caso, o ex-atleta Li Ning) como possuidor de “algo a mais” em sua vida: a capacidade equilibrada de realizar movimentos tão harmônicos.

Ainda nesse fragmento, MU se refere ao senso religioso e ritualístico da cerimônia quando diz que o fogo (elemento presente na tocha e na pira olímpicas) remete a algo “primitivo”, a algo “da época dos adoradores”. Nesse ponto, o comentarista faz uma observação interessante: ele visualiza a “condensação” como caráter dos JO, isto é, existe a faceta mais tradicional, quase religiosa dos Jogos, ao mesmo tempo em que o traço estético e tecnológico é permitido e “chama” a atenção da audiência.

A Rede Globo também não deixa de citar (a partir de uma tradução) os discursos e juramentos realizados (os quais possuem uma especificidade bastante marcada quanto aos valores olímpicos e esportivos). Com relação a isso, pode ser feita uma análise similar ao que foi citado anteriormente no caso das imagens mostrando o esporte em todo lugar. A produção televisiva faz a escolha de mencionar esses discursos, o que é um ato mínimo em direção ao foco do ritual e dos valores relacionados ao mesmo. Após as citações, entretanto, não existem comentários ou discussões sobre tais discursos (salvo no juramento, quando um comentarista diz que a parte do texto sobre o doping foi adicionada posteriormente ao surgimento

desse ritual). Como exemplo dessas citações diretas, trazemos o seguinte fragmento:

GB: Tivemos, então, o discurso do Liu Qi, presidente do Comitê Organizador dos Jogos, e vamos, agora, ao discurso do Jacques Rogge, deve fazer em francês, é a língua mãe dele, e a língua oficial do Comitê.

PB: Inglês...

GB: Em inglês...

MU: É... em Atenas ele fez parte em inglês e parte em francês. Mas, realmente, mais gente tá a vontade com o inglês, né. Ele... “Por um longo tempo a Chi/a China sonhou de abrir suas portas e convidar atletas do mundo à Pequim para os Jogos Olímpicos. Essa noite, esse sonho vira realidade. Congratulações, Pequim”. ((O público aplaude intensa e vigorosamente em um pico de som. Na próxima frase, o presidente do Comitê Olímpico Internacional repete a última, porém, em chinês, e é ainda mais aplaudido)).

PB: Ele, agora, [falou em chinês...

MU: [Chinês... ((rindo)). “Vocês escolheram como tema desses Jogos, ‘Um mundo, Um sonho’, isso é o que nós somos esta noite. Como um mundo unido, nós sofremos por vocês pelo trágico terremoto na província de Sichuan. Nos tocamos muito pela grande coragem e solidariedade do povo chinês. Como um sonho, que esses Jogos Olímpicos tragam pra vocês alegria, esperança e orgulho. Atletas, os Jogos foram criados pra vocês pelo nosso fundador, Pierre de Coubertin. Os Jogos são de vocês. Que esses sejam os Jogos dos atletas... todos unidos. ((Neste ponto, Marcos Uchôa comete um equívoco na tradução da fala de Jacques Rogge. Este último fala em inglês e de maneira clara: ‘*heve fun!*’, que, em português, significa ‘divirtam-se’. O comentarista da Globo, porém, traduz a expressão por ‘todos unidos’)). Lembrem-se que isso... os Jogos são muito mais do que apenas performances, é também pela união pacífica de duzentos e quatro Comitês Olímpicos Internais/é.../Nacionais. Ape/independente da origem étnica, do sexo, da religião e do sistema político. Por favor compitam no espírito dos valores das Olimpíadas, com excelência, com amizade e com respeito. Queridos atletas, lembrem-se de que vocês são modelos para a juventude do mundo. Rejeitem o doping. Façam-nos orgulhosos das suas conquistas e da sua conduta”. Agora ele passa pro francês... e a mesma frase: “lembrem-se que vocês são modelos para a juventude do mundo, nos façam orgulhosos das suas conquistas e do seu comportamento”. Agora voltando pra o inglês... “Voltando, agora, para o sonho olímpico que nós trazíamos para a vida, nossas calorosas agradecimentos para o Comitê Olímpico de/é/de Pequim, pelo seu trabalho os nossos agradecimentos. Para os milhares de voluntários, sem o trabalho dos quais, nada disso seria possível. *Beijing*, ou Pequim, vocês são anfitriões do presente e o portal para o futuro. Obrigado”. Agora ele chama o presidente da República da China, o Hu Jintao, para declarar os Jogos abertos.

GB: E aí, portanto, o presidente da China. Da República Popular da China, Hu Jintao.

Note-se a referência explícita e direta aos valores olímpicos pelo presidente do COI. Os narradores da Rede Globo, logo após o discurso, seguem com a narração do restante da cerimônia e não fazem nenhum comentário ou explicação posterior relativo à fala desse oficial do COI.

No que tange aos campos semânticos, a prática discursiva no restante dos rituais e

na culminação final do espetáculo, enfatiza os campos “esporte e sociedade”, “cultura local” e “fraternidade”, com referências secundárias aos campos “internacionalismo”, “política e esporte” e “senso esportivo”. A ênfase nos campos “esporte e sociedade” e “cultura local” mostra-se, principalmente, na narração de “histórias” de “personagens” relacionados aos rituais como, por exemplo, os nomes, os esportes e os dramas dos ex-atletas chineses que entraram carregando a bandeira olímpica, além dos nomes e da significância dos portadores da tocha que entraram no ginásio. O campo semântico “fraternidade” é utilizado não apenas na produção textual dos narradores, mas também nos discursos oficiais e no próprio conteúdo de um dos segmentos dessa parte – o ritual dos pombos, que, por si só, simboliza o entendimento e a paz.

Nessa parte da cerimônia, os gêneros performativos priorizados pelos narradores são o espetáculo e o ritual. O gênero do ritual é focalizado de forma mais descritiva, enquanto que o gênero do espetáculo, em termos gerais, é destacado através da incitação à expectativa quanto ao modo como se iria acender a pira olímpica e quanto a quem iria fazê-lo. Como discutimos no Capítulo 3, os diversos momentos da cerimônia de abertura não podem se caracterizar com mais de um gênero simultaneamente. No destaque realizado pela rede de TV brasileira há uma priorização da faceta espetacular na narração do acendimento da pira olímpica, mesmo esse acontecimento protocolar possuindo uma faceta também ritualística (que, aliás, é o seu caráter básico).

Nas falas em que o ritual é citado, isso ocorre de maneira mais pontual, com marcas discursivas menos explícitas, como, por exemplo, na frase “[...] isso também é uma praxe em todas as cerimônias olímpicas [...]” (GB) ou em “Mas é tudo um ritual... em todas as cerimônias de abertura [...]” (GB).

Essas referências mais pontuais ao ritual acabam contrastando com o valor que o narrador principal da Rede Globo imprimiu ao caráter espetacular. Na despedida da narração, esse narrador se remete, uma última vez, à crítica que havia feito anteriormente sobre a duração do desfile dos atletas. Dessa vez, porém, ele comenta a delonga de uma maneira mais branda:

GB: E até o dia vinte e quatro, ela estará aí, ardendo sempre do alto do



Ninho do Pássaro, marcando a presença dos Jogos da Vigésima Nona Olimpíada da era/moderna. Até o encerramento, nesse mesmo estádio no dia vinte e quatro de agosto. Bateram o recorde: são quatro horas de cerimônia de abertura. Mais um recorde batido pelos chineses. Quatro horas do momento de partida da cerimônia de abertura.

Esse comentário possui uma intertextualidade com enunciados produzidos logo no princípio da transmissão da Rede Globo, quando GB fala de um “recorde” que os chineses têm – o recorde de habitantes. Após esse comentário, GB faz a despedida (“convocando” a audiência a “se ligar” na Globo para assistir aos JO) e a Rede Globo encerra sua transmissão, indo ao ar apenas quatro minutos da culminação final do espetáculo. Com isso, pode-se supor que, mesmo com a continuação do evento social, o canal brasileiro de TV priorizou o restante de sua programação, já que o conteúdo olímpico estava há muito tempo no ar.

Em relação ao contexto social mais amplo, a narração desta parte da cerimônia pode ser submetida às mesmas questões que fizemos na análise da parte anterior. Além disso, a narração desses rituais nos permite fazer algumas relações interessantes. Tanto o modo como o comunicador principal da Rede Globo narrou essa parte mais ritualística quanto a descrição que ele fez do desfile dos atletas (como “sem ritmo”) nos permitem corroborar a conceituação feita por MacAloon (1984b) sobre o festival, sobre o ritual e sobre o espetáculo. Para esse autor, o festival e o ritual possuem um caráter mais fechado – as ações que ocorrem são, geralmente, tradicionais e sabe-se o que vai acontecer. Em certo sentido, esses gêneros são mais ligados aos ideais da modernidade sólida, descrita por Bauman (2001), pois essa modernidade (por maior que fosse sua vontade de quebrar a tradição) objetivava a construção de novos sólidos (que durassem e que fossem previsíveis). Já o “ritmo”, sobre o qual GB tanto fala, do espetáculo, possibilita um traço mais aberto – não se sabe o que vai acontecer em um espetáculo e, o mais importante para nós, de um momento para o outro, toda a configuração do espetáculo pode se alterar (na verdade, a tendência é que se altere). Com isso, pode-se dizer que o gênero do espetáculo abrange, em grande medida, os traços da modernidade líquida, visto que essa não consegue manter a forma e está em constante alteração. É pertinente destacar que o espetáculo não é “líquido” em si, mas sim que possibilita aos traços da liquidez serem explicitados. Se essas relações têm algum sentido, o discurso da Rede Globo, durante a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008, então, atua, alegadamente, na esfera social, no sentido de

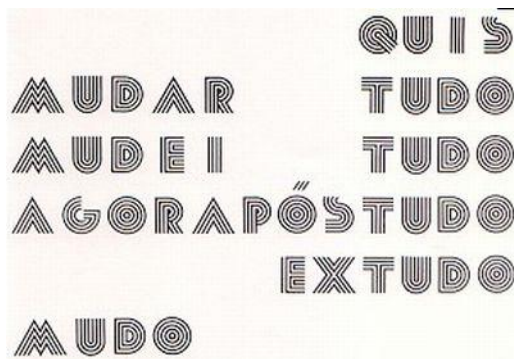
processar alguns mecanismos da chamada modernidade líquida. Não apenas pela estética do consumo, mas pela própria visão diante do que “não tem ritmo”.

Se o desfile dos atletas e o restante dos rituais olímpicos não funcionam como dispositivo recrutador (como funcionam as apresentações artístico-culturais), isso acontece não apenas porque a sociedade moderno-líquida não se interessa por esses conteúdos “sólidos”, mas também porque ela está inserida em um processo social complexo, onde um meio de comunicação como a TV (que, em geral, se coloca-se, “necessariamente”, no “jogo” do “sistema” – a nova superestrutura econômica) tem um papel formador bastante forte.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

*Cada época sonha a seguinte sob a forma de imagens em que o arcaico, impregnando-se do novo, gera a utopia.*

Walter Benjamin



Poema de Augusto dos Campos

Começamos nosso trabalho colocando uma problemática bastante complexa, a qual envolve processos dos mais variados tipos. A mensagem referente aos valores olímpicos e esportivos, como visto, surgiu a partir de contextos que, por si só, eram paradoxais.

Na medida em que a história do esporte e dos JO se cruza com as histórias da mídia, em especial, da mídia televisiva, e da Modernidade, a complexidade dos fenômenos se torna ainda maior. No contexto dessas relações, enfocamos, em nossa pesquisa, as questões relativas às interfaces entre o desenvolvimento social, o desenvolvimento olímpico e esportivo e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Realizamos esse enfoque através de uma ótica dialética, levando em consideração as ações e reações de cada esfera estudada.

Quando identificamos as mudanças no âmbito social, o desafio era apreender como tais mudanças puderam ser percebidas no âmbito olímpico e qual o papel da mídia televisiva nessa relação. Não abordamos apenas as mudanças mais “teóricas”, mas observamos, também, as alterações nos costumes e práticas simbólicas e rituais dos JO.

Nesse sentido, desenvolvemos essa seção em três submomentos distintos: primeiramente, discutiremos as possíveis respostas e/ou conclusões às questões colocadas no início do trabalho; em segundo lugar, analisaremos brevemente o

percurso da pesquisa no que diz respeito aos objetivos colocados e; por último, faremos alguns comentários propositivos sobre a realização de nosso trabalho e sobre possíveis recomendações que se possam fazer a partir do mesmo.

No início de nossa caminhada, apresentamos como questão principal a seguinte pergunta: como uma rede brasileira de TV (a Rede Globo) constrói, apresenta e traduz sentidos sobre valores no/do esporte e sobre valores olímpicos na transmissão da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008?

Feita a análise dos dados, pudemos observar que, em relação ao tamanho do evento e ao tempo dedicado ao mesmo, a Rede Globo pouco menciona os valores do olimpismo diretamente, além de fazer um número relativamente escasso de alusões indiretas ou subtemáticas (isto é, falando sobre outros temas principais e abordando apenas secundariamente os valores olímpicos/esportivos) aos mesmos. No que diz respeito a essas observações, são necessárias, aqui, três considerações importantes para esclarecer esse “modo de narrar” da Rede Globo.

Em primeiro lugar, a pouca referência direta e propositiva aos valores apresenta também uma característica interna de discurso indireto. Expliquemos: no texto que compõe o nosso *corpus* há poucas menções e/ou comentários cujos conteúdos abordam diretamente a temática dos valores olímpicos; além disso, quando esses escassos conteúdos são expressos, as vozes e os sujeitos que os enunciam são, em grande parte, não dos narradores institucionais da Rede Globo, mas de comentaristas (que são, em sua maioria, ex-atletas), de atletas participantes e de pessoas envolvidas diretamente com o evento (presidente do COI e do COJO).

Essa característica nos leva à conclusão de que os valores do olimpismo e os valores esportivos, quando são utilizados nos enunciados estudados, não têm uma ação propositiva advinda da emissora. Isso significa que poucos momentos da narração da cerimônia de abertura – que é um evento essencialmente para celebração dos valores olímpicos – abordam os valores com o propósito específico ou com o objetivo particular e exclusivo de passá-los a ou de trabalhá-los com a audiência televisiva brasileira. Tal ideia se dá por causa do argumento colocado anteriormente: em mais de quatro horas de transmissão televisiva, os narradores da rede de TV em questão abordaram relativamente pouco os valores olímpicos e os

valores esportivos; quando esse “pouco” foi expressado no discurso estudado, em grande medida ele veio não dos próprios narradores mais ligados à Rede Globo, mas de vozes de atores sociais as quais esses profissionais (e também os produtores da Rede Globo) não podiam prever quais conteúdos e quais abordagens ocorreriam.

Tal constatação nos faz refletir sobre o discurso televisivo da Rede Globo na cerimônia de abertura de Pequim-2008 ter um traço predominantemente **incidental** no que diz respeito à narração de valores olímpicos e esportivos, pois se boa parte desse “pouco” de referência aos citados valores adveio não de momentos propostos pelos narradores, mas sim de falas imprevisíveis de comentaristas convidados e/ou participantes dos evento, poderia ocorrer de esse “pouco” ser ainda menor, caso tais sujeitos não se remetessem aos valores olímpicos e esportivos por conta própria.

Em segundo lugar, colocamos sob observação o fato de que esse modo de narrar da Rede Globo, em alguns aspectos (ou, pelo menos, em seus pontos principais) não condiz com o “projeto” da Rede Globo citado através de Luiz Fernando Lima da Silva (SILVA, 1999). Veremos, adiante, a identificação/listagem concisa dos valores os quais são narrados no discurso televisivo da Rede Globo durante a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008. Nesse momento, todavia, nos desperta o interesse o fato de termos identificado em nossa análise que tal discurso chega a mencionar antivalores em relação ao olimpismo e ao senso esportivo.

Se, como vimos, o projeto da rede de TV em questão era educar seus profissionais e sua audiência no sentido dos valores olímpicos, vemos, nesse processo, duas possibilidades: ou tal projeto não funcionou plenamente ou ele foi abandonado pelos diretores da Rede Globo. Não deixamos de considerar, ainda, a malha de variáveis relacionadas a tal projeto sobre a qual o discurso estudado se coloca. Ao mesmo tempo em que observamos alguns antivalores em nossos dados, vemos também que existem outras ações no sentido de dar maior visibilidade (crescimento da audiência) ou importância à transmissão da cerimônia de abertura – o manejo de repórteres referências da rede de TV; a colocação do principal locutor esportivo da mesma para a transmissão; a transmissão sem cortes e/ou propagandas; a transmissão sem *delay* etc.

Em terceiro lugar, gostaríamos de ressaltar que, ainda na introdução do presente trabalho, logo após a questão central do mesmo, colocamos algumas questões derivadas e mais específicas: que valores (ligados ao esporte, ao olimpismo e à espetacularização destes) a mídia televisiva brasileira constrói ao narrar a cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008? E ainda: no interior do processo das construções das narrativas, como se configura o embate entre continuidade e mudança que perpassa pela história dos JO, do COI e da própria cerimônia de abertura? Com essa última questão, tentamos discutir como as mudanças sociais mais amplas (contextualizadas, contemporaneamente, na modernidade líquida) são refletidas nas narrativas de um meio de comunicação (TV) que é elemento **cotidiano** importante para tais mudanças (tendência à espetacularização e mercantilização) sendo que essas narrativas contam histórias relacionadas a uma ideologia (olímpica) de valores baseados em certas tradições (não sem tensões) e expressas em um evento **não cotidiano** (o ritual da cerimônia de abertura) de performance cultural. Novamente, a abordagem dos dados, bem como o referencial teóricos, nos auxiliam a esboçar algumas respostas a essas questões derivadas.

Em se tratando da primeira questão derivada, ficamos, ao elaborar a resposta, com um dilema interessante para o nosso tipo de pesquisa. Como dito, um dos modos de narrar que identificamos foi o traço incidental com relação aos valores olímpicos. Diante dessa constatação, como listar e/ou identificar os valores contidos no discurso? Levando-se em conta apenas os casos em que os valores são referidos mais explícita e propositivamente ou considerando todos os casos? Vimos em nossa análise que mesmo não sendo uma ação efetivamente propositiva em relação aos valores olímpicos e esportivos, o discurso da Rede Globo como um todo, tange tais valores e em muitos casos, mesmo que acessoriamente, os discutem. Por isso vemo-nos diante da opção de afirmar que foi possível identificar a presença da maioria dos valores olímpicos e esportivos na narração televisiva da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008. A maneira como tais valores são referidos não abrange uma exposição textual objetiva e específica, isto é, são poucos os momentos da narração estudada em que os narradores separam uma ocasião discursiva para falarem específica e propositalmente sobre os valores olímpicos e esportivos (ver QUADRO 7).

<b>Parte da Cerimônia de abertura</b>	<b>Fala propositiva sobre valores olímpicos e esportivos</b>
Pré- <i>show</i> e apresentações artístico-culturais	GB em diálogo com MU sobre a utopia dos JO trazerem entendimento e paz
Desfile dos atletas	MU em diálogo com GB sobre as expectativas da parte esportiva dos JO. Destaque para os dramas esportivos e para a garra dos atletas
Desfile dos atletas	SP em diálogo com GB logo após a entrada da delegação brasileira no desfile. Destaque para a beleza e para união, inerentes ao esporte
Desfile dos atletas	OS em diálogo com GB sobre os traços de uma Olimpíada: tempo/espço perfeito, onde há respeito e paz

**QUADRO 7 – RESUMO DAS FALAS PROPOSITIVAS SOBRE VALORES OLÍMPICOS E ESPORTIVOS**

Além disso, os termos identificados na narração são mais ligados ao caráter espetacular dos Jogos, especialmente no momento em que as falas advêm dos profissionais da comunicação. Quando os discursos são produzidos pelos comentaristas esportivos (ex-atletas) e por atletas brasileiros participantes dos Jogos, as marcas discursivas apontam uma vinculação mais romântica no modo de narrar tais valores. Nota-se ainda que os campos semânticos e as ênfases nos diferentes gêneros performativos da cerimônia de abertura podem não apenas variar de acordo com a parte do evento em si, mas também com as marcas sociais dos sujeitos falantes (ver QUADRO 8).

Com relação à segunda questão derivada de nosso trabalho, retomamos, aqui, alguns pressupostos colocados na introdução do mesmo para melhor vincular as possíveis respostas às teorias utilizadas. Afirmamos, no início de nossa pesquisa, que o processo de gênese e, especialmente, de desenvolvimento do fenômeno olímpico está intimamente ligado ao surgimento e popularização dos meios de

comunicação de massa. Isso acontece de maneira ainda mais forte no caso dessa relação com a TV. Como vimos, tal relação é dialética e as influências sociais que ocorrem são complexas: nas histórias do COI e da TV há mandos que vão tanto no sentido TV → JO quando no sentido JO → TV, sendo que em ambos os casos as ligações ainda passam por inúmeras variáveis externas e diferentes desses dois elementos. Nessa complexa relação, há ambiguidades e paradoxos. Pelo que vimos, um embate principal que se dá nesse arrolamento é entre a tradição e a mudança – no sentido de *continuum* estabelecido por DaCosta (2002) – sendo que, na relação citada, em muitas ocasiões, a TV atuou como um agente de mudança no desenvolvimento dos JO e do próprio COI.

<b>Parte da cerimônia de abertura</b>	<b>Campos semânticos enfatizados</b>	<b>Gêneros performativos enfatizados</b>	<b>Locutores enfáticos</b>
Pré-show e apresentações artístico-culturais	“Cultura local”, “política e esporte” e “cidade-sede”	Espetáculo	GB e MU
Desfile dos atletas	“Política e esporte”, “senso esportivo” e “nacionalismo”	Espetáculo, ritual e festival	GB, PB, MU SP e OS
Restante do cerimonial e culminação final do espetáculo	“Esporte e sociedade”, “cultura local” e “fraternidade”	Espetáculo e ritual	GB, MU e PB

**QUADRO 8 – RESUMO DA CARACTERIZAÇÃO DISCURSIVA DA NARRAÇÃO TELEVISIVA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA: DIVISÃO POR PARTES DA NARRAÇÃO**

Destacamos, a partir de nossa análise, que uma parte do sistema próprio da TV teve (e continua a ter) um papel central nessa atuação: a narração televisiva da cerimônia de abertura enquanto gênero discursivo. O caso estudado aqui revela que o citado embate se expressa, muitas vezes, de forma explícita no discurso televisivo da cerimônia de abertura. Alguns exemplos foram citados em nossa análise. Centralmente, podemos destacar o papel das discussões (que, a nosso ver, se



revelam como ações) sobre a continuidade dos rituais olímpicos (desfile dos atletas e restante do cerimonial) expressa especialmente nas falas de GB sobre a delonga do desfile dos atletas e sobre a falta de “encaixe” dessa mesma parte da cerimônia nos “moldes televisivos”.

Tal embate, no entanto, não ocorre em mão única, isto é, apenas no sentido da mudança. Como vimos, o discurso analisado é complexo. Ao colocar as questões de mudança da estrutura da cerimônia em discussão, os narrador principal recebe respostas as quais parecem ir contra sua argumentação e a favor da manutenção das tradições.

Contudo, outro fator a se analisar é própria questão da “força” que cada voz tem em um gênero discursivo como este. Aqui não entramos nessa discussão por motivos já expostos, mas sabe-se que, geralmente, o narrador principal está nesse papel por ter algo de legitimidade em seu discurso e por possuir um controle maior das ações e do que é dito. Sendo assim, mesmo tendo respostas que vão de encontro à sua posição, o narrador principal não deixa sua argumentação “caída” e, posteriormente, a reforça outras vezes sem, no entanto, dar novamente voz aos comentaristas da parte esportiva (principalmente aos ex-atletas olímpicos).

Em relação às finalidades de nosso trabalho, retomamos, inicialmente, o que propomos como objetivos: a identificação dos valores olímpicos e esportivos compreendidos pela narração televisiva da cerimônia de abertura dos JO de Pequim-2008 pela Rede Globo e; a compreensão dos modos como os narradores dessa rede de TV brasileira constroem seus textos no que diz respeito aos valores olímpicos e esportivos contextualizados em uma oscilação social complexa da modernidade líquida.

Com base no referencial teórico exposto e na análise realizada, fazemos, aqui, dois comentários sobre os objetivos propostos e sobre sua realização no decorrer da pesquisa.

Em primeiro lugar, com as práticas de pesquisa bibliográfica, esse trabalho acabou não apenas realizando uma análise do *corpus*, mas fez também estudos sobre as relações das facetas citadas acima. Desse modo, esperamos ter contribuído, nos

Capítulos 2 e 3, com o desenvolvimento do conhecimento a respeito dessas relações, visto que os referenciais utilizados foram pouco trabalhados nesse sentido – no caso de Bauman, como já apontado, há pouca literatura que se utiliza das ideias do autor no estudo do binômio esporte-sociedade. Já no caso de MacAloon, sua teoria é profícua e bastante citada no exterior, ainda não tendo sido utilizada no Brasil de forma sistemática.

Percebemos, também, que esses estudos ocuparam um espaço significativo no trabalho, o que poderia ser considerado como desvio do foco. Todavia, após a escrita e diante dos dados a se analisar, avaliamos que tais estudos abordavam, mesmo que minimamente, a referida complexidade da problemática da pesquisa, decidindo, assim, mantê-los no trabalho.

Ainda com relação a esses capítulos, destacamos a tentativa de realizar um cruzamento de teorias (relacionando a ideia de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman, com a Teoria do Espetáculo, de John MacAloon, e com as noções dos JO como um *continuum* polarizado por continuidade-mudança e com um humanismo pluralístico, de Lamartine Pereira DaCosta).

Em segundo lugar, na consideração da prática discursiva televisiva-olímpica-esportiva, relacionamos referenciais relativamente recentes da área da comunicação com a abordagem social e olímpica. No que tange aos elementos da comunicação olímpica, esperamos ter contribuído com uma pequena base (em língua portuguesa) sobre elementos históricos e sociais do desenvolvimento da mídia olímpica – e da relação entre meios de comunicação de massa e os JO.

Muitas ações no interior da produção podem ser relacionadas ao projeto da Rede Globo, citado pelo diretor esportivo Luiz Fernando Lima da Silva (apesar de, como dito, questões centrais da narração irem até mesmo contra tal projeto). Quando há essas referências aos atletas e aos ex-atletas, a rede de TV brasileira demonstra que objetiva atrair o público por meio não apenas dos resultados esportivos e excepcionais desses atletas, mas também de seus dramas e de suas histórias, as quais se ligam às “vidas comuns” (não esportiva, ou não olímpica) dos espectadores.

Outro objetivo desse projeto da Rede Globo que consideramos interessante para

nosso trabalho foi o de educar a audiência televisiva “nos” valores olímpicos. Vimos, em vários momentos, que os discursos tentam se agregar a valores mais sólidos, exatamente para atrair essa audiência. No entanto, a grande dificuldade desse desafio é a barreira que se impõe entre as ideias olímpicas e os costumes e preferências culturais da audiência brasileira (por mais que tais ideias tenham uma interessante generalidade formal, várias culturas possuem grupos que não necessariamente concordam ou se interessam pelos valores olímpicos). Destarte, essa ação de agregar-se a algo sólido, não significa agregar-se aos ideais olímpicos, mas sim dar um sentido a eles no qual a audiência brasileira se interesse.

Partindo da observação desse modo de ação, a questão que fica é: até que ponto esses sentidos não se diferenciam dos propósitos olímpicos? Vimos no *corpus* analisado que, em determinados casos, estão presentes até mesmo alguns antivalores.

De certo modo, nosso estudo, embora apresente considerações conclusivas, levantam também algumas questões as quais podem ser trabalhadas em pesquisas futuras. Com a discussão feita sobre a atribuição de sentido pelos narradores da Rede Globo, pode-se perguntar: não estaria essa semantização rompendo com o equilíbrio sobre o qual DaCosta descreve? Mesmo que existam tentativas por parte do MO de manter tal equilíbrio, como essa entidade pode fazer para evitar uma possível “distorção” em seus valores orientadores (visto que tal instituição é, em alguma medida, dependente da própria TV)? Outra questão relevante é: a Rede Globo – (desde algum tempo e até Pequim-2008) detentora de direitos exclusivos de transmissão para o Brasil – não transmitirá as próximas edições de JO de Inverno e de JO da Juventude. Outra emissora de TV (a Rede Record) quebra tal exclusividade para impor a sua própria exclusividade. Assim, como fica a perspectiva de narração de valores olímpicos e esportivos nas cerimônias olímpicas por essa rede de TV? Como ela irá se diferenciar (ou não) do modo de narrar da Rede Globo?

A nosso ver, essas perguntas são bastante desafiadoras. Em nossa análise sentiu-se um pouco desse desafio, já que nos vimos em meio a uma dupla possibilidade de ação: analisar como a Rede Globo narrou os valores olímpicos e esportivos ou analisar como tais valores deveriam ter sido (ou deveriam ser) narrados. Essa segunda opção, em geral, é de difícil realização, visto que se expõe a críticas das

mais diversas. No entanto, como a nossa própria abordagem se diz crítica, colocamos, aqui, ideias iniciais sobre essa possibilidade.

Quando consideramos que a narração televisiva prioriza, em determinados momentos, elementos da estética do consumo em detrimento de elementos mais relacionados aos ideais olímpicos, fica a impressão de que não há solução para esse problema, tendo em vista que a superestrutura econômica possui uma ordem rígida (BAUMAN, 2001). O interessante dessa ideia de superestrutura de Bauman é que o próprio autor parece ter bastante consciência dela a partir de elementos que, particularmente, consideramos estéticos: em muitas de suas análises sociais (até chegar à conclusão de que a **Política** real – aquela que considera a causa de comunidades reais – é bastante difícil de acontecer atualmente), Bauman utiliza-se de obras artísticas das mais diversas que trabalham diretamente com o estético: obras românticas, poesias e literatura infanto-juvenil.

Concordamos com a ideia de MacAloon (1984b), quando diz que o espetáculo (ou a estética) em si, não leva necessariamente à estética do consumo. Se, em uma época em que, apesar do pouco desenvolvimento tecnológico, Pierre de Coubertin consegue conciliar valores tão diversos, por que, agora, em nosso tempo, não se pode tentar fazer algo semelhante quanto ao aspecto do espetáculo? Bauman fala sobre ter esperança de uma sociedade melhor através da crítica ponderada do que se tem feito no processo social. Não se poderia pensar, então, (como uma dessas críticas) em narrações não enquanto divulgadoras do espetáculo olímpico/esportivo, mas sim como incitadores (e não vendedores) de emoções racionais (conciliação de valores) que nos fazem, ao mesmo tempo, ter sentimentos pelos valores mais românticos e também refletir sobre o nosso mundo e sobre seus problemas relacionados à liquidez?

É claro que uma abordagem assim envolve outros tipos de conhecimento e ações políticas (principalmente educacionais). Colocando, aqui, apenas questões e possibilidades sobre as quais a narração televisiva brasileira pode refletir, visto o aumento da “responsabilidade” dessas narrações com a aproximação da realização do evento olímpico no Brasil.

## 7 REFERÊNCIAS

- ALKEMEYER, T.; RICHARTZ, A. The Olympic Games: from ceremony to show. **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, [Los Angeles], v. 2, p. 79-89, 1993. Disponível em <[http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika\\_1993/olympika0201f.pdf](http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika_1993/olympika0201f.pdf)>. Acesso em: 6 nov. 2009.
- ALMEIDA, F. Q. de; GOMES, I. M.; BRACHT, V. **Bauman & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BARNEY, R. K.; WENN, S. R; MARTYN, S. G. **Selling the five rings: the International Olympic Committee and the rise of Olympic commercialism**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2002.
- BAUMAN, Z. **A liberdade**. Tradução M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Em busca da Política**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- \_\_\_\_\_. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Tempo Social**, [São Paulo], v. 16, n. 1, p. 301-325, jun. 2004. Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n1/v16n1a15.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Liquid modernity**. Cambridge: Polity, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Trabajo, consumismo y nuevos pobres**. Tradução Victoria de los Angeles Boschirolí. Barcelona: Gedisa, 2000c.

\_\_\_\_\_. Uma primeira nota sobre a cultura de massas: a infra-estrutura. In: ENGELS, F. et al. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Villa Martha: Porto Alegre, 1980. p. 73-91.

BETTI, M. **Violência em campo**: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. 2. ed. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2004.

BILLINGS, A. C. **Olympic Media**: inside the biggest show on television. New York: Routledge, 2008.

BLACKSHAW, T. The Sociology of Sport reassessed in the light of the phenomenon of Zygmunt Bauman. **International Review for the Sociology of sport**, London, v. 37, n. 2, p. 199-217, June 2002.

BLACKSHAW, T.; CRABBE, T. **New perspectives on sport and 'deviance'**: consumption, performativity and social control. New York: Routledge, 2004.

BORGES, F. V dos S. **Futebol e globalização**: tensões entre modernidade e tradição. 2009. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13371/1/Tese\\_mestrado\\_%20Fernando%20Borges.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13371/1/Tese_mestrado_%20Fernando%20Borges.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2011.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2005.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. de. **Emancipação e diferença na educação**: uma leitura com Bauman. Campinas: Autores Associados, 2006.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

CARRARD, F. The Olympic message in ceremonies. The vision of the IOC. In: MORAGAS, M. de; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds.). **Olympic ceremonies**: historical continuity and cultural exchange. Barcelona: Punt Grog & Associats, 1996. p. 23-28.

CASANOVAS, J. M. Ceremonies within the framework of sporting events. In: MORAGAS, M. de; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds.). **Olympic ceremonies**: historical continuity and cultural exchange. Barcelona: Punt Grog & Associats, 1996. p. 257-260.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COELHO, C. M. **Raízes do paradigma indiciário**. Vitória: UFES, 2006. Disponível em: <<http://www.indiciarismo.net/CMS/index.php?Indiciarismo>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

COUBERTIN, P. de. Olympic letter IV: Olympism as a state of mind. Tradução William H. Skinner. In: \_\_\_\_\_. de. **Pierre de Coubertin. 1863-1937**: Olympism. Selected writings. Lausanne: International Olympic Committee, 2000a. p. 548.

\_\_\_\_\_. The Ceremonies. Tradução William H. Skinner. In: \_\_\_\_\_. de. **Pierre de Coubertin. 1863-1937**: Olympism. Selected writings. Lausanne: International Olympic Committee, 2000b. p. 596-597.

DaCOSTA, L. P. O Olimpismo e o equilíbrio do homem. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L. P. (Eds.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 50-69.

\_\_\_\_\_. Olympic legacy or post-olympism? In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Olympic Studies**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p. 13-26.

DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. In:

DaMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: Duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 172-204.

DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística 2**: domínios e fronteiras. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 69-99.

DUARTE, E. B. **Televisão**: ensaios metodológicos. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 299-325.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Versão inglesa de Edmund Jephcott do original alemão.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Ed. da UNB, 2001.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.



GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Frame analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GRATTON, C.; SOLBERG, H. A. **The economics of sports broadcasting**. New York: Routledge, 2007.

HALL, S. Codificação/decodificação. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1. ed. atualizada. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 365-381.

HOBERMAN, J. Toward a theory of Olympic internationalism. **The Journal of Sport History**, [Lemont], v. 22, n. 1, p. 1-37, spring 1995. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/JSH/JSH1995/JSH2201/jsh2201b.pdf>> . Acesso em: 09 ago. 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. (Eds.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0a**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 1 CD-ROM.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter**. Lausanne: International Olympic Committee, 2011. Disponível em: <[http://www.olympic.org/Documents/olympic\\_charter\\_en.pdf](http://www.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2012.

JOSEPH, I. **Erving Goffman e a microsociologia**. Tradução Cibele Saliba Rizek. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2000.

LLINES, M. The contribution and effect of the media on the Olympic Games. In: INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY THIRTY-FIFTH SESSION, 35., 1995, Ancient Olympia. **Report of the thirty-fifth Session**. Athens: International Olympic Committee, 1997. p. 70-75.

LLINÉS, M. The history of Olympic ceremonies. From Athens (1896) to Los Angeles (1984). An overview. In: MORAGAS, M. de; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds.). **Olympic ceremonies: historical continuity and cultural exchange**. Barcelona: Punt Grog & Associats, 1996. p. 63-79.

LLINÉS, M.; MORENO, A. B. The history of radio and television coverage of the Olympic Games. In: BILL, W. et al. (Orgs.). **Television in the Olympic Games: the new era: International Symposium**. Lausanne: International Olympic Committee, 1999. p. 15-41.

LOLAND, S. Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas. **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, [Los Angeles], v. IV, p. 49-78, 1995. Disponível em <[http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika\\_1995/olympika0401e.pdf](http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika_1995/olympika0401e.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2009.

LOVISOLO, H. O enigma do Olimpismo: convite à pesquisa. In: RUBIO, K. et al. (Orgs.). **Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2007. p. 113-120.

LYOTARD, J.-F. **O pós-moderno**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MacALOON, J. A note. In: LANDRY, F.; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.). **Sport... The third millennium**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1991. p. 46-47.

\_\_\_\_\_. Introduction: cultural performances, cultural theory. In: \_\_\_\_\_. (Ed.) **Rite, drama, festival, spectacle: Rehearsals toward a theory of cultural performance**. Philadelphia: ISHI, 1984a. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Rite, drama, festival, spectacle: Rehearsals toward a theory of cultural performance**. Philadelphia: ISHI, 1984b. p. 241-280.

\_\_\_\_\_. The position of the Olympic athlete in society. In: INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY TWENTY-SECOND SESSION, 22., 1982, Ancient Olympia. **Report of the twenty-second session**. Lausanne: International Olympic Committee, 1985. p. 132-148.

\_\_\_\_\_. **This great symbol: Pierre de Coubertin and the origins of the Modern Olympic Games**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

\_\_\_\_\_. Olympic Ceremonies as a Setting for Intercultural Exchange. In: SPÀ, M. de M. i; MacALOON, J.; LLINÉS, M. **Olympic ceremonies: historical continuity and cultural exchange**. Lausanne: International Olympic Committee, 1996. p. 29-43.

MAGNANE, G. **Sociologia do esporte**. Tradução Fernando dos Santos Fonseca. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MAINGUENEAU, D. Discurso e análise do discurso. Tradução Maria Augusta Bastos de Mattos. In: SIGNORINI, I. (Org.). **(Re)Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 135-155.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Ed. da UNICAMP, 1997.

MANDELL, R. D. **Historia cultural del deporte**. Tradução Bellaterra. Barcelona: Bellaterra, 1986.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2007.

McQUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas**. Tradução Carlos de Jesus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

MORAGAS, M. de; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds.). **Olympic ceremonies: historical continuity and cultural exchange**. Barcelona: Punt Grog & Associats, 1996.

NANDA, M. Contra a destruição/desconstrução da ciência: histórias cautelares do terceiro mundo. In: WOOK, E. M.; FOSTER, J. B. (Orgs.). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999. p. 84-106.

PARRY, J. Ethical aspects of the Olympic idea. In: JOINT INTERNATIONAL SESSION FOR EDUCATIONISTS AND STAFF OF HIGHER INSTITUTES OF PHYSICAL EDUCATION, 3., 1997, Ancient Olympia. **Report on the I.O.A's Special Sessions and Seminars 1997**. Athens: International Olympic Academy, 1998. p. 233-248.

PEDROSA, C. E. F. Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. **Cadernos do CNLF**, [Rio de Janeiro], v. IX, n. 3, jul. 2005. Não

paginado. Primeiros Trabalhos - Tomo II. Disponível em:  
<<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2008.

PEIRANO, M. G. S. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. G. S. (Org.). **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 17-40.

\_\_\_\_\_. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIRES, G. de L. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2002.

PRONI, M. W. **Esporte espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em:  
<[http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/094547\\_Proni%20%28D%29%20-%20Esporte-Espet%C3%A1culo%20e%20Futebol-Empresa.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/094547_Proni%20%28D%29%20-%20Esporte-Espet%C3%A1culo%20e%20Futebol-Empresa.pdf)>. Acesso em 03 abr. 2008.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 1999.

RIVENBURGH, N. Learning about Korea – or did we? A multi-nation comparison of televised cultural coverage of the Seoul Olympic opening ceremony. In: LANDRY, F.; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.). **Sport... The third millennium**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1991. p. 95-97.

\_\_\_\_\_. **The Olympic Games, media and the challenges of global image making**: university lecture on the Olympics. 2. ed. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics, 2010. Disponível em:  
<[http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/rivenburgh\\_eng.pdf](http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/rivenburgh_eng.pdf)>. Acesso em: 3 set. 2011.

RUBIM, A. A. C. A contemporaneidade como idade média. **Interface – Comunicação Saúde, Educação**, [Botucatu], v. 4, n. 7, p. 25-36, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

RUBIO, K. Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 130-143, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v16%20n2%20artigo2.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

SANTOS, C. A. R. **A narração esportiva de futebol**: análise discursiva de um fenômeno midiático. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, G. F.; SANTOS, D. S. dos. O discurso midiático dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e a candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016: o “trampolim” do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16., 2009, Salvador. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador: [S.n.], 2009. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/687/483>>. Acesso em: 29 out. 2009.

SCHANTZ, O. J. From Rome (1960) to Montreal (1976). From rite to spectacle. In: MORAGAS, M. de; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds.). **Olympic ceremonies**: historical continuity and cultural exchange. Barcelona: Punt Grog & Associats, 1996. p. 131-139.

SENN, A. E. **Power, politics and the Olympic Games**. A history of the power brokers, events, and controversies that shaped the Games. Champaign: Human Kinetics, 1999.

SILVA, L. F. L. da. TV Globo, Brazil. In: BILL, W. et al. (Orgs.). **Television in the Olympic Games**: the new era: International Symposium. Lausanne: International Olympic Committee, 1999. p. 93-95.

SPÀ, M. de M. The mass media, Olympic values and the opening ceremony. In: BYONG-IK, K. (Ed.). **Toward one World, beyond all barriers**: Keynote speeches; cultural exchange and cultural nationalism. The Seoul Olympiad Anniversary Conference. v. 1. [Seoul]: Poong Nam, 1990. p. 455-473. Disponível em: <[http://www.dyu.edu.tw/~osc/olympic/con\\_hm/c2pdf/c2023.PDF](http://www.dyu.edu.tw/~osc/olympic/con_hm/c2pdf/c2023.PDF)>. Acesso em: 30 maio 2011.

SPÀ, M. de M.; RIVENBURGH, N. K.; LARSON, J. F. **Television in the Olympics**. London: John Libbey, 1995.

TAVARES, O. Referenciais teóricos para o conceito de 'Olimpismo'. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L. P. (Eds.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 15-49.

\_\_\_\_\_. Valores olímpicos no século XXI. In: RUBIO, K. et al. (Orgs.). **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: Ed. da PUC-RS, 2007. p. 181-202.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 4. ed. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Tradução Carmem Grisci et al. Petrópolis: Vozes, 2009.

TODT, N. S. As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de verão, sob uma perspectiva da Educação Olímpica. In: REPPOLD FILHO, A. R. et al. (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 111-122.

TURNER, V. W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. Tradução Olívia Krähenbühl. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

WOLTON, D. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. 2. ed. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 2006.

## ANEXO A – CRITÉRIOS E CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DE FALA

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
1. Indicação dos falantes	os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional	H28 M33 Doe. Inf.
2. Pausas	...	não... isso é besteira...
3. Ênfase	MAIÚSCULAS	ela comprou um OSSO
4. Interrogação	?	ela é contra a mulher machista... sabia?
5. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	(XXX)/( )	bora gente... tenho aula... ( ) daqui
6. Truncamento de palavras ou desvio sintático	/	eu... pré/ pretendo comprar
7. Comentário do transcritor	(( ))	M.H.... é ((rindo))
8. Superposição de vozes	[	H28. é... existe... [você ( ) do homem... M33. [pera aí... você acha... pera aí... pera aí
9. Simultaneidade de vozes	[[	M33. [[mas eu garanto que muita coisa H28. [[eu acho eu acho é a autoridade
10. Ortografia		to, tá, VÔ, ahã, <u>mhm</u>

### QUADRO 9 – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Fonte: adaptado de Dionísio (2006, p. 76).

## **ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA TRANSMISSÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM-2008 (REDE GLOBO)**

Legenda dos Nomes: GB: Galvão Bueno; MU: Marcos Uchôa; SB: Sônia Bridi; PB: Pedro Bassan; GK: Glenda Kozlowski; SP: Sandra Pires; OS: Oscar Schmidt; MA: Marcelo Elgarten (Marcelinho); RS: Robert Scheidt; FO: Fabiana de Oliveira (Fabi); GF: Gilberto Amauri Godoy Filho (Giba); JG: Jadel Gregório.

GB: Bem amigos da Rede Globo, estamos chegando com a abertura oficial da vigésima nona edição dos Jogos Olímpicos. A promessa de que sejam as maiores Olimpíadas de todos os tempos. Um recorde de países participantes: serão duzentos e cinco países. Um recorde de atletas participantes num país que tem o recorde absoluto de [habitantes...

MU: [Ganha fácil ((rindo))...

GB: [Um bilhão e trezentos milhões de habitantes ((rindo))]. Aqui com Marcos Uchôa, juntos nós estamos com vocês desde os Jogos de noventa e seis em Atlanta. Confesso Uchôa que cada cerimônia de abertura dá, assim, um batimento mais rápido do coração. A gente fica esperando as façanhas esportivas, a beleza do/da cerimônia, fica esperando que esses dias meio utópicos quando o lema como é o caso deste que é aqui de “Um Mundo” e “Um Sonho”, que seja realmente um pouco mais do que um sonho e não dure apenas dezessete dias, mas, dessa vez, você tá vendo as belíssimas imagens aéreas do Ninho do Pássaro. Que o pássaro da paz possa realmente por aqui pousar e que este mais de bilhão de chineses possam não só ter façanhas na natação que você tá vendo o Cubo d’Água, talvez o mais belo de todas as/mais bela das praças esportivas que nós vimos em todos os tempos, mas que possa trazer um pouco mais de entendimento. Que esses Jogos sirvam/irvam não só pros recordes, é difícil, né, Uchôa? Mas...

MU: É difícil. É um espetáculo esportivo, sem dúvida... é o maior de todos da Terra... agora, quando se fala em China, um bilhão e trezentos milhões de pessoas, se fala em meio ambiente, se fala em economia, se fala em direitos humanos, se fala em política e claro, esperamos que se fale principalmente de esporte nesses dezessete dias. É excepcional o que eles fizeram. Gastaram rios de dinheiro para mostrar que



essa China voltou ao mundo pela porta da frente. E, realmente, que porta!

GB: É... Falar em custo... foram... sei lá[...

MU: [quarenta bilhões de [dólares

GB: [quarenta bilhões de dólares contra doze nos Jogos de Atenas, mas, nós tá/cê tá vendo aí... esse é o sinal internacional, além desse sinal internacional nós vamos ter as câmeras da Globo trazendo a vocês os detalhes que/um/aqueles que você já se acostumou em todas as transmissões da Globo quando os atletas estiverem em campo, mas nós vamos tentar levar, sem nenhum professorismo, sem tentar ensinar nada, o que eles vão tentar nos mostrar, a final de contas, serão três mil anos de história em uma hora de espetáculo. Não é fácil, mas pra quem viu o que nós vimos, pra quem viu o ensaio de três dias... me ficou a impressão de que será um espetáculo inesquecível, você tá vendo o presidente, Hu Jintao, o presidente da República Popular da China. Juntos nós vamos ter também, nessa transmissão, a Sônia Bridi, que foi nossa correspondente, por dois anos aqui na China, e TÃO LOGO terminaram os Jogos de Atenas, a Globo já montou o escritório aqui! Pra cá veio a Sônia com o repórter cinematográfico Paulo Zero, e foram dois anos aqui. Deu pra aprender bastante, pelo menos você já me ensinou bastante de China.

SB: ((rindo)) Deu pra aprender bastante de China e descobri como é complexo esse país, como é difícil entender. Quanto mais a gente sabe, mais a gente sabe que não sabe nada.

GB: Eu tô esperando uma grande festa. Nós estamos esperando um... PERTO da perfeição. É isso que eles vão tentar mostrar ao mundo.

SB: É... uma coisa... uma característica deles é que eles não fazem nada sem planejar bem e sem ensaiar bem. Essa perfeição é um dos traços da cultura... da tentativa deles... [sempre

GB: [Ainda não[...

SB: [vamo ver[...

GB: [Ainda não... Ainda não começou oficialmente, nós temos mais dez minutos pro início. Isso é o PRÉ-SHOW, digamos assim. Já estão posicionados aí mil duzentos e oito percussionistas que vão utilizar um/um/um/um/um aparato de percussão que tem quase três mil anos.

SB: É... o *fou*.

GB: *Fou*, que tem... feito de... é da idade do bronze. Por isso ele é feito de bronze.

SB: É... Mais tarde ele foi feito também de porcelana e continuou sendo um instrumento... era de festa e virou um instrumento cerimonial.

GB: Mas vem lá da idade do bronze. Lá do início [da...

SB: [lá[...

GB: [da China imperial. Vamo fazer uma substituição agora, porque a Sônia ficou [[aqui dois anos como/como/]]

SB: [[Claro... O Pedrinho Bassan]] [...

GB: [como correspondente na China, então nós vamos ver uma imagem no campo pra que eu possa trazer o nosso correspondente atual da China, agora, já que a Sônia está em Paris, o Pedro Bassan, com toda informalidade, o Bassanzinho vem chegando aqui, a coisa é meio complicada, aqui o Pedro Bassan, que veio pra cá com o Wanderley Serbonchini e com a Joana Timóteo, a produtora, e o Bassan tá aqui há um ano e meio. Já o suficiente pra falar chinês, Bassan?

PB: [[Ainda não...]]

GB: [[Seja bem vindo]] à transmissão.

PB: Brigado Galvão. Ainda não. Língua complicada, língua muito difícil, mas um pouco a gente pode tentar entender dessa cultura chinesa e passar pro nosso espectador hoje. A festa vai ser maravilhosa, e devemos lembrar que eles querem receber o mundo agora, vão estender a mão pra todos nós... a partir de amanhã,

Galvão, eles querem ganhar. [Eles querem ganhar ((rindo))]

GB: [O objetivo[...

PB: [e só[...

GB: [Objetivo: superar os Estados Unidos no quadro de medalhas.

PB: As medalhas de ouro, principalmente.

GB: Até time de beisebol eles fizeram.

PB: Fizeram de tudo, Galvão. Os atletas não falam, há dois anos, ninguém dá entrevista, tá todo mundo confinado. Mal visitaram a família.

GB: Cê não conseguiu conversar com nenhum atleta?

PB: Nenhum atleta, Galvão. Impressionante o sistema de confinamento, nem as famílias deles podiam ver os atletas, quem sou eu pra tentar conversar com eles ((rindo))?. Claro que nós tentamos, mas não conseguimos, Galvão.

GB: Muito bem. Vamos ficar com as imagens... vamo ficar com as imagens do ginásio, dentro, fora... você tá tendo agora aí as imagens do lado de fora do estádio que tem capacidade pra noventa mil pessoas. Você vê lá/e/esse é o Ninho do Pássaro. Agora já estamos acompanhando tudo aqui... veja que ele tem essa estrutura... toda essa estrutura de ferro e contrato e/e/e/e/e de concreto, tentando mostrar a sensação de um ninho realmente. Agora, já a parte de dentro, claro, há muito tempo já não há mais nenhum ingresso, está lotado, e daqui a pouco nós vamos pra cerimônia oficial. As autoridades estão chegando, aí está o Jacques Rogge, o belga que é presiden/esse que balança a mão, que é o presidente do Comitê Olímpico Internacional, ele foi olímpico, e esse aí é o anterior, Samaranch, o espanhol, o anterior/o sétimo presidente, o Samaranch. O Jacques Rogge é o oitavo presidente do Comitê Olímpico Internacional. E a repórter... nós estávamos falando desse instrumento, o *fou*, feito de bronze que tá ali, são... olha, mais de MIL instrumentos, quem tá pertinho desses instrumentos e vai sentir a vibração toda e

vai tentar passar isso pra nós, mas agora fala com a gente ao vivo, é a Glenda Kozlowski, veja só a imagem dela ali.

GK: Oi Galvão. Tô bem pertinho mesmo, eu tô, assim, há quinze metros de dois mil e oito tambores. E agora pouco todos eles estavam sentados e fi/va/fizeram um barulhinho e, de repente, todos ficaram em pé NA MESMA HORA, tudo ensaiadinho, foi uma imagem impressionante. Bom, eu ganhei um quite, aqui, logo que eu cheguei que é uma bolsinha que tem várias coisas, lanterna ((interferência na transmissão do áudio – voz da Sônia Bridi ao fundo)), por exemplo, quando a Tocha entrar aqui, olha, a gente vai ter que acender essa luz... e ganhei um/esse tamborzinho aqui, oh... eles vão lá com aquele tambor e eu com esse aqui. Vamo lá Galvão, a festa tá pra começar.

GB: Muito bem, a Glenda vai acompanhar e começa A QUEIMA DE FOGOS. Nada mais a falar, a não ser curtir imagem e som. Se foram eles que criaram, teriam que fazer a mais bela queima de fogos de todas as cerimônias de abertura até hoje. E aí começa. Neste exato instante são dois mil e ô/dois mil e oito *fou's*. Um *fou*, repetindo, instrumento de percussão da idade do bronze.

MU: Combinando com a modernidade incrível... parece um telão, né Galvão?

GB: O Uchôa se referia a esse jogo de luzes... e esse vai ser uma/um ponto marcante. Como dissemos lá no início, dois mil e oito instrumentis/dois mil e oito percursionistas em dois mil e oito aparelhos chamados *fou*.

PB: Dois mil e oito soldados do exército chinês, não de combate, dos batalhões artísticos do exército.

SB: Essas luzinhas coloridas na arquibancada são um quite de torcida que a organização distribuiu... ãhh... a todas as pessoas que chegaram aqui.

GB: Aquele que a Glenda tava mostrando agora pouco.

SB: Aquele que a Glenda tava mostrando.

GB: E aí essa modernidade a que o Uchôa se referiu... os tambores vão se

iluminando à medida que eles vão sendo tocados. Foram dez meses de ensaio. Vai ser um IMPACTO o que você vai ver como imagens e como jogo de luzes e movimentação. E agora a contagem regressiva é feita com essas luzes que aparecem em cada um dos instrumentos. Quatro...

MU: Eram sessenta, cinquenta, quarenta agora.

GB: O nosso velho “cinco, quatro, três, dois um”.

SB: Agora eles tão fazendo juntos (XXX).

GB: Após a contagem regressiva começam oficialmente a cerimônia de abertura e nesse momento estão sendo apresentadas as autoridades presentes. O presidente do Comitê Olímpico Internacional, Jacques Rogge, e também o presidente[...

MU: [Da china, Hu Jintao.

GB: Hu Jintao, que é o presidente da República Popular da China. Jacques Rogge, ex-iatista olímpico, belga. E o Hu Jintao passou por praticamente todos os cargos importantes de secretário do partido até chegar à presidente da República Popular da China. E agora vamos à primeira canção e à primeira música, onde eles vão dar “bem-vindos” à todos de todas as partes do mundo. Isso, absolutamente eles não mostraram no ensaio. Foram dez meses de treinamento mostrando a disciplina das artes marciais, da dança, um pouco do *Tai Chi*... tudo isso com a percussão usando... remontando ao início da história chinesa há três mil anos, que é a época em que foi criado esse instrumento. Eles começam mostrando ao mundo que não vieram pra brincadeira nesse início. E agora as pegadas... são pegadas feitas com fogos de artifício... e aí eles se referem à primeira das quatro invenções mais importantes do tempo antigo segundo a visão chinesa. Esta se refere à invenção da pólvora. Então, são fogos que marcam as pegadas, como se fossem pegadas dos atletas passeando por Pequim.

MU: Que era o que eles cantavam, Galvão. É uma frase do Confúcio, né... o pensador Chinês: “Amigos que vêm de longe, como estamos felizes de vocês estarem aqui”. Então, os amigos estão chegando para os Jogos Olímpicos...

chegando para o estádio.

GB: Confúcio que viveu de quinhentos e cinquenta e um a quinhentos e setenta e nove antes de Cristo, um pensador, um professor que sintetizava tudo em duas coisas o *Ren*, que é a benevolência, o *Yi*, que é a honradez, e são tantos, hoje, os seguidores do confucionismo.

SB: Eles vieram seguindo o eixo do sul pro norte de acordo com a tradição do *feng-shui*, da cidade proibida até aqui no eixo norte, o estádio.

GB: Aí a formação dos Anéis Olímpicos, e neste ponto em que estão os anéis as grandes surpresas vão surgir deste/desta parte do palco. As pegadas passaram po/pela praça de *Tian'anmen*, que nós no Brasil chamamos a “Praça da Paz Celestial”, e na tradução do chinês o “*tian*” quer dizer “céu”, “*an*”, paz, e “*men*”, porta, que é como eles chamam. E agora vamos à sequência desta cerimônia.

SB: Essas fadinhas que tão aparecendo aí, Galvão, são *Apsaras*... são figuras mitológicas re/é.../ligadas à tradição budista. Dessa forma, com esses panos flutuantes têm muita influência indiana, estão nas Grutas de Mogao, no Deserto de Góbi.

GB: Os anéis olímpicos e a integração do público já acontece desde os Jogos de Sydney, basicamente, com aparatos luminosos nas mãos de noventa mil pessoas.

MU: E os anéis que representam os cinco continentes do planeta.

GB: Dizem que, na verdade, o Barão Pierre de Coubertin, quando os fez, já que cada um deles tem uma cor, ele não pensava nos.../nã/não é que cada um deles represente um continente, as cores estão pre.../pelo menos uma delas [presente...

MU: [todas as bandeiras[...

GB: [em todas as bandeiras do mundo. Aqui eles/elas estão... eles estão todos em prateado.

MU: É... estão meio no céu, no.../porque o nome desse segmento é: “Anéis de

sonho”. Então, essa...

GB: Começando a introduzir o que eles determinaram que fosse o lema desses Jogos Olímpicos: “Um mundo, Um sonho”. Aí as *Apsaras*, as fadas da antiga China. E agora, cinquenta e seis crianças representando as cinquenta e seis etnias presentes na China vão trazer a bandeira chinesa. E uma criança canta uma música ou um hino para meu país.

PB: A menina foi [escolhida entre mais (XXX) candidatas[...

GB: [A bandeira chinesa são cinco... [Diga Bassan.

PB: A menina que está cantando esta melodia, ela foi escolhida num concurso entre mais de mil candidatas. Foi escolhida pessoalmente pelo diretor da cerimônia (XXX).

GB: Apenas uma maldade que não apareça o nome dela em nenhum script e nem no vídeo.

SB: Pros chineses, a presença de todas as etnias aqui na cerimônia é importante porque há alguns movimentos separatistas, etnias tibetanas, as etnias do norte, e eles querem passar essa imagem de um país unido, apesar das diferenças étnicas.

GB: Curiosamente, essas etnias ocupam lugares que eles chamam de “Departamentos Autônomos”, que são exatamente aqueles [que têm menos autonomia

SB: [menos autonomia...

MU: Autônomos e controlados, o (XXX)...

GB: Vamos à cerimônia de hasteamento da bandeira chinesa que faz parte de toda cerimônia de abertura olímpica. O hasteamento da bandeira do país anfitrião. E foi muito bem escolhida a linda chinesinha. Aí o presidente aplaudindo. E essa alegria que se percebe no estádio, a gente tem visto nas ruas também. O povo chinês está profundamente orgulhoso do que está fazendo. E vamos ao hino e hasteamento da bandeira. O hino que se chama “A marcha dos voluntários” que surgiu em quarenta e nove com a República Popular da China, mas só foi oficializado em dois mil e

quatro. Aí a bandeira chinesa que são cinco estrelas, simbolizando a unidade do povo, e a bandeira maior que significa o comando do partido comunista chinês.

SB: Uma observação sobre esse hino: ele foi banido durante o período da revolução cultural porque ele diz “levantem-se todos os que se recusam a ser escravos”, que foi considerado contrarrevolucionário.

GB: A cada passagem de tempo, eles vêm fora do estádio. Então, tivemos a primeira parte, dedicada a lá... a China de três mil anos antes de Cristo e à invenção da pólvora. E, agora, vamos à segunda das grandes invenções da Antiguidade: o papel. Este é um filme artístico de como era a fabricação do papel.

SB: Dirigido pelo Zhang Yimou, que é um dos mais célebres diretores de cinema chineses, autor/diretor do “Lanternas vermelhas”, bastante conhecido aí no Brasil.

GB: Não só o papel, mas a aquarela, que vem junto com a invenção do papel. Fazendo uma passagem de tempo, Uchôa, pra trazer de volta pro estádio. E esta invenção é de mil e quinhentos anos atrás. Uma peça de jade, que é a pedra mais popular da China e mais importante das pedras semipreciosas.

SB: “Deve-se ter sempre um pedaço de jade junto ao coração”, dizem os chineses.

GB: Se for verde, melhor.

MU: Por isso que cada medalha olímpica, nessa Olimpíada, além do ouro, da prata e do bronze, vai ter um pedacinho de Jade.

GB: A medalha de ouro tem... ela é contornada por jade branco, a medalha de prata, por jade verde e a medalha de bronze, pelo jar/pelo jade que apareceu aí agora, meio âmbar. Isso já... é imagem ao vivo dentro do estádio. É o papel se desenrolando... é a abertura do papel... e aí teremos a pintura de uma aquarela feita por bailarinos. É uma parte muito bonita. É o primeiro bailarino que entra... e, repare, que na mão direita ele tem uma espécie de uma luva.

MU: Dá pra brincar, o papel dele nesse espetáculo é o mais incrível. ((rindo))

GB: É...



PB: E esse instrumento é o [*Guqin*

GB: [Este é o *Guqin*

SB: [*Guqin*

GB: [*Gu*]*qin*

SB: [tem três mil anos.

PB: Só podia/é/é um dos instrumentos mais antigos da cultura musical chinesa, uns/um dos/um dos primeiros instrumentos de cordas do mundo e, antigamente, ele só podia ser tocado por homens. Fazia parte da formação de um nobre: a leitura, a poesia, a escrita, a caligrafia e a música, com o *Guqin*.

GB: Na realidade eles po/produziam, como trabalhadores, e usavam a maior parte do tempo para a cultura, para a música, para o desenho.

SB: Isso os melhor posicionados na sociedade, né? Mas as mulheres de qualquer... de qualquer/er... ((pausa prolongada)). A gente vê projeto nesse pergaminho... uma/vejo projetadas uma série de imagens relativas a oito mil anos de produção artística, desde as pinturas das cavernas até a descoberta da porcelana, da cerâmica.

GB: As aquarelas que os chineses se orgulham muito de terem praticamente inventado, surgiram na Dinastia *Tang*, que foi, talvez, o auge das artes, das letras, da cultura... e durou de seiscentos e dezoito a novecentos e sete, e passou por todas as outras dinastias até mil novecentos e onze, quando termina a China Imperial. Veja que o/o jogo de luzes já mudou o papel... já o colocou completamente amarelo, ou seja, onde foi feita a aquarela. Continua a movimentação do pergaminho, passando a história chinesa, mostrando a história chinesa através dos tempos.

SB: Agora projetando uma gravura muito famosa, clássica, chamada “Mil *lis* de montanhas e rios”, sendo que o *li* é uma medida de distância chinesa.

GB: E aí a aquarela, que foi terminada pelos bailarinos, mostrando o sol, as

montanhas, e os rios. Sempre a imagem mais forte da China. Essa obra a que se referia a Sônia, é da Dinastia *Song*, em novecentos e sessenta. E agora, são trezentos discípulos de Confúcio. Confúcio morreu ignorado. E o confucionismo foi divulgado por seus discípulos: O *Ren*, a benevolência, o *Yi*, a honradez, e os discípulos escreveram o *Lun yu*, ou os “Analectos”. E de quatrocentos e setenta e cinco, antes, a duzentos e vinte e um, os discípulos pregaram os ensinamentos de Confúcio.

MU: É... Confú/Confúcio é profundamente parte da cultura chinesa, mas foi bastante renegado quê/na época do comunismo e na revolução cultural, inclusive a casa dele, os monumentos na cidade natal dele foram destruídas. Mas agora há uma ressurreição, uma renascer do Confúcio porque uma das coisas que se pode ler em Confúcio, é.../uma total obediência, que, politicamente, interessa ao partido comunista atual.

GB: Era “*Kung-Fu-Tse*”, e que acabou sendo traduzido pra Confúcio em português.

SB: Um fenômeno recente, aqui é [[que eles estão incentivando o confucionismo]] pra repor a ideologia... com essas reformas econômicas, perdeu-se a ideologia comunista.

PB: [[tá na moda entre os jovens chineses...]]

GB: Como disse o Bassan, tá na moda entre os jovens chineses. Vamos ver. Ainda com a parte do Confúcio e agora vem uma outra das invenções... é sempre uma coisa encadeada na outra. São, agora, mostrados... esse é o momento de maior orgulho deles no *show*, são os tipos móveis de impressão, cada um deles traz um caractere chinês, são os tipos móveis de impressão. E o artista quis deixar a dúvida, e você aí em casa tente resolver: aquela movimentação é humana, ou está sendo feita por um computador? Imagine em casa. A resposta vem daqui a pouco.

SB: Esse caractere aí é o “*He*”, que significa “harmonia”.

GB: Ele aparece agora como ele é, vai aparecer em chinês antigo, e vai aparecer o caractere mais moderno. Nesse momento da festa, Uchôa, eles juntaram os divulgadores do confucionismo de Confúcio com o surgimento da impressão, que

não aconteceu, obviamente, ao mesmo tempo, são épocas distintas.

MU: É... você pôde reparar aí uns pedacinhos de bambu, todos juntos, que são as formas mais primitivas de livros, quer dizer, o que antecedeu, exatamente, esses linotipos, que puseram fazer/que puderam fazer a gravação. O que é interessante para o chinês é que eles não tiveram máquina de escrever, porque nenhuma máquina de escrever podia repetir isso aí, então eles pularam da escrita à mão para o computador.

GB: E quando eu dizia que não é a mesma época, porque Confúcio foi em quatrocentos anos antes de Cristo, e esses tipos móveis de impressão surgiram em quinhentos e oitenta e um depois de Cristo, praticamente mil anos depois.

SB: Mas a utilização dos tipos móveis permitiu que a educação fosse desenvolvida, aqui na China, muito cedo: há dois mil anos a promoção social aqui é através de concursos públicos, ensinado pelo Confúcio.

GB: Mais uma vez surge o caractere da harmonia na perfeita harmonia de movimentos.

SB: E não deve ser coincidência que esteja se usando essa palavra “harmonia”, que o slogan é...

GB: Agora surge o desenho das muralhas, significando, as muralhas... a Grande Muralha, que surgiu/foi começada a construir por Qin Shihuang, o primeiro imperador, duzentos e vinte e um antes de Cristo, e foi terminar com seis mil e setecentos quilômetros, já na dinastia *Ming*, mil trezentos e sessenta e oito depois de Cristo

MU: A Grande Muralha, na verdade, são várias muralhas que foram sendo agregadas umas às outras, que, ao contrário do que se diz, não é verdade, que se pode ver ela do Espaço.

GB: Há um certo exagero.

SB: Aí as flores de pêssego, que significam paz.

GB: E agora vai vir a grande revelação: os movimentos eram absolutamente humanos, nada de computador. Foram dez meses de intenso treinamento para esse espetáculo maravilhoso, demonstrando, absolutamente, a capacidade harmônica de um povo. A harmonia que eles querem vender, que era a palavra principal dos ensinamentos de Confúcio. Vieram de quatrocentos anos antes de Cristo, até hoje, dois mil e oito depois de Cristo Passando, já, para uma nova fase: “A Ópera de Pequim”. A ópera dos bonecos, a ópera de Pequim, a ópera com seus personagens principais, ali demonstrados, *Dan*, a mulher, *Sheng*, o homem, *Ching*, que é o drama, ou o galã, que faz o drama, e *Ch’ou*, o humor, que seria o nosso palhaço. Ele aparece com a cara pintada de branco, seria o nosso palhaço. “A Ópera de Pequim”.

PB: Os bonecos da ópera representam os guerreiros de terracota... guerreiros de Xian, descobertos em mil novecentos e setenta e quatro, enterrados junto com o Imperador Shi Huang, imperador da dinastia *Xing*, já bem no passado chinês, bem antes da história dos tipos móveis, enfim, uma volta, um pouco, na/no tempo, pra mostrar esse/essa outra parte do passado chinês.

GB: Eles não procuram dar uma ordem cronológica. Como eles mostravam os seguidores de Confúcio com a criação dos tipos móveis, que têm mil anos de separação, eles agora mostram a Ópera de Pequim, mais recente, com a/os soldados de terracota, que vêm lá do primeiro imperador... aquele mesmo que começou a construir a Grande Muralha.

SB: E que foi o imperador que unificou a escrita. Qualquer idioma chinês falado aqui no território é escrito com os mesmo ideogramas.

GB: Portanto, a parte da Ópera de Pequim... a referência aos soldados de terracota... os soldados ou as figuras de terracota que simbolizavam os arqueiros que foram enterrados juntos com (XXX) Shi Huang. E agora voltamos ao centro do palco, e, mais uma vez, o pergaminho se abre, se desenrola, e mais uma parte da história chinesa vai sendo mostrada. Nós vamos pra “Rota da Seda”. E o curioso é que ela vem lá do início da China, Uchôa, mas que acabou sendo batizada como “Rota da Seda” muito recentemente, aí no fim do século XIX, mil oitocentos e cinquenta por Ferdinand von Richthofen, um alemão que deu esse nome de “Rota

da Seda” que é uma coisa que já existia desde os primórdios da China

MU: É... a seda era apenas um dos produtos que era comercializado através/que aliás que era mais do que uma rota, existia uma pelo norte, outra pelo sul, e eram vários produtos, mas a seda, por ter surgido na china, realmente ficou muito original, já que o começo da estrada era na China, que se falasse que o/que o principal produto era a seda. Seda que ia até a Europa, né, por terra, ia também por mar até o Japão. Os portugueses forem, durante muito tempo, os intermediários desse comércio entre a China e o Japão.

SB: Até mil e quatrocentos, com as navegações... é... substituíram aí o caminho pelo deserto, foi a Rota da Seda que foi a principal comunicação da China, que era um país muito fechado, com o resto do mundo. E por ali entraram o budismo, que definiu muito da cultura chinesa, e também o islamismo.

GB: Como tudo tem que ter uma data, ela teria sido aberta, realmente, na Dinastia *Han*, duzentos anos antes de Cristo

PB: E o coração da Rota da Seda fica na região de Xinjiang, que é a região que luta pela autonomia... onde, segundo o governo chinês, estão os separatistas que ameaçam a segurança dos Jogos.

GB: Tivemos a demonstração da Rota da Seda, foi explicado pelo Uchôa, pela Sônia, pelo Bassan... e agora vamos à caracterização da Rota Marítima. Em mil quatrocentos e três o Imperador Yongli, na Dinastia *Ming*, enviou seis expedições para o oeste da Ásia e o leste da África, e elas eram lideradas pelo almirante Zheng He, ele era eunuco e mulçumano. [[Vocês vão ver (XXX) essa (XXX)...]]

PB: [[Alguns historiadores dizem que ele chegou até o Brasil]], mas isso [[não é comprovado]].

GB: [[os navios]]. Dizem que ele descobriu a América antes de Colombo. Falam muito de Zheng He, que hoje é nome de um avião que faz uma/a rota comercial entre os vários países do mundo.

MU: Há uma certa forçação em se falar numa Rota Marítima da seda porque quando

ele voltou pra China, depois dessas expedições, a China se recusou a continuar com esse comércio, com esse interesse pelo mundo. Então, a China se fecha, ao contrário do que vemos agora, nos Jogos Olímpicos.

GB: Exatamente quando ela se fecha na Dinastia *Ming*.

SB: Os chineses consideravam que tinham alcançado a sociedade perfeita, que não precisavam se relacionar com os outros povos, e não tinham nada a aprender com o resto do mundo.

GB: Nós já tivemos a pólvora, o papel, a impressão e aí vem a quarta grande invenção da China Antiga: a bússola. Aquela colher, ali, exatamente, porque você vê pelas imagens do centro, eles acreditavam que o mundo fosse quadrado, que o céu fosse redondo, então aquele quadrado seria o mundo e aquela colher significando a bússola por eles criada e inventada. A bússola que chegou apenas no século XII à Europa.

SB: O curioso é que eles inventaram a bússola, mas eles não sabiam pra que servia. Então, durante muitos séculos, usavam pra rituais de adivinhação.

GB: E aí está: a colher, no mundo quadrado, que magneticamente se movia, apontando a direção. Esta é a origem da bússola

SB: Essa colher era feita de pedra magnética.

PB: E aí o navio...

GB: Absolutamente [espetacular (XXX)]...

PB: [Cada navio, cada embarcação de Zheng He que valia a dez caravelas de Colombo. ((Pausa prolongada com ruídos sonoros))].

GB: E aí está a bússola, em cima dessa peça quadrada... um barulhinho que vocês tão ouvindo... tam trocando uns/o microfone do Marcos Uchôa. Perdão pelo/pelo ruído. Aí, portanto, a bússola. E agora vão aparecendo e surgindo, ali, as cinco pinturas mais famosas da China Antiga, as aquarelas mais famosas da China Antiga.

SB: Essa é uma apresentação de *Kunqu*, que é considerada a mãe de todas as óperas chinesas, são várias as formas de ópera: tem ópera de Pequim, a ópera de (XXX), várias óperas.

GB: É o momento em que eles se orgulham do que faziam na parte artística: as aquarelas, ali a projeção dessas aquarelas, a execução do *Kunqu*, e essas alegorias em trono, significando e mostrando as dinastias e as várias épocas da China.

SB: Aí uma mulher no papel de uma princesa da ópera, mas, antigamente, as mulheres não poderiam participar da ópera: todos os papéis femininos eram desempenhados por atores homens.

GB: E como as alegorias simbolizavam as dinastias, aí sobem como as pilastras dos palácios, ou da cidade proibida. O vermelho, a cor imperial, e o Dragão Dourado, que é... que simboliza o poder, a força, e é um símbolo masculino, já que vivemos num país absolutamente dentro do patriarcado.

SB: E o trono do imperador, na China, é o trono do Dragão.

GB: A cidade proibida que...[ (XXX) construída nos anos quatrocentos...

PB: [E o estádio do Ninho do Pássaro que está exatamente na mesma latitude, Galvão.

GB: Diga Bassan.

PB: Perdão. O estádio está na mesma latitude da cidade proibida, no eixo norte-sul de Pequim. Portanto, seria o prolongamento, né, dessas colunas do Dragão.

MU: Aí, esse espetáculo difere de outras Olimpíadas no uso dos fogos ao longo do espetáculo. Normalmente, em outros casos, era mais no final.

GB: E como eles têm uma tendência ao exagero, aquele/aquele prédio iluminado que você vê perto do estádio, do outro lado da.../da avenida, dizem eles ser o único hotel de sete estrelas existente no mundo. Uma certa tendência ao exagero.

SB: Tem o pretensioso nome de *Pan gu*, que é a deusa da criação, na China.

GB: Agora, o pianista Lang Lang, e a pequena pianista (XXX), de apenas cinco anos. Este pianista foi recentemente entrevistado por você, Sônia, ou por vocês...

SB: É, eu conversei com ele há dois dias, depois de ele ter carregado a Tocha por um pedaço aí da/ë/das/pelas ruas de Pequim. Ele é hoje, certamente, o pianista mais badalado da comunidade internacional. Tem só vinte e seis anos.

GB: Vamos ouvi-los.

MU: Até coçou o nariz, a menininha ((rindo)). Tá um pouquinho nervosa.

SB: Trinta e cinco milhões de crianças chinesas estudam piano, hoje.

MU: É, e noventa por cento dos pianos do mundo são produzidos na China, na Coreia e no Japão. É um fenômeno, realmente, o (XXX), que foi líder, daqui... quinze anos dava concertos pro chefe do Estado.

GB: E agora nós vamos vivendo uma passagem de tempo de praticamente cento e cinquenta anos. Eles vão, praticamente, ignorar o final da China Imperial, invadida pelas forças estrangeiras, a perda de Hong Kong, outras concessões. Vão ignorar a Marcha de Mao Tse-Tung, vão ignorar a invasão japonesa dos anos trinta, vão ignorar a revolução de mil novecentos e quarenta e nove, a is/a criação da República Popular da China, vão ignorar a Revolução Cultural de sessenta e seis, a prisão da/da viúva de Mao Tse-Tung, eles pulam, de toda aquela maravilha da China Imperial pro que eles imaginam ser, ou dizem ser, a maravilha da China de hoje. Esta parte negativa, sumiu da festa.

SB: Os chineses chamam esse período todo de “período da vergonha”, daí que sumiram com esse período aí.

GB: E agora vamos pra alta tecnologia: *high tech*. Luzes. A harmonia sempre presente, em toda a festa. E agora, a China de hoje, (XXX) rica e (XXX).

MU: Rica e brilhante ((rindo)), né, Galvão?

GB: É... (XXX), brilhante[e...



MU: [Original...

GB: [Perdão, Uchôa... e já que aqui é o Ninho do Pássaro, esses homens que se transformaram em luzes ambulantes, ao final vai formar a figura do pássaro, que finalmente vai pousar no seu ninho.

MU: (XXX) mais original, realmente (XXX) os (XXX) aí, cenas da China, realmente é o uso do estádio como uma tela. Nós vimos em Atenas o mar entrando no estádio, o uso da água, nós tamos vendo pela primeira vez numa cerimônia de abertura, realmente do bom gosto e a originalidade desse uso desse imenso telão. É claro que a tecnologia de hoje ((rindo)) possibilita algo que nos anos oitenta, ainda, nem/nem se podia sonhar.

GB: E o pássaro chega ao seu ninho.

MU: Mais uma pomba da paz, aí (XXX), né?

SB: Esse quadro todo representa a nova geração da China, e o Lang Lang, que tá lá no centro, disse que tá muito preocupado com essa nova geração, que é muito nacionalista e que não consegue argumentar com o resto do mundo quando encontra pontos de vista diferentes.

MU: Uma geração de filhos únicos, né? Filhos únicos tendem a não gostar de dividir nada ((rindo)).

GB: O Uchôa tá se referindo à parte em que, por imposição de lei, as famílias... cada casal podia ter apenas um filho, por isso eles conseguiram segurar a população em um bilhão e trezentos milhões. Calculam que, se essa lei não tivesse existido, a população seria, no mínimo, hoje, trezentos milhões de pessoas, ou trezentos milhões de chineses a mais.

PB: E muitos dizem, Galvão, que a população já é de um bilhão e setecentos, porque muitos pais têm filhos não registrados, principalmente no campo.

SB: Olha aí a pipa.

GB: A pipa criada pelo chinês (XXX) em quatrocentos e oitenta antes de Cristo,

passou por três mil anos de história, praticamente, de história da China na mão, não só de crianças, não, quem vai à um parque num domingo aqui, vai ver os IDOSOS brincando com as pipas. E aí a menininha passa. E o [estádio... repare...

PB: [Faz bem pra coluna...

GB: O Ninho do Pássaro.

SB: E essa pipa é o formato tradicional da andorinha. É um pássaro sobre o ninho.

GB: É mostrada toda a pujança, toda a força, a riqueza, as luzes, a modernidade... vamos seguir a cerimônia. E ela volta a passear no tempo.

MU: E eles dizem que Marco Polo teria levado a pipa para o ocidente. Marco Polo que é uma figura controversa, já que ele escreveu o primeiro livro sobre os chinos/sobre os chineses para o ocidente, mas ele esqueceu de falar, ou não viu, detalhes, como, A Grande Muralha, o chá, a caligrafia original... então, há uma certa polêmica de quanto que o Marco Polo realmente viu ((rindo)).

GB: Dizem que o que ele viu bem, teria sido o macarrão, que ele levou pra Itália.

MU: Isso, sem dúvida ((rindo)).

SB: Há uma teoria de que ele chegou só até a muralha, nunca pa/entrou em território chinês, e só contou o que ouviu falar.

GB: Achou o macarrão e voltou para a Itália. E, agora, nós vamos, então, ao *Tai Chi*. Ainda dentro da harmonia, que era uma arte marcial... é uma dança. É uma... a expressão corporal mais forte existente na China. Mais ou menos, Bassan, como jogar capoeira na Bahia.

PB: Uma arte... uma arte marcial que... trans/transformada num jogo, né. Transformada numa movimentação do corpo que encanta. E essa parte, Galvão, é uma homenagem à natureza, ao meio ambiente. Aí é que muita gente discorda da China.

GB: A grande discussão, antes dos Jogos, os problemas de meio ambiente, do

crescimento impressionante da China nas últimas décadas que trás o ônus da poluição que, nessa época do ano, se junta com problemas climáticos e mistura a fumaça com a neblina e cria uma sensação desagradável, realmente.

MU: É... [[o *Tai Chi*]]...

GB: [[Para...]]

MU: [...como forma de esporte... e pra eles é mais do que esporte, é um exercício, é o bem estar, é a saúde, né, a ligação do homem com a natureza. E isso tudo é muito difícil de se ver na China hoje, são/das vinte cidades mais poluídas do mundo, dezesseis estão aqui.

GB: Mas também estão por todas as partes do mundo, é bem que se diga isso. E, se você vai a um parque, se você vai a um parque, você vai ver pessoas de todas as idades, ou nas ruas, em todos os dias, com essa expressão corporal, tentando essa integridade com a natureza. A integração com a natureza, perdão.

PB: Foi a principal crítica que se fez a Pequim na organização dos Jogos, não só quanto à qualidade do ar, mas da água também. A água está sendo trazida de regiões muito distantes de Pequim pra abastecer a cidade, garantir a normalidade da capital da China e dos Jogos: muitos rios secaram ao redor de Pequim, outros estão poluídos, tanto o ar e a água foram muito devastados recentemente na China. Por isso esse quadro um tanto controverso.

GB: E exatamente nesse momento em que eles mostram a água. Isso é um/um recado a toda a humanidade que acompanha essa cerimônia de abertura: que todos tenham muito cuidado com o bem mais caro que todos nós temos, que é a natureza. Isso é uma aula. Mostrando a professora, seus alunos e a simbologia: a Terra no centro e o céu em volta. Assim que a imagem abrir. Porque eles acreditavam que a Terra era quadrada, e o céu, redondo. Agora, veja.

SB: As crianças tão aí fazendo uma pintura antiga, expressando o amor pela natureza. E é verdade que os chineses como cultura e indivíduo cultuam a natureza. Eles veneram as montanhas e é comum, inclusive, a gente ver chineses abraçados a árvores, nos parques, tentando se recarregar de energia.

GB: E essa presença da aula, nessa cerimônia de abertura, da maior manifestação esportiva que são os Jogos Olímpicos, a/a/a importância, e essa ligação muito próxima da escola com o esporte. O esporte que começa, basicamente, na escola.

PB: As aulas de educação física são levadas muito a sério na China, a Sônia até entrevistou, certa vez, um professor premiadíssimo, não é, Sônia?

SB: Exatamente. As aulas de [[educação física]]...

PB: [[Que ensinava...]]...

SB: [...são planejadas com um cuidado incrível, dá gosto de ver. Dá vontade de fazer a aula com o professor.

GB: E você vê o mundo, praticamente, girando em torno da sala de aula. É a valorização da escola, do ensino, a transferência dos valores da natureza, do corpo.

MU: E curioso que isso foi o oposto do que aconteceu na revolução cultural, quando, durante dez anos, a China penou, pagou e paga até hoje, por conta dessa subversão de valores, onde os alunos mandavam nos professores.

GB: Pegaram os professores, os artistas, os músicos, e mandaram pro interior, trabalhar na lavoura, trabalhar no serviço pesado.

SB: Pagaram caro por isso. Hoje o ensino na China é obrigatório durante nove anos, e noventa e nove por cento dos que têm menos de vinte e cinco anos são alfabetizados. Ser alfabetizado aqui significa saber pelo menos cinco mil ideogramas.

PB: É... a alfabetização leva cinco anos.

GB: Belíssima parte do espetáculo, vindo do *Tai Chi*, da manifestação do corpo, a integração com a natureza, a participação e a valorização de uma sala de aula, no centro do mundo, neste momento. A china, que em chinês se chama *Zhōngguó*, *Zhōngguó*[...

SB: [*Zhōngguó*. ((Rindo))].

GB: Ou *Zhōngguó*, a Sônia fala chinês bem melhor do que eu, o *Zhōngguó*, que quer dizer o *Zhōngguó*, o centro/o/a/o país do centro, ou o império do centro, na cabeça deles, o centro do mundo. Você está acompanhando do Brasil, em todo o Brasil, e a Delegação Brasileira acompanha também na Vila Olímpica, a Globo montou um ponto de vídeo, na Vila Olímpica, que é sempre muito frequentado pelos atletas, veja só, aí, praticamente o time feminino de vôlei, que não pode participar desta cerimônia porque joga amanhã, a uma hora da madrugada, meio dia... meio dia e meia daqui, uma e meia da madrugada, nesta virada de madrugada, o time de vôlei feminino vai estar transmi/vai estar jogando, e nós vamo tá lá, transmitindo, vô tá lá com o Tandi, aí o nosso carinho pra vocês, todo carinho de vocês pra torcida brasileira, que, a partir de amanhã, a nossa primeira transmissão será do voleibol feminino. Boa sorte pras meninas do vôlei do Brasil. E, desta vez, venha o ouro olímpico, mas que venha sempre a arte, a vontade, a garra de vocês. Um beijo a todas, e uma grande partida amanhã. Estaremos juntos no ginásio.

MU: Aí são os *taiconautas*. São os astronautas chineses, né. Eles que em dois mil e três foram o terceiro país a mandar, né, sozinhos um homem pro espaço. Uma tripulação... e embora com uma tecnologia de quarenta anos ((rindo)), antiga, digamos assim. Mas, é um chegar lá em termos de tecnologia.

GB: E eles fazem questão de bater nessa tecla – de terem mandado um homem... um chinês ao espaço – tanto que a primeira pessoa a conduzir a Tocha assim que ela chegou a Pequim ontem, foi um astronauta. Foi o primeiro astronauta... foi o primeiro a con/a conduzir a chama olímpica. E agora vamos chegar na modernidade de uma vez. Ouvindo aí, vamos passar pra GLOBALIZAÇÃO. E, por isso, do centro do espetáculo no país que é, pelo próprio nome, o centro do mundo, sai o globo. Absolutamente estilizado, moderno, iluminado... e é um recado deles, de que a China está absolutamente integrada à globalização. E daí que vai surgir o lema que a gente vem falando desde o início da transmissão: “Um mundo, Um sonho”. E é tudo muito bonito. Aí o jogo de cores, a forma com que eles usam a iluminação é absolutamente espetacular.

SB: Não deixa de ser uma alegoria à globalização, a China, que, durante tantos milênios ficou se fechando em torno de si mesma, dentro desse reino do meio, desse/é/desse país do meio, consegue descobrir que é forte a partir do momento

que se abre e começa a se integrar com o mundo.

PB: [[Parece fácil andar desse jeito, né. Mas lembrando...]]

MU: [[E acabamos de receber uma informação aqui, que o mundo]] olímpico fica um pouquinho mais pequeno, vão ser duzentos e quatro, e não duzentos e cinco países, já que o Comitê Olímpico Internacional não recebeu a inscrição dos atletas de Brunei, pequenininho país aqui na Ásia, e eles não se inscreveram a tempo.. o/v/o Comitê Olímpico Internacional tentou o máximo, mas não conseguiu. Portanto, duzentos e quatro, em vez de duzentos e cinco países participantes.

GB: E agora nós vamos à canção “Você e eu”, com...

SB: Quem tá cantando é o Liu Huan, que é uma espécie de Roberto Carlos aqui na China, é um cantor extremamente popular.

GB: E como eles vêm nessa fase, agora, de absoluta integração com o mundo, ele é acompanhado por Sarah Brightman, que foi casada com o Frank Lloyd Webber, compositor dos principais musicais da Broadway, nos Estados Unidos. E ela inclusive foi estrela do musical “O Fantasma da Ópera”. Aí está ela. ((Público aplaudindo muito)).

MU: E a primeira grande reação do público, porque ela está cantando em chinês.

GB: E agora, expressões infantis de todas.../crianças de todas as partes do mundo. E aparece ê/em caractere chinês e em inglês, para as noventa mil pessoas, aqui a tradução, ou seja, a letra que o Uchôa passa agora para vocês.

MU: É... “Eu e você, um mundo, coração batendo, somos apenas uma família. Os nossos sonhos viajam milhares de milhas”... Quilômetros, né. ...“nós nos encontraremos em Pequim. Vamos nos encontrar, alegria compartilhar. Eu e você, no mesmo mundo, para sempre a mesma família.”

GB: A expressão do Liu Huan ouvindo ela cantando em chinês é de embevecimento total ((rindo)). Que bom se fosse assim. No esporte assim será até o dia vinte e quatro, a partir de amanhã, uma e meia da madrugada o vôlei feminino está em

quadra em seu primeiro jogo, e a Globo estará mostrando pra você. Com a queima de fogos, com os inventores da pólvora, fogos por todo este eixo, da cidade proibida até o estádio do Ninho do Pássaro. Os chineses teriam que fazer a mais linda de todas as queimas de fogos.

MU: É... Os fogos anunciam as estrelas, os astros do espetáculo. Não desse, mas dos próximos dezessete dias. Os atletas vêm aí.

GB: Ai[...

SB: [Essa performance de fogos foi planejada por um artista plástico que expôs recentemente no Museu Guggenheim de Nova Iorque, o Tsai (XXX), que vendeu uma obra por nove milhões e MEIO de dólares.

GB: E ainda na linha desta integração entre povos, nós teremos orquestras de cinco continentes e figuras, em torno do campo, das cinquenta e seis etnias chinesas. É difícil fazer uma comparação, nós que estamos sempre tendo a felicidade de poder ver e levar até você cerimônias de abertura. Fazer uma comparação de qual é mais bonita, qual é mais emocionante, porque cada uma delas conta a história de um povo, mas difícil achar uma mais bonita que esta.

MU: É... possivelmente, uma medalha de ouro compartilhada, mas medalha de ouro é.

GB: Sem dúvida. As lágrimas do Misha, em mil novecentos e oitenta, na União Soviética, antiga União Soviética, em Moscou, hoje na/hoje Rússia.

MU: O *Ying* e o *Yang*, os dragões de Seul, em oitenta e oito, foram excepcionais.

GB: O mar dos Jogos de Barcelona... Mas difícil superar três mil anos de história da China. ((Passam-se, por algum tempo, apenas imagens da arquibancada do estádio)). Essa imagem de torcida foi um pouco proposital por.../em função da/da geradora de imagem pra que pudesse se preparar o/o palco central. E a imagem volta a ser externa, o Ninho do Pássaro, agora com tonalidades em azul e vermelho. E agora começa o desfile das delegações. Como sempre, começando pela Grécia. E a música será executada por orquestras de cinco continentes. Neste memento, a

performance de Mains of Fintry Pipe Band, de Dundee.

MU: É... Os anfitriões de quatro anos atrás, como sempre, abrem o desfile, já que eles são, também, os criadores dos Jogos Olímpicos, então eles tão sempre na frente. Isso faz parte do protocolo, não é uma decisão do país.

GB: É importante, agora, dizer que a ordem de entrada, ela não vai seguir o nosso/a nossa ordem alfabética. Já não aconteceu em Atenas, mas, seguindo o alfabeto grego, era muito parecido, porque “alfa” é “a”, “beta” é “bê”... mas, agora, a ordem de entrada vai seguir a transformação do nome de cada país em caracteres chineses. E aí, pelo número de traços dos caracteres chineses nós vamos ter a ordem de entrada. O Brasil será o trigésimo nono. E como é que funciona isso, Bassan?

PB: É... essa ordem nem nos dicionários chineses ela é usada mais. Eles usam a transliteração pro nosso alfabeto e ali fazem a ordem no dicionário. É uma ordem muito antiga, tradicional, de se classificar as palavras e que agora eles ressuscitaram pra essa cerimônia. Então, o Brasil tá em trigésimo nono porque o “bā” do “Bāxī”, que é o nome do Brasil em chinês, tem quatro traços, e, portanto, vem o p.../a/tá entrando aí a Guiné, não é? A Guiné-Bissau, começam com dois traços só esses países, e, portanto... tá aí a Guiné-Bissau, país que fala português, mas de maioria mulçumana, e... tem dois traços só, e tá na frente. Então, o Brasil tem que esperar.

GB: E a Austrália reclamou (XXX) muito, porque ela sempre é uma das primeiras a entrar, e vai entrar no número duzentos e três, ducentésima terceira posição, à frente apenas da Zâmbia, que, de forma curiosa, com “zê” estaria entre as últimas no nosso alfabeto, vai ser a última a entrar... a penúltima, né, porque a última é sempre o país anfitrião, a China.

MU: [É o caso...

GB: [Agora nós vamos àquela parte mostrando país por país, aí vocês estão vendo a Turquia. Veja só, nós fomos da Guinéia pra Guinéia-Bissau, da Guinéia-Bissau pra Turquia. Repito: não é a nossa ordem alfabética, pegando o nome, transformando em caractere chinês e pelo número de traços elas vão entrar, o Brasil será o trigésimo nono país a entrar aqui no estádio. É o momento em que a gente começa



a analisar um pouquinho... mostrar as estrelas que vão surgir aí no estádio, mas analisar um pouquinho os Jogos, aí, na parte esportiva, depois do belíssimo espetáculo, do passeio por três mil anos, pelas invenções chinesas, repetindo: a pólvora, o papel, a impressão, a bússola, a arte chinesa, a música, a dança, o teatro, a ópera, o salto no vazio, sumindo com cento e cinquenta anos de história. O final: a China moderna integrada ao mundo, a globalização, a riqueza, as luzes e, agora, as estrelas dos próximos dezessete dias que estão aí no estádio. O que esperar, esportivamente, desses Jogos de Pequim?

MU: Olha, eu acho que, normalmente, a gente tem recordes mundiais, mas a gente tem, principalmente, drama. A... uma das coisas melhores do esporte não é simplesmente a vitória, mas é a maneira como ela vem, mas/os/con/é.../os confrontos os/as grandes estrelas que vêm pra cá de vários esportes, (XXX) temos aqueles esportes mais profissionais, como o tênis com Roger Federer, com Rafael Nadal, nós temos também, obviamente, o futebol, com Ronaldinho Gaúcho, com Lionel Messi, mas nós temos também aquele atleta mais amador, daquele esporte em que ele se doa, ele se entrega, trabalha para poder estar aqui participando de qualquer esporte, e isso é a magia da/da/da/das Olimpíadas, e nós teremos, assim, em várias áreas, como a gente começou, lá no começo, o Michael Phelps, americano, oito medalhas de ouro possível. O confronto americano e chinês na ginástica, particularmente, e no câmputo geral de medalhas, existem várias, realmente, motivos pra você ficar ligado na sua televisão diariamente nesses próximos dezessete dias.

GB: Você falou no tênis, e re/que/neste retorno, há algum tempo, mas as grandes figuras não vinham. A presença do Federer e do Nadal dão exatamente a dimensão da importância que o tênis dá aos Jogos Olímpicos hoje. Daí já existir um movimento pra que o golfe venha a participar também. Os golfistas tão perguntando: “se Federer e Nadal podem estar nos Jogos, por que os golfistas não podem?” Mas tem gente, dos golfistas, que acha que não, que é um esporte do dia-a-dia, e não de um ciclo de quatro anos. São todas as discussões. Esportes que entram e esportes que saem. Essa Olimpíada vai marcar, também, o final pra alguns esportes.

MU: É... Exatamente. O beisebol e o softbol vão deixar de fazer parte das Olimpíadas, na próxima Olimpíada já não estarão... é a despedida deles. A regra é a

seguinte: você tem que ter... é.../pelo menos cinquenta por cento dos votos dentro do Comitê Olímpico e não al/não foi alcançado pelo beisebol e pelo softbol. Você tem que convencer o Comitê que você tem audiência, que você tem participação, você tem participação de homens e de mulheres, no caso do softbol, e, o número mínimo para você ENTRAR COMO ESPORTE, a regra era SETENTA E CINCO por cento dos votos. Isso mudou. Vai virar cinquenta por cento, mas essa decisão vai ficar para os próximos Jogos.

GB: Mas não basta apenas os votos. É preciso ter um número mínimo de federações praticantes... federações nacionais praticantes. Por isso o nosso futsal não consegue... [entrar nos Jogos Olímpicos...

MU: [É... são quatro continentes para os homens, três continentes pras mulheres e também um número mínimo de [[setenta...]] federações nacionais

GB: [[Federações nacionais...]]

MU: São setenta e cinco pra homens, quarenta pra mulheres, que, realmente, é um número substancial, muitos esportes não entrariam.

PB: E o Comitê Olímpico quer mudar um pouco também a cara das Olimpíadas, né Galvão. Depois da entrada do vôlei de praia, que, digamos, quebrou um pouco a cintura dura das Olimpíadas, botou música, botou gente de biquíni, botou festa dentro da cidade, e isso foi um sucesso muito grande, a ideia também é... rejuvenescer um pouco os Jogos. Nós temos aqui, em Pequim, o bicicross, chegando, também, pra atrair um público mais jovem, pra aproximar gente de todas as idades pra Olimpíadas, que, como é pra unir gente de todos os povos, é também pra unir gente de todas as idades.

GB: A tentativa de trazer, através do bicicross, trazer os esportes radicais para os Jogos Olímpicos.

PB: O surf já é um esporte associado, né, ao Comitê Olímpico.

GB: Olha só como eles apresentam... vão apresentando os antigos... pai/da/da/da... não existe mais a Iugoslávia, veja como o crédito apareceu, a Macedônia, que

pertencia à antiga Iugoslávia, essa divisão que aí saiu a Macedônia, saiu a Sérvia, agora Montenegro, que eram juntas nas últimas Olimpíadas, e agora tão separadas. Você tem[...

MU: [Possivelmente teremos Kosovo, nas próximas/nos próximos Jogos. (XXX) ((Rindo))].

GB: (XXX) tem a Croácia[...

PB: [Faz tempo que a Macedônia não ganha medalha nas Olimpíadas, viu Galvão. Sabe de quem foi a última?

GB: De quem?

PB: Filipe II, pai de Alexandre, O Grande, trezentos anos antes de Cristo ((Risos dos repórteres)).

GB: Tá bom... ((rindo)).

MU: Tá um pouquinho defasado ((rindo)).

GB: Aí é o momento em que eles fizeram questão de mostrar, porque a Grécia, os gregos, neste exato instante, pisam no papel, na aquarela, na junção de dois povos fundamentais na formação do mundo como entendemos hoje. Mais ou menos na mesma época em que Confúcio passava seus ensinamentos na China, influenciando todo o lado oriental do mundo, Platão dava aulas, na Grécia, e aí começava a influenciar todo o mundo ocidental. Por isso eles fizeram questão dessa passagem da Grécia por aquela parte [[do centro do estádio]]...

MU: [[É... todos atletas vão passar]], isso é uma das coisas originais. É uma espécie de uma tela, um papel, em que todo atleta vai ter que passar por ali e deixar a sua marca. Vai virar, digamos assim, o símbolo da Olimpíada.

GB: Daqui a pouco nós vamos ter o Brasil. Temos o Equador... é a décima sétima delegação a se apresentar. Lembrando que serão duzentas e quatro, porque uma não se inscreveu a tempo, como acabou de informar o Marcos Uchôa, eram

duzentos e cinco. E nós temos uma convidada especial, vai participar de nossas transmissões, já tem participado dos nossos trabalhos aqui. Ela deve/é... primeiro, tá vivendo um momento especial, porque, tendo participado de três Olimpíadas, é a primeira vez que está vendo a festa, ela tem duas medalhas, foi medalha de ouro[[lá em Atlanta...]]

MU: [[Em Atlanta...]]

GB: ...em noventa e seis, foi medalha de bronze em Sydney, em dois mil, no vôlei de praia, que o Bassan acabou de falar. E em noventa e seis ganhou o ouro, e, por ter ganho o ouro, em dois mil nós completávamos cem anos da participação da mulher em Jogos Olímpicos, então, ela, por ter o ouro, e por ser uma mulher, uma atleta... aí a Jamaica, vamo falar da Jamaica... ela foi escolhida pra carregar o estandarte, a bandeira brasileira nos Jogos de Sydney. Já já ela vai falar quando pintar o Brasil aí, da emoção de estar aqui, e da emoção de carregar a bandeira brasileira. Tô, claro, falando da Sandra Pires. A Jamaica. A Jamaica vem com um detalhe especial e importante.

PB: Dois... dois... é... velocistas. A prova dos cem metros vai ter dois jamaicanos contra um americano, os atletas principais, sendo que dois quebraram o recorde mundial recentemente, o Asafa Powell, com nove e setenta e quatro, e depois o Usain Bolt, com nove e setenta e dois, era apenas a quinta prova dele.

GB: Ainda tem o Tyson Gay, eles prometem, de repente, ouro, prata e bronze.

MU: É... o curioso é que a Jamaica nunca comemorou uma medalha de ouro nos cem metros, mas ela já ganhou TRÊS VEZES ((rindo)), ganhou com Bem Johnson, que não levou por causa do doping, ganhou com Linford Christie, que era na/o Bem Johnson era naturalizado canadense, o Linford Christie, era naturalizado britânico, e, depois o Donovan Bailey, em noventa e seis ganhou também como canadense, embora os três sejam jamaicanos.

PB: Agora, os dois principais vêm com a bandeira da Jamaica pra, quem sabe, levar a primeira medalha de ouro.

GB: O Asafa Powell e Usain Bolt.

PB: Lembrando que Tyson Gay, o americano, já correu mais rápido do que esses dois, só que com a ajuda do vento, [[por isso o recorde dele não é reconhecido]] ((rindo)).

GB: [[É... (XXX) com o jamaicano (XXX)]]... correu [[mais do]] que os dois.

PB: [[É...]] Já fez nove e sessenta e oito, o Tyson Gay.

GB: Aí a Delegação de Israel, vigésima segunda. Na sequência vamos ter o Japão, sempre muito forte na ginástica e no judô[...

MU: [Ó... o Shimon Peres, eu acho que ele foi todos os cargos possíveis de ministro de Israel ((rindo)). Ele já foi... é difícil dizer o que ele... e é do partido trabalhista.

GB: E primeiro ministro já foi algumas vezes.

MU: Já fez tudo em Israel, Shimon Peres... só não foi atleta, eu acho. ((Rindo)).

PB: Israel não tem muita tradição em medalhas, mas tem velejadores, agora, com boa chance de medalhas nessas Olimpíadas.

GB: São vários os chefes de Estado que estão aqui presentes, inclusive, Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil.

PB: São oitenta e seis chefes de Estado, Galvão.

MU: Olha, temos o Japão, aí... vamos ver a reação do estádio, já que o Japão e a China têm problemas sérios desde a Segunda Guerra Mundial e de antes da Segunda Guerra Mundial, com a ocupação japonesa em solo chinês.

GB: A ocupação japonesa no começo dos anos trinta, que duro até o final da Guerra, até mil novecentos e quarenta e cinco. E os chineses reclamam de muitos atos de barbárie por parte dos japoneses e há um... uma certa[...

MU: [mal estar...

GB: Um certo mal [[estar. Vamos ver a reação]]

PB: [[Mas... mas tão sendo muito educados]]

SB: O conflito mais [[recente foi em dois mil e quatro]]...

GB: [[E eles tão sendo aplaudidos]]

PB: [[Muito educados]]

MU: [[O Japão, ele ganhou dezesseis medalhas em Atenas]]...

SB: [[...quando a Embaixada do Japão aqui em Pequim foi atacada por estudantes.]]...

MU: [...foi um número excepcional.

GB: Peraí. Vamos/vamo/vamo com calma. A Sandra, acho que falou ali pela [[primeira vez]]...

PB: [[Foi a Sônia. Foi a Sônia Bridi]]

GB: Foi a Sônia Bridi... ah, perdão... Pra que [[a gente não... não fale um junto com o outro. Diga lá, Sônia.]]

SB: [[Desculpa. Eu tava lembrando que em dois mil e quatro a Embaixada]] do Japão foi atacada aqui pelas estudantes, em várias manifestações. E isso foi feito pra tentar impedir o Japão de fazer parte do Conselho de Segurança da ONU, o projeto do qual o Brasil também fazia parte.

PB: Aplausos pra Taiwan.

GB: Todos estavam imaginando o que fosse acontecer. Depois da queda do Império, em mil novecentos e onze, veio a República da China, e houve uma dissensão dentro do Partido Nacionalista. Mao Tse-Tung, por exemplo, tava no

partido... os comunistas foram afastados. Ele, assim como aconteceu com Fidel, em Cuba, foi pras montanhas, e Chiang Kai-shek assumiu. E depois, em mil novecentos e quarenta e nove, quando veio a República Popular da China, o Chiang Kai-shek se retira e pega uma parte da China. Então, se esperava, talvez, uma reação negativa. E eles foram calorosamente aplaudidos.

MU: É uma zona muito militarizada, dos dois lados. China sempre/nunca aceitou, né, que Taiwan virasse um país, né, que, na verdade, ficou muito afastada das Olimpíadas por causa disso, o Comitê Olímpico Internacional aceitou... é... Taiwan, que é Formosa, como foi chamada, (XXX) Hong Kong, aí, que, agora, faz parte da China, mas ainda tem um Comitê Olímpico separado, por isso que, quando a gente fala em duzentos e quatro países, não é exatamente duzentos e quatro países, tem países e regiões, tá. Hong Kong faz parte técnica da Chi/tecnicamente da China, embora tenham uma política um pouquinho diferente.

GB: Percebe-se claramente uma manifestação dos chineses em relação a “um só povo”. Hong Kong, que agora volta a ser China, Taiwan, que é um chinês que tá ali apenas com[[... com uma direção diferente, claro...]]

MU: [[É... os maiores investidores da China é o pessoal]] de Taiwan. Agora, uma curiosidade: o governo chinês tentou fazer com que a passagem da Tocha passasse também por Taiwan, e o governo de Taiwan se recusou. Então, a/amigos, amigos, ((risos)) (XXX), [Olimpíadas à parte...

PB: [Mas a política lá, mudou. Agora tivemos a eleição, e ganhou um governante... o atual governante de Taiwan é muito mais próximo da China... da República Popular da China e, portanto, esse país vive um momento especial nesse relacionamento. OS VOÔS, estão acontecendo pela primeira vez... vôos diretos, tanto momento[...

MU: [Todo fim de semana, né...

PB: É... exatamente. Um momento da história (XXX), nunca estiveram tão próximos, talvez, Taiwan, que a China considera uma província rebelde, e a própria China.

GB: Gâmbia, (XXX) pequenas delegações, de pequenos países. Ilhas Maurício. Na

sequência nós vamos ter Mauritânia, Dinamarca, Uganda, e vamos nos aproximando do Brasil.

PB: O Uruguai vai vir à frente do Brasil também... essa or/essa ordem alfabética chinesa ((risos))...[[pregou peça na gente]]

MU: [[Os últimos serão os primeiros]] ((rindo)).

PB: Menos a Zâmbia, pobrezinha. ((Rindo)).

GB: Vem, olha só, Uganda, Ucrânia, Uruguai, u/Ubequistão, aí depois vamos pro “bê”: Brunei[...

PB: [Brunei [[tá fora...]]

MU: [[é... é... é...]] Brunei tá fora... i/e/e... [[(XXX)]]

PB: [[O Uchôa falou que acabou de ser excluído]]

GB: Brunei e (XXX). E aí vem Barbados, mas entre Barbados, com a letra “bê”, e Brasil, tem Papua-Nova Guiné.

PB: Que eles chamam de “Babuá”, por isso, por/pra eles é/o/é/o/é mais ou menos [[o mesmo som]]... é...

MU: [[é o som parecido]]... como agente é “Bāxī”, que é um “bê”, meio “pê”... né.

GB: Aí [[a Dinamarca]]

MU: [[E a família real dinamarquesa, aí]]

GB: São chefes de Estado, são membros de realza. A China... talvez, nenhuma cerimônia tenha atraído tantos chefes de Estado quanto esses OITENTA E SEIS presentes hoje na China, porque TODOS querem ser parceiros comerciais da China.

MU: É... esse é o famoso mercado inexplorado, que ninguém quer deixar de fazer



parte, né. ((Rindo)).

GB: O presidente Lula veio em missão esportiva... veio como, digamos, assim, garoto propaganda da candidatura do Rio pra dois mil e dezesseis, e também, claro, como chefe da nação brasileira. E ontem se encontrou como presidente chinês no salão do povo, aqui na China.

MU: É... tanto o Rio de Janeiro, quanto Tóquio, quanto Chicago, Madri estão fazendo uma pesada propaganda aqui. Eles só têm que convencer cento e cinco pessoas. Mas, no final das contas, essas relações públicas vale pra todo mundo. Vimos aqui, logo à esquerda, o Serguei Bubka, aquele famoso recordista de salto com vara... praticamente... [[olha ele aí...]]

GB: [[Aí está ele...]]

MU: ...aparecendo aí... ele é... fala-se nesse esporte, fala-se em Serguei Bubka.

GB: Serguei Bubka, que bateu trinta e três vezes o recorde mundial no salto com vara e é dono de um dos maiores fiascos olímpicos. Ele veio pro salto com toda autossuficiência, e, no salto, você pode passar a altura que é chamada[...

MU: [Escolher...

GB: Você começa o/no momento em que quer. E ele escolheu o memento pra começar, tentou três vezes, três vezes derrubou o sarrafo, e ficou em último[...

MU: [Olha as marcas aí dos pés, fazendo esse imenso mural dos pés olímpicos.

GB: Serguei Bubka, que hoje é um dirigente olímpico. Do Comitê Olímpico Internacional também.

MU: É... diga-se de passagem que o Comitê Olímpico Internacional começou a fazer um processo de dar mais representatividade ao atletas. Isso antes não existia, hoje, realmente cada vez temos mais atletas, pessoas diretamente envolvidas com o esporte, participando das decisões principais do esporte.

GB: O Jacques Rogge, que é o presidente, o oitavo presidente, Barão Pierre de Coubertin foi o primeiro, ele é o oitavo presidente do Comitê Olímpico Internacional, é um ex-iatista olímpico da Bélgica. Aí o Uruguai. Tá chegando a vez do Brasil. Uma pequena representação uruguaia. São muitos os atletas que não vêm. O Oscar Schmidt participou de cinco Olimpíadas e só veio numa. Só participou do desfile em uma. Em uma delas... ele vai contar, depois. Vou deixar pra ele contar daqui a pouco. O Oscar também está conosco. Ele ia até ser o porta-bandeira brasileiro, mas tinha jogo no dia seguinte.

PB: É... o Brasil, a/a/a... como você disse, né, Galvão, mostramos o vôlei que não está... o atletismo também não tá, que compete só na segunda semana[...

MU:

[Natação...

PB: Natação brasileira que compete só amanhã, também não tá.

GB: No mínimo, s... no mínimo, seis horas, pra participar do desfile. Entre sair e voltar à Vila. Então vamo mostrar o pessoal que tá na Vila, que não tá participando, ó. Que, por ter jogo amanhã, por nadar amanhã. Aí Barbados. ((Aparece, na transmissão da Globo, uma divisão da tela, onde são mostradas duas imagens: uma com a continuação da cerimônia de abertura, e outra com parte da Delegação Brasileira na Vila Olímpica acenando para a câmera, porém, esta última, sem áudio)). Na hora que quiserem, então, vamos mostrar os atletas brasileiros. Aí vocês estão vendo aí... isso. Boa sorte a todos vocês. Vamos estar juntos, e juntos com a torcida brasileira nos próximos dezessete dias.

PB: Tá chegando a hora do Brasil...

GB: Tá chegando. Já já nós vamos ver, na câmera da Globo a bandeira brasileira. Já temos aí a câmera da Globo. Já temos/já temos aí... o Brasil vai entrar, e já temos, na câmera exclusiva da globo, o Robert Scheidt.

PB: Ainda não foi anunciado no estádio, né. Vamo ver a reação do/do público chinês.

GB: Ele tá um pouco escondido, ali. Ele tá um pouco escondido ali, atrás da placa.

Atrás dele tá o chefe da[...

PB: [da missão...

GB: Missão brasileira, o Marcus Vinícius. O Scheidt, de tantas medalhas no iatismo.

MU: É... ele que, acena, agora... que pode ser [[tri campeão]]...

GB: [[Aqui nós temos]]...

MU: [o único brasileiro  
com três medalhas de ouro.

GB: Nós temos a imagem, a câmera exclusiva da Globo. Está aí a câmera exclusiva da Globo. Nós temos a imagem, está aí, o Robert Scheidt. E já temos nas duas imagens, o Brasil. Apareceu a Isabel Suã, aí está o Robert Scheidt, aí aparece o Robert Scheidt, o porta-bandeira brasileiro. Muito bem. Sandra Pires, em dois mil você teve a honra que está tendo, agora, o Scheidt. O que é participar de um desfile? O que é conduzir a bandeira brasileira? E o que é estar hoje, aqui, assistindo, pela primeira vez, Sandra?

SP: Oi Galvão. Olha, realmente é muito emocionante, eu vi ali pelo rosto do Robert Scheidt, tava um pouco nervoso. E quando você entra e vê essa multidão toda, esse estádio lindo, realmente é muito emocionante... meu coração aqui... eu que to do lado de fora, assistindo, pela primeira vez, to muito emocionada. E tá lindo... tá lindo... é muito bacana poder ver o Brasil, assim, reunido, todo o estádio... o esporte, realmente, ele é maravilhoso, ele une todos os povos, e eu tô/é uma honra tá assistindo aqui hoje. Tô muito feliz. Um grande dia pra mim, hoje.

GB: Muito bem, enquanto vocês estão vendo aí os atletas que a gente... a Sandra, a Sandra estava ali falando. E aí o presidente... o presidente Lula.

MU: O pessoal do vôlei masculino fazendo uma festa danada ((rindo)).

GB: O vôlei, que começa depois de amanhã, o masculino, então, foi liberado pra participar. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que já apareceu na imagem do (XXX).

PB: Aí os últimos brasileiros, encerrando... encerrando o desfile, a participação brasileira.

MU: É... Tamo vendo muito homem, mas, na verdade, essa é a maior participação de mulheres, né Bassan, aqui no/do/da história do/da Delegação Brasileira, pela primeira vez, má/as/tá batendo o recorde, cada vez mais mulheres participando.

GB: Passada, portanto, a Delegação Brasileira.

PB: Muito aplaudida... muito aplaudida, em Galvão, [[desde que passaram]]

GB: [[Muito aplaudida]]... deixa eu falar com a Sandra de novo, que eu, daqui a pouco vou falar/quero falar com o Oscar. Sandra, você viveu aquela emoção, você explicou... você esteve em três Olimpíadas como atleta. E, agora, você assiste pela primeira vez. É muito bom estar lá dentro... mas é um privilégio estar aqui de fora também, podendo acompanhar e ver a belíssima festa que os chineses mostram, não é isso, Sandra?

SP: Com certeza, Galvão. Tá muito bonito. Com/eles prepararam com muito carinho, muita dedicação, eu tô impressionada, foi lindo, foi muito bonito, adorei aqueles tambores... tudo muito bem feito... muita dedicação. Exatamente como a gente imaginava que a China faria esse espetáculo.

GB: Meu amigo OSCAR SCHMIDT, depois de CINCO OLIMPÍADAS, de mil novecentos e oitenta, em Moscou, até noventa e seis, em Atlanta, você que foi sempre um homem das cestas e da emoção. Você que, tantas vezes, chorou em público, em lágrimas abertas, você não teve a chance de carregar a bandeira brasileira. Foi convidado, preferiu se guardar pra um jogo do dia seguinte. Com toda essa história olímpica, é a primeira vez que você está num estádio assistindo uma cerimônia de a.../de abertura, você tá vendo a Delegação da Palestina, e, agora, Cuba, que tem sempre uma participação importante. O que é estar aqui, Oscar? Como é? Você viaja no tempo? Você se vê lá dentro? Se vê na.../você se vê na Vila Olímpica, sem poder estar aqui?

OS: Galvão, eu vou resumir com uma frase só. Eu tive chance de levar a bandeira, e me arrependo muito de não ter levado, porque é uma coisa única na vida de um

atleta, mas eu era responsável demais, eu preferi ficar descansando, porque são oito horas que um atleta fica em pé. Mas eu resumo no seguinte: eu nunca vi uma festa assim. Lá dentro, você também não vê a festa. Eu desfilei uma vez só. Mas eu gostaria muito que o povo brasileiro estivesse vendo a Olimpíada através de meus olhos, e sentindo a emoção que mor/meu coração tá sentindo. É demais, cara... é.../você participar do esporte, e vê uma festa desse tamanho para o esporte, num mundo perfeito, que é uma Olimpíada, onde não tem diferenças entre negros e brancos, judeus e palestinos, chineses e americanos... é bonito demais. É o mundo que todo mundo sonha. O sonho, que tá escrito aqui, "*The dream*", é esse mundo aí, e infelizmente vai ser difícil conseguir. E o sonho se resume na quantidade desses atletas fantásticos que estão desfilando aí. A Vila Olímpica, Galvão, é a cidade perfeita. São pessoas bonitas, de todas as nações, de todas as cores, de todas as religiões, que competem somente numa quadra, numa piscina ou num campo. O mundo deveria ser assim mesmo, e eu to muito emocionado de estar aqui vendo essa festa para o esporte. Brigado.

GB: OSCAR SCHMIDT, que sempre fala com o coração ((risadas de Oscar Schmidt ao fundo)). As lágrimas caíram dos olhos dele, e dos do Uchôa, aqui do meu lado.

MU: Emocionou... emocionou o Oscar, e realmente, eu acho que ele fez um discurso de abertura de Olimpíada mais bonito que eu já ouvi.

GB: Olha, Oscar, você tá vendo aí, nós tamos vendo a câmera exclusiva da Globo, você tá vendo o Robert Scheidt, passando ali. O que o Oscar teve a oportunidade, em noventa e seis, em Atlanta, e que acabou não fazendo, porque tinha um jogo importante no dia seguinte. O Scheidt, agora, em outra categoria. Ele que era cam/ele que é campeão olímpico. Ele que era o rei da *Laser*, e agora está no *Star*. Ele foi campeão mundial incontáveis vezes na *Laser* e, em dois mil e sete, começou a *Star* sendo campeão mundial. Então fica a expectativa, ele que é bicampeão olímpico, e que, além de ser campeão olímpico, tem a medalha de prata também. nas últimas três Olimpíadas ele ganhou dois/duas medalhas de ouro e uma de prata, vem atrás de mais uma medalha, tá aí o Robert Scheidt.

MU: Ele e o Bruno Prada, né...

GB: Ele e o Bruno Prada, é importante dizer isso, porque [[são dois]]

MU: [[(XXX)]] o Torben Grael, que sempre esteve na *Star*, não participou esse ano[...]

GB: [E que também vem de ganhar medalha [[o Torben Grael]]

MU: [[Também...]]

PB: É... a bandeira do Brasil... Brasil, em chinês, eu já disse, antes, Galvão, é “*Bāxī*”, não é... [[são duas letrinhas só]]

GB: [[“*Bāxī*”]]

PB: ... “*Bā*”-“*xī*”, e significa “perto do oeste”. “*Xī*”, “oeste”, e “*Bā*”, “perto”. Então, o Brasil tá bem a oeste da China... eles/a China, pra traduzir o nome dos países, muitas vezes arruma algum significado pra poder fazer essa transliteração, né.

GB: Veja só, “*Beijing*”, que aparece, e vai aparecer tantas vezes em nossas transmissões... é/o nome em chinês, pra nós/nós chamamos de “Pequim”, mas “*Beijing*”, antes nós tínhamos... nós tínhamos “*Nanking*”, a capital do sul, e agora temo/é/“*Beijing*”. “*Jing*” de “capital”, e “*be*”, de “norte”. Então, “a capital do norte”. E eles chegaram em um/numa certa época, a chamar Tóquio de “*Dongjing*”.

PB: Porque a letra é a mesma. O alfabeto é o mesmo...

GB: É... A capital/[...]

PB: [O “quio”[...]

GB: [...a capital do leste[...]

PB: [O “quio”, do “Tóquio”, é a mesma letra do “*jing*” do “*Beijing*”, só que a pronúncia é diferente.

GB: Exatamente.

PB: É. Que o alfabeto em que os dois países usam, é o mesmo. E/e/o/outras curiosidades, por exemplo, o Japão, que você acabou de falar, o Japão /o/o/em chinês, chama-se “*Riběň*”, significa “a terra onde o sol nasce primeiro”.

GB: Mas que [[é a terra do sol nascente.

PB: [[É... exatamente. Então eles vão... e/[...

GB: Os japoneses se autodenominam “a terra do sol nascente”.

PB: E os Estados/a curiosidade, agora, os Estados Unidos, sabe como chamam em chinês, Galvão?

GB: Como?

PB: “*Měiguó*”. Significa “o país bonito”.

GB: Olha só....

PB: Então. ((Risos)).

MU: A rivalidade, [[mas ao mesmo tempo...]]

PB: [[Quem iria imaginar, né]] ((muitos risos)). ((É mostrada uma imagem do ditador bielorrusso, chamado Lukashenko, segurando uma criança no colo)).

MU: Da Bielorrússia... [[uma ditadura feroz]]...

GB: [[Aí a Bielorrússia]]...

MU: Lukashenko. Ditador dos piores do que restou da União Soviética ((rindo)).

GB: Faz, ali, cara de simpático.

MU: É... a proximidade com o esporte sempre deixa um líder popular, né.

GB: Mas, olha[...

MU: [(XXX) muito...

GB: ...eu fico com o discurso do Oscar. E aí, o momento em que, para o mundo inteiro, porque a câmera principal, a transmissão principal, a Delegação Brasileira passa e deixa suas pegadas ali no pergaminho de três mil anos.

PB: A gente pode ver bem a tinta ali, né... as camadas de tinta que são colocadas antes do/do pergaminho.

GB: [[Coloca-se a]]...

MU: [[(XXX)]]

GB: ...tinta para que cada atleta pise na tinta e cada um deixe suas pegadas, todas as cores nessa aquarela, digamos assim, que é... que está sendo formada pelas passadas dos atletas.

MU: E temos a Índia aí, com uma pequena Delegação, mas é o único país que pode rivalizar nesse jogo de população ((rindo)): um bilhão e trezentos milhões, contra um bilhão. É um jogo meio parelho.

PB: E uma prova de que no esporte quantidade não é qualidade, não é? Porque a china tem ganho, em médio, uma medalha, a/a Índia, perdão. A Índia tem ganho em média, uma medalha nas últimas Olimpíadas.

GB: Já que falamos em medalhas, e já que você falou em Estados Unidos agora, será que a China vai conseguir seu objetivo principal de conquistar o maior número de medalhas e ganhar, no quadro de medalhas, dos Estados Unidos? Não é fácil, mas, como disse o Bassan, lá no início da nossa transmissão: de tal forma eles se prepararam, que, nesses últimos quatro anos, nenhum atleta chinês pôde dar uma entrevista. A não ser, claro, érhhh[...

PB: [Depois de competição[...

GB: [...um astro/um astro do/do/do basquete americano, como[...



PB: [O Yao Ming[...

GB: [O Yao Ming, que vai trazer a bandeira chinesa. Mas, a/os que aqui treinavam não podiam dar entrevistas, mal podiam falar com a família. Eles se prepararam como nunca. Por exemplo, eles vão fazer provas de adestramento, nas provas de hipismo, coisa que nunca se imaginou como esporte na China, eles vão jogar BEISEBOL, que nunca se imaginou jogando/um time jogando beisebol na China. Será, Uchôa, que eles conseguem?

MU: Olha, a China, em Atlanta, ser quarto lugar, terceiro em Sydney e segundo, em Atenas, e eles fizeram ainda, logo depois de Sydney, um projeto que se chamava “Projeto Cento e Dezenove”, que era exatamente o número de medalhas que se pode conquistar em esportes, digamos assim, pouco populares: Caiaque – são dezesseis medalhas, por exemplo; halterofilismo, no caso, levantamento de peso; o tiro... esportes que não são tão populares, mas, você investindo bem... e se faz quase uma certa eugenia, porque se escolhe a criança muito pequena baseado em características FÍSICAS que permitam que ela se desenvolva no esporte. Então tiraram, por exemplo, uma mulher, pra fazer remo, ela era do interior da China, nunca tinha visto um LAGO, quanto mais água, de uma maneira geral. E ela foi escolhida pro remo.

GB: Vamo ten/vamo tentar, aqui, um contato com o Marcelinho, levantador da seleção brasileira de vôlei. Eu tô vendo o Marcelinho aqui com o telefone no ouvido, tapou o outro ouvido pra tentar o contato. Alou Marcelinho. Galvão. Tá me ouvindo, Marcelinho?

MA: Tudo bem? Tá tudo bem aqui, tudo perfeito, uma festa maravilhosa aqui.

GB: Tá me ouvindo? Se tiver ouvindo, qualquer coisa que você escutar, pode falar, o que o seu coração tiver sentindo, o que você quiser dizer, nesse momento, Marcelinho.

MA: Eu quero dizer que eu tô num (XXX) maravilhoso da minha vida, participando da minha segunda Olimpíada, é... o meu filho tá prestes a nascer também, minha mulher tá grávida, pode nascer a qualquer momento, e eu to tendo emoções, aqui, a todo instante e tô querendo aproveitar isso tudo da melhor maneira, e cada minuto

que vai passar aqui, eu tô (XXX) como o último aqui, porque é muito emocionante participar de uma festa tão grande como esta.

GB: Muito bem. Tá aí o Marcelinho falando da segunda Olimpíada, aproveitando o momento. Toda sorte pra você, Marcelinho, seja portador do nosso desejo de todos nós que estamos aqui pela Globo e de toda torcida brasileira, seja você portador aos seus companheiros que a nossa torcida será grande e o nosso desejo é do sucesso de vocês. E que se possa repetir a brilhante conquista de Atenas, há quatro anos. Parabéns, boa sorte.

MA: Brigado, Galvão[...

PB: [Pedir pra ele dar um “tchauzinho”, Galvão.

GB: Dá um “tchauzinho”.

PB: Tira a mão do... tira a mão do ouvido ali, dá um “tchauzinho”, Marcelinho.

GB: Se cê tiver ouvindo, cê tá na/cê tá no ar, aí, pode/se fazer um sinal pra nós, aqui... se você conseguir entender.

MA: Ahã. Obrigado e [[o que eu posso falar é que]]...

GB: [[Isso, tá de frente pra câmera, agora]][....

MA: [...eu vou dar o meu máximo aqui pro time, esse é o meu compromisso com o Brasil.

GB: Muito obrigado, Marcelinho, muito obrigado. Muito obrigado. Curta aí o desfile, [[boa sorte pra você]]

MA: [[Obrigado, Galvão]], um abraço aí a todo mundo.

MU: Ó, o vôlei masculino que, realmente, teve um domínio nos últimos anos do esporte, que é RARÍSSIMO de se ver em esporte desse nível, uma qualidade excelente, o tropeço na Liga Mundial, realmente o que a gente torce demais pra que esse/eles se levantem rapidamente agora pra Olimpíada ((rindo)). Agora, essa

seleção, realmente, já gerou muitas alegrias pra gente. E a gente espera que, mais uma vez, o vôlei masculino teja ali, brigando pela medalha de ouro.

GB: A sempre animada Delegação do Canadá.

MU: O Canadá que veio com o uniforme que se tem até um paninho que eles podem usar como se fosse um FILTRO contra a poluição. É impressionante, esse lençinho, aí que vem jun/perto da gola, eles podem usar como se fosse um filtro contra a poluição. Aí o... o Primeiro Ministro... o... esqueci o nome, agora. ((Risos)).

GB: Confesso, também fiz força pra lembrar, aqui.

MU: Ô... é... o Dick Pound, esse, agora, eu confundi com o Dick Pound, que era da Agência de Dopings, enfim.

GB: Vamos fazer o seguinte: vamos recuperar um pouco as imagens da participação brasileira, do desfile brasileiro. Os brasileiros estão já lá ao centro. Vamo colocar de novo, aí, uma parte, a entrada, o Robert Scheidt à frente como porta-bandeira da Delegação Brasileira e a apresentação da Delegação Brasileira. Assim que ti/é aí você tá/já está revendo. Aí os atletas dançando, alegres, felizes. É realmente um... um privilégio. ((Aparece, na transmissão da Globo, uma divisão da tela, onde são mostradas duas imagens: uma com a continuação da cerimônia de abertura, e outra com alguns pais de atletas do Clube Pinheiros)). E olha, e as.../e/e/e... mães, pais de atletas do Pinheiros, de São Paulo, dividindo a tela, mostrando a metade pra você, na participação brasileira aqui, da Delegação Brasileira. ((As pessoas, que estão sendo mostradas na tela dividida, começam a gritar bem alto: “PINHEIROS, PINHEIROS!!”). Aí você tá vendo os pais do Cássius Duran do saltos ornamentais, da Flávia Delaroli, da natação, lá no Pinheiros, onde eles.../eles são atletas do Pinheiros, né. E o Pinheiros, que é/é/é/é/se.../na/historicamente, o clube que mais forneceu atletas pra Delegação Brasileira. Então, aí os pais dos atletas, vendo os filhos, orgulhosamente. O orgulho de ter um/d/e/a possibilidade de ter um filho em uma Olimpíada, fechando esse ciclo de quatro anos, esse ciclo mágico de quatro anos, de uma pra outra Olimpíada, que significa uma vida. Com essa história de novos.../novos esportes, esportes essencialmente profissionais, e essa disputa: se o tênis está, por que o golfe não está? O bicampeão agora[...

MU: [O Pádraig Harrington...

GB: O Pádraig Harrington do[...

MU: [O irlandês[...

GB: [... do aberto/do aberto da Inglaterra, irlandês.  
Ele disse assim: “Não. Acho que não deve estar. Nós somos/praticamos profissionalmente todos os dias, eles têm um ciclo de quatros anos e entregam a vida pra isso e têm muito mais direito do que nós de estarmos lá”. Há controvérsias[...

MU: [É... é uma maneira de pensar, uma corrente que se diz o seguinte: a Olimpíada deve ser o momento MÁXIMO da vida de um atleta. É o/o pico. Realmente, você vive a tua vida atlética, desportiva, para chegar aqui. Isso não é verdade para o golfe, como não é verdade para o tênis. [O Federer...

GB: [E não é verdade para o futebol[...

MU: [Pro  
futebol também não[...

GB: [... que está dando toda esta confusão...

MU: É...

GB: Limita em vinte e três anos, libera, não libera. Ações, reações. Protestos contra protestos. Decisão de tribunal internacional[...

MU: [É[...

GB: [...de esporte[...

MU: [É[...

GB: [...então[...

MU: [...eu tenho

certeza que o Guga não trocava um Roland Garros por um título olímpico. É... um/o Federer não trocava um Wimbledon por um.../como um/um aberto dos Estados Unidos [[de Golfe também vale mais]]

PB: [[Agora, por exemplo, o/o/o/o...]]...

GB: [Mas o Oscar não trocava um/um campeonato mundial pelas Olimpíadas que disputou.

MU: [[É menos profissional...]]

PB: [[É/e/e/é/e agora]]... e agora, por exemplo, os americanos, depois de terem perdido, em Atenas, a Argentina/quando a Argentina ganhou a medalha de ouro, iniciaram todo um projeto nos últimos quatro anos pra trazer de volta o principal do basquete americano, tanto que tá vindo Kobe Bryant, LeBron James...

GB: Mas aí tem uma frase do técnico espanhol, a Espanha que é campeã do mundo, que disse o seguinte: “Eles já menosprezaram o que tinham que menosprezar. Os americanos se arrependem do menosprezo com que trataram as outras potências do basquete.”. Perderam o campeonato mundial pra Espanha, e ago/e perderam a Olimpíada pra Argentina. Por isso vêm com o que têm de melhor.

MU: É... mas há, também, nisso tudo, também, um lado comercial importantíssimo. A liga profissional americana investe TREMENDAMENTE no mercado chinês, tá abrindo loja por tudo quanto é lado, e tem o Yao Ming. Então, TEM QUE GANHAR DINHEIRO NESSA HISTÓRIA TAMBÉM ((rindo muito)).

GB: Tem uma parte assim. Vamo tentar.../vamo colocar o Robert Scheidt no ar. Vamos lá. Primeiro tentar colocá-lo no ar. A hora que ele tiver.../tá ele aí. A câmera exclusiva brasileira. Primeiro, eu queria saber, SE VOCÊ TIVER ME OUVINDO, ROBERT SCHEIDT, FAZ UM SINAL AÍ, PORQUE VOCÊ ESTÁ NA CÂMERA AO VIVO pro Brasil. Cê ti/é Galvão Bueno, se ocê tiver me ouvindo, faça aí um sinal pra nós, Scheidt.

RS: Aloha...

GB: Aí... tá ouvindo perfeitamente. Então, Scheidt, saiba você que nós ficamos aqui todos imensamente orgulhosos como você, por tê-lo como porta-bandeira do Brasil. O Oscar Schmidt me dizia, ontem: “Ninguém mais do que Scheidt merece a honra de ser porta-bandeira do Brasil, por tudo o que ele fez, pelos títulos mundiais, pelas conquistas olímpicas...”, então, nós desejamos a você, em nome de toda a torcida brasileira, SUCESSO. E que, mais uma vez, você possa fazer subir lá ao alto a bandeira do Brasil, [[e deixar todo brasileiro orgulhoso e feliz. Parabéns a você. ((Robert Scheidt responde, ao celular, com dificuldades, por causa de interferências)).

RS:                                [[Galvão, brigado pela (XXX) (XXX)]] (XXX) (XXX) (XXX) o Brasil, eu acho que... (XXX) difícil descrever a sensação, acho que, com a exceção do pódio olímpico, talvez tenha sido a emoção mais forte que eu senti numa Olimpíada. Brigado, e que todo o Brasil torça pra/prá essa delegação, e... aqui em *Beijing-2008*, pra gente voltar pra casa com um bom resultado, representar bem o Brasil mais uma vez. Um abraço pro Brasil todo.

GB: Brigado, Scheidt, muito obrigado. Obrigado pelo carinho... no começo/começou ruim, uma certa dificuldade, mas no fim ele falava, deu claramente pra entender, um grande abraço/um grande abraço pra você... apareceu aí o Samaranch, ex-presidente do Comitê Olímpico Internacional, no momento em que entra a Espanha, ele que é catalão, é de Barcelona, é espanhol, ficou em pé, reverenciando a chegada da Delegação da Espanha.

MU: E que hoje cabala votos para Madri ((rindo)).

GB: Claro...

MU: Contra o Rio de Janeiro pra dois mil e dezesseis, a disputa de cidade olímpica[...

GB:        [Da mesma forma que o presidente Lula está aqui cabalando votos para o Rio de Janeiro, pra dois mil e dezesseis.

MU: E que beleza o conjunto, essa orquestra chinesa.

GB: É... eu falei que [[or/orquestra dos cinco continentes...]]

SB: [[É uma orquestra de mulheres tocando *er hu*]], o violino de duas cordas chinês.

GB: Aí a informação da Sônia Bridi.

MU: E o Rafael Nadal aí...

GB: Ó o Rafael Nadal.

MU: Tenista número um a partir dessa semana. Ó o que vem.

GB: A Espanha tá demais, né.

PB: Príncipe de Astúrias, Príncipe Filipe, futuro/futuro monarca da Espanha.

GB: Ele que já participou de Olimpíadas. Já foi, inclusive, porta-bandeira da Espanha. latista, já foi porta-bandeira da Espanha.

PB: E nós temos aqui, também, na Delegação da Grã-Bretanha um integrante da/uma integrante da família real, não é? A filha da princesa Anne é da equipe de hipismo.

GB: [[Falar em Espanha]]...

MU: [[(XXX)]]

GB: Você falou em Nadal, a Espanha atravessa um momento de euforia total do esporte. Eles têm o tenista número um do mundo, que é o Nadal. Eles têm o ciclista número um do mundo, que acaba de vencer o/acaba de vencer o/a/o *tour*[...

MU: [Tour de France.

GB: O *tour* da França, que é o Carlos, me falta o sobrenome dele, agora. Carlos/já já eu me lembro (XXX), mas eles acabam de conquistar o título europeu de seleções do futebol. Eles são campeões do mundo de basquete. Nos últimos três títulos de Fórmula 1 o Fernando Alonso ganhou dois. Eles vivem um momento de... ganharam

a sub-21... eles vivem um momento de euforia TOTAL no esporte. É o grande momento espanhol na história do esporte na Espanha.

MU: É... sem dúvida, nunca houve nada comparável. Até o futebol... tradicionalmente eles davam aquela amarelada ((rindo)) famosa... era/são conhecidos na Europa como uma seleção que nunca chegavam. Conseguiram vencer o campeonato europeu.

GB: E eles querem... e prometem isso, o/o Príncipe das Astúrias dizia hoje cedo, quando foi encontrar os atleta espanhóis, e eu pude ver na televisão, ele dizia: “Quero de vocês a superação das mais de vinte medalhas de Barcelona”. E aí o Iraque, que foi uma grande dúvida, sendo aplaudido pelos chineses. O Iraque que não ia poder participar, ia desfalar as Olimpíadas, e acabou com um movimento forte dentro do Comitê Olímpico Internacional, podendo participar desses Jogos.

MU: É... o governo iraquiano dissolveu o Comitê Olímpico, porque onze dos seu integrantes, dos onze, quatro tinham desaparecido no caos que o Iraque hoje é, infelizmente, desde a Guerra de dois mil e três, o Iraque teve esse problema. O Iraque teve uma participação linda em Atenas, em dois mil e quatro, com o time de futebol que chegou às semifinais e emocionou a todo mundo, e depois eles foram campeões asiáticos de futebol. Agora veio com uma delegação mínima, são dois atletas, apenas.

GB: Agora o Irã. E a gente, como não tem ordem alfabética, tem que procurar, aqui, onde é que a gente pode achar.

PB: Temos aqui [o/o Irã

GB: [Octogésima[...

PB: [é o octogésimo primeiro[...

GB: [...octogésima primeira delegação.

MU: É... o Irã que é um dos principais parceiros comerciais da China. Aí, nessa hora,



você/existe um envolvimento político muito forte. Con/é/conselho de segurança em relação a/a tentativa do Irã de/de usar energia nuclear, problemas, enfim, é... políticos, em relação a isso, mas uma ligação muito forte entre China e Irã, comercialmente.

GB: Vocês viram, ali, a Delegação do Canadá, passando, ali, pela aquarela, pintada com as pegadas os atletas. A Guatemala ganha, agora, o estádio. E o Irã tem importância no levantamento de peso. O levantamento de peso que acabou, aí[...

MU: [É... o  
(XXX)

GB: ...gerando/gerando problema e/e falam-se até em tirar dos Jogos Olímpicos... Acho muito difícil, porque se nós formos lá no "*citius, altius, fortius*", como era a/citado nos Jogos da Antiguidade grega, "*citius, altius, fortius*", ou, "mais rápido, mais alto e mais forte", a força sendo fundamental, mas muitos atletas da Bulgária[...

MU: [[Da  
Grécia (XXX) da Bulgária]]

PB: [[(XXX)  
a delegação inteira da Bulgária]]

GB: Uma delegação inteira da Bulgária, atletas da Grécia, [[do levantamento de/de peso]]...

PB: [[Da Turquia]]

GB: Da Turquia, foram afastados por doping. É o fantasma que assombra,[sempre...

MU: [Levanta[...

GB: [...os  
Jogos Olímpicos no dia da cerimônia de abertura[...

MU: [E...

GB: O que vai acontecer?

MU: É... alguns esportes mais do que outros são suscetíveis ao uso de doping. É claro que a gente vê, infelizmente, no ano passado, é... foram feitas, em termos de exames de doping, no mundo, cento e setenta e quatro mil e quatrocentos e oitenta e três, pegaram três mil e trezentos atletas. É um número pequeno, dentro do universo, mas substancial. Esse problema continua. Agora, em ciclismo, em levantamento de peso é particularmente delicado, e é/e, infelizmente, temos que lembrar, Marion Jones, né, que hoje está na cadeia, ela nunca foi pega num exame antidoping, teve que confessar por um outro tipo de investigação, ela que ganhou em Ate/em Sydney, cinco medalhas, teve que devolver as medalhas todas. É... o revezamento quatro por quatrocentos do/dos Estados Unidos também teve que devolver as meda/as medalhas (XXX) ganhas... quer dizer, é um problema muito sério, que, infelizmente, engloba vários países.

PB: E agora, com a nova regra de que todo o atleta que for punido por alguma federação por mais de seis meses, por doping, está automaticamente excluído[...

GB: [Excluído...

PB: ... da edição seguinte dos Jogos Olímpicos.

GB: ...dos Jogos Olímpicos... É/é/é uma guerra que tem que ser travada... é muito ruim falar em guerra nesse mo/momento em que só se fala em paz. É uma luta que tem que ser, é/ã[...

MU: [É... isso é um... isso é um[...

GB: [...encarada com toda seriedade contra o doping porque aumenta a cada instante.

MU: É[...

GB: [Ainda essa semana, dúvidas e notícias de doping sistemático no esporte russo. Não num esporte, em si, mas no esporte russo[...

MU: [No atletismo, [[oito]] atletas foram barradas, na pica de vir pra cá...

GB: [[Oito...]]

PB: Na [[semana passada]], né, quer dizer[... ((rindo))].

GB: [[Oito...]] [Claro

PB: Atletas importantes[...

GB: [Fim de julho, oito atletas, [bolsas...

MU: [Campeã mundial dos cem (XXX) mil e quinhentos metros foi barrada. [É... o que se...

GB: [E a/e há que se lutar essa luta com todo o afinco

MU: É... porque... é/está na raiz da credibilidade do esporte. Você acredita naquilo que você está vendo, ou você suscita uma dúvida de “bom, aquilo ali não foi, realmente, uma proeza esportiva, mas uma proeza química”, né? Então, realmente, é uma luta que não pode se parar em nenhum momento ((rindo)).

PB: Por falar nisso, Uchôa, o presidente do Comitê Olímpico, o Jacques Rogge, disse que, paralelamente a essa luta, agora as atenções do Comitê estão voltadas até pras Olimpíadas, pra armação de resultado e apostas no esporte. É uma outra luta que o/que o Comitê Olímpico tem que travar.

GB: Eu quero voltar em mil novecentos e oitenta e oito, nos Jogos da Coreia, quando eu tive... aproveito, aqui, pra fazer, então, também uma homenagem a ele, ler uma crônica escrita por Armando Nogueira depois do doping do Ben Johnson. Lembrar apenas uma frase... que ele dizia/que ele dizia o seguinte: “Ô ladrão, devolve a medalha que você roubou”. Muito bem, vamos atletas brasileiros na Vila Olímpica. Vamos ver as câmeras da Globo na Vila Olímpica mostrando atletas brasileiros. ((Novamente é utilizado o recurso de divisão de tela)). Nós temos por lá a Fabi, temos a Daiane dos Santos, boa sorte, boa sorte, Daiane. A Valeska. É a Fabi que tá com o telefone? É isso? Como vai Fabi, tudo bem?

FO: Oi Galvão, tudo bem. Prazer falar com vocês aí.

GB: Prazer é meu. E me diga uma coisa, vocês estão se poupando, né? Isso, a Jaqueline, todas as meninas fazendo sinal ((risos))

FO: [[É... a gente tem/a gente joga amanhã contra a Argélia, mas]]...

GB: [[Dá uma certa tristeza de jogar amanhã e não poder participar da festa hoje?]]

FO: ... é/é... dois dias depois a jogar contra a Rússia, então é importante, a gente tá descansando, mas o descanso faz parte dessa/dessa preparação pra ir/prá estreia aí.

GB: Muito bem. É claro que tem que se poupar, jogos importantes... mas eu repito aqui o que disse há pouco, pra Daiane, que tá aí também, que, dessa vez, aquela/aquela linha branca suma da sua vida, Daiane. E que você possa, como ninguém/como você faz como ninguém no seu exercício de solo, nos seus exercícios de aparelhos. Que você possa encantar o mundo de novo na ginástica. Que as meninas do vôlei possam subir bem alto e conquistar os pontos que possam levar ao pódio, e que todos os atletas aí presente tenham uma grande Olimpíada. É a nossa torcida por todas vocês.

FO: Obrigada Galvão. Obrigada mesmo. A gente vai, com certeza, dar o nosso melhor aqui, tomara que o Brasil possa quebrar os recordes de medalhas, que a gente possa representar bem o nosso país.

GB: Um grande beijo pra todas vocês, boa sorte, e a partir de amanhã já vamos estar lá no jogo do Brasil, no voleibol feminino, e acompanhando toda a participação brasileira nesses Jogos de Pequim.

MU: É... eu tive com o vôlei feminino no *Grand Prix*, quando elas venceram brilhantemente, essa seleção tá muito forte, muito concentrada, muito bom. Eu acho que, realmente, merece a esperança do torcedor brasileiro de que o vôlei feminino possa fazer, talvez, o melhor papel da história, já ganhou medalha em outras Olimpíadas, mas, talvez, uma medalha melhor do que o bronze, possivelmente... realmente, esse grupo tem condições. Vamo ver se tudo encaixa, se tudo dá certo como também a ginástica feminina, que consegue uma proeza: tá com uma equipe, não simplesmente com um atleta, como o Diego Hypólito no masculino, mas toda

uma equipe. Ficou em sétimo no mundial, ã/de dois mi/da Dinamarca, em dois mil e seis, QUINTO, no ano passado... se subir/se continuar subindo mais dois lugares, pega um bronzinho como equipe. Quem podia imaginar, Galvão, que as brasileiras estaria na frente das RUSSAS[...

GB: [É verdade[...

MU: [...no mundial de ginástica. Cê vê o que que é um trabalho bem feito.

GB: É um CICLO muito bem feito... um trabalho muito bem feito, mostrando a/a/a aptidão que o/que o brasileiro tem, em geral, pra/prá qualquer esporte. Desde que se faça um trabalho bem feito. Desde que você busque uma massificação dar quantidade e tirar a qualidade. E depois, que você consiga chegar/apurar essa qualidade, que se faça um trabalho com centros de excelência. Com centros de desenvolvimento técnico, o Brasil sempre irá se representar bem, assim como faz nos esportes/nos esportes principais. Eu tô vendo uma fera do esporte brasileiro aqui, tentando escutar, ali... tapando o ouvido. E eu tenho um prazer especial, quando digo, nos jogos de vôlei... quero falar muito nessa Olimpíada, quando digo: “GIBA NELES!”. O Giba, do voleibol, capitão brasileiro... que vocês possam ter SORTE, Giba. Que vocês possam voar pra cima dos adversários, e que possa vir mais esse ouro olímpico. Como é estar aí em baixo e o que você pode dizer ao Brasil neste momento, Giba?

GF: Primeiro de tudo é/é mágico... esse momento é um momento mágico que é impossível você descrever se você não tiver aqui dentro vendo e passando tudo isso. Depois, eu acho que esse “Giba neles” sempre deu sorte. Eu acho que essa derrota... todo ano que a gente teve uma derrota, depois veio uma/uma medalha maior, um campeonato mais importante. Então, eu espero que esse ano não seja nada diferente do que foi, né... e que.... dessa vez meu filho me espere nascer, né... que da outra vez não deu.

GB: Ta aí o Giba... claro, ele tá se referindo á derrota na Liga Mundial, mas que venha a medalha maior, a medalha principal. E o grupo tá unido, fechado e forte como sempre, não é Giba?

GF: Desculpa, Galvão.

GB: O grupo tá unido, fechado e forte como sempre?

GF: (XXX) fechado. Eu acho que... brigas que acontecem, a gente sempre/a gente sempre ganhou os campeonato na base de briga. É... quando (XXX) não somos nós, né. Então, eu acho que tá fechado e a gente tá dentro do nosso normal.

PB: O Giba/ o Giba falou...

GB: Então ali... (XXX) pegando/pegando carona ali na imagem do Giba, ali. A galera pegando carona na imagem do Giba... você tá falando com a gente Giba, e os seus companheiros, todos eles/TODOS ELES, o pessoal da vela, TODO MUNDO PEGANDO CARONA NA IMAGEM DO GIBA.

GF: (XXX)

GB: Tá certo. Boa sorte[...

GF: Brigado, brigado[...

GB: [...] pra todos vocês. Boa sorte pra todos. Pessoal de luta olímpica. O pessoal do/o Bruno, do handebol. Todo o mundo aí, Giba, dê o nosso abraço em todos eles. Essa imagem bonita, a felicidade dos atletas brasileiros, que você, vencedor que é, possa representar a torcida brasileira junto a todos eles, Giba. Um grande abraço.

GF: (XXX)

PB: O Giba que falou da família, não é? Falou da família... a/a/a mulher do Giba, a Cristina Pirv, também excelente jogadora de voleibol da Romênia, a Nicoll, a filha dele que já tá começando também a brincar com vôlei, de quatro anos... e a família que tá/que tá aumentando. Citou de novo o filho que tá chegando.

GB: Agora nós temos a Libéria... é o centésimo país a se apresentar. Estamos na metade do desfile. Depois, é claro, nós vamos ter a sequência da cerimônia de abertura. Nós vamos ter o discurso do senhor Liu Qi, que o presidente do Comitê

Organizador. Vamos ter o discurso do Jacques Rogge, que o presidente do Comitê Olímpico Internacional. Vamos ter o presidente da República Popular da China, Hu Jintao, apenas aquela frase, declarando aberto os Jogos... a vigésima nona edição de Jogos Olímpicos. E aí vem toda a cerimônia da Bandeira Olímpica. Na sequência o Hino Olímpico, que foi executado pela primeira vez em mil oitocentos e noventa e seis, é de um grego, Spirou Samara, que nasce/que morreu em mil novecentos e dezessete, mas deixou essa obra do Hino Olímpico. Teremos o juramento do atleta, o juramento do/do/do árbitro, é todo uma rotina[...

PB: [Galvão...?

GB: E depois vamos sempre pra maior expectativa, Bassan, que é com o que eles vão inventar pra acender a Pira Olímpica. O que eles vão inventar pra acender a Pira Olímpica.

PB: Onde está ela, né Galvão? Aí é/que/té/ã ela não existe. [Por enquanto (XXX)

GB: [Ela não apareceu, até agora. Olha, por mais/por mais que a gente tenha olhado aqui no ginásio/no estádio, perdão, não encontramos a Pira Olímpica. JADEL GREGÓRIO, O HOMEM DO SALTO, de uma ESCOLA DE SALTADORES, que vem do Nels/que vem lá atrás de Adhemar Ferreira da Silva, passa pelo Nelson Prudêncio, passa pelo João do Pulo, e agora chega no nosso Jadel Gregório. Que os deuses do esporte estejam com você, Jadel. E que seu salto triplo seja FANTÁSTICO, Jadel... ((Ruídos ao fundo)). Tá ouvindo Jadel? Acho que ele tá tendo certa dificuldade pra ouvir, é muito barulho lá embaixo, eu dizia que seu/se você tá ouvindo, Jadel, eu dizia que seu salto seja, realmente, como o salto de Adhemar Ferreira da Silva, de Nelson Prudêncio e do nosso João do Pulo. Deu pra ouvir agora, Jadel? ((Ruídos ao fundo))

PB: Acho que não...

MU: Tá difícil[...

GB: [Acho que ele não tá conseguindo escutar [ali não...

MU: [Não tá conseguindo... ele tá

tentando, [mas não tá conseguindo...

GB: [É muito barulho... mas ele não tá conseguindo ouvir...

MU: Mas...

GB: Mas fica registrado aí a presença do Jadel. Ele tá ali tentando/tentando ouvir de novo, conversando com os/com os amigos. Tiver ouvindo, Jadel, faz um sinalzinho pra nós, se tiver ouvindo. Não tá não[...

PB: [[[Num tá...]]]

MU: [[Num tá...]]

GB: ...infelizmente, não tá

MU: É...

GB: Jadel Gregório, que vai participar do salto triplo, ele que é um dos quatro principais, são quatro... seriam quatro, né, os [[que vão]] brigar pelas [três medalhas...

MU: [[É...]] [É...  
e o campeão olímpico, inda bem, o sueco Olson, né, desistiu. Ele voltou a competir... andou machucado, voltou a competir, sentiu o tendão, e é um medalha de/medalhista de ouro em Atenas que não vai participar... tem aí o Idowu que é o britânico, que é um dos que tão mais/mais fortes, digamos assim, nessa prova. Mas o Jadel, aí, com boas chances.

PB: Galvão, e você falou do Liu Qi, que é o presidente do Comitê Olímpico.../ô, perdão, do Comitê Organizador dos Jogos, prefeito de Pequim... ah, toda a liderança da China foi trocada, quer dizer, com exceção do presidente Hu Jintao, que se manteve no cargo, mas ele também ficou pra garantir a organização do Jogos no congresso do partido, no ano passado. E aí está, [a velha rival...

MU: [O Ginóbili... o Ginóbili ali...  
campeão olímpico de basquete, né. Eles que derrubaram os americanos ((rindo)).



GB: Manu Ginóbili. [Bom...

MU: [Excelente jogador... [(XXX)

GB: [Os argentinos que conseguiram uma façanha. Passaram mais de quarenta anos sem uma medalha de ouro. E nos Jogos de Atenas, conquistaram duas medalhas de ouro muito significativas[...

PB: [No ultimo dia, né.

GB: ...porque eles foram campeões mundiais de basque/ãh.../campeões olímpicos de basquete em cima dos Estados Unidos... quer dizer, não jogaram a final com os Estados Unidos[...

MU: [É...[

GB: [... mas em cima dos Estados Unidos será sempre. E foram campeões olímpicos de futebol.

MU: Em cima do Paraguai, um pouquinho mais fácil. ((Muitos risos)).

GB: Um pouquinho mais fácil. Aí os argentinos. E é impressionante... é mais um exemplo do trabalho forte feito... esse trabalho feito no basquete argentino é impressionante. O futebol não. O futebol poderia ganhar em qualquer[...

MU: [Momento[...

GB: [... em qualquer Olimpíada, em qualquer momento, como o futebol brasileiro também pode. Mas é impressionante o trabalho feito no basquetebol da Argentina e a importância que eles têm hoje. Aí a vez de Aruba...

MU: A Argentina que (XXX) esse esporte que a gente não conhece muito bem, mas que eles são potências, como o hóquei, né. Mas a Argentina são [sensacionais no...

GB: [Hóquei feminino...

é[...

MU: [...hóquei feminino, tradição muito forte lá no país/na Argentina[...

GB: [Mas não conseguem ganhar o ouro...

MU: É... mas eles ganham o mundial, ganham torneios[...

GB: [É[...

MU: [... ganham tudo, mas tão ali sempre perto.

PB: Agora, no meio do desfile, aparece uma sequencia de países com a letra “a”, né. ((Risos)).

MU: Chegaram atrasado ((rindo)).

GB: É... mas, entre a Argentina e Aruba, tinha Omã ((risos). Repetindo, se você chegou agora, ou se você está vendo agora[...

MU: [[[Ó o... presidente Karzai]]

PB: [[[O/o (XXX) o Hamid Karzai]]

GB: Do Afeganistão. Se você chegou agora, está sendo usado o critério de transformação dos nomes dos países em caracteres chineses, e a ordem de entrada é pelo número de traços de cada caractere. Então, por isso o Brasil foi vigésimo/foi trigésimo nono, com quatro traços, e a Austrália, que é letra “a” e sempre entra na frente, vai entrar na penúltima posição.

PB: Porque o caractere da Austrália não é o “a”, é o “au”, por isso ela acaba ficando lá pro/pro fundo, não tá junto com esse bloco do/[[do “a”.]] É...

MU: [[do “a”.]] Ah tá... ela tá no “au”?

PB: [[Tá no “au”]]

GB: [[Tá no “au”]]

MU: “Au”...

PB: Galvão, nós falávamos da China, também, sobre que/o Uchôa falou do projeto das cento e dezenove medalhas, dessa/dessa tentativa da China de ganhar as Olimpíadas. O que é ganhar as Olimpíadas? Essa própria expressão é difícil, porque o Comitê Olímpico não reconhece a contagem de medalhas por país. Não existe um quadro oficial de medalhas. Todos nós é que fazemos... ê.../juntamos as medalhas por país. O que vale mais: o total de medalhas, ou as medalhas de ouro? É sempre a pergunta que se faz. Pelo total de medalhas, a China não tem a menor chance de passar os Estados Unidos. Por todos os prognósticos... só se for a maior “zebra” da história[...

MU: [Só pra (XXX) o que você tá falando, Bassan, em Atenas foram cento e duas medalhas para os americanos, sessenta e três, muito atrás dos russos, né, trinta e seis de ouro para os americanos, trinta e duas pros chineses, aí trinta e nove de prata para os americanos, dezessete pros chineses, vinte e sete de bronze, quatorze[...

GB: [Mas a[...

MU: [... quer dizer, a distância, realmente, no número total, é muito grande.

GB: Mas o critério usado sempre é o de medalha de ouro, se não o Brasil teria uma posição até melhor...

MU: É...

GB: Ê.../mas/é/acaba sendo usado o critério das/das medalhas de ouro. Por isso os Estados Unidos ficaram com trinta e seis, a China com [[trinta e dois]]...

MU: [[Trina e duas...]]

GB: E no total foram cento e duas com/contra sessenta e três[...

MU: [É injusto, né?]

GB: [... por isso é que nós estamos dizendo também que o Michael Phelps tem condições de ser o maior atleta olímpico de todos os tempos. Ele tem seis medalhas de ouro... se conquistar... ele vai participar de oito provas, se conquistar quatro, ele vai ficar com dez. Não seriam suficientes contra a russa da ginástica que tem nove de ouro e treze no total, mas, já seria o maior atleta de todos os tempos.

MU: Não... se ele ganhar oito de ouro nessa Olimpíada[...

GB: [Aí sim[...

MU: [... aí ele já vai ser o país Michael Phelps[...

PB: [[[É...]]

GB: [[[É...]]]

MU: [... vai tá na frente de noventa por cento dos países, né, Galvão ((rindo)).

PB: Thom Da/[Thom Daley, treze anos...]

MU: [[ (XXX) a Grã-Bretanha, aí passando]]

PB: [...atleta dos saltos ornamentais, treze anos, o mais jovem das Olimpíadas, ele teve aqui no Pré-Olímpico. [[Princesa Anne]]

MU: [[A princesa Anne, ó]]

PB: A princesa Anne, que tem a filha na delegação.

MU: É... o Thom Daley, tem quatorze anos, né? É de saltos ornamentais, ele/ele vai/bom... ele... [[não tão preparando ele pra essa Olimpíada]]

PB: [[[XXX) quatorze, agora, é verdade, ele ele tinha]]][...]

MU: [... ele seria pro próximo.]

PB: Ele tinha treze no Pré-Olímpico, e... e[...]

MU: [... é, agora tá com quatorze[...]

PB: [...encantou.  
Ele tem um nível altíssimo[...]

MU: [é[...]

PB: [... não é/não é só a juventude, ele salta muito bem nos saltos ornamentais.]

GB: Agora, se nós fosse/voltarmos a falar do número de países, se o Comitê Olímpico Internacional fosse a FIFA, nós teríamos um maior número de países, porque no Campeonato Mundial de Futebol joga a Inglaterra, joga a Escócia, joga a Irlanda[...]

MU: [País de Gales.]

GB: ...Joga País de Gales. Aqui eles entram como a Grã-Bretanha[...]

MU: [É...

GB: ... Todos num único Comitê Olímpico, a Grã-Bretanha... que, aliás, é o correto.

MU: É... Agora, se você pensar em termos de POPULAÇÃO, aí, realmente, cada medalha dessa pros chineses, custa caríssimo ((rindo)). Uma medalha pra cada vinte e um milhões de pessoas. Que dizer, fez uma tabulação, um jornalista australiano, que eles ficariam no número cinquenta e três, lá atrás, em relação à população, né?((Rindo)).

PB: E Cuba/Cuba é o país com maior medalha/índice de medalhas *per capita*, tirando, claro, alguns países meno/minúsculos, que ganharam, já, uma medalha, e

que aí, realmente, fica com o coeficiente altíssimo. Mas um país com uma população[...

MU: [Razoável[...

PB: [... normal, digamos, Cuba tá bem na frente, seguido de perto pela Austrália, que também é um fenômeno.

MU: É... Sem dúvida.

GB: A Austrália, que também teve um projeto olímpico muito forte.

MU: Temos aí, um grupo aí australiano... aborígene, né? Lembrando a Olimpíada de Sydney, que usou e abusou [[da cultura local]]

PB: [[Esse grupo chama-se]] (XXX)... uma dança... ê/uma dança tribal australiana de Queensland, na Austrália.

GB: Chega agora uma notícia que não é muito boa. O hipismo, que vai ser disputado em Hong Kong, os juízes da equitação não aprovaram, não chaga a informação do porquê, a égua Butterfly do Fabrício Salgado, e o conjunto não vai poder participar. Veja bem, ele é do co/ele é do conjunto do cavalo completo... ele é do concurso do cavalo completo, onde o Brasil tem/tem poucas chances... pouquíssimas chances[...

MU: [É  
aquele de três [dias, né?

GB: [... de medalha[...

MU: [Que é o[...

GB: [É... é/é/o/é/o/ca/é/é/o concurso dos três/[

PB: [Conjunto de  
equitação[...

GB: [... é o chamado conjunto de equitação dos três dias. Que vai ter a fa/a[...

MU:

[(XXX)

GB: É o concurso completo de equitação, o CCE, mas, êh... por exemplo, aqueles que têm mais tradição no concurso chamam/chamam “o concurso dos três dias”. Você tem o dia do salto, cê tem o dia do/do *cross country* e você tem o dia do adestramento. O Brasil não tem tanta tradição assim neste concurso. Teria sido pior se tivéssemos perdido um dos cinco cavaleiros que participam do concurso do/do que eles chamam, o nome oficial, em inglês, é o *jump show*[...

MU:

[É[...

GB:

[...que é o concurso

de saltos, onde o Brasil é medalha olímpica, e o Brasil é medalha de ouro com o Rodrigo Pessoa. E vamos ter o Rodrigo Pessoa, vamos ter o Doda. Então, repetindo: o Fabrício Salgado e a Égua Butterfly estão fora das Olimpíadas. São seis representantes na modalidade, o Brasil continua com cinco. E tem os cinco representantes nos saltos/no concurso de saltos, entre eles, o Rodrigo Pessoa, tem/tem o Doda, tem tanta gente importante e tem sempre possibilidade de medalha.

MU: Delegação Francesa, problemática pra gente no judô, os franceses são muito fortes no judô, que nós também chegamos com chances ótimas, como nunca[...

PB:

[Que[...

MU:

[... não

só o masculino, com o Tiago Camilo, João Derly, o Luciano Corrêa, o Leandro, mas no feminino com uma boa chance, apesar, aí do corte da Érika, ba/já chegou a Andressa, aí, mas, a pesar de tudo... ali o Sarkozy[...

GB:

[Sarkozy[...

MU:

[... se levantando, feliz,

presidente da França, pra acenar pra Delegação da França[...

PB:

[A França não tá sendo

muito aplaudida não. Os/os chineses ficaram magoados com o que aconteceu lá no revezamento da Tocha, boicotaram/boicotaram produtos franceses aqui dentro da China, protestaram/organizaram protestos... tá um clima muito ruim entre os dois países depois daquilo tudo.

GB: É... [[é... durante...]]

MU: [[E o Sarkozy, a rigor...]]

GB: Durante o percurso da Tocha foram várias manifestações em vários países. Nunca tantas manifestações de protesto, sempre ligadas ao problema das liberdades individuais na China e muito ligado ao problema do Tibet. Mas, na/na França tomaram um vulto muito grande, e o Sarkozy que nesse momento é presidente francês e é presidente também da Comunidade Europeia, nesse momento ele acumula o cargo de presidente da Comunidade Europeia, mas houve uma reação muito grande dos chineses contra os franceses. Talvez a esposa dele, a cantora e atriz Carla Bruni, tivesse sido mais aplaudida aqui ((rindo)).

MU: Com certeza ((rindo)).

GB: Aí a Polônia. E apareceu, sentado ali, apareceu o Blatter, ali... o suíço Blatter, o presidente da FIFA, apareceu sentadinho, ali. Ele que está devendo... toda esta confusão do futebol, a obrigatoriedade dos clubes de liberarem jogadores até vinte e três anos, porque o torneio olímpico de futebol masculino é até vinte e três anos. O Barcelona não queria liberar o Messi, o/o/o time do[...

MU: [O Werder Bremen [...

GB: [... do  
Diego, o Werder Bremen, não queria liberar o Diego. O Rafinha não tá/quem[...

MU: [(XXX)[...

GB: [...  
ser liberado também. E faltou o Blatter tomar uma atitude mais definitiva, ele ficou meio em cima do muro. Isso permitiu que o tribunal arbitral do esporte desse ganho de causa ao Barcelona... o Messi acabou ficando, porque o presidente da con/da



AFA, a Associação de Futebol da Argentina, o Julio Grondona, que é vice-presidente do/do presidente da FIFA, disse: “quero ver alguém vir aqui buscar”. A Confederação Brasileira de Futebol teve que se acertar com os clubes alemães para a permanência do Diego e do Rafinha. Os belgas tiveram que devolver dois jogadores, e porque faltou uma posição de força e de presença do Joseph Blatter, o presidente da FIFA. Ficou em cima do muro e complicou a vida de todo o mundo. Vamo de novo tentar fazer o contato com o Jadel. Vamo ver o Jadel Gregório, ele tá lá no meio da Delegação Brasileira. Alô, Jadel, se você tiver nos ouvindo, fique a vontade aí, boa sorte a você e um grande salto triplo.

JG: Brigado. Eu to (XXX) hoje. Um beijo pra vocês, a gente tá muito, muito, muito bem e... vamo torcer pra dar tudo certo. Aqui a equipe tá toda concentrada, todo mundo com muita vontade de competir bem, espero que vocês aí também sejam sentindo um pouco dessa energia que a gente vem sentindo aqui. Um beijo Brasil. Mais uma vez, se Deus quiser, a gente vai chegar muito bem na final e trazer um bom resultado pra todo o mundo, aí. Um beijo pra todo mundo e muito obrigado... e confiança, muita fé e muita calma, que a gente vai (XXX). Beijo pra vocês.

GB: Grande abraço, Jadel... [toda energia pra você...

JG: [Brigado. Beijo Brasil. Um abraço pra vocês.

GB: E eu repito, que o seu salto possa ser um grande salto, à altura da tradição do salto triplo brasileiro de Adhemar Ferreira da Silva, de Nelson Prudêncio e de João do Pulo, todos eles medalhista no salto triplo.

MU: Olha a África do Sul, aí que vai sediar o próximo GRANDE evento mundial, Copa do Mundo de Futebol, dois mil e dez. A África do Sul que tem uma nadadora que poderia participar, se quisesse, de uma Paraolimpíada, né? Ela que nada a maratona aquática, a Natalie Du Toit, ela não tem um pedaço da perna, ela não tem uma parte da perna e vai competir. Temos também um surdo e mudo no Equador, também, quer dizer, é/a/o atleta sendo bom, ele vai do jeito que der.

PB: Pena que outro... Oscar Pistorius, não conseguiu a qualificação, né.

MU: É... é... ele seria o caso mais extremo, aí. Não tinha as duas pernas, usava

uma\uma prótese que[...

GB: [Duas próteses[...

MU: [... duas próteses, no caso, né, que permitia que ele corresse muito rápido, mas era/o índice era quarenta e sete segundos, ele ficou ali na bica e não conseguiu se classificar. Teria sido, sem dúvida uma sensação

GB: Não... e/e/e/e é uma/chega a ser um critério discutível, nesse momento, né.

MU: É...

GB: Uma coisa de/de/de/de milésimo de segundo... um[...

MU: [um (XXX)[...

GB: [... um espetáculo de superação[...

MU: [É...

GB: ... Seria um dos grandes momentos dos Jogos de Pequim, [[sem dúvida]].

PB: [[É uma...]]

MU: [[Sem dúvida]]

PB: É uma pena que a Federação Internacional de Atletismo tenha criado tantos obstáculos pra participação dele[...

MU: [É... é... é[...

PB: [... Não queria dispor um fiscal só pra e/examinar a participação dele. Impediu... e, num primeiro momento chegou a impe/a vetar[...

GB: [É... queriam/queriam obrigá-lo a participar das Paraolimpíadas, e ele

disse: “Não, eu quero participar porque eu/eu/eu/eu tenho condições de correr nesse nível”.

PB: É... ê/ê/ê/a a Federação Internacional de Atletismo transformou o que seria uma desvantagem física numa vantagem, né. Só isso já é uma grande conquista dele, né/e/é.

MU: É...

PB: Ter trocado os sinais, com toda/com toda essa história e/e/e quebrado os preconceitos na mente de todas as pessoas.

MU: É... sem querer fazer o papel de advogado do diabo, é claro que uma prótese, por exemplo, que, de certa maneira dá uma impulsão, porque aquilo funciona como uma mola, aquilo pode, talvez não nessa tecnologia, mas numa tecnologia na/pras próximas Olimpíadas, dar uma vantagem pra um atleta desse tipo. E aí, realmente fica complicado. Onde você bota o limite? Na Paraolimpíada já tem esse problema, de você ter que definir/definir as divisões de categorias por causa de qualquer dificuldade que o atleta tenha... isso já é complicado de você discernir. Então, eu não sei se decidiram fazer “bom, então não vamo nem... tem alguma prótese complicada, não dá”.

GB: Vai se aproximando o momento aguardado, que é a presença da Delegação dos Estados Unidos.

MU: E da Rússia antes, que tão/tão ali do lado uma da outra, praticamente.

GB: É, mais a Rússia hoje não provoca esse impacto que possa provocar na Delegação dos Estados Unidos por tudo o que se falou... primeiro pela disputa esportiva de China com Estados Unidos pelo maior número de conquista de/de medalha de ouro... maior número de medalhas de ouro. E depois pelos problemas políticos. Depois, a presença do presidente Bush, presidente dos Estados Unidos, que tá aqui, mas a reação dos chineses ao fato de tão próximo à Olimpíada ele ter recebido oficialmente na Casa Branca uma delegação de dissidentes chineses.

MU: É... cinco dissidentes foram[(XXX)

GB: [Cinco dissidentes chineses, parece um ato, assim, de provocação[...

MU: [É... [(XXX)

GB: [E foi/e foi entendido, aqui na China, como um ato de provocação. Então vamo ver qual será a reação à presença da Delegação dos Estados Unidos.

MU: É... eu acho/eu diria que concomitantemente a receber a delegação ((rindo)), que é um direito dele, quer dizer, ele dizer que os atletas americanos eram os atletas da liberdade... (XXX) ficou/foi uma espetada bastante firme, também, né. Olha a Fede[...

GB: [Olha a Rússia[...

PB: [Rússia muito aplaudida.

GB: Sônia Bridi quer falar.

SB: É... durante o momento em que a gente tava vendo as imagens da Delegação Brasileira, passou aqui uma outra prova de popularidade política dos chineses, que foi a Delegação do Sudão... tem toda essa questão envolvendo o massacre em Darfur... a China tem enfrentado muita crítica por causa/porque a China tem bloqueado no Conselho de Segurança todas as medidas contra o governo do Sudão. Passaram quietinhos, não aconteceu nada, e era um medo muito grande da China, que, nesse momento, houvesse uma manifestação.

GB: Enquanto entra a Delegação Russa, apareceu o Putin, presidente russo até pouco tempo...

MU: É... hoje, primeiro ministro[...

GB: [Hoje, primeiro ministro[...

MU: [... mas, ainda, quem manda ((rindo)).

GB: Presidente russo até pouco tempo, e, hoje, primeiro ministro.

MU: Ó o Putin aí novamente aparecendo. É... o Medvedev virou presidente, mas ele ainda controla muito das/do poder, digamos assim, russo.

PB: O estádio aplaudiu agora porque, ainda fora da imagem, mas já aqui no portão, apareceu a bandeira dos Estados Unidos. E a reação foi/foi positiva.

MU: É...

PB: Os chineses vibraram, olha ali, os americanos.

MU: É... entre as duas delegações[...

PB: [Está a Síria[...

MU: [... está a Síria

PB: Que não é lá muito amiga dos [[Estados Unidos também]] ((rindo)).

MU: [[Estados Unidos também]], ali ó... ((rindo)).

PB: Diga-se [[de passagem...]]

MU: [[de passagem...]]

PB: Este alfabeto chinês tá provocando uma confusão ((risos)). E... e... aí a Delegação Americana. Muito aplaudida. Anunciada, agora, oficialmente e mais uma vez... mais uma vez muito aplaudida. Uma honra, sem dúvida, pros chineses, receberem a/a delegação mais forte do mundo[...

MU: [É... sem dúvida, e o porta[...

PB: [... em casa[...

MU: [E o porta-bandeiras aí é o Lopez Lomong, esse que tá aparecendo aí. Ele é nascido no Sudão. A história da vida dele é uma tristeza. O Renato Ribeiro, hoje, fez

uma entrevista com ele... é[...

GB: [Ó o Bush aí...

MU: [exatamente, o Bush[...

GB: [O presidente Bush...

MU: (XXX) Bush... E ele é um refugiado do Sudão, do genocídio, do/do/dos problemas seriíssimos... e também é um ato político ter escolhido o Lomong como porta-bandeira, já que há uma crítica muito grande ao governo chinês pelo apoio que a China dá ao Sudão... ele... o Lomong... ele hoje é um atleta dos mil e quinhentos metros no/nos Estados Unidos, ele se naturalizou, mas a escolha do porta-bandeira, realmente, também é uma espetada muito séria, [[(XXX) Galvão]][...

GB: [[É...]]

PB: [É uma alfinetada.

A crítica que se faz à China, só em relação ao Sudão, é o seguinte: o/há um massacre incontestável... aí Bush de novo, há um massacre incontestável do/na região de Darfur por parte do governo do Sudão, pela minoria que pede independência, e o governo do Sudão massacra com armas chinesas, porque o comércio bilateral dos dois países é muito grande: um vende petróleo e o outro entrega arma.

MU: Ó o Kissinger[... Henry Kissinger

PB: [Henry Kissinger... o ar/o arquiteto, né de toda a aproximação China-Estados Unidos.

GB: É... aquela... a/quando ele falava da... aí aparece o Tyson Gay... con/esse é o que/que tem o tempo mais rápido que o/que o/que o/que o[...

MU: [Que os jamaicanos[...

GB: [... que  
o Asafa Powell e que o Bolt... mas, aquela época da “política do pingue-pongue”,

aproximação, etc. etc., o Henry Kissinger era secretário de estado, fez todo esse trabalho político de aproximação.

MU: Agora, essa [história de (XXX)]

GB: [Ninguém estava se lembrando dele/mais dele, mas era esperada a presença dele aqui.]

MU: Uma história curiosa, na verdade foi/há essa aproximação do Kissinger, realmente existia, Galvão... agora, era uma coisa que tava tateando ainda... as relações não existia entre os dois países, mas uma delegação americana de pingue-pongue que jogavam... tê/tênis de mesa, hoje... jogavam um torneio no Japão, e um... que era na época, setenta e dois, isso um *hippie*, na verdade, cabeludo, que era campeão júnior americano, que entrou no ônibus errado, entrou no ônibus dos chineses e foi muito bem recebido. Isso virou... se chegou aos ouvidos do Mao, que houve [um convite que existiria um torneio...]

PB: [Fotos... A im/a im/a imprensa tirou muitas fotos[...]

MU: [... Fotos[...]

PB: [(XXX) dos dois se encontrando[...]

MU: [... e houve um convite que não existia, porque o americano falou: “por que vocês não chamam a gente? Vocês chamaram os canadenses e os mexicanos”, que tinham relações diplomáticas com os/com os chineses, e aí o Mao Tse-Tung e o (XXX), quer dizer, decidiram, realmente, convidar a/os americanos para, realmente, vir à China... o começo dessa distensão política... é...

GB: Ficou conhecida como a “política do pingue-pongue”.

MU: Exatamente.

GB: Aí, então, o presidente, o presidente Bush... e a Delegação Americana veio pra mostrar grandeza. Poucas vezes eu vi a Delegação Americana trazer tantos atletas pra uma cerimônia de abertura. Estão quase fazendo uma volta completa, seria uma

volta de quatrocentos metros numa pista de atletismo. Vieram com praticamente todos os seus atletas. Olha, as câmeras da Globo foram buscar a Pira Olímpica. Chega agora a informação, viu ((rindo)). ((Imagem mostra a um objeto enorme em espiral suspenso no estádio)). Será que/será que é? Vamo ver. Será que é? Nós estávamos procurando aqui. Olha, parece que é mesmo, olha só. Ela tá escondidinha... ela vai descer. Ela tá embaixo de uma/de uma marquise de cobertura, de uma parte da estrutura do Ninho do Pássaro.

PB: É igualzinho à Tocha.

GB: E é... gostaria até saber o nome do nosso repórter cinematográfico que achou essa imagem... ele merece... Márcio Torres achou a imagem... Márcio Torres... parabéns, Márcio Torres. Márcio Torres achou a imagem[...

MU: [A pira parece ter aterrissado no estádio ((rindo)).

GB: Não... e ela é/ela é exatamente à imagem e semelhança da Tocha... e/e era uma grande curiosidade... todos estavam procurando onde ela estava. Parabéns, vale o registro, Márcio Torres, o nosso repórter cinematográfico que foi buscar essa imagem da pira. Tá escondida lá em/no último lance [[lá do/]]...

MU: [[Quietinha]]

GB: ... do Ninho do Pássaro[...

MU: [Quietinha.

GB: Tá quietinha... tá escondida lá. Voltamos aí pro desfile. Honduras, vamos ver o número de Honduras.

MU: Tá no futebol, Honduras, né, perdeu da Itália[...

GB: [três a zero, [[perdeu]] da Itália...

MU: [[...ontem]]



PB: Cento e quarenta e três.

GB: Centésima quadragésima terceira. Nós vamos até duzentos e quatro. Ainda tem desfile.

PB: É... o Comitê Olímpico Internacional tenta, algumas vezes, mudar essa forma de apresentação dos atletas. Mas, por outro lado, também, perderia muito do charme das Olimpíadas, dessa união dos povos, desse conagraçamento, (XXX) mandar um atleta de cada país, mas também, em termos de tempo, não haveria um ganho muito grande... vale a festa, né. Vale a festa... vale pra todo mundo aqui, pra todo mundo se encontrar e vale todo mundo participar ao mesmo tempo de uma mesma cerimônia... é a única/é o única ocasião no/na humanidade que tanta gente de tantos países se encontram assim de forma tão bonita[...]

MU: [É... quando pode se ver, né... o Zimbábue tá vindo aqui, a Kirsty Coventry, que ela foi campeã em Atenas na nataçã, é brilhante ela. Agora, o povo do Zimbábue que sofre tanto com a ditadura do lugar, que realmente tem problemas seriíssimos... a inflaçã de bilhões, né... é... (XXX) por cento da inflaçã lá, é uma coisa horrorosa, mas estamos vendo ali um momento que a gente pode ver o pessoal do Zimbábue sorrindo.

PB: O Zimbábue que tem as fronteira fechadas, também. O Zimbábue fechou as fronteiras por que a/a/a última eleição lá, terrível, o/ candidato à oposição teve de renunciar porque não tinha condições de competir. Uma das ditaduras mais terríveis do mundo, ainda à moda antiga africana de Idi Amin e/e de outros.

MU: É... e que tem bastante apoio na China. A China tem uma política na África de não se meter na política para ter uma relação comercial, a China precisa de muita matéria prima e essa matéria prima tem em abundância na África, então, essa ligação com o Sudão, com o Zimbábue, com Angola, vários países em que a China, realmente, hoje, tem a presença muito, muito forte

GB: Aí a Tailândia surgindo... aparecendo... os brasileiros continuam lá... a Delegação Brasileira continua por lá aguardando a fase final da cerimônia. Olha só, você tá vendo ali[...]

PB: [Estavam com aquele/com aquele *blazer* e tiraram, né. Também, esse/com esse calor[...

GB: [Faz/mas faz muito calor... faz muito calor. A temperatura... não saberia dizer, mas quando nós chegamos, quando nós chegamos ao estádio era de trinta e cinco graus. Você tá vendo lá o Bernard... o Bernard do vôlei, o Bernard da geração de prata, agora também dirigente do Comitê Olímpico Brasileiro, que tá ali, junto com outros atletas, junto com outros dirigentes, com técnicos, a câmera da globo mostrando, ali, a participação brasileira... e olha o calor[...

MU: [Tão se abanando ali a beça ((rindo)).

GB: Tava hoje brincando e conversando o seguinte: a maratona talvez não seja medida em quarenta e dois quilômetros... seja aquele que for mais longe. ((Risos))

MU: Sobreviventes ((rindo)).

GB: Aquele que parar de correr por último, porque com trinta e seis, trinta e sete... trinta e cinco, trinta e seis graus de temperatura, mais a sensação térmica que passa dos quarenta, pela umidade... não vai ser fácil um atleta correr a maratona. Por isso, o grande nome da maratona, o (XXX)[...

MU: [da Etiópia.

GB: Consegui falar, agora, com todas as letras... ((rindo)). Acho que foi a única vez ((risos)). Ele desistiu da maratona e vai participar dos cinco mil e dos dez mil. Cê viu lá o André Heller fazendo si/sinal, o Bruno também tava por ali... brasileiros faz/a câmera da Globo vai buscando ali... voltamos agora com as imagens internacionais... a entrada da Etiópia.

MU: A Etiópia é fortíssima, também, nos cinco mil, nos dez mil metros... as/são/são duas irmãs que disputam entre elas, na verdade, a primazia mundial. Teve muita tradição... o Galvão falou o (XXX)... não vou nem tentar de novo... ((rindo)). Mas o (XXX) é etíope, e[ (XXX) não é fácil...

GB: [Não é fácil falar... acho que foi a única vez que eu consegui acertar com todos os/as letras. Não vou tentar de novo. Na verdade seria [[(XXX)]]

PB: [[(XXX)]]

GB: (XXX)

MU: (XXX), (XXX), sei lá...

GB: Tem/tem uma coisa complicada ali.

PB: Bom... Moçambique fala português, mais fácil ((risos)).

MU: Um bando de João, Manuel ((rindo)).

PB: Jo/João, Manuel, Pedro, Antônio... vamo falar... ((rindo)).

GB: Mas a verdade é que ele desistiu. Mas ele é asmático. É bom que se diga isso.

MU: É...

GB: Não é só a questão do calor. Tá aí Moçambique, aparecendo aí. Agora a Holanda. E ele é asmático e disse que a/a mistura de calor com poluição não faria bem a ele e desistiu de participar da maratona. Aliás[... (XXX)... diga.

PB: [Por falar nisso, Galvão, vai chegar aqui a/a/a[...

MU: [Temperatura.

PB: A temperatura. A previsão do tempo e o que/o que se passou nas últimas horas[...

GB: [Existia uma grande preocupação com a Chuva porque, hoje, rádio e televisão chegaram a noticiar que, a partir das sete horas, da possibilidade... sete horas, aqui, seriam oito da manhã no Brasil... a possibilidade de chuva seria muito grande. E isso é uma coisa que apavorava os chineses, e, principalmente, os organizadores da festa. Até agora, nós estamos aqui... nesse momento são dez e... vamos nos

aproximando das dez e trinta e cinco da noite, onze e trinta e cinco da manhã desta sexta-feira aí no Brasil, horário oficial de Brasília, e... não choveu.

PB: Trinta graus... trinca ponto sete.

GB: Onze e meia da noite, trinta e um graus... e aí não precisa dizer que é sombra porque é noite, né. Mas trinta e um graus de TEMPERATURA, fora a/todas as sensações[...

MU: [É... a umidade, né[...

GB: [... em função da umidade e desta calota que se foram em cima da cidade, prendendo a poluição aqui em baixo.

MU: É... a história da poluição realmente merecia ser tocada, não simplesmente em Pequim... é... como na China como um todo...agora, eles fizeram um trabalho, desde o dia vinte, né, revista (XXX), fizeram (XXX) a placa dos carros, placa par, placa ímpar... realmente fecharam várias fábricas, é... diminuíram a produção de outras... eles tentaram, realmente, fazer o melhor possível... com certeza melhorou muito. Ideal, obviamente, não é pra uma cidade com o ritmo de crescimento que Pequim tem. Mas não vai ser, eu acho, que fantasma que se imaginava que seria.

GB: Se imaginava muito pior. Eu, na viagem de vinda, tive oportunidade, uma rápida conversa, dessas sortes que um jornalista tem na vida, com o presidente do Comitê Olímpico Internacional. Muito simpático... me apresentei... recebeu muito bem, e disse o que ele pensava sobre esse problema... se eles já não sabiam disso quando a escolha da China como/como sede. Ele falou: “Olha, é uma coisa que existe. Eu sei que/ainda não cheguei... estamos indo juntos pra lá”, dizia ele, “mas sei que está sendo feito um trabalho”, como o Uchôa disse agora. “E o atleta olímpico”, ele disse, “eu fui um atleta olímpico, ele tem muitos obstáculos a vencer pra crescer dentro do seu esporte, pra chegar em uma Olimpíada. Eu prefiro que isto seja encarado como um obstáculo a mais. É claro que não é o ideal, tá longe de ser o ideal.” Eu tava aproveitando a conversa, perguntei ele o que ele achava dessa confusão do futebol. Ele disse assim: “não me sinto competente pra falar sobre isso”. ((Risos)). “Eles não[...”

MU: [Inda mais com brasileiro, ele não queria falar[... ((rindo)).

GB: [“Eles/eles não se entendem entre eles.” “Eles” fazia referência à/à/à UEFA com FIFA com clubes europeus... “gostaria que se chegasse a uma conclusão e que tivesse mais importância o torneio de futebol dentro da Olimpíada, mas não posso emitir conceito porque eles não conseguem se entender”. Pedi a ele algumas palavras pra você, brasileiro, sobre a candidatura do Rio à dois mil e dezesseis, recebi o silêncio como resposta. Insisti, e ele disse assim: “Mas eu não posso falar. Eu sou presidente do Comitê Olímpico Internacional”. Eu disse: “Não... alguma coisa simpática”. Ele disse: “Então desejo sorte. Gosto muito do Brasil. Desejo sorte. Agora, é necessário bastante sorte, porque os adversários são duríssimos.” Não sei se mandou recado ((risos)).

MU: Não... realmente é na comparação... e/tivemos lá em Atenas, quando houve a escolha, onde o Bra/o Rio de Janeiro continuou entre as quatro cidades com possibilidades. A decisão vai ser em outubro do ano que vem, quer dizer, há um longo tempo aí pra fazer um bom trabalho em/é com esse cento e cinco... é... integrantes do Comitê Olímpico Internacional. Agora, realmente, em termos dos países da força econômica, é lógico que o Japão, os Estados Unidos e até a Espanha tem mais dinheiro do que o Brasil.

GB: Mas tem uma tese, dentro do Comitê Olímpico Brasileiro... e o diretor de comunicação da campanha, o (XXX) que criou e fez essa comparação, que diz assim: a China, mais ou menos, elimina o Japão...

MU: É verdade.

GB: Pela proximidade.

GB: A Inglaterra eliminaria[...

MU: [Madri[...

GB: [... Madri. Duas sedes europeias[...

MU: [É... não aconteceu

depois da Grécia[...]

GB: [Não poderia acontecer... você ver China, Inglaterra, e ir pro Japão. Ou ter Inglaterra e repetir a Europa, com Madri. Então, teoricamente, a China poderia estar eli/eliminando Tóquio. Londres poderia estar eliminando Madri. Já não foram tantas Olimpíadas, recentemente, nos Estados Unidos?

PB: Mas quem elimina Chicago, dessa vez, né?

GB: É... ((rindo)).

MU: É... mas o Chica/Chicago tem, realmente, dois problemas[...]

GB: [Mas[...]

MU: [... um tem a ver com eleição[...]

GB: [... fica uma esperança, porque nós tivemos em oitenta e quatro Los Angeles, e em noventa e seis, Atlanta. É *overdose* de Estados Unidos.

MU: É... e ainda tem a América do Norte com Vancouver, a próxima Olimpíada de Inverno também, ali do lado... é/é... enfim[...]

GB: [É UMA TESE[...]

MU: [Não... É uma tese respeitada até porque se o OBAMA ganhar dizem que Chicago ganha pelo/porque o/o/o Obama, Barack Obama, é de Chicago. Se o McCain ganhar... já o McCain e o Comitê Olímpico Internacional não se dão por causa do escândalo de Salt Lake City, a Olimpíada de Inverno, enfim. Mas existe, também, o argumento de que existe um certo “antiamericanismo” no mundo... é... por conta de problemas políticos, enfim. E que também tá no mesmo fuso-horário e que muitos desses votos asiáticos e europeus poderiam se bandiar para o Rio de Janeiro se ficasse uma final “Rio de Janeiro – Chicago”. Quer dizer, no final das contas, não é tão absurdo, assim se achar que o Rio de Janeiro tem condição de ganhar. Longe de... creio que um trabalho bem feito, e eu acredito que seja sendo feito, e/ele/há uma possibilidade, até

porque a América do Sul nunca fez uma Olimpíada. Existe também essa vontade do Movimento Olímpico de, realmente, transformar a Olimpíada numa coisa mundial.

GB: É... eu acho que há uma certa lógica na ligação de China com Tóquio, de Londres com Madri e dessa/dessas questões dos Estados Unidos. Mas se o Obama ganhar, praticamente garantiria. O McCain, é bom lembrar, ele foi presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Salt Lake City, dos Jogos de Inverno, seria esquisito.

MU: [(XXX)

PB: [E (XXX)... ele foi/ele foi o que investigou todo o escândalo de corrupção.

MU: É...

GB: Exatamente.

PB: Porque foi o maior escândalo de corrupção da [história do Comitê Olímpico

GB: [Comitê, não, investi/ perdão[...

PB: [Do  
Congresso [Americano...

GB: [Eu misturei as coisas... do Congresso. Ele investigou...

MU: É... isso mesmo...

PB: Então, ele é/ele é a última figura, no mundo, [((risos))

MU: [grata a esses [cento e cinco eleitores

PB: [Que o Comitê Olímpico  
pode ver. ((Risos)).

GB: É... tem/todo mundo tem suas complicações. Num resta sonhar... aliás, o lema não é “Um mundo, Um sonho”? Não resta/não custa sonhar.

PB: Galvão, sabe quem foi o maior cabo eleitoral do Brasil? O Blatter. Joseph Blatter porque com/com aquela alfinetada é/a FIFA e o Comitê Olímpico vivem trocando alfinetadas... não são os melhores amigos, não.

GB: Não se dão às mil maravilhas.

PB: Exatamente. E o Blatter disse o seguinte: “É... ao contrário, o Comitê Olímpico sempre foi um pouco elitista. Nunca fez uma Olimpíada num/que não fosse num país rico”. Isso é verdade[...

MU: [É verdade[...

PB: [Isso é verdade por/e a/e a FIFA tem autoridade pra falar, porque tá fazendo uma Copa na África do Sul, e, depois, no Brasil.

GB: Ele também quis dizer o seguinte: “O futebol é absolutamente popular, e as origens do/a origem do Movimento Olímpico... ela é... a/o/a origem do Movimento Olímpico, é, diríamos a/a... como eu poderia dizer, é... é/é... não é elitista, é/é/é[...

MU: [Nobre[...

GB: [...é nobre[...

PB: [Aristocrata, [aristocrata.

GB: [Aristocrata... Exatamente. Aí vamos à sequência do desfile, El Salvador. El Salvador é a delegação de número cento e sessenta e seis, lembrando que nós vamos até duzentas e quatro delegações. O Barão Pierre de Coubertin, que começou o Movimento Olímpico... e quantos duques, barões, príncipes, que, automaticamente entram pro Comitê, que têm quase que uma/uma sucessão garantida, e a é isso que o Blatter se referia, alfinetada de lá, alfinetada de cá.

MU: Se ele tivesse nesse voo de vocês, teria sido um diálogo interessante ((rindo)).

GB: Seria interessante. Mas, politicamente, iam se dar muito bem. Tanto que o Blatter está aqui, e o Blatter, como presidente da FIFA, tem cadeira no Comitê



Olímpico Internacional. E uma curiosidade... como aquela... vamo lá, da coisa do/do jornalista que fica olhando, a esposa do Jacques Rogge, num determinado momento, bateu com o dedo nele assim, e disse assim: “Vá ali, vá ali”, aí ele disse: “Por que?”. “A secretária de Monsieur Havelange”. E ele foi lá cumprimentar a secretária do João Havelange. Tava atenta a esposa do presidente do Comitê Olímpico Internacional.

MU: João Havelange que é o outro brasileiro que tem voto no Comitê Olímpico Internacional. Vamos nos aproximando da parte final do desfile. Passando aí de cento e setenta, ou nos aproximando de cento e setenta. E agora chega o Vietnã. Esperava uma manifestação maior.

MU: É... já teve apoio da China, já teve guerra com a China ((rindo)). Parece que é uma mistura de sentimentos[...

PB: [E ho[...

GB: [Esperava uma manifestação de alguma forma e  
Não houve nenhuma.

MU: Ignoraram.

GB: Sônia. Aí Botsuana.

PB: O Vietnã hoje, Galvão, é/é... politicamente não tem mais rivalidade com a China, mas, economicamente, acaba disputando. As mesmas indústrias que se instalam aqui em busca de mão de obra barata... hoje em dia a mão de obra do Vietnã é mais barata do que na China, então tá competindo nesse setor, ó... a China hoje é o/é o, como se diz, o chão de fábrica do mundo, setenta por cento de bens de consumo são produzidos aqui. Mais de noventa e cinco por cento dos brinquedos do mundo são produzidos aqui... e o Vietnã o/agora começa... os países do sudeste da África também, mas o Vietnã, principalmente, começa a sugar um pouco dessa onda de indústrias que veio pra cá.

GB: Sônia Bridi.

SB: É... o que tá acontecendo é que o Vietnã, ele paga um terço dos salários pagos na província de (XXX) lá no sul da China onde começou essa Revolução Industrial nova da China. Então muitas fábricas de calçados, confecções, principalmente as indústrias japonesas, coreanas e taiwanesas estão se instalando no Vietnã. Há uma disputa comercial grande. A outra coisa é que o maior fabricante de microchips pra computadores do mundo instalou uma fábrica lá, e uma fábrica que a China gostaria que fosse aqui.

GB: A cerimônia de abertura começou precisamente às oito horas da noite, o horário aqui de Pequim, nove horas da manhã, horário oficial de Brasília, e nós vamos já nos aproximando das onze da noite aqui, meio-dia em Brasília, vamos já pra três horas de festa. Tivemos toda aquela festa... e volta a mesma discussão de sempre, será que não existe um formato de contemplar os atletas, mas diminuir um pouco o tempo do desfile das delegações? Porque nós tivemos uma hora de *show* num ritmo absolutamente fantástico. Então, eu fico falando como homem de televisão, como uma pessoa de comunicação com o público medido em milhões e milhões de pessoas. Aí os/os irmãos portugueses[...

MU: [[[(XXX)]]

GB: [[Portugal...]] Portugal chegando. E nós tivemos uma hora de festa e já vamos pra duas horas de desfile. E quanto mais países se apresentam pros Jogos, quanto mais atletas se apresentam pros Jogos... e todo mundo fica feliz e satisfeito com o aumento do número de países e número de atletas... mas aumenta o tempo do desfile, que impede muitos atletas de virem ao desfile. A Sandra que tá aqui conosco, participou de três Olimpíadas, veio uma vez só, pra ser porta-bandeira. O Oscar participou de cinco Olimpíadas, veio uma vez só, porque as outras quatro... não foi porta-bandeira porque tinha que se poupar pra um jogo. E como nós tamos vendo os atletas lá na Vila Olímpica. O tempo passa, as cerimônias se repetem, os/os ciclos de quatro anos, e não se chega a um formato que possa diminuir um pouquinho esse tempo de apresentação das delegações. É um grande barato pros atletas, mas um tempo excessivo de exposição de televisão pro mundo inteiro.

MU: É... o Jacques Rogge tentou segurar esse crescimento desenfreado das

Olimpíadas em relação aos esporte, né? Criando ranques, criando índices, para que não se inchasse, realmente, demais as/as/as delegações. Mas, realmente, é uma farra tão grande a cerimônia de abertura, o desfile, que fica difícil, realmente impor um número, um limite, pra/prá/prá cada delegação. (XXX) vai ter todo mundo... máximo de trinta pessoas por delegação, mas, aí, como escolher essas trinta, né Bassan, que daí fica complicado.

GB: Olha só, eu vou mostrar/eu vou mostrar pra vocês... a câmera exclusiva da Globo, como se encontra, nesse momento, a Delegação Brasileira que nós vimos agora pouco com aquela animação toda. Olha só... tá todo mundo sentado porque, como disse o Oscar, oito horas em pé. Tem gente que daqui dois dias... o time de vôlei, daqui dois dias, tem que jogar. Então, é/é uma coisa complicada. A Sandra que tá aqui me ouvindo, que participou uma vez, e que tem duas medalhas olímpicas e tem todo... toda a condição de/de falar sobre isso. É um grande barato, né Sandra, mas demora demais, né?

SP: É, Galvão. Realmente é cansativo, né? Pra quem joga no dia seguinte fica difícil participar. Eu, em Atlanta, não desfilei. A Jackie falou: "Não, Sandra, cansa muito. Não vamos". E eu segui a orientação dela. Então, realmente é difícil pra quem joga no dia seguinte. E vai aumentando o número, né, de participa/de participantes, então, de atletas, né, as de/a delegação vai aumentando e fica cada vez mais gente e mais demorado. Mas é/é cansativo, mas é muito bacana participar. Depois, você acaba arrependendo quando não participa.

GB: Como o Oscar disse que se arrependeu naquele discurso emocionado e bonito... se/segundo o Uchôa, a mais bela/o mais belo discurso de O/de Olimpíada... o Oscar... quem é que tava entrando agora aí? [Agora confesso...

MU: [A Coreia do Norte]...

GB: [Coreia do Norte.

SB: É a Coreia do Norte... [é a Coreia do Norte...

GB: [(XXX)... Nas/nas Olimpíadas de Atenas, as duas Coreias desfilaram juntas. Não/não competiram como um país só. Desfilaram juntas.

Confeccionaram uma bandeira que trazia juntas as bandeiras da Coreia do Norte e da Coreia do Sul. Uma manifestação que acabou sendo aprovada pelos dois governos, de usar a força dos Jogos de Atenas... esse trabalho de reunificação das Coreias. A coisa desandou um pouquinho de lá pra cá. Tentaram fazer com que as delegações se apresentassem de forma conjunta mais uma vez, e não houve o acordo político. Então, Coreia do Norte e do Sul, infelizmente, estão se apresentando separadas. A in/a grande esperança... eu me lembro da cerimônia... e falava isso na transmissão da cerimônia dos Jogos em Atenas, era que aquele desfile conjunto das duas Coreias pudesse assu/a/trazer uma só Coreia pra disputar os Jogos aqui em Pequim. Não só não vem uma só Coreia, como elas não desfilam juntas. Mas o assunto, Oscar, era: você se arrependeu de não ter participado, mas você mesmo disse que são oito horas em pé, e a gente mostrava ali a Delegação Brasileira, todo mundo já cansado, sentado. À medida que crescem os Jogos, o número dos atletas, cresce também o desfile. Tivemos uma hora de *show* e já temos duas horas de desfile. É um grande barato pros atletas, né, mas podia ser um pouquinho mais curto, né.

OS: Deveria, Galvão. Isso é um massacre pro físico. Oito horas você perde num desfile desse. Mas, ao mesmo tempo, é uma chance só que você tem de levar a bandeira. Eu tive a chance, eu ia levar a bandeira, e me arrependo, porque eu gostaria muito de tá cansado, ninguém lembra se eu ganhei ou perdi o jogo, mas vão lembrar se eu levei a bandeira.

GB: Falar em bandeira, vai vir aí a Suíça e vocês vão ver o porta-bandeira quem é. Quem vai trazendo a bandeira da Suíça. Olha lá. [[Federer, Roger]] Federer...

MU:

[[Federer, Ro]]

GB: ... que acaba de perder a posição de número um no tênis pro Nadal, que passou agora pouco com a Espanha. É uma demonstração da importância. A câmera da Globo, a câmera exclusiva da Globo que foi buscar a Pira agora pouco, que tá mostrando pra você o Roger Federer e a-plaudidíssimo.

MU: É... terceira medalha... terceira Olimpíada dele, essa aí, e hoje ele faz aniversário. Vinte e sete anos, [[os meus parabéns pra você]]...

GB: [[Faz vinte e sete anos]] o Roger Federer. Olha... Nadal e Federer, promessa de uma final de tênis pra repetir/repetir Roland-Garros, repetir Wimbledon, repetir/repetir os *Grand Slam's*. Mas Oscar, cê tava falando, mas, a cada ano fica mais longo, né. E não é... digamos assim, é muito bonito... é/é... mas não é, assim, um espetáculo de/de ritmo, como é o *show* antes e a expectativa que se está agora em torno como/de onde vai vir a Pira Olímpica, quem vai acender a Pira Olímpica, todas essas coisas.

OS: A sugestão seria diminuir o tamanho das equipes. Fazer um número fixo pra todas as equipes[...]

GB: [Talvez[...]

OS: [... seria uma boa sugestão... ãh... iria muito mais rápido, né. A equipe americana tomou o campo todo, por exemplo. Mas num... cada um tem que ser livre pra fazer o que quiser. Numa Olimpíada, impor regra demais pra um atleta, não é muito bom. Eu me arrependo. Eu gostaria de ter levado a bandeira do Brasil e ter ficado porque ninguém lembrou quem ganhou o jogo. Mas se eu tivesse levado a bandeira, todo mundo ia lembrar que eu levei a bandeira.

GB: Então me diga, você ganhou ou perdeu o jogo?

OS: Também não lembro... ((Muitos risos)). Eu não sei nem com quem foi o jogo. Mas eu é.../ ((rindo)) eu era muito responsá/exageradamente responsável, caxias demais, que eu não quis, Galvão. O Ari falou pra mim: “Não, Oscar, vai lá. É uma vez na vida”. Eu falei: “Não, deixa pra lá. Deixa pra lá. Tem jogo amanhã”, quer dizer... e hoje eu me arrependo muito. Que eu vi o Ginóbili levando a bandeira, lá eu vi o (XXX) levando a bandeira. Tá aí o (XXX), o Kobe Bryant. Por que que eu não podia tá também? Me arrependo demais, demais.

GB: O bom é ele não saber nem com que jogou ((risos)). Esse é o nosso Oscar, que sempre fala muito mais com o coração. O Oscar é uma figura espetacular, especial. Vai estar passeando por todos os estádios, por todos os lugares aqui, sempre torcendo pelo Brasil. Já deu sorte pro futebol, ontem. Estreou fazendo comentários no futebol. Disse que tava faltando lance de três. Faltava arremesso de três no futebol. Mas[...]

MU: [Esse seria o golaço, né. Vale três pontos, um chute só ((rindo)).

GB: Aí vamos com a sequencia do desfile. Amanhã começam as competições. Amanhã já tem vôlei feminino, uma e meia da madrugada pra você. É hora de mudar, né. Ficar acordado de madrugada... que hora vai dormir, eu não sei, porque nós não queremos que as pessoas parem de trabalhar, que parem de ir à escola... a Itália... a Itália que já ganhou no futebol com três a zero.

MU: Esse é de [caiaque Antônio Rossi...

GB: [É... é... é alto ele

MU: É...

GB: Deve ser do vôlei.

MU: Não, não, não. [[É de... Antônio]] Rossi... Canoagem.

GB: [[Ah...]] Da canoagem... ele é um herói italiano[...

MU: [É[...

GB: [... de um...  
de/de muitas medalhas. Vem de medalha de ouro... de duas medalhas de ouro consecutivas. É um dos heróis do esporte italiano. E foi muito aplaudida a escolha dele pra ser porta-bandeira, por quê? Porque não é um jogador de futebol, não é um jogador de vôlei, não é um jogador de basquete não é do atletismo... ele vem do caiaque. Foi muito aplaudida a escolha dele como porta-bandeira da Itália

MU: Muito aplaudida a entrada da Itália aqui no estádio. Realmente (XXX)... o macarrão em comum (XXX) ((risos)).

GB: A Itália/a Itália é como o Brasil... a Itália carrega a simpatia no sorriso dos seus representantes, no jeito de ser de seus representantes. Na música alegre. No jeito festivo[... ((é mostrada a imagem dos atletas da Delegação Italiana festejando muito)).

MU: [É uma festa...

GB: Olha só... ó o jeito italiano de ser. É como o brasi/olha só... esse é o italiano... é como o brasileiro. Ela é sempre bem recebida, assim como o Brasil é sempre bem recebido. O Senegal aparecendo.

MU: Tá chegando, cento e noventa e uma.

GB: Já chegamos a isso?

MU: É...

GB: Perdia a página aqui...

PB: Já?...

MU: Já?... ((Rindo)).

GB: Cento e noventa e dois, o Senegal. Então eu dizia que, depois do/do Jornal da Globo você começa as madrugadas olímpicas... e vai se estendendo por toda a madrugada, até o dia amanhecer. E nós teremos sempre os eventos principais, os grandes momentos das Olimpíadas, toda a participação brasileira, e... amanhã nós vamos ter... vou pedir uma ajuda aqui pra ver as transmissões de amanhã, mas uma e meia da madrugada eu sei que nós temos voleibol feminino. Daqui a pouco a gente vai dar uma passada já no que/no que nós temos amanhã na primeira madrugada olímpica. Você que, aí no Brasil, pelo horário de Brasília, tá se aproximando do meio-dia desta sexta-feira. Nós temos o Brasil e Argélia de vôlei feminino, uma e meia da madrugada. Vamos ver o que que nós temos mais. Enquanto aparece, aí, a Sierra Leoa, e ali o representante do governo de Serra Leoa. Tem o basquete feminino: Brasil e Coreia. Então, amanhã é dia das... às três e quarenta e cinco da manhã. Então, amanhã é dia das meninas do Brasil. A uma e meia da madrugada a gente tem Brasil[...

MU: [E Argélia[...

GB: [... e Argélia no vôlei feminino, e depois... deve ser um jogo fácil... vamo esperar que seja. Mas o jogo de basquete

não é fácil/o feminino não é fácil não. Nós vamos ter Brasil e Coreia. Oscar, nós tamo falando das/dos jogos de amanhã que vão ser transmitidos, nós vamos ter o vôlei feminino, Brasil e Argélia, teoricamente um grande favoritismo no vôlei brasileiro... mas o basquete feminino, seu esporte, estreia às três e quarenta e cinco da manhã, Brasil e Coreia, não é jogo fácil.

OS: Não... acredito que a gente vai ganhar tranquilo da Coreia. Não vejo como a Coreia possa ganhar do Brasil, Galvão...

MU: Esse é o torcedor Oscar ou o comentarista Oscar? ((Rindo)).

GB: Ele é, acima de tudo, um torcedor.

MU: Sempre...

OS: Eu estou emitindo a minha opinião... sou pago para dar a minha opinião... doa a quem doer...

MU: Tá certo... ((rindo)). Já ganhou[...] (XXX)

GB: [O Brasil vai arrasar com a Coreia.

MU: [[Pronto]]...

GB: [[Pronto]]...

MU: Já tá decidido...

GB: Está determina/num precisa nem jogar ((risos)).

MU: É... temos o judô começando amanhã também, Galvão... natação... a natação que mudou os horários, né. É... vai ser a noite as eliminatórias... a ma/as finais serão durante as manhãs por conta da televisão americana que impôs isso.

GB: Eles... eles[...

MU: [Ninguém tá muito feliz com isso não[...



GB: [Não[...

MU: [Nem os americanos[...

GB: [é... os/os americanos tão[...

MU: [Os atletas não estão.

GB: Eles inverteram... porque sempre a natação teve as eliminatórias de manhã e as finais a noite, no horário nobre do local. Então, em função da força da natação dos Estados Unidos, o Michael Phelps, especialmente, e a/a/a tarefa dele de tentar oito medalhas, eles acabaram fazendo a natação... as finais de dia aqui, que cai no chamado *prime time*[...

MU: [O (XXX)[...

GB: [... o ho/o horário nobre dos Estados Unidos. E a natação, então, será de dia aqui... o que é bom pra nós, na madru/que cai na madrugada olímpica nossa.

PB: O/o que...

MU: Ó o astro do basquete alemão aí, Dirk Nowitzki, trinta anos, é a última Olimpíada dele... talvez mais uma... mas tem o maior orgulho. A Alemanha que se classificou no Pré-olímpico, agora, [no finalzinho...

OS: Você viu o que eu vi?

GB: Vi...

OS: Aquele cara que leva a bandeira da Alemanha chama Dirk Nowitzk[...

GB: [Exatamente[...

OS: [... é um dos melhores jogadores do planeta da atualidade[...

GB: [De basquete]...

OS: [... e eu não levei minha bandeira... eu não consigo admitir isso na minha vida. Juro por Deus. Pra mim, era mais importante levar a bandeira do Brasil do que ganhar uma medalha.

GB: E vamos dizer uma coisa dele... o Brasil não veio, no basquete masculino, quando perdeu pra Alemanha liderada por ele.

MU: São três jogadores de basquete que apareceram aí... o (XXX), russo, e dois americanos.

GB: A comunidade do basquete. Por isso o Oscar tava falando ali. E o clube dele disse assim: "Você não vai. Nós exigimos um seguro. E nós não vamos pagar". Ele disse: "Eu pago do meu bolso".

OS: Esse é o cara, Galvão. ESSE É O ESPÍRITO, que, infelizmente, a gente não tem em todo jogador.

GB: Ele pagou o próprio seguro pra poder jogar pela seleção da Alemanha sendo os ma/um dos maiores do mundo, e dos principais do basquete profissional, dos Estados Unidos. Vamos nos aproximando do final... na parte do desfile. Oscar, pra que você não fique[...

OS: [Diga]...

GB: [... tão chateado de não ter carregado a bandeira, já que você não se lembra, eu vou lembrar você. O jogo foi Brasil e Porto Rico]...

OS: [E nós ganhamos?]

GB: [... o Brasil ganhou de cento e onze a cento e oito.

OS: Tá bom. Mas não/num tente me convencer que valeu a pena, porque não valeu.

MU: No (XXX) ele fez cinquenta pontos, mas não lembra ((rindo)).

GB: O Oscar tem/o Oscar tem alguns recordes olímpicos: maior número de pontos em um jogo; maior número de pontos em Olimpíadas, por ter jogado cinco... são nove recordes, Oscar?

OS: (XXX) são dez, Galvão. Que eu lembro de cabeça: mais Olimpíadas; mais jogos eu perdi pro (XXX), mas não faz mal; mas pontos total; mais pontos num jogo; mais pontos numa Olimpíada; recorde de pontos em Olimpíadas, recorde de pontos em todas as Olimpíadas; mais três pontos; mais lance livres; mais cestas de dois pontos; mais rebotes e; infelizmente, mais bolas perdidas, Galvão. ((Risos)).

GB: Faltou a medalha.

OS: Faltou [(XXX)

MU: Faltou a bandeira. Faltou a bandeira.

OS: E faltou muito mais a BANDEIRA, GALVÃO.

GB: Tá bom... esse é o Oscar e o espírito do Oscar. Nós estamos aí...

MU: Marroquinos, aí.

GB: E agora tá terminando. Olha só, depois do Marrocos vem a Austrália, delegação forte, importante... e, depois da Austrália, a China... não, tem a Zâmbia... depois da Austrália, tem a Zâmbia, e depois tem a China.

PB: Galvão, só completando ((falha no áudio da transmissão)) (XXX) (XXX) (XXX)... história dos horários da natação, o Michael Phelps disse o seguinte: “Gente, estamos nas Olimpíadas, quem não precisar acordar cedo, fica em casa”.

MU: Espírito de Oscar ((rindo)).

GB: Tá certo.

PB: Momento “Oscar” do Michael Phelps.

GB: Aí você tá vendo a pequena/a pequena equipe de Mônaco, porque você acabou de ver o príncipe Alberto, de Mônaco. E aí a Delegação da Austrália.

PB: Da Austrália, o Primeiro Ministro, Kevin Rudd tá aqui também no estádio, ele que fala chinês, foi diplomata, morou muito tempo aqui na China, também é muito querido pelo/pelo povo aqui da China, foi muito aplaudido.

MU: É... a Austrália que é uma força incrível. Realmente um país que tem uma tradição de esporte impressionante.

GB: E que cresceu muito pelo trabalho que fez quando se preparou pros Jogos de dois mil, pros Jogos de Sydney. Os centros de excelência que eles construíram, e que os brasileiros acabaram usando. Eles usam pra natação/pra treinar natação.

PB: País com só vinte milhões de habitante... vinte milhões de habitantes, apenas, e em quarto lugar nas últimas Olimpíadas.

GB: Atenção... há até um certo espaço depois da Austrália... vem a Zâmbia... e, agora, o momento da explosão de noventa mil pessoas. Anunciada a Zâmbia, nesse momento. A câmera da Globo já mostra, ali... vai buscando uma posição pra mostrar que aí vem a República Popular da China. Cê tá vendo... um vestido tradicional. O orgulho que deve tá aquela moça, não é atleta, apenas por trazer a plaquinha com a inscrição da China. Ainda não entrou e o chinês já explode em festa e orgulho. Mostramos, na festa, a história desse país... três mil anos, passando por todas as dinastias. E, agora, vem a China. Pra felicidade, pra explosão do público presente no Ninho do Pássaro. Foram momentos de.../fantásticos... de cultura... mas também passou por momentos difíceis, a China. E aí está. O Oscar apontando de novo. Mais um grande jogador de basquete que traz a bandeira

PB: Yao Ming, dois metros e vinte e seis de altura.

MU: Ele que foi o maior problema aqui pra China, porque em março ele teve uma fissura no pé, e o país ficou angustiado pra saber se ele conseguiria competir na Olimpíada, ele foi fazer a volta do Yao Ming num torneio em (XXX), aqui no começo do/do mês de julho, e ele tá normal. Mas a estreia deles é contra os Estados Unidos ((rindo)), que são problemáticos.

PB: Tá aí o presidente da China, Hu Jintao. E esse menino que vai aparecer ao lado do Yao Ming, carregando a bandeira da China, é uma criança de nove anos... aí na

câmera da Globo, exclusivo... ele já aparece carregando. Ele tem a cabeça até ferida, porque é um sobrevivente do terremoto de Sichuan. Ele tem só nove anos, chama Lin Hao, não é só sobrevivente, e é considerado, na China, o maior herói daquele terremoto. Ficou preso nos escombros... ele era o líder de classe... então, ele incentivou os companheiros a cantar, pra que os soldados do resgate pudessem ouvir os que tavam lá presos. E isso... as crianças todas cantando, foram encontradas... depois de ser resgatadas, ele foi e resgatou mais duas crianças, uma menina e um menino... no segundo resgate ele se feriu, foi quando ele feriu a cabeça, se recusou a ser atendido pra ir caminhando com a irmã até a cidade em que tava a família dele. Andou sete horas a pé, pra, finalmente, chegar a um centro de refugiados. Essa é a história do Lin Hao, menino de nove anos que está entrando com a Delegação Chinesa.

MU: É... se os atletas chineses tiverem essa força, essa perseverança... eles vão ganhar ((rindo)) na contagem de medalhas[...

GB: [Um gran[...

MU: [... Que história excepcional.

GB: Um grande momento, uma história excepcional. O fato de colocado ao lado/de colocá-lo ao lado de um/de um herói no esporte. Parabéns Bassan... e o Bassan esteve lá, recentemente, e viu os horrores desse terremoto... as centenas de milhares de vidas que foram perdidas. Sônia.

SB: E o Yao Ming é também uma/um grande representante de como a China é capaz de planejar a longo prazo. O Yao Ming é filho de dois jogadores de basquete. A mãe dele era uma jogadora sem muito talento, mas a mulher mais alta da China, jogava em Xangai. E no outro time de Xangai jogava o pai dele, o homem mais alto da China. Quando eles chegaram em idade de se aposentar, o Partido Comunista promoveu o casamento para produzir um grande jogador de basquete. Aí o resultado.

GB: Fica bem... de acordo com a imagem que era mostrada do presidente... a imagem fechada nele... o culto à personalidade, a centralização do poder, que é o jeito chinês de fazer... de conduzir o seu país[...

MU: [É[...

GB: [Não nos cabe, aqui, levantar questão de juízo, porque estamos pra acompanhar o esporte. É a forma política chinesa. É absolutista, é fechada. A própria bandeira determina que são as/estrelas menores, são o povo unido, e a estrela maior, representa o Partido Comunista Chinês, acima desta união do povo. É assim que eles entendem deva ser o formato chinês de viver, ponto.

PB: E ali, à esquerda da tela apareceu o Wen Jiabao, que é o primeiro ministro do país, que foi pessoalmente, também, socorrer vítimas do terremoto, lá em Sichuan, e é, certamente, o/o integrante do governo mais querido pela população... e ele é a imagem do governo junto ao povo. Ele vai nas maiores tragédias, foi ao terremoto pra socorrer pessoas, pela primeira vez, um líder chinês chegou tão perto do povo, como ele, numa tragédia, e assim foi a resposta chinesa ao que aconteceu lá.

SB: E tá bonito ver [[a alegria dos atletas]]

GB: [[Olha só...]]

SB: ... passando em frente às câmeras, celebrando.

GB: É um grande momento pra China, claro... ela que... o tão repetido, depois do final do Império, em mil novecentos e onze, passou por/pela invasão japonesa, veio[...

MU: [Guerra Civil[...

GB: [... a Guerra Civil, que terminou com a Grande Marcha de Mao Tse-Tung, e a instituição da República Popular da China em mil novecentos e quarenta e nove. O fracasso da Revolução, e a Revolução dentro da Revolução, que foi a Revolução Cultural de mil novecentos e sessenta e seis, e, depois da morte de/de Mao, aquilo que se determinou a chamar de “A gangue dos quatro”, liderada pela viúva de Mao Tse-Tung, que acabou presa, condenada à prisão perpétua e se/siu/se/se suicidou na prisão, e, a partir daí, depois, apesar de tudo isso, eles se abrem pro mundo, e agora têm a possibilidade, com os Jogos Olímpicos, de receber

todas as nações do mundo. Questiona-se a falta de liberdade individual, questiona-se a falta de liberdade de comunicação, questiona-se a poluição, questiona-se o/a política, mas é a política deles, é o país deles e a forma como eles vivem. Por isso que dizia que estamos aqui pra fazer esporte. Cada um que tenha/que chegue à sua conclusão. Não nos cabe juízo. Aí vamos chegando ao final do desfile. São duas horas e dez minutos de desfile.

MU: É... eles sempre calculam, tecnicamente, uma hora e cinquenta... nunca é uma hora e cinquenta, né ((risos)). Até porque, realmente [[(XXX)]]

GB: [[Mas será que (XXX)]] [...

MU: [... é... aproveita, vamos dizer assim, esses momentos... saboreia esses momentos o máximo possível, porque a torcia da arquibancada, os próximos atletas, né, o orgulho de desfilar em casa... e esse menininho aí, que coisa, né?

GB: Me repita o nome dele, Bassan, por favor.

PB: É o Lin Hao.

MU: Eu acho que o Yao Ming, ele tá com/orgulhoso de tá do lado do menino, e não o menino do lado do Yao Ming ((rindo)).

GB: Lin Hao... olha a felicidade dele. O gigante Yao Ming, dois metros e vinte e seis, e o pequeno herói chinês. Pequeno grande herói chinês. Uma linda história, realmente.

MU: Nessa hora (XXX) o que bota em perspectiva o que é o esporte, né[...

GB: [Claro[...

MU: [... o esporte é entretenimento, é diversão... tem um papel maravilhoso... na educação das pessoas... mas, a vida real ((rindo))... ele... o herói, realmente é o menino, não é o Yao Ming. O Yao Ming é um jogador de basquete.

GB: Verdade absoluta. Todas as delegações já passaram. Foram duzentas e quatro delegações. E olha, a Delegação Chinesa é seguramente maior do que a americana no total de inscrição dos seus atletas. Mas ela é menor aqui, muitos se poupando pras competições que começam amanhã. Então, amanhã nós temos vôlei feminino, temos basquete feminino, temos futebol feminino, já na virada pro sábado. Do sábado pro domingo. No domingo temos futebol masculino, vamos começar com a natação. Estaremos com a natação na noite... precisa fazer a conta, né... na noite de sábado, então na manhã[...

MU: [De sábado[...

GB: [... de sábado. Aí o Brasil. As primeiras eliminatórias na natação, já vamo ter o Tadeu...

MU: Thiago Pereira...

GB: Thiago.

MU: Pereira vai tá nos quatrocentos metros medley, e o Michael Phelps também, né. Os dois disputando, ali, pra chegar na final... os dois... provavelmente, [né

GB: [É... eles vão[...

MU: [... se não houver um desastre, devem chegar às finais e disputar (XXX)[...

GB: [Vão com jeitinho pra chegar à final, né[...

MU: [Não... não[...

GB: [... sem se esforçar muito.

MU: É...

GB: Sem [(XXX)...

MU: [E a China, com certeza, quem não tá aí, Galvão, é a que a China quer



muito essa PRIMEIRA medalha de ouro da Olimpíada, simbólica, que é amanhã de manhã, aqui, de noite, no Brasil, dez e quarenta aqui no Brasil... no/não/aqui/aqui em Pequim, sai a primeira medalha que fo/foi a mesma chinesa que ganhou em Atenas e ela espera repetir esse feito, no tiro, com a carapina de dez metros.

PB: Por falar em primeira medalha, quem vai entrar carregando a Tocha aqui [no estádio...

GB: [Cê já sabe?

PB: Saiu a lista, Galvão[... ((rindo))].

GB: [...Agora, né? Nesse instante?...

MU: É... eles estão com a[...

PB: [Eles estão com a... não, não[... carregando a...

MU: [... eles tão[...

PB: [... não... não é quem vai acender a Tocha, Galvão.

GB: Ah...

MU: [[Não...]]

PB: [[Não, não]]. Ele vai entrar no estádio [[carregando a Tocha]]... ah...

MU: [[Com a Tocha]], exatamente... não é o último... é o primeiro?

PB: É... e ele[...

GB: [Eu imaginei que você tivesse dando o maior furo olímpico da história, porque[...

PB: [Não... quem sou eu, Galvão? ((Rindo)). Bem que eu gostaria. Ele vai entrar... a/a Tocha vai passar pela mão de oito atletas, aqui. Vai completar uma volta no estádio. Então, ele vai carregar a Tocha/vai entrar no estádio com a Tocha: Xu Haifeng, ele é o primeiro medalhista olímpico da história da China. China, esse país de tanta tradição, que hoje pode ser a maior potência olímpica do mundo, mas só ganhou a primeira medalha em mil novecentos e oitenta e quatro, porque ficou muito tempo fora das Olimpíadas.

GB: Ficou fora das Olimpíadas, porque Formosa participava, que é Taiwan, e em mil novecentos e oitenta e quatro... houve o boicote dos Estados Unidos aos Jogos de Moscou em oitenta, e mais um bloco, então o bloco soviético boicotou os Jogos de mil novecentos e oitenta e quatro, e a China tinha se afastado do bloco soviético, e houve uma política muito grande de aproximação dos Estados Unidos pra que a China participasse dos Jogos em oitenta e quatro. Até a... dias antes não tava confirmado... e agora sim a Delegação Chinesa vai chegando, e aí está o pequeno herói chinês, ao lado, ali, do gigante Yao Ming, vai se colocando ao centro, a Delegação Chinesa. E eu gostaria muito saber... imagino que eles sejam gritando *Zhōn/Zhōngguó*...

PB: [*Zhōngguó*, [[eles acham (XXX)]]]

GB: [[*Zhōngguó*... *Zhōngguó*]]... é o nome/é o nome... é a China em chinês, quer dizer “a cidade do centro”.

MU: Terra...

GB: [[“A terra do centro”]]...

PB: [[(XXX)]] O país do meio[...]

MU: [É[...]

PB: [... terra do meio, enfim... agora, ele/se/exatamente isso, eles gritam “*Zhōngguó*”, é o principal grito de guerra na China. “*Zhōngguó bǎ qìyóu*”. “*Bǎ qìyóu*” que, literalmente significa “põe gás”, “vamos lá”... quando/quando a gente para num posto de gasolina, a gente usa essa expressão: “*bǎ qìyóu*”, “põe

gas”, ((risos)) e é a mesma que eles usam aqui no estádio, “*bǎ qìyóu*”[...]

MU: [Enche o tanque  
((rindo))][...]

PB: [É[...]

MU: [Enche o tanque de medalhas, né? ((Rindo))].

GB: Então vamo lá. Depois de três horas... [como é que fala?

PB: [“*Zhōngguó bǎ qìyóu*”.

GB: “*Bǎ qìyóu*”... depois de três horas: “*bǎ qìyóu*”, vamo colocar gás aqui.

MU: Mas a China realmente é uma força em esportes... o tiro, amanhã, levantamento de peso... caiaque, investiram muito... é/é... em esportes que não são... tecnicamente, assim... tão... causam tanta paixão no torcedor, né. Mas, ainda assim, dão muitas medalhas. Natação e atletismo, que são as forças principais dos americanos, eles são... muito poucas medalhas pros chineses... obviamente a exceção é o Liu Xiang, né, dos cento e dez [com barreira...

GB: [dos cento e dez com barreira...

MU: ... e, [[realmente ganhou]] em Atenas...

PB: [[Será (XXX)?]]

MU: E que vai ter o cubano, aí, o Dayron Robles como o GRANDE adversário, porque ele bateu o recorde do Liu Xiang agora... meses atrás, né.

GB: Promete ser uma/uma/uma prova excepcional do Robles contra o Liu Xiang, com essa diferença, né... o Robles vem participando dos *meetings* internacionais, e o chinês, ninguém sabe o que ele tá fazendo.

MU: É... ele andou um pouquinho machucado, mas, sem dúvida, sentimentalmente, é a medalha mais importante pra China, não é não, Bassan?

PB: O Liu Xiang, aqui dentro da China, ele é muito mais ídolo do que o próprio Yao Ming, que entrou carregando a bandeira. O Yao Ming, ele é/é/é/ele tem o destaque, mas ele foi embora pros Estados Unidos e não ganhou nada.

GB: Não...

PB: O Liu Xiang é o grande... a primeira medalha do atletismo da China, o primeiro recordista mundial, e ele é/ele é incomparavelmente muito mais ídolo na China do que o Yao Ming. Então, o Liu Xiang é/vai/certamente os cento e dez metros com barreiras vai ser uma grande prova. Quem será que vai acender a Tocha, eim? Será que não é o próprio Liu Xiang, não? Ele andou sumido, não carregou a Tocha aqui em Pequim, não entrou com a bandeira[...]

MU: [Olha... eu [gostaria...

GB: [Tá sendo preservado. [[E parece isso]]

PB: [[Será?]]

MU: [Olha o Nadal [[rindo aí]]

SB: [[É... ele está]] sendo preservado. Agora, ele teve um caso logo quando/quando voltou de Atenas, com todo aquele sucesso, começou a assinar contratos de publicidade, ficou com o dinheiro da publicidade, e aí foi isolado dentro do/do Comitê Olímpico Chinês, que disse: “Olha aqui, você chegou onde chegou com a nossa ajuda, se você vai ganhar dinheiro, tem que dividir com a estrutura do partido”. Então, só depois de fazer um acerto financeiro com as autoridades do esporte da China, é que [[ele pôde]] voltar a competir.

MU: [[Kobe Bryant]]

GB: Aparecendo grandes estrelas... você vê aí Ko/apareceu Kobe Bryant.

MU: O (XXX), [o alemão...

GB: [O (XXX)]...

MU: [... uma simpatia, ele.

GB: Apareceu o Nadal, apareceu o Roger Federer, apareceu o (XXX), “momento tênis”, né, quando apareceram os três. Aí o garoto dos saltos ornamentais da Grã-Bretanha.

PB: O (XXX) que tá aí.

GB: O (XXX) apareceu ali. Vão [buscando as grandes...

MU: [Ó o Bubka... ó o Serguei Bubka aí. Hoje a gente tem no feminino, né. A Isinbayeva, a russa que é/que é [dispu (XXX)

GB: [A Isinbayeva, ela já bateu vinte e cinco vezes o recorde mundial no mesmo esporte. A exemplo do Bubka, ela ganha por recorde batido. Então, ela vem batendo centímetro a centímetro. Ela bateu dois e/é/é... cinco e quatro em Madri. Quinze dias depois, bateu cinco e cinco, em Mônaco, e ela vai, centímetro por centímetro e ela quer passar dos trinta e três recordes do Bubka. Só não pode passar o carão que ele passou, né: Não conseguir pular nada aqui na Olimpíada.

MU: É... e ele tomou uma vaia nos Jogos Olímpicos porque ele se recusou a tentar bater o recorde mundial, coitado... ((rindo)) levou a medalha de ouro. Foi na Olimpíada seguinte, esse vexame.

GB: Ele tava na sequencia[...

MU: [Exatamente.[...

GB: [...de centímetro pra centímetro, tinha um contrato a cumprir. Muito bem, vamos agora pra sequência da cerimônia de abertura. São histórias olímpicas através dos tempos, mas o Serguei Bubka foi um grande atleta, realmente. Acabou não sendo um grande atleta olímpico, pelo fracasso que teve, mas... A cerimônia segue aí com um atraso de pouco mais de vinte minutos. E agora vamos, então, na sequência. Vamos ter discursos, na

sequência... mais uma vez, os fogos. A câmera lá em cima... a câmera aérea/tomada aérea mostrando mais uma bela queima de fogos aqui saindo do teto do Ninho dos Pássaros. E sempre o centro de tudo, o pergaminho lá no centro ou o papel lá no centro, agora a aquarela feita pelas passadas dos atletas... mas lá, onde estava o sol... onde estavam o sol, a montanha e os rios. E ali no centro o púlpito onde nós temos os discursos lá. O símbolo da China... é um símbolo forte da China: Sol, montanha e água. Começando em francês, que é a língua oficial do Comitê Olímpico Internacional... anunciando que nós vamos ter o presidente do Comitê Organizador Liu Qi...

PB: Liu Qi...

GB: E vamos ter o senhor Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico Internacional. Primeiro em francês, depois em inglês e, agora, vamos ter o anúncio em chinês, em mandarim. Aí a entrada dos dois, o chinês Liu Qi e o belga Jacques Rogge. Tudo com muita pompa, realmente, né.

MU: E o figurino dessas mulheres também... das que vão entregar as medalhas, são lindíssimos. São cinco tipos de vestidos, realmente de um bom gosto danado.

GB: Não... toda festa, a não ser, digamos assim, naquela parte “moderna”, aquele verde limão fuo[...

MU: [É[...

GB: [... fluorescente... o resto, de muito bom gosto.

PB: [[O Liu Qi, que é prefeito de Pequim]]...

SB: [[Esse vestido se chama (XXX)]]

PB: Como eu disse no/no/no congresso do ano passado... é prefeito de Pequim... no congresso do ano passado do Partido Comunista, toda a liderança da China foi trocada, mas ele foi mantido por exercer uma função chave pra organizar os Jogos. [Prefeito...

GB: [Ele e o presidente...

PB: Sim... ((rindo)). O presidente reeleito pra mais cinco anos.

MU: É... o segundo mandato, né, do Hu Jintao. Com o segundo mandato também do Rogge, né... do Jacques Rogge.

GB: Vamos lá, então, pro discurso do presidente do comitê organizador o (XXX).

MU: Tem a tradução no/no estádio... pra todas as pessoas, (XXX) está falando em mandarim e dizendo que hoje a/a fff/a chama olímpica, né, que vem de Olímpia beija, né, recebe (XXX) o sol (XXX) no céu de Pequim depois dessa viagem através dos continentes antes. “Esse histórico momento, em nome do Comitê Organizador de Pequim, para os Jogos da Vigésima Nona Olimpíada, queria estender o meu/o meu/as boas-vindas aos atletas, aos técnicos, aos nossos convidados de todos os países, todas as regiões... é... do planeta. Gostaria também de expressar a minha gratidão ao Comitê Olímpico Internacional e as/as federações de esporte internacionais, a cada um que contribuiu para as cons/a construção e preparação desses Jogos”. Ele recebe a (XXX). “Ser anfitrião de Jogos go/de Jogos Olímpicos é um sonho centenário para o/para a Nação Chinesa. Sete anos atrás, um bilhão e trezentos milhões de chineses fizeram/tiveram compromisso de transformar esse lindo sonho em realidade. Através dos anos com a... como o... Comitê Olímpico Internacional como guia e com a ajuda deles, o governo chinês, o povo chinês não e/não... evitou nenhum esforço nem paixão para preparar os Jogos. Adotando o conceito ‘Olimpíada verde’, ‘Olimpíada de alta tecnologia’ e ‘Olimpíada do povo’. Nós conseguimos... é... preencher, né, esse compromisso feito para a comunidade internacional. Graças a isso, a popularização do espírito olímpico chegou a novas alturas nessa enor/nesse enorme país. Logo depois do terremoto que arrasou a província de Sichuan, na China, a comunidade internacional e o Comitê Olímpico Internacional estenderam suas mãos a vidas para ajudar o povo chinês. O/o a ajuda e o apoio aumentaram nossa confiança na reconstrução dessas áreas tão atingidas e também para realizar uns Jogos bem sucedidos. O charme dos Jogos Olímpicos está, em grande parte, nessa capacidade de inclusão. Hoje, povos, de diferentes nacionalidades, de diferentes religiões, vindos de duzentos e quatro países e regiões se encontram... é... em baixo da Bandeira Olímpica. Isso é uma grande festa onde a música ‘Um mundo, Um sonho’ aumenta e vai crescendo, e onde a amizade está fortalecida e a mútua compreensão, aprofundada. A essência do espírito olímpico

está incorporada na celebração de humanidade, na realização de que cada um pode se melhorar e, ao mesmo tempo, transcender a si mesmo, pensando em todos. Todo atleta (XXX), anseia pela grandeza e pela glória, mas deve conseguir isso no espírito do *fair play* e na paixão de participar. Uma das missões mais importantes desses jogos é aumentar a troca cultural entre os povos. Nós, sinceramente, esperamos que todos tenham ótimas memórias desse país. Bem-vindos à Pequim”. Falando em vários idiomas, essas boas-vindas a todos que vêm à Pequim. Ele, agora, chama o Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico Internacional.

GB: Tivemos, então, o discurso do Liu Qi, presidente do Comitê Organizador dos Jogos, e vamos, agora, ao discurso do Jacques Rogge, deve fazer em francês, é a língua mãe dele, e a língua oficial do Comitê.

PB: Inglês...

GB: Em inglês...

MU: É... em Atenas ele fez parte em inglês e parte em francês. Mas, realmente, mais gente tá a vontade com o inglês, né. Ele... “Por um longo tempo a Chi/a China sonhou de abrir suas portas e convidar atletas do mundo à Pequim para os Jogos Olímpicos. Essa noite, esse sonho vira realidade. Congratulações, Pequim”. ((O público aplaude intensa e vigorosamente em um pico de som. Na próxima frase, o presidente do Comitê Olímpico Internacional repete a última, porém, em chinês, e é ainda mais aplaudido)).

PB: Ele, agora, [falou em chinês...

MU: [Chinês... ((rindo)). “Vocês escolheram como tema desses Jogos, ‘Um mundo, Um sonho’, isso é o que nós somos esta noite. Como um mundo unido, nós sofremos por vocês pelo trágico terremoto na província de Sichuan. Nos tocamos muito pela grande coragem e solidariedade do povo chinês. Como um sonho, que esses Jogos Olímpicos tragam pra vocês alegria, esperança e orgulho. Atletas, os Jogos foram criados pra vocês pelo nosso fundador, Pierre de Coubertin. Os Jogos são de vocês. Que esses sejam os Jogos dos atletas... todos unidos. ((Neste ponto, Marcos Uchôa comete um equívoco na tradução da fala de Jacques Rogge. Este último fala em inglês e de maneira clara: ‘*heve fun!*’, que, em português,



significa ‘divirtam-se’. O comentarista da Globo, porém, traduz a expressão por ‘todos unidos’)). Lembrem-se que isso... os Jogos são muito mais do que apenas performances, é também pela união pacífica de duzentos e quatro Comitês Olímpicos Internais/é.../Nacionais. Ape/independente da origem étnica, do sexo, da religião e do sistema político. Por favor compitam no espírito dos valores das Olimpíadas, com excelência, com amizade e com respeito. Queridos atletas, lembrem-se de que vocês são modelos para a juventude do mundo. Rejeitem o doping. Façam-nos orgulhosos das suas conquistas e da sua conduta”. Agora ele passa pro francês... e a mesma frase: “lembrem-se que vocês são modelos para a juventude do mundo, nos façam orgulhosos das suas conquistas e do seu comportamento”. Agora voltando pra o inglês... “Voltando, agora, para o sonho olímpico que nós trazíamos para a vida, nossas calorosas agradecimentos para o Comitê Olímpico de/é/de Pequim, pelo seu trabalho os nossos agradecimentos. Para os milhares de voluntários, sem o trabalho dos quais, nada disso seria possível. *Beijing*, ou Pequim, vocês são anfitriões do presente e o portal para o futuro. Obrigado”. Agora ele chama o presidente da República da China, o Hu Jintao, para declarar os Jogos abertos.

GB: E aí, portanto, o presidente da China. Da República Popular da China, Hu Jintao. ((O presidente, então se levanta e declara abertos os Jogos Olímpicos de Pequim, falando em chinês. Nesse momento há outro pico de áudio e aplausos intensos do público e dos atletas)). E a frase: “Declaro abertos os Jogos da Vigésima Olimpíada dos tempos modernos”. Vigésima nona Olimpíada, tô equivocado, perdão. E, mais uma vez, a queima de fogos. Primeiro em francês e depois em inglês e... por final em mandarim, o anúncio da Bandeira do Comitê Olímpico Internacional. Os cinco círculos entrelaçados, o azul, o amarelo, o preto, o verde e o vermelho. Segundo as palavras de Pierre de Coubertin, pelo menos uma dessa cores vai estar presente em todas as bandeiras do mundo.

PB: Carregada por oito atletas chineses, en/entre os maiores de todos os tempos. Um jogador de tênis de mesa, um alpinista.

SB: [[Alpinista que foi a primeira mulher a atingir o topo do Everest]]

MU: [[É... uma mulher... uma alpinista, foi a primeira a/a (XXX)]] que nós chamamos

de Everest.

PB: E eles chamam de *Zhūmùlǎngmǎ*. Uma do atletismo. Uma atleta do.../da patinação no gelo, um atleta do tiro olímpico, um nadador, um dos saltos ornamentais e um do *badminton*.

GB: Isso também é uma praxe em todas as cerimônias olímpicas, oito atletas importantes da história do país conduzem o Pavilhão Olímpico.

PB: E é interessante notar que muitos desses atletas, pela idade, competiram no/no grande período que a China ficou fora das Olimpíadas, então, são atletas que quebraram recordes mundiais, que ganharam campeonatos mundiais, mas que não tiveram a glória de viver uma Olimpíada. E que, agora, tão sendo recompensados, carregando essa Bandeira e abrindo as Olimpíadas da China.

MU: É... eu diria que, como porta-bandeira do Brasil o Oscar não poderia estar, mas, numa Olimpíada no Rio de Janeiro, ele, com certeza, teria lugar entre esses oito aí ((rindo)).

GB: Carregando o Pavilhão Olímpico. Veja o estádio do Ninho do Pássaro. Aqui nós teremos competições de atletismo e aqui nós teremos a final do futebol masculino. Esperamos que o Brasil possa estar. Mais uma vez. Chegou em duas finais em Olimpíada em sequência, em oitenta e quatro, em Los Angeles... o jogo foi em Pasadena, e o Brasil perdeu da França. E, depois, em oitenta e oito, em Seul, e o Brasil perdeu da União Soviética. Foram duas vezes a medalha de prata e aconteceu uma medalha de bronze, nos Jogos de Atlanta. O Brasil perdeu a semifinal, no tempo extra, e, depois, ganhou a medalha em cima de Portugal, jogando pelo terceiro lugar. Aí, mais uma vez, Juan Antonio Samaranch, ex-presidente... sétimo presidente do Comitê Olímpico Internacional. O Brasil perdeu da Nigéria naquela semifinal. Veja que são atletas já de alguma idade, de cabelos brancos, num país onde a idade e os cabelos brancos, talvez não existe um outro país no mundo onde eles são tão respeitados.

PB: E uma curiosidade, Galvão. Aqui, cabelo branco, significa aposentadoria. Quando alguém está na ativa, ainda... os líderes do governo chinês, ninguém deixa um fio de cabelo branco. Todos tingidos. Quanto mais negro, melhor.

MU: É...

GB: Mas há um profundo respeito[...

PB: [Sem dúvida[...

GB: [pelo idoso. E dizem que vem de uma tradição de que os avós tenham até mais presença na criação das crianças do que os pais. Os pais estariam sempre trabalhando e os avós cuidariam da criação/diretamente da criação e da formação das crianças.

SB: E essa é uma tradição que persiste até hoje aqui na China. Aí estão os atletas chineses... os oito atletas através da história do esporte na China. E os cinco círculos... e aí já o Jacques Rogge, ao lado direito dele a esposa dele... aquela que lembrou da secretária do João Havelange.

MU: É... e[...

GB: [A volta completa... o que seriam quatrocentos metros é uma/uma/uma/uma volta numa pista de atletismo. O presidente chinês, ali[[... e já ao lado dele... o Hu Jintao]]...

SB: [[Olha, lá no fundo da imagem o Yao Ming com o menino no colo]]

GB: ... e ao lado dele, o Jacques Rogge.

MU: É... a Bandeira dá uma volta completa andando, né. A Tocha chega correndo. Então, a Bandeira demora um pouquinho mais do que a Tocha ((rindo). A Tocha, realmente, é o grande... o grande FINAL, né.

GB: E um atleta de quatrocentos metros faz bem mais rápida, essa volta. Bem abaixo do/do tempo, da performance dos oito atletas...

MU: É...

GB: Mas é tudo um ritual... em todas as cerimônias de abertura. Eles vão se

dirigindo até o lado direito da tribuna principal, onde já está hasteada a bandeira da China, e nós vamos ter, então, o hasteamento da Bandeira Olímpica ao som do Hino Olímpico.

MU: É... a China que já espera amanhã estar na frente no quadro de medalhas, já que tem tiro... tem medalha também no levantamento de peso, no feminino... em ambas... em ambos os casos, eles são, realmente/é/ELAS, no caso, são as favoritas, então... pelo menos no primeiro dia, eu acho que eles podem começar com o pé direito, digamos assim, nesses Jogos em casa.

GB: Já a entrega da Bandeira para oito membros do exército chinês. E aí vamos ao hasteamento ao som do HINO Olímpico, composição de Spirou Samara, feito para os primeiros Jogos da Era Moderna, em Atenas, em mil oitocentos e noventa e seis. ((É, então, executado o hino olímpico *a cappella* por um coral de crianças chinesas)). Já no alto dos mastros, as bandeiras da China e o Pavilhão Olímpico. E o vento ajudou, heim. Soprando na posição correta. Deve ter ventilador ali[... ((rindo))

MU: [(XXX)[...

GB: [... Não podia ser tão perfeito esse vento assim.

PB: Tem ventilador sim, Galvão... ((rindo)).

MU: Não iam deixar à mercê do... do vento real ((risos)).

GB: Jamais vi um vento/Jamais vi um vento tão perfeito...

MU: O Robert Scheidt ia adorar um vento desse pra ele ((rindo)).

PB: Vento de/vento de/nem de vela... vento de avião, isso aí ((rindo)).

GB: É... e ele não... a imagem das bandeiras está absolutamente perfeita, o movimento das duas é igual. E, agora, nós vamos para o juramento do atleta, e o juramento do árbitro... do oficial, como eles chamam. Bassan.

PB: Zhang Yining, do tênis de mesa.

MU: É... ela fala em chinês: “Em nome de todos os competidores, eu prometo fazer parte desses Jogos Olímpicos respeitando e seguindo as regras que o governam. É... me prometendo a todos que o esporte/de um esporte sem doping e sem drogas, com um verdadeiro espírito de *ff/de fair play*, de... pela glória do esporte e a honra de nossas equipes”.

GB: Há muitas e muitas Olimpíadas é o mesmo texto, mas, recentemente, incluído[...

MU: [Essa parte (XXX)[...

GB: [... “sem doping” e “sem drogas”.

MU: É...

GB: Um árbitro de ginástica.

PB: Huang... Huang Liping.

MU: É... da ginástica... bom, no tênis de mesa os chineses são muito favoritos, e, na ginástica, no feminino, particularmente... no masculino também, [[com grandes chances... nos dois]]

PB: [[No masculino também (XXX)]]

MU: ... eles são muito fortes, na verdade.

PB: O Japão[...

MU: [(XXX), né[...

PB: [... Japão e China vão fazer um belo duelo [[no]]...

MU: [[É...]]

PB: ... masculino também...

MU: E no feminino, o duelo é com as [[americanas]]

PB: [[É...]]

MU: “Em nome dos juízes, eu prometo arbitrar, né, esses Jogos Olímpicos com completa imparcialidade, respeitando e seguindo as regras que o governam e verdadeiro espírito de *fair play*”.

GB: E agora vamos pra mais um segmento. Uma música especialmente composta pra esse segmento que diz respeito aos/aos pombos... às/ou às pombas da paz. Os pombos que sobrevoam os estádios das cerimônias de abertura, item que foi incluído nos Jogos em mil novecentos e vinte, na Antuérpia. Desde mil novecentos e vinte em Antuérpia. E, agora, de forma significativa, são cinquenta jovens bailarinas que fazem os movimentos e a dança, se referindo às pombas e ao vôo que simbolizam a paz... repetido nas arquibancadas. E o desejo de que os Jogos possam transcorrer em paz. Mais uma bela performance na cerimônia de abertura. E agora vamos ao esperado momento da Tocha Olímpica e o que será que eles vão criar, aí, pra Pira Olímpica? E aí vem ela chegando. Quando saiu da Grécia em primeiro de abril, atravessou os cinco continentes, muitos países... gerou muitos protestos.

PB: Esse é o Xu Haifeng. Nós já falamos dele, Galvão, ele é o primeiro atleta a ganhar uma medalha da Chi/foi a primeira medalha dos Jogos de Los Angeles, em oitenta e quatro, primeira medalha entregue naqueles Jogos, e foi pra China, que estava voltando à comunidade olímpica internacional. Então, é um atleta muito simbólico pra China. Ele é um herói nacional aqui na China.

GB: A Tocha Olímpica, repito, que começou a viagem em primeiro de abril, passou pelos cinco continentes, passou por muitos países... e, no dia oito de maio... cêis falaram agora pouco do Monte Everest, do *Zhūmùlǎngmǎ*, como eles falam... ela foi ao topo do Everest.

PB: Agora, quem recebe é a Gao Min, uma das maiores atletas dos saltos ornamentais de todos os tempos. Ganhou o ouro em Seul, oitenta e oito, e em Barcelona, em noventa e dois.

MU: Esse é um esporte que os chineses dominam... que eles pretendem pegar oito medalhas esse ano.

GB: E o estádio volta a ficar iluminado com as pequenas lanternas em verde e vermelho, que foram distribuídas a todos os noventa mil presentes aqui ao Ninho do Pássaro. Um momento de glória dos he/dos heróis do esporte da China. E a dúvida de quem será. Quem irá acender a Pira Olímpica. Deve ser[...]

PB: [O Liu Xiang, será?

GB: O Liu Xiang dos cento e dez.

PB: O Li Ning/o Li Ning [também...

GB: [Pode ser o Li Ning também.

MU: É... o Li Ning[...

GB: [Da ginástica[...

MU: [É... o Li Ning seria uma homenagem ao passado, né.

PB: Esse agora que tá com a tocha é o Li Xiaoshuang, o/um/um ginasta, também, como o Li Ning, e ele ganhou o ouro no solo em noventa e dois em Barcelona, e o individual geral em noventa e seis. Também um dos maiores ginastas de todos os tempos.

MU: É... a especialidade dele é o solo, a mesma do/do (XXX), né.

GB: Agora a Tocha chegando para o atleta do levantamento de peso Zhang Xugang, medalha de ouro em Sydney e em Atlanta. Noventa e seis, Atlanta, dois mil, Sydney. Ele quebrou o recorde mundial nove vezes.

GB: Já não parece mais, a esta altura, um/um halterofilista, né. Um levantador de peso ((rindo)). E vamos nos aproximando. Fica sempre a dúvida: quem terá a honra de conduzir a Tocha à Pira Olímpica? De que forma isso será feito? Já foi com/com a flecha... aquela flecha meio/meio *fake*... meio/meio de mentira, aquela flechada de

mentira, em Barcelona.

MU: Teve a emoção do Muhammad Ali lá em A[...

GB: [A emoção do [[Muhammad Ali...]]

MU: [[... em Atlanta]][...]...

GB: [... em Atlanta[...

MU: [... que foi especial, mas ELE estar ali era especial...

PB: Agora, uma[...

GB: [A forma com que em mil novecentos e oitenta as mesmas pessoas que usavam as placas pra fazer o ursinho Misha chorar, fizeram a passarela pra que o atleta passasse por sobre... por cima do/do/do povo pra acender a Tocha[...

MU: [(XXX) uma escadaria, né.

PB: Esse/esse é o Zhang Jun, do *badminton*, medalha de ouro em Sydney e em Atenas.

MU: É... um esporte em que nós não temos muita... os conhecimentos, assim[[... (XXX)]]

PB: [[Na Ásia é uma paixão]]

MU: Na Ásia [...

Gb: [Os tai[...

MU: [... É UMA PAIXÃO LOUCA.

GB: Os tailandeses jogam como poucos, [[os chineses...]]



MU: [[Na Indonésia, na Malásia...]]

GB: ... Na Indonésia, a Malásia.

MU: E é importante esses esportes que não sejam necessariamente ocidentais. Vê como o judô entrou nas Olimpíadas de Tóquio, em sessenta e quatro, o *taekwondo* em Seul... os chineses tentaram botar o *wushu*, ou o *kung fu* deles, como um esporte de demonstração... é... não foi aceito por causa desse problema de aumentar o número de participantes, mas é... tem cento e doze federações pelo mundo, eles ainda vão tentar... vai ter uma demonstração aqui... sem dúvida é uma arte/uma arte marcial fantástica. Agora, já na reta.

PB: A Chen Zhong, é uma atleta do *taekwondo*, medalha de ouro em Sydney e em Atenas.

GB: Você falou do judô. O judô entrou pela primeira vez nas Olimpíadas de Tóquio... e o título do peso máximo, todos os japoneses esperavam que fosse um japonês, que viesse a vencer, e foi um holandês, pra desespero dos japoneses.

MU: É... o Anton Geesink. Ganhar em casa/na casa deles foi[...

GB: [Em sessenta e quarto.

PB: Agora chegando às mãos da Su Huijuan, uma atleta que também é... QUERIDÍSSIM na China, uma importância simbólica muito grande representando um dos maiores times de vôlei de todos os tempos, e levou o ouro em oitenta e quatro, foi campeão mundial, mais ou menos parecido com o que o vôlei masculino do Brasil é hoje.

MU: É... A maior jogadora daquele time, a Lang Ping, hoje, ironicamente, é a treinadora da equipe americana.

PB: E tá aqui, é... ((rindo)).

MU: E tá aqui... é uma rival ((rindo)). Esse “China e Estados Unidos” tem rivalidade, mas também tem... em alguns casos, os americanos ajudando os chineses e vice-

versa.

GB: Muito bem... nós já vimos ali o detalhe da Pira Olímpica que as nossas câmeras foram/acharam, o repórter cinematográfico Márcio Torres foi buscar, e garanto que a maioria/a grande maioria das pessoas aqui presente... estava aqui buscando. E agora vamos nos aproximando.

PB: Esse é o Li Ning. Um dos maiores atletas de todos os tempos. Pode tá junto, numa galeria, aí, com o Pelé, com Muhammad Ali, com (XXX)... tá ca/tá quase ali... não é bem, mas tá quase ali.

MU: Esse [(XXX)

GB: [(XXX)[...

MU: [competiu lá em Los Angeles... ele na ginástica é um monstro/um monstro.

GB: É uma lenda.

PB: Ganhou seis medalhas lá. Vai ser ele mesmo, olha só ((rindo)).

GB: É ele mesmo.

PB: Ele ganhou seis medalhas naquela Olimpíada: três de ouro, duas de prata e uma de bronze.

GB: E ELE VOA PELO ESTÁDIO. Não deve ter sequer vindo aqui, o Liu Xiang, pra se poupar pra prova dos cento e dez.

PB: É verdade. É... o grande momento do Liu Xiang vai ser outro, né.

GB: Aí está o Li Ning! Foi até lá ao alto do estádio, e vai como se estivesse correndo. Tá em forma, ainda.

MU: Correndo no ar.

GB: É o sonho: "Um mundo, Um sonho".

PB: E o pergaminho vai se desenrolando ali na frente.

GB: Permanentemente à frente, o pergaminho se desenrolando. Vai, talvez, dar uma volta completa por sobre o estádio/por sobre o Ninho do Pássaro.

MU: Muito original, realmente... a sacada deles. Muito diferente de tudo.

GB: Ele tá um pouco mais rápido do que o pergaminho, agora. ((Risos)).

SB: Esse desenho que a gente vê é das nuvens auspiciosas, que eles chamam em chinês... é um grande símbolo de sorte, de fortuna aqui na China, e esse é o desenho que está em todas as tochas que foram carregadas ao redor do planeta.

GB: Superstições de um povo... símbolos de sorte, e a cerimônia no dia oito do mês oito de dois mil e oito às oito da noite... o oito é o número de sorte do chinês. Tudo que trás o oito custa mais caro e é mais/muito mais procurado.

MU: E esse pergaminho se desenrola ao longo do es/em volta do estádio mostrando imagens, nos telões, de esportes por todos os lugares do mundo.

GB: Espetacular, como foi a festa da cerimônia, como foi a festa contando a história da China. Ele vai dar a volta inteira no estádio. Vivendo o sonho dele[...

PB: [A Tocha [(XXX)

GB: [... ou  
revivendo os grandes momentos de glória.

MU: Agora ele cansou um pouco, né, Galvão. O pergaminho foi embora ((rindo)).

GB: O pergaminho, agora, tá mais rápido do que ele. Aquela surpresa final, guardada.

PB: [[Primeira volta olímpica flutuante da história]]

SB: [[Tem um (XXX) de acrobacia chinesa nesse [(XXX)]]...

GB: [Só mesmo um ginasta da grandeza

do/do/do Li Ning pra conseguir essa[...

MU: [(XXX)[...

GB: [... já que nós falamos tanto/falamos tanto em harmonia durante toda a festa, essa harmonia de gestos durante esse tempo todo, pendurado lá no alto do estádio. E a Tocha que estava... e nós vimos ela abaixo da/da cobertura, agora, decolou. ((A Pira Olímpica é acendida, então, de forma pomposa, ao ar, pelo ginasta chinês. A reação do público é “delirante”, com muito aplauso)). SEM PALAVRAS...

MU: É incrível o símbolo do fogo com que... as sociedades primitivas, adoradores de fogo... ((rindo)) seria uma coisa incrível. Mas é a altíssima tecnologia pra produzir um espetáculo que remeta a uma coisa muito primitiva no homem, né.

GB: E até o dia vinte e quatro, ela estará aí, ardendo sempre do alto do Ninho do Pássaro, marcando a presença dos Jogos da Vigésima Nona Olimpíada da ora/da Era Moderna. Até o encerramento, nesse mesmo estádio no dia vinte e quatro de agosto. Bateram o recorde: são quatro horas de cerimônia de abertura. Mais um recorde batido pelos chineses. Quatro horas do momento de partida da cerimônia de abertura. E aí vem a maior queima de fogos da história ((a imagem fica a mostrar, durante um longo tempo, a queima de fogos com uma tomada aérea de fora do estádio)).

PB: ((Aparece uma imagem da Praça da Paz Celestial)). A Praça da Paz Celestial aí.

GB: Muito bem, vamos chegando ao final da cerimônia de abertura dos Jogos da Vigésima Nona Olimpíada da Era Moderna. Obrigado àqueles que participaram, à Sônia Bridi, Glenda Kozlowski, à Sandra Pires, ao Marcos Uchôa, ao Pedro Bassan, ao Oscar Schmidt... OBRIGADO A VOCÊ pelo carinho e pela audiência. Que tenhamos todas ótimas Olimpíadas. Que possamos curtir recordes, vitórias... grandes momentos... e viver juntos grandes emoções. A todos muito obrigado. O nosso carinho e o nosso agradecimento. Fique com a sequência da programação da Rede Globo. Nesta madrugada estaremos de volta com as primeiras competições dos Jogos de Pequim. Globo, o nosso esporte é TORCER PELO BRASIL.